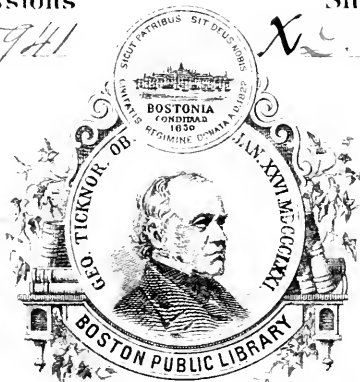


Accessions

115941

Shelf No.

X



BEQUEATHED BY

George Ticknor.

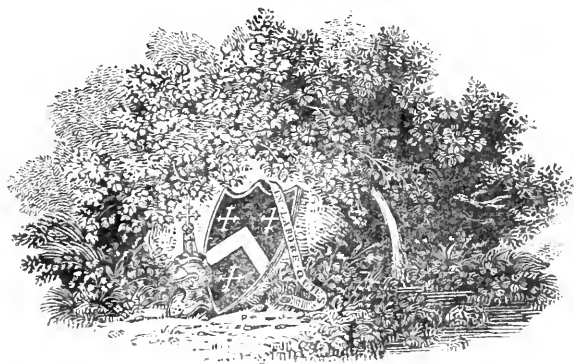
Dec. 21. Apr. 26. 1871



*C. W. & Co. York*



A CONQUISTA  
DE GOA  
POEMA EPICO.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

A  
CONQUISTA DE GOA,

POR  
AFFONSO DE ALBUQUERQUE;

Com a qual se fundou o Imperio Lusitano na Asia:

POEMA EPICO;

QUE A'

MAGESTADE

DO

Magnânimo, Augusto, e Poderoso

MONARCA

JOSEPH I.

REI

DE PORTUGAL, E DOS ALGARVES

*Pela mão*

Do Illustrissimo, e Excellentissimo

SENHOR

DUQUE REGEDOR

DEDICA

FRANCISCO DE PINA, E DE MELLO,

*Moço Fidalgo da Casa Real, e Academico da Academia Real  
da Historia Portugueza.*

---

COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS Anno de 1759.

*Com todas as licenças necessarias.*

RECEIVED  
1941

115941

G.T.

111111

RECEIVED

10113



AO ILLUSTRÍSSIMO,  
E  
EXCELLENTÍSSIMO  
SENHOR

**D**om Pedro Henrique de Bragança, Soufa, Tavares, Mascarenhas, da Silva, primeiro Duque de Lafoens, terceiro Marqués de Arronches, septimo Conde de Miranda; Senhor do Concelho de Lafoens, e das Villas de Miranda do Corvo, Jarmelo, Folgoso, Soufa, Podentes, Vouga, e Oliveira do Bairro: Comendador das commendas de S. Vicente de Villa franca de Xira, de Santa Maria da Golegan, de N. Senhora das Olalhas, de Santa Maria de Marmeleiro, das Ervagens na Ilha de S. Miguel, de S. Salvador de Minhotas, de S. Martinho de Guilhelbreu, de Mainhos, de Santa Maria do Espinhal, de Santa Maria de Alvito, de N. Senhora da Graça de Alpalhaõ, de Santa Maria de Ni-

Nisa, de Santa Maria de Ares, dos Difimos dos moinhos da Ilha da Madeira, e Affores, da Alcaidaria mor de Thomar, todas na Ordem de Christo: Herdeiro da Commenda hereditaria de Souza da Ordem de San-tiago; Alcaide mor de Arronches, Thomar, e Alpalhaõ; Provedor da Capella do Infante Dom Henrique; Padroeiro do Convento de Santa Catherina de Ribamar, da Capella mor de S. Domingos de Aveiro, e das Abbadias de S. Joã de Lobrigos, de Santo Andre da Varzea de Ovelha. &c. &c. &c.

ILLUSTRÍSSIMO,  
E  
EXCELLENTÍSSIMO  
SENHOR.

*A*inda que a profunda Capacidade de V. E. se tinba empregado em estudos mais sublimes, do que se reputa o da Poesia em hum Reino, que, com o ruido das armas, atemorizou o socego das letras, estou certo de que V. E. não desconheça o valor, que costumão dar às Epopeias todas as Naçoens polidas, e a vangloria, que recebem de haver algum emgenbo entre ellas, que consiga esta difficil empreza, vencendo aquella trabalhosa difficuldade, que tem concebido os sabios pelo mais arduo empenbo do espirito humano.

Menos as forças, que o atrevimento, me levarão a este grande arrojõ com o meu Triumpbo da Religiaõ, que agora repito, sem me apartar da mesma temeridade com a Conquista de Goa; lem-  
bra-

brado de que esta era a melhor acção, que tinhaõ os Portuguezes para hãum Poema heroico; pois foi a que instituio o Imperio Lusitano na Asia.

Por obrigação, por direito, e por divida não se podia dedicar esta obra se não a hum REI, que taõ heroicamente illustra este mesmo dominio: nem eu poderia descobrir Mecenas mais qualificado, que guiasse esta offerta aos resplandores do Throno: A minha cegueira me deslumbraria entre a multi- daõ de tantas luzes, se V. E. que por todos os lados està cercado de huma benevola claridade, assim na pessoa, como na sabedoria, não se dignasse de alen- tar os meus trêmulos passos, para não esmorecer em taõ soberana altura: Era preciso ensaiarme primeiro na dos pès de V. E. para se não converter o raptio em precipicio. Eu não só pertendo que V. E. me ampare, mas que permitta que se illustre a mi- nha obediencia com as suas ordens. Deos guarde a V. E. muitos annos. Monte mor o Velho, a 12 de Fevereiro de 1757.

Duque, e meu Senhor,

B. A. M. D. V. E.

Seu mais fiel Criado

Francisco de Pina, e de Mello.

# DA EPOPEIA.

**N**O Prolegòmeno do meu *Triumpho da Religião* dei a conhecer bastantemente o que era a Epopeia, conforme as Regras de Aristoteles, e de Horacio, e as observaçoens, que lhe fizeraõ os seus Expositores. Depois disto me vieraõ à mão os quatro tomos do *Cours de belles lettres, ou principes de la litterature* do Abbade le Batteux; e no principio do segundo tomo achei hum tratado particular da Epopeia, com algumas reflexoens, que por serem n enos communas me pareceu dallas agora ao meu Leitor, em que eu farei algumas advertencias, aonde melhor me parecer.

Le Batteux, confrontando a Historia, com a Epopeia, diz que aquella se destina à verdade, e esta ao fingimento: Quando a Historia tem duo sinceramente como foraõ os successos, tem cumprido com tudo o que della se podia esperar; porem que a Epopeia não se cinge a estes limites; porque deve encantar o Leitor com as suas ficçoens, excitarlhe a sua admiração, occuparlhe ao mesmo tempo o seu discurso, a sua imaginação, o seu Espirito, penetrarlhe o Coração, arrebatarlhe os sentidos; e fazer com que a alma se ponha como em hum extasis delectavel, que se por algum instante se intertemper, se já só para renovar este deleite com maior vivacidade.

A Historia nos poem diante dos olhos os successos, sem algum intento de nos agradar pela singularidade das causas, ou dos meios: Nella não se acha mais do que huma representação dos tempos, e dos homens, e huma imagem da inconstancia, e do capricho, fermada com tão repetidas, e inunnervaveis variaçoens, que parece huma obra do acaso, e da fortuna. E a Epopeia não refere muitas acçoens, mas huma só: Esta acção deve ser essencialmente util, e proveitosa, ou (para usal dos mesmos termos de le Batteux) deve ser *interessante*, e capaz de ganhar todo o agrado, e gosto do Leitor. As partes desta acção (e he doutrina de Aristoteles) haõ de ser concertadas, e concordes. As suas causas, posto que não sejaõ verdadeiras, he preciso que se façaõ verosimeis: As personagens, que entraõ a fallar na Epopeia (a que chamamos *Dramas*) devem ser distinguidas pelos seus caracteres: Os seus costumes devem ser proprios, e solidos sempre em todas as suas praticas, e pensamentos: E de tudo isto se deve fazer hum todo, ordenado, e proporcionado perfeitamente com todas as suas partes.

Em fim a Historia não nos mostra se não as causas naturaes, e nunca se remonta alem das forças, ou da prudencia humana: A Epopeia he a narraçãõ, que faz huma intelligencia Celeste, a qual não só conhece as causas naturaes, mas alcança todos os impulsos, com que as sobrenaturaes disscem, ou movem os intentos humanos, para produzirse a acção, que he o objecto do Poema heroico.

E só com esta primeira vista se reconhece de huma parte na Historia huma narraçãõ de diversas acçoens, com a exposiçãõ das suas causas natura-

es; e da outra, se vê na Epopeia, tambem huma narraçãõ; mas de huma só acçãõ, e alem das causas naturaes a das sobrenaturaes, que movem toda a fabrica do Poema.

Sobre esta grande differença quer o mesino le Batteux que a Historia se desina por *huma narraçãõ verdadeira das acçoens naturaes*; e a Epopeia, por *huma narraçãõ poetica de huma acçãõ maravilhosa*.

Esta acçãõ se percebe em naõ ser aquelle costume, a que os Philosophos chamaõ *habito*, nem nenhum da quelles affectos, a que elles chamaõ *paixoens*.

O mais Velho dos Horacios ama a gloria de Roma: eisaqui hum *habito*: Enfurecese, porque lhe parece que sua Irmaã perturba esta gloria com as suas lagrimas: Eisaqui huma *paixaõ*: Arrebatado deste furor, a mata: Eisaqui ao que se chama *acçãõ: o habito* he o principio remoto da acçãõ; e a *paixaõ*, o proximo; e a mesma acçãõ se executa com mais, ou menos vivacidade, segundo o impeto, ou a moderaçãõ, que recebe dos seus principios.

Este Exemplo nos dà a conhecer a acçãõ deste Poema. Era grande o amor, que tinha à gloria da Naçãõ Affonso de Albuquerque: aqui temos o *habito*, ou o principio remoto: Este amor o fez conceber a *paixaõ* de Estabelecer o nosso Imperio na Asia: aqui está o principio proximo: Hum, e outro principio o fêz executar a Conquista de Goa: Eis aqui a *acçãõ* da minha Epopeia.

Todos tem convindo em que esta acçãõ seja huma; porque se fossem duas, ou mais, se dividiria entre ellas o coraçãõ, e lhe produziriaõ movimentos incertos: Ha outras razoes para que a acçãõ seja unica; porem esta me parece a mais concludente.

A *unidade* da acçãõ diz o mesino le Batteux (e cuido que com bom fundamento) que depende toda da *Proposiçãõ* do Poema. Homero disse na Iliada que cantava a cólera de Achilles: tudo o que produzio esta cólera: tudo o que para ella concorreu, tudo o que ella obrou, e conseguiu, tudo entra nesta mesma *unidade*.

Se Virgilio dissesse que cantava a desesperaçãõ de Dido, devia acabar a Eneida com a morte desta Rainha; porem como disse que cantava hum Herôe que viera da Troia a instituir hum novo Imperio nas praias Latinas, naõ podia acabar o seu Poema, senaõ com a morte de Turno.

Eu proponho que canto hum Valor que *dominou o Abyssmo, o fado, e a morte, para fundar o Imperio Lusitano na Asia*; E assim todas as desgraças, que houve na Conquista de Goa: todas as maquinas, que moveu o Inferno para impedilla: todos os horrores, que representou a morte para desvanecella, desde o instante que o Herôe se pôz no mar com este intento, atè conseguillo, tudo pertence à *unidade* da Conquista.

Pode dizer alguem que se basta a *Proposiçãõ* para produzir a *unidade*; que se verificarà a paradoxa de se reputar por huma só *acçãõ*, se eu disser, que canto as acçoens do Povo Romano: Porem aqui he necessario saber, que ha muita diversidade entre *acçãõ*, e *sojeito*: Hum *sojeito* pode ser hum, e conter em si muitas acçoens; com tudo como naõ fallamos aqui de *sojeito*,

mas fomite de huma acção, dizemos, que da *Proposição* desta, e não daquelle he que depende a *unicidade*. He verdade que toda a acção pode ser *segeito*; mas nem todo o segeito contem em si huma só *acção*.

Esta não altera a sua *unidade* com os *Episodios*. Os *Episodios* são humas partes do Poema subordinados à acção principal: ou como dizem outros, hums modos da mesma acção com que ella se amplifica, e se lhe dá a sua devida grandeza. A cólera de Achilles na Iliada, e o estabecimento de Eneas na Italia, se não tiverão estas modificações, se poderia reduzir a menos de mil versos qualquer destes dois Poemas. Servem tambem os *Episodios*, pela sua variedade, de fazerem delectavel a leitura da Epopeia.

Affim como nella tiverão as maquinas a sua Origem, das Tragedias, tambem os *Episodios* das Epicas procederão daquelles Poemas Dramaticos: O *Episodio* na antiguidade era huma narraçãõ, separada daquelles hymnos, que se cantavão no theatro em obsequio dos Deoses; e bem que por esta causa devera ser o *Episodio* nas Epopeias outra narraçãõ muito distincta da Fabula: he preciso advertir, que esta distincão não ha de ser taõ estranha, que não concorde de alguma sorte com o objecto da Epica.

A Eneida v.g. sempre seria Epopeia, ainda que não tivesse os *Episodios* de Niso, e de Eurialo, e dos Sacrificios de Evandro: com tudo a empresa, que tomaraõ estes dois amigos, de dar parte a Eneas, pelo meio do arraial dos Latinos, do aperto, em que estavaõ os Troianos, e o achar Eneas a Evandro, quando lhe foi pedir o focorro, na acção do sacrificio, não só joga bastantemente com a acção principal; porem não lhe fica estranho, que o Poeta narrasse o infeliz successo daquelle intento; e era tambem muito natural, que Evandro referisse a Eneas o principio daquella sagrada cerimonia.

Destes dois exemplos se pode conhecer quaes são os *Episodios*, que podem ser proprios, ou alheios da Fabula: E inda affim eu quizera que o *Episodio* fahisse de algum successo historico naquella Epica, que tem o Herôe, e a acção Verdadeira; e que não fosse daquelles, que os Francezes chamaõ *Romanescos*, ou que imitasse as empresas dos Cavaleiros andantes, em que me parece que cahio o Tasso. Por não me agradar esta demasiada licença de poetizar, a que se pode chamar abuso do fingimento, he que introduzi os meus *Episodios*, sem aquellas extravagancias; como por exemplo o que se funda na repugnancia, que tinha Gonçalo de Sequeira para hir à Conquista de Goa: Procurei hum fundamento verosimil desta contradicção, e sobre ella se formou o *Episodio* do Eremita da Ilha de Santa Helena.

O Castigo, que deu Affonso de Albuquerque a Rui Dias, pelo insulto, que pertendeu fazer ás Escravas, tambem he successo historico; e sobre este successo se inventou o *Episodio* dos amores, e tragedia de Affi, e de Fatima. Da mesma historia consta não só o sentimento, que teve toda a armada, mas toda a Lusitania da morte de Dom Antonio de Noronha, e para o fazer, ou representar mais vivo, e pathetico, he que se fingio o *Episodio* de Amalintha &c.

E se os *Episodios* ficão mais naturaes, e verosimil, se se tirão dos successos historicos da acção principal, pareciam pela mesma razão, e congruen-

cia, que esta se não devia desfigurar de tal forte, com as ficções do Poeta, que se aparta de muito nas partes principaes da sua verdadeira symmetria, como não me parece que fez Francisco Voltaire na sua Henriade, como se pode ver das reflexões, que lhe fiz no Prolegòmeno do Triumpho da Religião.

É por este motivo sempre seguirei a opinião, que a fabula da Epopeia, sendo verdadeira, e não fantástica, a conserve o Poeta, quanto lhe for possível, quasi da mesma sorte, que a propoem os historiadores; e eis aqui a razão, porque fui notando pelo corpo deste Poema todos os principaes successos da Conquista de Goa, para que combinada a Poesia com a Historia, a conhecesse o Leitor, bem que estivesse adornada daquelle traje, com q̄ a costuma enfeitar, ou magnificar a Epopeia.

O *Episodio* deve ser tambem proporcionado, e mais breve, do que extenso; pois ainda que os *Episodios* fazem hum corpo maior, que o da Fabula; porque elles he que dão a devida extensão ao Poema, com tudo nenhum dos *Episodios* por si, deve mostrar que o accessorio excede o principal. Se as suas circumstancias necessitarem de mais alguma profusão, se deve repartir o *Episodio*, para o acabar em outro canto, porque assim ficará mais agradável, e o Leitor se interessará mais na leitura desejando ver o fim do successo: Esta reflexão fez repartir neste Poema o *episodio* dos Gigantes, e o da tragedia de Alfi, e de Fatima. Devem os *Episodios* ser tambem diferentes: Huns amorosos, outros patheticos, outros alegres, funebres, horrorosos &c. e sabindose de hum *Episodio* v. g. funebre, não se lhe deve seguir hum *Episodio* triste, não só attendendo à variedade, porem a levar o leitor commovido, com diferentes affectos: Já disse no meu Prolegòmeno; que os jogos, que introduzio Virgilio nas Exequias de Anchises, foram para variar da tristeza, e horribilidade, que tinha produzido a tragedia de Dido. O *Episodio*, diz tambem le Batteux, que deve seguir o tom geral do Poema: Por esta razão não descreve o mesmo Poeta os amores de Dido, como os de Gallo; porque aquella era Rainha, e este, pastor.

A grandeza da acção parece que se não pode regular pelos Poemas de Homero, pois cada hum delles contem mais de quinze mil versos: Advertte Lufan que as Tragedias dos Gregos eraõ de huma tal proporção, que podesse representar à memoria toda a sua fabrica, apenas se acabavaõ de recitar, assim de que logo alli se julgasse a sua bondade, ou os seus defeitos; e ainda que se possa dar maior extensão na Epopeia, porque he Poema que se lê, e em que o Leitor pode fazer a seu arbitrio varias pausas, e reflexões, o que se não dá na representação dos Poemas Dramaticos; com tudo quinze mil versos he huma prodigiosa quantidade para que o leitor possa conservar sempre nella o mesmo appetite, e desejo, com que principiou a sua leitura.

Virgilio attendendo talvez a não causar fastio ao Leitor, cuidou que pôz na sua Eneida a devida grandeza, q̄ imitou o Tasso, e o nosso Camoens.

A acção, não só deve ter grandeza, mas integridade; pois nenhuma coisa pode ser perfeita, sem ella; e não há quem duvide que na Epopeia se deve procurar a maior perfeição; por ser o mais sublime esforço, que se pode



de esperar do engenho humano.

E não só deve ser grande, e inteira, mas util, e que faça interessar nella os seus leitores: Ha dois modos de interessar para a fazer gostosa, e amavel: Hum, que provem da mesma natureza da acção: outro dos nexos; ou obstaculos, que nella se propoem que desejamos ver vencidos, ou desatados: O primeiro modo commummente nos comove: o segundo excita a nossa curiosidade, e faz interessar todos os impulsos do nosso desejo.

O modo, que nos comove, contem em si diversos interesses: O interesse v. g. da Nação: Hum Romano precisamente se havia de interessar na Eneida, porque lhe refere, e illustra o fundamento da sua origem. Hum Portuguez se interessa nas Lusiadas pela grande gloria, que resulta a Portugal do descobrimento da India: E por esta mesma causa devia eu Esperar, que todos os meus Nacionaes se interessassem tambem. neste Poema; pois a Conquista de Goa foi a que fundou o nosso Imperio na Asia: Porem ja não ha desta casta de Portuguezes. Alem do interesse da Nação, ha tambem o da Religião; e este interesse ainda he mais extenso: Qualquer bom Catholico se deve interessar no Poema do Tasso; pois todos devem estimar o triumpho, que alcançou naquelle tempo a Igreja com a restauração da santa Cidade. E por isto mesmo se havia de estimar o meu Triumpho da Religião: Porem se os Ecclesiasticos o criticarão, que posso eu esperar dos Seculares?

Há tambem outro interesse, que não só penètra, mas comprehende mais os Espiritos humanos, qual he o da humanidade; porque quasi todos os homens tomão hum genero de interesse nas desgraças alheias, para reconhecer, ou aliviar, com estes exemplos, as suas. Mas com licença do Senhor le Batteux, que dá a primazia a esse genero de interesse, pareciamos que antes se devia procurar na acção principal das Tragedias, que na das Epopeias.

Alem d'isto pertende este author que estes interesses se devão unir na acção do Poema Epico, por ser huma obra de gosto, e juntamente politica, historica, Theologica, e moral, e que se achão reunidos na Iliada, e na Odysséa. Não diz, o porque, mas eu o direi.

Une-se o interesse da Nação, porque os dois Poemas de Homero tratao das açoens dos Principes Gregos: Une-se o interesse da Religião; porque toda a Theologia dos Idolatras se tirou destas duas Epopeias: Une-se o interesse da humanidade, porque a Iliada está fundada em huma paixão, qual foi a cólera de Achilles; e a Odysséa nas desgraças, e trabalhos de Ulysses, e o modo com que os venceu a sua paciencia, e sabedoria. Por esta parte acrescenta o mesmo le Batteux que excede muito o Poeta Grego ao Latino; porque o interesse, que resulta da Eneida só pertence aos Romanos; e o da Iliada, e Odysséa a todos os homens. Porem eu não estou por esta philosophia: O mesmo le Batteux confessa que Virgilio representa no seu Heróe hum homem perfeito: Piedoso para com os Deoses, e para seu Pai, amante de sua mulher, e de seu filho, e dos seus companheiros, e a te bemfeitor dos seus inimigos: Bravo guerreiro, sabio Legislador; bom Senhor, bom Pai, e bom Rei. E estas qualidades ninguem pode negar, que pertença a todos os homens,

logo não são os Romanos fomentos os que se interessão na Eneida, mas por esta parte tanto se podem interessar na Eneida, como na Illiada, e na Odyſſea. Não ignoro que os Romanos tem o interesse particular da gloria, que deu Virgilio à sua Nação; porem se os outros homens não tem nada com este interesse, tem muito com o do exemplo, com que diz le Batteux que o Poeta nos propoem em Eneas hum homem perfeito.

Mas ainda seguindo o conceito deste author no interesse da humanidade, tem muita differença o que se tira da Odyſſea, que o que se pode tirar da Iliada: Porque muito mais util nos será o exemplo de Ulyſſes, para aprendermos que o melhor modo de vencer os trabalhos, e as desgraças he a constancia, a paciencia, e a faboria, que he a máxima moral, que se pode tirar desta Epopeia, do que o exemplo, que nos propoem de Achilles na Iliada, a onde só encontramos hum moço arrebatado, e infórido, concebendo hum inexoravel estímulo de lhe tomar o seu General Agamenon a sua escrava: Estímulo que o obrigou a separarse do campo dos Gregos, deixando-os expostos às irrupções dos Troianos, e desamparando a causa commua, e a offensa, e juramento de toda a Grecia por huma paixão particular. Este exemplo não pode dar algum interesse a nenhum homem bom, mas só aquelles, que forem tão testarudos, e ferozes, como este famoso Heroê da Iliada, e cuido que nenhum campeão insigne quererá imitar esta pueril impaciencia do Conquistador de Troia; e menos se deve consentir este indigno projecto nas Epopeias, porque a Fabula deve ser Exemplar, e digna de ser imitada.

Os defensores de Homero dizem que elle pintara a Achilles com a ideia, que se tinha naquelle tempo dos Heróes, que era o de serem temerarios, robustos, fortes, coléricos, infóridos &c. Porem esta resposta seria boa para os ignorantes; pois nenhum douto desconhece que em todas as idades teve a virtude, e o vicio a mesma figura. Ainda no primeiro seculo do Mundo se conheceu muito bem que o ser manso, e benévolo era virtude, e que era vicio o ser colerico, e furioso: Não há melhor testemunho desta verdade, que o exemplo de Abel, e de Caím.

Homero se contradiz nos seus dois Poemas, e he hum reparo, que ainda não viem algum dos seus Expositores. Na Iliada constitue a virtude na ferocidade, despenho, colera, e inexorabilidade de Achilles: Na Odyſſea a descreve na sagacidade, e tolerancia de Ulyſſes. A Virtude, e o acerto não tem se não hum caminho; quem a procura por dois atalhos há de vir a dar em hum monte solitario, sem alguma fahida.

Tambem se deve advertir que o fim principal das Epopeias he propornos acções sublimes, maravilhosas, e exemplares para dellas fazermos huma boa imitação; e estas acções por si mesmas estão persuadindo que tem melhor desempenho nos impulsos heroicos, que nos apaixonados. Por cuja razão me parece, com licença de Monsenhor le Batteux, que o interesse da humanidade pertence mais aos *Episodios*, que a acção principal; e que nesta parte antes se seguisse a Virgilio, que a Homero, se assim o consente Madama Dacier: Eu por mim tanto me interessarei vendo estas paixões nos *Episodios*,

Co mo na Fabula. Bem intereffante he na Eneida a desgraça de Dido , e a de Nifo, e Eurialo: No Tallo o pranto de Tancredo: No neflo Camceus a tragedia de D. Ignez de Castro; e não alcanço a razão de que effes intereffes poffão effar mais vivos na Fabula, que nos *Epifcainis*; e prefumo que a maior parte dos homens dirão que fe commovem mais com effas paixoes, que com a cólera de Achilles.

Effte intereffe da humanidade divide o referido le Batteux em diversos ramos; e diz que qualquer delles pode fer o objecto principal, e particular de algum genero de Poefia. A prova deffe conceito he que a Epopeia propoem objectos heroicos, e maravilhofos, a os quaes nos commove pela admiração: Que a Tragedia nos intereffa pela atrocidade dos acontecimentos, chamandonos com a compaixão, e suspendendonos com o pavor: Que a Comedia nos agrada pela singularidade das interprezas, e dos coflumes: Que a Poefia Paf-toril (a que chamamos Bucolica) nos encanta com a fua doçura e fimplicidade, e com o repouzo, de que fe acompanha: De forte que a Epopeia nos admira, a Tragedia nos entristece, a Comedia nos alegra, a Bucolica nos ferena. E como a Epopeia he a Mai, e a origem de todos effes generos de Poefia, que deve incluir em fi todos effes intereffes:

Depois de Virgilio admirar v.g. o Leitor com a colera de Juno, que faz defatar os ventos contra a armada de Eneas, e que o poder de Neptuno focogou effa tempeffade, paffa a representar os horrores da Tragedia em huma Cidade faqueiada, e abrazada pelos inimigos, e nos amores de huma Princeza, que fe mata a fi meffna pela ingratição do feu amante: E a feu tempo defcreve o defcanço de huma vida ruffica com o *Epifodio* de Evandro. De forte que para fer Poeta Tragicoo (conclue o meffmo author) ou Comico, ou Bucolico, não he neceffario mais, que hum genero de Poefia; mas para fer Poeta Epico, he preciso fer tudo, e fello em grão eminente.

Tudo effo, que pede le Batteux na Epopeia, me parece que effará fatisfeito na Conquiffa de Goa. Pois pelo que refpeita à admiração, temos as maquinas, com que o Inferno fe efforça com tão horrendos arbitrios, contra a felicidade da empreza, e o modo com que o Ceo defvanece, e inutiliza todos effes horrorofos impulfoes. Temos para a Tragedia não fó os horrores da expugnação de Goa, mas os da infelicidade dos amores de Alfi, e de Fati-ma, o laffimofoo exito, que tiverão os Affectos da Princeza Amalintia, e os do compate dos cofarios. Temos para a Bucolica a defcripção da cafa de Campo da Rainha de Garzopaõ, e a vida campefftre dos Gigantes; e na dos feus coflumes fe logra alguma parte do Comico.

O fecondo modo de intereffar, que he o que fe tira dos obffaculos, que fe oppoem à empreza, effpecialmente quando ao Heroe fe prepara quafi huma invencivel contradicção a os feus projectos, não he menos fenfivel, que o primeiro. He certo que o Leitor apenas principia a ler o Poema, deve tomar partido nos acontecimentos da Fabula; e pede a boa razão que o Herôe fe proponha de forte, que o meffmo leitor tome intereffe em todas as fuas felicidades: Para effo he neceffario fazello amavel pelas fuas virtudes, e fazer com

que

que a acção seja digna de que nella as exercite. Não sei se Homero fez muito amavel o seu Achilles, e o seu Ulysses, nem Virgilio o seu Eneas: Já no meu Prolegòmeno toquei esta materia. Eu se visse hum homem colèrico, feròz, e que sempre quera que valesse a sua, e que pertendesse dominar a vontade dos outros, e que intentasse levar tudo às cutiladas, estimando menos a razão, do que a força, como pinta ao seu Heròe o Poeta Grego, parece-me que em nada me interessaria pela sua felicidade, nem menos pela do Heròe da Olyssèa, quando pelo contrario se me representasse que elle era outro homem cheio de astucias, e de intrincadas ideias, que era impenetravel a sua alma a os seus mais intimos amigos, que tinha huma coiza na lingua, outra no coração, e que tudo dissimulava, e soffria, não para exercitar a virtude da tolerancia, mas só para conseguir os seus intentos. Lembrame agora o que diz Luiz Uihòa em hum dos seus Sonetos:

Yo tirarè con animo tan fuerte  
Del laço, en que mi cuello se cautivá,  
Que ò me a hoje; ò le rompa la violencia:  
Y esto tambien por ti, que es ofenderte  
Ser tuyo, e fer tan vil, que torpe viva,  
Infamando el amor con la paciencia:

O soffrimento tem seus limites; e se hum homem pode ser vil em soffrer hum insulto por conservar o empenho dos seus affectos, que fará em admitir huma tolerancia, que pode ser incompativel com a heroicidade? E pelo que toca a Virgilio, não fallo já na atrocidade, com que Eneas matou a Turno, depois de lhe pedir a Vida, nem na injustiça de invadir hum Reino, que por neahum direito lhe pertencia. Tudo isto para mim he muito menos, que a horrivel ingratição, que praticou com a sua Bemfeitora. Esta he a maior indignidade, em que pode cahir hum Heròe; e sempre direi que aonde hà ingratição, não pode haver Heroismo: o Duque de Marlborough foi feitura do Duque de York, Irmao de Carlos II, Rei de Inglaterra, que succedeu a seu Irmao na coroa com o nome de Jaques II; e por se apartar dos seus interesses, e seguir os do Parlamento voltando se contra o seu bemfeitor, perdeu o caracter de Heròe, sem o poder conseguir com todas aquellas façanhas, que executou o seu valor, e pericia militar contra os Francezes. Depois da sua morte, pertendeu a Duqueza sua mulher eternizar a sua memoria com hum elogio; e offereceu huma grande somma de dinheiro ao famoso Pope para que lho fizesse. Pope attendendo ao que tinha obrado o Duque com o seu Principe; respondeu que Marlborough não era homem de Elogio.

Os que intentão desculpar a Virgilio por aquella ingratição, dizem que Eneas fora obrigado a sahir de Cartago por decreto dos Deoses, e que não estava na sua mão o deixar de obedecer-lhe: mas quanto a mim não dizem nada a proposito; porque estava na mão do Poeta inventar outro *Episodio*, que não obrigasse ao seu Heròe a ver-se em tão grande aperto, como o de ser in-

grato, ou desobediente. E que Deidade Justa poderia obrigar a Eneas a cometer hum crime tão indefculpavel? Se Eneas pode ficar desculpado pela obediencia, deve ficar condemnado o Nume pelo decreto: E Virgilio, posto o caso nestes termos, não só fez o seu Herôe ingrato, mas os seus Deoses injustos, e por qualquer parte fica criminoso o pensamento deste Poeta.

Interessado o Leitor na felicidade do Herôe, não haverá obstaculo na Empreza, que o não affuste, nem prosperidade, que o não alegre; e nestes repetidos, e alternados impulsos, se lhe fingirá que todas as acçoens são menos do Herôe, do que suas.

Os obstaculos a que os Epicos chamaõ *nexos*, e as soluçoens, com que se defataõ, vão notados neste Poema; e huma, e outra coiza he que leva suspenso o Leitor a tè o fim da Empreza: Para conseguir a admiração ( diz o mesmo le Batteux ) e para arrebatat a alma, he percitõ que os *nexos*, que se propozerem ao Herôe, sejaõ de huma difficuldade extraordinaria, e que pareça que necessitaõ de huma força sobrenatural para os vencer, o que não õbstante consigue o Herôe o triumpho. E cuidõ que assim o temos praticado na Conquista de Goa: O Herôe não so combateu a Contradição de alguns dos Capitaens, que se oppunhaõ à empreza; porem disputou as forças do mais poderoso Principe do Reino de Decan, e de huma populosa Cidade, forte, e munida com muita artelharía, e com huma guarnição de nove mil homens, composta de Naçoens guerreiras, e ferozes; não tendo mais, que mil, e quinhentos Portuguezes, e trezentos Malabures. Combateu igualmente com a fome, e com os defastres, e fatalidades, que soffreu nesta Conquista, não sendo dos menores a intempestiva morte de seu sobrinho Dom Antonio de Noronha; e resistio finalmente a todo o poder do Inferno, e tudo isto deu fundamento a dizermos na nossa *Proposição* que elle *dominava o Abyssmo, o Fado, e a morte*. A' vista de tantas difficuldades ninguem poderia imaginar que a Empreza se conseguisse, e daqui he que procede aquella admiração, que o dito le Batteux pertende nas Epopeias; porque, diz elle, que quanto mais se representar que a Empreza se não pode conseguir, e com effeito se consigue, maior admiração nos darà o Poema.

Esta admiração se funda tambem naquellas ideias, a que os Mestres chamaõ o *maravilhoso* da Epica. A parte mais sabida deste *maravilhoso* consiste nas maquinas, como se conhece pelà introdução dos Deoses nos Poemas de Homero, e de Virgilio. Os Poetas catholicos não tem esta licença, conforme a melhor opiniaõ dos Criticos modernos; por não ser verosimil, nem decente, como diz Lufan, que hum Capitaõ Catholico obedeça v. g. a huma ordem de Juno, ou de Jupiter, que lhe traga Iris, ou Mercurio. Em lugar das Deidades gentlicas podemos usar de Intelligencias Angelicas, de demonios, Magicos &c. E este genero de maquinas podem produzir o *maravilhoso* muito melhor que o dos antigos, com tanto que nunca exceda o verosimil: Afição hà de ser de forte, que pareça verdade, bem que haja verdades, que parecem fiçoens: Eu dei a ler o Epifodio de Alfi a huma pessoa intelligente; e depois de lido me perguntou se era fingido, ou verdadeiro? Eu lhe disse que fingido;

do; e acrescentou: *Mal empregado Episódio em não ser historico!* Então me pareceu que estava verosimil; pois quando a ficção he tão natural, que parece successo, se pode reputar com todas as qualidades, que se procuraõ nestes fingimentos Poeticos.

Alguns, que tem ouvido fallar em Peripecias, e Epignosis, sem talvez conhecerem o que isto significa, presumem que são indispensaveis nas Epopeias: e a verdade he, que se reputaõ por tão pouco precisas, que ainda está por decidir se a Epica ficará mais perfeita, ou com ellas, ou sem ellas. A Odissea tem Peripecia, e Epignosis; porem nenhuma dellas se acha na Iliada, o que basta para se saber que o Poema se pode fazer, ou de huma ou de outra forte. Neste poema finalmente se descobrirá huma Especie de Peripecia na fahida, que fez Affonso de Albuquerque de Goa remediando esta infelicidade com ficar triumphante na Empreza. Tambem está bastantemente clara a Epignosis de Amalintha, pois só foi conhecida depois da sua morte.

Finalmente há huma grande questãõ entre os Epicos-se a Allegoria he effencial à Epopeia. O Padre le Bossu sustenta, com todas as suas forças, a affirmativa, e he certo que este Padre foi hum dos grandes engenhos de França, e o que adquirio maior opiniaõ nos estudos poeticos: porem o referido se Batteux compate esta opiniaõ com razoens, que me parecem concludentes, assentando que a Allegoria não tem nada com a Epopeia: Eu para fazer a figura de Palemon nesta contenda, não declaro agora se este Poema tem, ou não tem Allegoria: deixo ao meu Leitor esta averiguação. Só lhe poderei dizer que como muitos insistem (e entre elles o mesmo le Bossu) que o Poema se deve fundar ao menos em huma máxima moral, que não deixa de a ter a Conquista de Goa: Quem reparar nas grandes difficuldades, que teve esta grande Empreza, nas forças com que o Inferno a impedio, e o empenho com que o Céu desatou tão inventiveis obstaculos, facilmente pode reconhecer aquella máxima, que nos propoem o Apostolo ad Rom. Cp.8. v. 31.

*Si Deus pro nobis, quis contra nos?*

Nec magis expressi vultus per ahenea signa ,  
Quam per vatis opus , mores , animique virorum  
Clarorum apparent. -----

*Horat. Epist. lib. 2. Epistol. 1.  
ad Cæsar. August.*

Vixere fortes ante Agamemnona  
Multi: sed omnes illacrimabiles  
Urgentur; ignotique Longa  
Nocte: carent quia vate Sacro.

*Idem, Od. lib. 4. Od. 9. ad Lol.*





# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

## CANTO I.

**C**Anto o insigne valor de hum braço forte,  
Que dominado o Abyfmo, o Fado, e a Morte,  
Com impavido esforço, e mais que humano,  
Fundou no Oriente o Imperio Lusitano.

Inspirame, O<sup>2</sup> divina Intelligencia,  
Aquella soberana preeminencia  
De hum alto influxo, de hum felíz decoro,  
A Com

Apênas sahio o meu *Triumpho da Religião*, gritaraõ os Criticos com humas vozes, sem eco, convertendose as palavras em Onomatopeias, dizendo que a este *Poema* não se podia chamar heroico, porque a *Fabula* e o *Herôe* eraõ fantasticos; sem advertirem que o deverem ser verdadeiros, ou quimericos *ad hoc sub judice lis est*; e que esta questaõ estava por huma e outra parte em tanto equilibrio, como a demanda, que teve Prothagoras com o Discipulo; pois nem hum Tribunal taõ douto, como a Academia da Crusca, se atreveu a decidilla.

Disseraõ mais que o dito *Poema* se achava mui descarnado pela falta de *epi-  
sodios tragicos*, *patheticos*, *eroticos* &c. como se se podesse enfeitar huma fanta, com os mesmos adornos de huma Flora?

Disseraõ mais outras coizas, de que eu não fiz caso, pois eraõ menos critica do *Poema*, do que prova do pouco, que sabia destes estudos quem se regulava mais pelo seu gosto, que pelas regras dos Mestres.

Comque acendes o estimulo canoro :  
 Infundeme hum espirito eloquente;  
 Hum luminoso impulso, hum genio ardente:  
 Lembrame as causas, que me occulta a fama:  
 Descobreme o destino, expoemme a chama,  
 Que encheu de tanto arrojo o ardor invicto  
 Entre os horrores do mortal conflicto  
 Para illustrar o templo da memoria:  
 Faze nas minhas clâusulas notoria  
 Aquella direçaõ, com que a ousadia  
 Levou taõ grande empreza à luz do dia,  
 Banhando de huma nova claridãde  
 Os gloriosos tropheos de Heroicidade.

E

*Moverer, si de me M. Cato, si Lælius sapiens, si alter Cato, si duo Scipiones ista loquerentur.*

Tambem houve quem disse que hum assumpto religioso não se podia levar para o *Poema Epico*: Triste, e indigno pensamento de hum Catholico, e de hum Ecclesiastico, qual foi este Critico!

*Se hum segundo Homero* ( diz o Abb. Le Batteux Princ. de la Litterat. P. 2. art. 3. n. 6. ) *viesse hoje ao Mundo, não deixaria de achar na Historia da Religião huma materia capaz de exercitar o seu genio.*

Finalmente houve Poeta ( e dos bons do nosso Reino ) que não gostou ( dizia elle ) que eu fizesse o meu *Poema em silva*. Aqui basta negar o supposto. A *silva* se faz com versos pequenos e grandes, e no *Triumpho da Religião* não há verso pequeno, porque todos são heroicos, quaes se chamaõ os de onze syllabas: A *Arte* de Aristoteles, e de Horacio, que são os textos, não impoem outra lei nos versos das *Epicas*, mais, do que sejaõ *hexametros*, que são os que correspondem aos nossos *hendecasyllabos*: ser este verso de consoantes interpolados, ou seguidos, he eleição do Poeta. Ariosto, Taffo, e Camoens, que são os que podem dar algum exemplo ás *Epicas* vulgares, fizeraõ os seus *Poemas* em oitavas. Dante, a quem os Italianos chamaõ *divino*, fez o seu em tercetos: Voltaire fez a sua *Henriade* em verso de consoantes seguidos; Milton fez o seu *Paraizo perdido* em verso solto; e o mesmo fez Jeronymo Cortereal no seu *Poema* da batalha do Lepanto.

E Vòs, O' REI, mais alto, e mais piedoso,  
 Que os que adornaõ no assento magestoso  
 A fronte, com o circulo brilhante;  
 Que ardendo entre a esmeralda vegetante  
 Fâz inda mais sublime a luz suprema,  
 Que se anima, e se adora no diadema:

Vòs, ò Monarca, deste novo Imperio,  
 Que, sobre a admiraçaõ de outro hemispherio,  
 Fundou huma invencivel fortaleza,  
 Para assumpto da gloria Portugueza:

Vòs que dais com o Nome aquelle alento,  
 Que eîpera a forte no felîz augmento

A 2

De

Mas em fim aqui tem, e terãõ agora estes Senhores outro *Poema* com o Heròe, e com a Fabula verdadeira, e com tanta multidaõ, e differença de *Epifodios*, que em lugar de lhe chamarem *phyfico*, talvez que lhe chamem *hydropico*. Tambem naõ temos Fabula religiosa, fim militar, que he o que elles desejaõ. Com tudo estou certo, em que sempre se há de fallar, ainda quando naõ houvesse que dizer.

Supposto que disse bastante sobre os preceitos desta qualidade de *Poemas* no Prolegomeno do *Triumpho*, naõ deixarei de fazer aqui algumas notas, aonde me parecerem necessarias para a boa intelligencia da obra.

## P R O P O S I C A O.

**B** Em se sabe que nella se naõ deve nomear o Heròe pelo seu nome: esta he a pratica commua, mas pode ser alterada com o exemplo de Homero na sua *Iliada*.

Tambem se naõ deve expressar claramente a Fabula, porem dalla a conhecer pelas suas qualidades. Estas saõ as regras commuas da Proposicaõ: as especies (diz Lufan na sua *Poetic.* lib. 4. cap. x.) se reduzem a que seja livre, e alheia de toda a pompa, e affectaçãõ. Le Batteux tambem quer que ella seja simples, clara, e sem presumpçaõ, nem ornato: este preceito he tirado da *Arte poetica* de Horacio, quando condemna ao poeta Cyclio pela inchaçaõ com que propoz o seu *Poema*.

De hum Reino, em que o Pentàgono sagrado  
 Mostra que foi por Deos edificado :  
 Ouvi benignamente o acorde ruído  
 De hum metrico clamor; pois sendo ouvido  
 Na eminencia do Throno, onde confusa,  
 Se atreve hoje a subir a minha Musa,  
 Pòde alcançar no rapto, a que me entrego  
 Que attenda o Indo aos ecos do Mondego :

Amparado o clarim no vosso Nome  
 Contra o descuido, que as acçoens confome,  
 Farei que o objecto, e a vòz que me destina  
 Ao cume da Morada crystalina,  
 Retumbe, convertendo a penna em lança,  
 Nos eternos espaços da lembrança. VI-

Seguindo esta doutrina reduzimos a nossa *Proposição* a quatro versos claros, singelos, e terminantes. Já houve quem amplificou a sua *Proposição*, dizendo que não cantava nem isto, nem aquillo, nem estoutro, nem aqueloutro; e se nos dissesse o que queria, e não o que não queria cantar, nos deixaria mais satisfeitos, e menos amofinados.

#### I N V O C A C A , A Õ.

**T** Olos a julgaõ por indispensavel nas *Epicas*; pois conforme o referido Lufan, como o Poeta há de dizer coisas extraordinarias, e milagrosas, e a maior parte dellas occultas, he preciso ter huma Deidade, que lhas communique; porque se sappoem que por si mesmo as não pode alcançar: Isto mesmo diz Le Butteux, e estas são as suas palavras: *Depois da proposição invoca o Poeta hum Divindade, que lhe revele as causas sobrenaturaes dos successos, que pertencem a referir: elle não pode (falla de Virgilio) saber humanamente aquillo, que se passa no Céo sobre o estabelecimento de Eneas em Italia; porisso pede à Musa que lhe diga: Musa mihi causas memora: A minha Proposição está estabelecida sobre esta doutrina: Muitos Poetas Catholicos invocaraõ como Homero, e Virgilio as Deidades gentlicas, em que tambem cahio o nosso Camoens. Ariosto, e o Tasso foraõ os primeiros, que se apartaraõ desta superstição: exemplo, que se deve seguir em todas as *Eppeias* Christians.*

Vibrando \* a hastea do fatal Tridente  
 Entre os liquidos pãramos do Oriente,  
 Tempo havia que Affonso dominava  
 Da undivaga soberba a furia brava,  
 E expondo ao golfo as màquinas redondas,  
 Mais, que batia, prosperava as ondas.

No profundo esplendor da invicta ideia  
 Se lhe finge a extensaõ, em que rodeia  
 De tanto aspecto o círculo salobre,  
 Para ver se o desejo lhe descobre  
 Cidade, ou Fortaleza, onde levante  
 Huma digna cabeça ao militante,

A 3

Ro-

\* *Vibrando a hastea &c.* Aqui se dá principio à Fabula do Poema.

Se esta se há de principiar pelo meio, a que se chama *ordem artificial*, ou pelo principio, a que se chama *ordem natural* he huma questãõ bem rixada entre os *Épicos*. Porem huma, e outra ordem tem bons defensores: *A Iliada* está com a *ordem natural*: a *Eneida* com a *artificial*:

Qualquer destas duas ordens ( diz Lusã ) que queira seguir o Poeta, terá aucthores, e exemplos em seu abono.

Deixo ao meu Leitor a averiguaçaõ de qual destas duas ordens me vali neste Poema.

Seja a acçaõ principiada de huma, ou de outra forte dizem os Mestres que ella deve ter principio, meio, e fim, e huma proporcionada grandeza: que deve tambem ser illustre, grande, maravilhosa, verosimil, inteira, huma, e de hum só Herõ, exemplar, e digna de ser imitada: estas qualidades necessitavaõ de huma larga exposiçaõ, que não pode caber na brevidade de humas notas. Direi só alguma coisa, sobre a unidade da acçaõ, em que ha muita disputa entre os professores; e não direi mais que o que diz o referido Le Batteux no lugar supracitado, n. 3.

Robusto corpo, que as nadantes quilhas  
 No ensaio das mais altas maravilhas  
 Tinhaõ formado em giro vagabundo  
 Sobre o espanto, e pavor de hum novo mundo.

O Principe Tartareo ¶ percebendo  
 Os projectos do Herõde; e naõ podendo  
 Sofrer que a Lei da Graça descançasse  
 Sobre tantas victorias; e que achasse  
 O zello Lusitano hum firme assento  
 A taõ illustre, religioso intento;  
 Do gremio infame da cruel Megèra  
 Saltava enfurecido à opaca esphera,  
 Onde se forja em sopros circulares  
 A horrenda agitação, que impelle os ares,  
 Irritada nos globos tenebrosos,

Em

*A unidade da acção (diz este A.) procede da mesma proposição do foyeito: ella he que anuncia o fim do Poeta, a que assigna o principio, e a que fixa o termo.*

Remeto o meu Leitor para o mais que elle diz sobre esta matéria: Eu digo na minha *Proposição* que canto aquelle valor, que fundou o nosso Imperio na Asia: donde se segue que tudo o que succedeu, e concorreu nesta *fundação*, ou seja *Fabula*, ou *Episodio* depende do que está proposto, e por consequencia une em hum só foyeito toda a fábrica do argumento.

¶ *O Principe Tartareo &c.* As Tragedias dos Gregos e Latinos tinhaõ por assumpto humas vezes as acçoens dos Deoses, outras as dos homens; e estas eraõ só as que obravaõ os Principes, e Capitaens insignes. Tambem as houve com a mistura de humas, e outras Personagens. Quando os Deoses appareciaõ no Theatro sempre eraõ conduzidos na quellas máquinas que vulgarmente chamamos *trasmias*; donde veio o chamaremse *máquinas* às introduçoens destas Deidades: nome que passou para as *Epopéias*; pois á imitação das *Tragedias* introduziraõ tambem os homens com os Deoses. Estas Dei-

Em que habita dos genios procellosos  
 A infausta multidaõ, que a mesma Furia,  
 Com a cauda, arrancou da excelsa Curia.

Apenas pelo Càrcere indigesto  
 De tanta sombra, ou hálito funesto  
 Entra o dragaõ; e a chama, que o soffoca,  
 Lhe acende a vista, lhe horroriza a boca,  
 Quando das nuvens o infelíz caminho  
 Se fecha em hum ligeiro redemoinho,  
 Que as nevoas formaõ, com tremendo impulso,  
 No tropèl deste escàndalo convulso.

Por entre os negros, ràpidos affombros,  
 Assentados os genios sobre os hombros  
 Dos indòmitos ventos, esperavaõ  
 O horror das expressões, que preparavaõ  
 As grandes iras da ferôz serpente:  
 Entaõ, desde o lugar mais eminente,  
 Misturado nos càusticos atrozes,  
 Vomita o torpe arrojo destas vozes:  
 Sereis vòs por ventura aquelle errante,  
 Despenhado esquadraõ, que a cada instante

A 4

Altè-

dades nos *Poemas* de Homero, e de Virgilio saõ as que movem as acçoens dos Homens: De sorte que na *Epica* podemos considerallas, como causas primeiras, e as acçoens humanas, como causas segundas, que naõ faziaõ mais que executarem o que as outras determinavaõ, e influaõ. *Destas Deidades* hu-

Altèra tanta plàcida campanha  
 Com o barbaro alento, em que a montanha  
 Horrivelmente geme, o Mar se irrita,  
 Treme o Ceo, pulsa a Terra, o vento grita?

Sereis vòs as terriveis potestades,  
 Que excitaõ as fataes calamidades,  
 Com que a esphera se arroja sobre o Mundo?  
 Sustentais inda o espirito iracundo,  
 Com que moveis nas furias mais violentas  
 A còlera indomavel das tormentas?

Pois como consentis hã tantos annos  
 Que a arrogante soberba dos Humanos  
 Em desprezo do voffo antigo empenho

Pre-

humas eraõ contrarias, outras propicias á empreza; o que fez dizer a Ovidio:

Mulciber in Trojam, pro Troja stabat Apollo:  
 Æqua Venus Teucris, Pallas iniqua fuit. &c.

E nesta differença de impulsos he que se formava toda a fabricã do *Poema*.  
 A tudo o que se punha contra a empreza se chamava *Nexo*; e tudo o que  
 forçava este *nexo*, se chamava *Soluçãõ*.

Havia *nexo* principal, e *nexos* subordinados: o principal, v. g. na *Eneida*,  
 foi a colera do Juno, que por todo o *Poema* a vemos opposta ao estabelicimen-  
 to de Eneas na Italia: os *nexos* subordinados saõ os amores de Dido, a emula-  
 çãõ de Turno, e tudo o mais, que dilatava, ou contradizia a empreza. A in-  
 trodução destas *maquinas*, ou Deidades gentilicas seguirãõ, sem alguma con-  
 sideraçãõ, os Poetas Catholicos, até que o Taffo arrancou esta superstição das  
*Epicas Christians*.



Presuma dominar n' hum fraco lenho  
Tantos mares occultos, descobrindo  
A carranca do Tauro, o horror do Indo?

Naõ chegou a irritarse o Tormentorio  
De taõ ardua ambiçaõ? Naõ fez notorio  
A esse ousado Gama o infausto alento  
De taõ cego, taõ louco atrevimento?  
Se hum penhasco naõ sofre esta ousadia,  
Como a quereis sofrer? A' luz do dia,  
Desde o pàllido Ocaso, quantas vezes  
Tem passado o furor dos Portuguezes  
Somente com o súbito conselho  
De expor na Ásia os raios do Evangelho?  
E vòs o tendes visto com paciencia?  
Quem tal podera crer? Que negligencia  
He esta deste horrífico dominio,  
Que tendes sobre os ares? Se o desinio

Desta

Depois do Tasso naõ consentem os Criticos que se introduzaõ Deoses fantasticos nas *Epopéias*. Porem como, sem as *máquinas*, hcariaõ estes *Poemas* inspidos, e perderiaõ huma das suas essenciaes qualidades, qual he o *maravilhoso*, em lugar dos Deoses propicios, querem que sejam os Santos, e os Espiritos Angelicos; e em lugar dos málevolos, o demonio, e os magicos. Esta he a razaõ, porque o mesmo demonio he o *nexo* principal deste *Poema*; e os *nexos* subordinados tudo o que elle fez pelo magico Alfarami, pelas tempestades, e outras acçoens, com que se oppunha á *Conquista de Goa*. As soluçoens destes *nexos* vieraõ pelos rogos, que faz ao Omnipotente o Apostolo das Indias, Patrono da empreza.

*Huma acçaõ, sem nexo*, (diz Le Batteux n.6.) *he totalmente sem algum interesse; porque o nexo he a difficuldade que irrita as paixcoens, e que faz mover as grandes virtudes.*

Desta atrevida gente não passara  
 De andar errante pelo golfo, achara  
 Menor damno no intento; porem hoje  
 Consentir poderemos que se arroje  
 A se firmar no thalamo da aurora,  
 Tremolando a bandeira vencedora,  
 E que o golfo vadeie, as ondas cerque  
 O soberbo valor deste Albuquerque,  
 Para constituir neste hemispherio  
 Huma nova cabeça ao Lusó Imperio?

Não he nossa esta vasta Monarquia?  
 Não reina em huma parte a Idolatria,  
 Na outra a torpe lei de Mafamede?  
 Pois como havemos de sofrer que hospède  
 Agora a Lei da Graça? E que ser possa  
 Entre o pavor de tanta nevoa grossa,  
 A pezar dos intrèpidos alfanges,  
 Romano o Hydaspes, Portuguez o Ganges?

Defatai, defatai dessa Officina,  
 A onde se prepara, e se fulmina  
 A còlera, que move, e irrita os ventos  
 Todo o immenso furor dos Elementos:  
 Caia sobre essas màquinas boiantes  
 A indignação Etherea: Os navegantes

Flutuem nas escumas empoladas :  
 Dos troncos , e das vèllas destroçadas  
 Não fiquem da borrasca nos arrojós  
 Mais que as tristes reliquias dos despojos ,  
 Sem fragmento , que sirva de suffragio  
 Nos míseros aspectos do naufragio.

Apenas dava fim ao horrendo grito  
 O indòmito tyranno do Cocyto ,  
 Quando começa com fragor immenso †  
 A gemer toda a esphera ; e o globo denso ,  
 Em que a chusma fatal se encarcerava  
 Rebenta na expressão da infania brava ,  
 Parecendo no horror do esforço adverso  
 Que os eixos se encurvavaõ do Universo.

Desce no mesmo instante ao golfo inchado  
 O formidavel monstro , e transformado  
 Na effigie de Neptuno , o plaustro occupa :  
 Representa huma horrivel catadupa  
 O mar em cada impulso : entre os abalos  
 Dos ceruleos , marítimos cavallos  
 Começa a borbulhar o abyssmo horrendo  
 Nas profundas cavernas : Vem descendo  
 As iras de huma , e outra potestade :

Affe-

† Esta tempestade movida pelo demonio, he o primeiro *movi* da acção.

Affecta a enorme, e escura magestade  
 Luzbel no verde coche; e ancioso aguarda  
 O effeito, com que a còlera bastarda  
 De tanta furia atrôz, que o odio incita,  
 Sobre as miferas nãos se precipita.

Os pilotos, que ao longe perceberão  
 Os roncões, com que as ondas prometerão  
 A indignada tormenta, todos clamarão  
 Que se encolhesse o panno: Os ventos bramarão  
 Já neste mesmo tempo tão ferozes,  
 Que os silvos confundidos com as vozes  
 Dos tristes, assustados marinheiros,  
 Não poderaõ, nem inda os mais ligeiros  
 Amainarem as Vèllas; pois as forças  
 Do Noto, do Aquilaõ, e do Austro, deraõ  
 Tãõ repentinamente sobre os mastos,  
 Sobre as vergas, e enxarcias, que partidas  
 N<sup>o</sup> hum instante se viraõ, com as vidas  
 De quantos neste súbito alboroto  
 A<sup>o</sup> vôz obedeceraõ do piloto.

Ao choque horrendo do violento golpe  
 Bateu nas ondas de huma, e de outra banda  
 O robusto costado: pelo bordo  
 Entra furioso o mar: já sem accordo

Sobre os rotos calàbres discorria  
 A affombrada esquipagem: morre o dia  
 Entre a feia carranca do Orizote:  
 Em toda a parte abria a etherea fonte  
 Os caudolosos vínculos: \*\* as nuvens  
 Nos medonhos relampagos mais triste  
 Disforme, carregada, e temerosa  
 Reproduzem a sombra tenebrosa:  
 O incendio a cada instante fulminado  
 Contra as ondas por hum, por outro lado  
 Nos grosseiros vapores repartido,  
 Parecia que em gesto denegrido  
 Formava, com escândalo luzente,  
 Em cada horrendo impulso huma serpente  
 De sulfureas escamas, que nas azas  
 Batendo as roxas, fulminantes brazas,  
 Pertende ao feio ardor das igneas plumas  
 Introduzir a chama nas escumas.

Vacilavaõ os Orbes com os ecos \*  
 Dos enormes trovoens, que reflectiaõ  
 Nos concavos do mar; e corresponde

No

\*\* Eripiunt subitò nubes ccelumque, dientque  
 Teucrorum ex oculis: ponto nox incubat atra.  
*Virgil. Æneid. lib. 1. V. 92.*

\* Com os ecos dos enormes trovoens. E corresponde o estrondo ao fogo vago,

Intonuere poli; & crebris micat ignibus æther.  
*Virg. Æneid. lib. 1. V. 94.*

No mesmo instante o estrondo ao fogo vago,  
 Que igualmente conspira a tanto estrago:  
 Menos a aceza pólvora retarda  
 A infufrível reposta da bombardar:  
 Menos fero se exprime o ardente estoiro,  
 Com que faie o terrífico peloiro  
 Do atacado canhaõ, que a vòz tremenda,  
 Em que a esphera os horrores recommenda,

Taõ atròz, e inclemente grita o lume  
 Da excelsa indignaçãõ, que se presume,  
 Que entre o immenso fragor da furia brava  
 Toda a máquina etherea se quebrava.

O colèrico mar, que em si naõ cabe  
 Com taõ inchado alento, já naõ sabe  
 Onde accommode a multidaõ cerulea  
 Das impellidas agoas: ¶ Humas vezes  
 As enrola, outra as quebra: Em altos montes  
 As ajunta, e despenha ao mesmo instante:  
 A poppa triste, a quilha naufragante  
 Agora toca † com as rotas vèllas

Na

¶ *Humas vezes as enrola &c. Em altos montes &c.*

--- Insequitur cumulo præruptus aquæ mons.  
 Hi summo in fluctu pendent: his unda dehiscens  
 Terram inter fluctus aperit -----

*Virgil. Æneid. lib. 1. V. 108.*

† *Agora toca &c. Stetit Spiritus procellæ; & exaltati sunt fluctus ejus. Ascendunt usque ad cœlos, & descendunt usque ad abyssos. (Psalm. 106 — 25 — & 26. Daqui o tirou tambem o nosso Camoës. Cant. 6. Oitav. 80.*

Na desmedida altura das estrellas,  
 Agora, com infaustos parocismos  
 Na horrorosa voragem dos abyssos,  
 A distancia medindo em hum momento,  
 Que do Tartaro vai ao Firmamento.

Naõ serviaõ as bombas contra a furia,  
 Com que as agoas entravaõ pelos bordos,  
 Nem as talhas bastavaõ para o leme:  
 Todos já, sem proveito, repartiaõ  
 O naútico trabalho; e se fingiaõ  
 Em cada novo estímulo dos fados  
 Nas entranhas \*\* das ondas sepultados.

Espalhadas as nãos pelo destino  
 Dos ventos e do mar, sem rumo ou tino  
 Ao arbitrio se entregaõ da tormenta:  
 Porem o invicto Herôe inda sustenta  
 Aquelle coração nunca vencido  
 De nenhum disfavor, nenhum partido;  
 Sempre como firmíssima \* coluna  
 Nos giros mais violentos da fortuna.

[Po-

Vendo ora o mar até o Inferno aberto,  
 Ora com nova furia ao Ceo subia.

\*\* Præsentemque Viris intentant omnia mortẽ.

*Virgil. Æneid. lib. 1. V. 95.*

\* Pareceunos ser melhor sustentar o caracter do Herôe nesta constancia,  
 o que imitar a Virgilio, quando em semelhante aperto disse que

Extemplo Æneæ solvuntur frigore membra  
 Ingemit — — — — — Æneid. lib. 1. V. 96.

Porem em quanto a esquadra forcejava  
 Entre a raiva implacavel do tyranno,  
 Se dispunha altamente o seu socorro:  
 O Protector das Indias, que do Empyrio  
 Vendo estava o frenético delirio  
 Do rebelde dragão, arrebatado  
 Do bem de huma Provincia, onde espalhado  
 Tinha já, com seu sangue, a lei divina;  
 Ao throno Omnipotente a voz inclina,  
 E vendo que era o voto bem aceito,  
 Desta forte explicou o seu conceito.  
**SENHOR**: se permittis que hoje vos lembre  
 A palavra immortal, que proferisteis  
 Ao Santo Henrique, Rei da Lusitania:  
 Palavra, que não pode ter fallencia  
 Na immutavel razaõ da vossa **ESSENCIA**:  
 Se hê licito que exponha à vossa vista  
 O absoluto decreto da conquista,  
 Que esta Nação fará, para que leve  
 Por mares, que ninguem a abrir se atreve  
 Vossa **LEI**, de que sempre se acompanha,  
 De huma terra ignorada à gente estranha:  
 Daime tambem licença porque possa

Em

O nosso Camoens seguiu inteiramente a Virgilio na tempestade do 6. **Can-**  
**to**, desde a oitava 80. e tambem não approvo que elle dissesse

Confuso do temor da vida incerto,  
 Onde nenhum remedio lhe valia.



Em meu nome outro Affonso recordarvos  
 Esta vossa promessa: Hoje invadido  
 Da rebelde serpente, e dessa injuria,  
 Que no golfo dispára a horrenda furia  
 Das aerias violencias, sò se anima  
 De tão altas verdades, e sublima  
 O seu grande valor sò na esperança  
 De que em VO'S nunca pode haver mudança.

Elle intenta firmar a LEI, que desteis  
 Ao Mundo, rubricada em vosso sangue,  
 Na quella parte, aonde dirigida  
 Tinheis a Sementeira do Evangelho:  
 Deste eterno, scientifico conselho  
 Vòs o fizesteis instrumento illustre,  
 Desde o instante, em que havieis decretado  
 Esta sublime empreza: Està ¶ mudado  
 Deste arcão o prophetico sentido  
 Na vossa excelsa Mente concebido?

Olhai, SENHOR, que a terra em que pertende  
 Fundar a Lei da Graça o invicto Affonso  
 Hê a mesma Provincia, onde tão claro  
 Já fiz o vosso NOME, e o Santo LENHO  
 Se arvorou nos altares contra o empenho

B

De

¶ Qui mare, qui terras omni ditione tenerent,  
 Pollicitus: quæ te, genitor, sententia vertit?

*Æcid. lib. 1. V. 240.*

Desse traidor antigo, que persegue  
 No mar, furioso, o Capitaõ insigne:  
 Da vossa gloria espero que se digne  
 Que elle vá renovar aquelle culto,  
 Que perturbou do Abyssmo o fero insulto,  
 E que escurece em tudo quanto doma  
 A torpe tyrannia de Mafoma.

Sepultai nas cavernas mais profundas  
 Deste dragaõ as iras furibundas;  
 Fechai no horrendo carcere dos ares  
 Esses genios ferozes: Entre os mares  
 Naõ haja impulso algum que a armada offenda:  
 Alentai este Cyro, porque emprenda  
 O que tendes disposto, e elle medita:  
 A vossa doce inspiraçaõ repita  
 A ordem superior; e sôfra o Inferno  
 Nessa chãma, que abraza, e naõ consome,  
 Que na Asia se extenda o Vosso NOME.

Naõ presumas \* ( responde a VO'Z ETERNA  
 Da SUPREMA DEIDADE ) que eu disponho

Ou-

\* Parce metu, Cytherea: manent immota tuorum:  
 Fata tibi: cernes Urbem, & promissa Lavini  
 Menia, sublimemque ferens ad sidera cœli  
 Magnanimum Æneam, neque me sententia vertit.

Outra coiza, contraria ao grande intento  
 De que o berço do Sol se santifique:  
 Bem que vejas as náos já quasi a pique  
 Com o impulso infernal, não se concede  
 Ao Tartareo dragaõ, que agora mede,  
 Com esta inutil fantasia, os mares,  
 Que tenhaõ defafogo os seus pezares  
 Na Cathólica esquadra: Se confinto  
 Que combata no undoso labyrintho  
 Taõ esforçado alento, lhe preparo  
 Nesta fadiga o Espirito preclaro,  
 Com que já se destina tanta gloria  
 A os brilhantes archivos da memoria:  
 Sem trabalho, sem susto, sem tormento,  
 Não pode haver illustre vencimento.

No entretanto lutava com o golfo  
 A cansada afflicção dos Argonautas,  
 Sem saber onde os tinha conduzido  
 A infania do elemento enfurecido:  
 Eis que subitamente se esclarece  
 A face do Orizonte, \*\* e respandece  
 Em hum Iris dourado a sacra insignia  
 Da nossa Redempção: Affonso adora

B 2

O

\*\* Esta bonança alcançada pelo patrocínio do Apostolo das Indias, he a solução do primeiro *nexo*.

O milagroso auspicio ; e alcança agora  
 Mais, que nunca, que o Empireo confirmava  
 A empreza, que no peito meditava.

A os aspectos da Arvore divina  
 Se aparta toda a chusma adulterina  
 Que as nuvens revolvía: No mais fundo  
 Das igneas sombras o Chelydro immundo  
 Confuso se despenha, não podendo  
 Soportar o rancor do gesto horrendo  
 O Signal Sacrosanto; e n'hum instante  
 Pacificou a esphera o seu semblante,  
 Ficando, sem o horror do impulso obsceno,  
 Todo o mar estanhado; e o Ceo sereno.

Acompanhavaõ só a Capitana  
 Nas tristes expressões da furia infana,  
 Com que o Abyfmo bateu a esquadra illustre,  
 Dos Andrades as náos, e a de Pantoja,  
 Pacheco, e Corvinel: as mais arroja  
 A cólera do golfo a varios rumos:  
 Da de Freire, Mancias, e Coutinho,  
 Não há quem dê noticia: Do caminho,  
 Que tomou a de Soufa, Silva, e Mello,  
 Beja, Martins, Noronha, Cunha, e Lima,  
 Não se sabe tambem: a de Pereira,  
 De Fogaça, Lacerda, e a de Silveira

Desgarradas estaõ da Lusa frota ,  
 Sem poder alcançarse-lhe a derrota ,  
 Que seguiraõ na feia adversidade  
 De taõ fera, medonha tempestade.

Mais que na horrivel cósta em que se via ,  
 Com alta dôr, Affonso reflectia  
 Na perda dos amados Companheiros :  
 Fingem-se ao longe os bárbaros oiteiros ,  
 Como toscos gigantes , que assaltavaõ  
 A morada Celeste : Reforçavaõ  
 Tanto arrojo a eminencia dos rochedos ,  
 Que entre os rudos , inhóspitos enredos  
 De emmaranhados bosques, descobriaõ  
 A inchada presumpção com que sobiaõ  
 Mostrando na ficção de tanto alento ,  
 Que era á soberba igual o atrevimento.

A<sup>2</sup> Solitaria areia hiaõ chegando  
 Na suave inspiraçaõ de hum vento brando  
 As quatro náos , que juntas se conservaõ :  
 As filhas de Nereo aqui (\*) reservaõ

B 3

Con-

(\*) Est in secessu longo locus, insula portum  
 Efficit objectu laterum, quibus omnis ab alto  
 Frangitur, inque sinus scindit se se unda reductos.  
 Hinc, atque hinc vastæ rupes, geminique minantur  
 In Cœlum scopuli, quorum sub vertice latè  
 Æquora tuta silent, tum filvis scena coruscis.  
 Desuper, horrentique atrum nemos imminet umbrâ.

Fron-

Contra o furor do mar, o manso abrigo  
 N'humã larga enseiada, onde o perigo,  
 Que encarece o Aquilaõ no golfo irado,  
 Foi sempre destas ondas ignorado.

Apenas pelo feio crystalino  
 Desta praia, entra o miserô destino  
 Dos quatro errantes pinhos, quando a chusma  
 Dos aquáticos monstros, que habitava  
 Nos Ceruleos retiros, onde a quilha  
 Já mais tinha chegado; a maravilha  
 Notando dos hospícios nadadores,  
 Lá no centro dos líquidos horrores  
 Se submerge, dispondo a cobardia  
 De nunca mais tentar a luz do dia.

Manda dár fundo o Herôe no estranho porto  
 Para alli se tomar algum conforto  
 Da passada fadiga; (†) e que se explore  
 Da rústica eminencia se há indício

De

Fronte sub adversa scopulis pendentibus antrum:  
 Intus aque dulces, vivoque sedilia saxo,  
 Nympharum domus: hic fessas non vincula naves  
 Ulla tenent, unco non alligat anchora morfu. &c.

*Æneid. lib. 1. è V. 163.*

(†) Huc septem Æneas collectis navibus omni  
 Ex numero subit; ac magno telluris amore  
 Egressi, optatâ potiuntur Trôes arenâ,  
 Et sale tabentes artus in littore ponunt.

*Ibid. è Vers. 174.*

De pisada, vereda, ou de edificio,  
 Que inculque habitação: Em quanto escala  
 Corvinel com alguns dos navegantes  
 O cume da montanha; o Ceo piedoso,  
 Tendo de tanto impulso procelloso  
 Livrado as outras nãos, as encaminha  
 A quella mesma parte: alegre vinha  
 Dar a noticia a Affonso hum dos pilotos,  
 Quando attendidos via os altos votos,  
 Com que instava os Beatificos Luzeiros  
 Pela restauração dos Companheiros:  
 Vaõ logo à Capitana, onde alternando  
 Os abraços nos júbilos festivos  
 De estarem todos juntos, todos vivos,  
 Alli mesmo devotos reconhecem  
 Os favores Celestes, e agradecem  
 Ao Coro Santo a luz do patrocínio:  
 Não há quem senão firme no desígnio  
 De estender na ventura, ou na desgraça,  
 Por todo aquelle Mundo a LEI DA GRACIA.

Ordena Affonso logo que no tope  
 De todos os navios se levante  
 O Catholico LENHO na figura,  
 Em que o deo a Celeste architectura  
 Por singular da bonança; e ao mesmo tempo

Se forma hum pavelhaõ, onde se erigem  
 As sacrosantas aras, destinadas  
 Da LEI ao sacrificio, em que a incruenta,  
 Divina offerta o espirito alimenta,  
 Servindo em hum incendio, nunca exaustõ,  
 De oblaçaõ, de mysterio, e de holochausto:  
 Assim o fez Nõe, \* assim Affonso,  
 Depois de haver lutado com os mares:  
 Ambos de hum alto impulso focorridos,  
 Ambos a tanto empenho agradecidos.

Consumado o ineffavel SACRAMENTO  
 Outra vez o alvorõço se repete  
 Chegando-o Capitaõ que o Herõe mandara  
 A explorar, da montanha, a nova terra:  
 Disse que a vista da empinada serra  
 Lhe offerecera o que nunca imaginara,  
 Que se achasse na parte mais remota:  
 Que huns dilatados valles se extendiaõ  
 Da outra banda do monte, e que serviaõ  
 De pasto a muitos gados conduzidos  
 Por gente taõ inculta, que os vestidos  
 Eraõ só pèlles de animaes ferozes:

Nos

\* Locutus est autem Deus ad Nõe, dicens: egredere de arca ---  
 Egredus est ergo Nõe --- Ædificavit autem Nõe altare Domino; & tollens  
 de cunctis pecoribus, & volucris mundis, obtulit holocausta super altare.  
 Genes. 8. — 16, 18, & 20.



Nos seus robustos membros tão velozes,  
 Que voltavaõ os toiros na carreira:  
 De estatura tão grande, e tão grosseira,  
 Que estava imaginando que alli vira  
 Quanto em Trinacria a fabula mentira.

Sem duvida, Senhor, que dos gigantes (¶)  
 (Exclama o Capitaõ) a patria he esta,  
 Nunca ategora à Europa manifesta:  
 Guardada há tantos annos, e patente  
 Hoje só para nós, onde o valente,  
 Excelso braço de hum valor invicto  
 Se illustrará no barbaro conflicto,  
 Dando mais este assumpto à egregia chama,  
 Que sustenta o pregaõ da nosã fama.

Pasmado fica o nautico congresso  
 De Corvinel no informe; e neste affombro

In-

(¶) Não pareça iverosimil que eu introduza neste Poema huma Provincia de gigantes, depois que tantos AA. tem trabalhado para negarem a sua existencia. Eu não fallo aqui dos gigantes, que fingiraõ os Poetas Gregos, com o nome de Encelados, Typhcos, Briareos, a quem deraõ pés de serpentes, e cem maõs, e cem braços, com outras monstrosidades, que não cabiaõ, nem ainda nos disparates das Fabulas. Fallo de huns gigantes verosimeis: e de que os houve desta sorte, não se pode negar, sem temeridade; pois a Biblia faz menção de que Gog tinha nove covados de altura, e Goliath seis, & hum palmo. Nem se pode recorrer a que isto foi huma extravagancia da Natureza em hum, ou dois individuos; porque S. Gregorio Nazianzeno, Orat. 30, é Philastr. Hæres. 39, dizem que Goliath era da geraçõ dos Gigantes: *erat enim de stirpe gigantum.*

Alcm

Inda ignorante estã da quelle clyma,  
 A que o levara o arrojo da tormenta:  
 Affonso no Astrolabio ver intenta  
 A altura, em que se achavaõ: Nelle encontra  
 A nova admiração de estar a esquadra  
 Sobre as terras Austraes; aonde Apollo  
 Aos que estaõ já debaixo deste Polo,  
 Gira a sombra; e lhes dà na Zona fria,  
 De Periscios o nome a Geographia.  
 Entaõ he que alcançaraõ que a violencia  
 Que os levou a taõ horrida distancia  
 Naõ cabia na ràpida vehemencia  
 Do Noto, ou do Aquilaõ: maior instancia  
 Os havia impellido; e deste encanto  
 Nascia nova causa a novo espanto.  
 Nesta Provincia incognita se estende  
 Hum dilatado Imperio, que depende  
 Do absoluto dominio de Hunnathilpha,  
 Rei barbaro, mas docil, generoso,

Ma-

Alem disto a mesma Escriptura em outros muitos lugares como no Cp. 14.  
 do Genes; no 13, e 14. de Josuè, faz menção da casta dos Gigantes. E não  
 só havia huma, porem muitas com nomes diferentes.

Huma, como nota S. Jeron. ao mesmo Cp. 14. do Genes; se chamava  
*Emim*: outra *Raphaim*, como adverte Andr. Mas. aos referidos Cpp. de Josuè,  
 outra *Enakim*, que eraõ os descendentes de Enac, de que fazem menção os  
 mesmos Cpp. Os AA. pagaõs, que não tiveraõ noticia da Escriptura, tam-  
 bém aceitarã a existencia dos gigantes; assim como Cef. de bell. Belg. lib. 1.  
 Tacit. de morib. German. lib. 2. Flor. lib. 3. cap. 3. seguiu com melhores lu-

Magnanimo , constante , bellicoso ,  
 Onde a razão nas sombras da incultura ,  
 Se não se exalta , não se desfigura .

Era da mesma especie dos gigantes ,  
 Porem a corpulência dos seus membros  
 Não desordena o harmónico composto :  
 Na proporção ardente do seu rosto  
 Brilhava huma robusta magestade :  
 De hum conforcio feliz na suavidade  
 Vivia com Aluntha , que em tres filhos  
 De hum parto , tinha prosperado o leito :  
 Hum se chamava Artale , outro Quinèle ;  
 E o terceiro Amalinta : Dama altiva ,

E

zes a mesma opinião Santo Agostinho , e não se apartou della Jeron. Mag. Missell. de Gigant. Chassag. de Gigant. Kirker Mund. subterr. lib.8. S. 12. c. 4; e outros muitos. E delles nos dão mais frescas memorias os AA. modernos. Na Histor. do Perú , escripta pelo Ynca Garcilazo de la Vega se afirma que quando chegarão os Hespanhães a esta Provincia havia nella a certeza de que huma das suas comarcas , havia poucos annos ; que tinha sido habitada por Gigantes ; a que nenhum homem de estatura regular chegava aos geolhos. O famoso P. Acofta , tão venerado pelas verdadeiras noticias , que nos deu da America no liv. 1. cp. 19 , e no liv. 7. cp. 3 ; e o P. Ovalle na sua Histor. de Chil. lib. 3. cp. 3. fazem menção dos Gigantes , que se acharão neste novo Mundo ; e nelle são mui celebrados os que se chamaõ Caucahües.

Mr. Frizier prodúz varias testemunhas oculares , e dignas de toda a fé , de que estes gigantes são de nove ate dèz pés de altura.

Pelas relações dos Hespanhães , que descobrirão o estreito de Magalhens , consta que na quella terra se acharão gigantes , a quem elles deraõ o nome de Patagoens.

Algũs Francezes , que foraõ ao depois ao mesmo estreito , e que os não virão contestarão estas noticias ; porem esta contradicção tem facil resposta ; pois po-

E ao mesmo tempo affavel : semelhantes  
De tal forte no corpo , e nos semblantes ,  
Que a aguda vista na attençaõ , que invòca ,  
Quanto mais firme està , mais se equivòca.

Com a sombra mais alta instava a noite ,  
Em que Hunnathilpha ao sono tinha entregue  
A soporosa nevoa dos sentidos ,  
Quando do globo Ethereo desprendidos  
De hum sacro Nuncio \* os aureos resplandores ,  
Lhe esclarece os pacificos horrores  
Do mudo alento ; e a vòz do claro objecto  
Intima ao Rei dormente , este decreto.

No lago dos Tritoeus se acha ancorada  
Huma frota da gente Portugueza;

Do

podiaõ vellos os Hespanhòes, e os Francezes aportariaõ noutra parte, aonde os não houvesse; e por outros Francezes consta que foraõ vistos. O Francez Mr. Nolin, foy nro Geographo do Rei de França Luiz XV. na sua Descripção da America os dá por verdadeiros. O referido Frizier confirma a sua existenciã com Antonio Pigafeta, author do Journal de Magallan; e com a Histor. da Conquist. das Maluc. de Bartholomeu Leonardo de Argensola; aos quaes ajunta as aſſeveraçoens de Sebald de Wert, de Oliverio Noort, de George Spilberguen, e de Guilhelmo Scouten.

(\* ) Os nossos Criticos se achão tão delicados, que talvez lhes possa parecer outra ivereſemilhaça, o apparecer hum Anjo a hum Rei, tão barbaro, como agora se imagina Hunnathilpha, e que lhe traga huma embaixada do Altissimo.

A' Abimelech, Rei de Gerara, appareceu tambem em sonhos, não hum Anjo, mas o mesmo Deus para que restituisse à Abraham sua Esposa Sara. Conta do Cp. 20 do Genef. V. 3, e 7. e não podemos suppor menos barbaro

Do soberano Nume sempre amada  
 Pela sua invencivel fortaleza,  
 Pela LEI, e por todo o zelo ardente,  
 Comque serve à Deidade Omnipotente:  
 Rege esta armada hum Capitão insigne  
 Em piedade, em valor, em Fé constante,  
 A quem Deos, como hum raio fulminante  
 Destina, com egregia antonomasia,  
 Para ver aos seus pés o horror da Asia.

Naõ foi o mar, a cólera do Abyfmo,  
 Sempre prompta a offender o Christianifmo,  
 Foi quem o trouxe do Oriente ao Austro,  
 Sobre os hombros da escuma enfurecida:  
 Deos te ordena, que a esquadra combatida  
 Das iras infernaes, benigno hospèdes:

Se

a Abimelech, do que a Hunnathilpha, porque Gerara era hum Reino, em que Abraham suppunha que naõ havia algum temor de Deos. *Perfican non est timor Dei in loco isto.* Huma, e outra advertencia foi pelos mesmos termos: o Anjo disse a Hunnathilpha, que se amparasse os Portuguezes, faria prospero o seu Reino: se os perseguisse, que temesse a ira Divina: e Deos disse a Abimelech *Redde viro suo uxorem. . . Et viues: si autem nolueris reddere, fito quod morte morieris.* Ainda em hum Atheo naõ ficaria impropria a admoestação.

Deste modo (diz Lufan) podem obrar tambem com os Atheos as inspiraçoens divinas; porque estes ainda que naõ reconheçaõ a Deos, com tudo isso naõ deixaõ de estar sujeitos ao seu poder, e inspiraçoens. Bem Atheo era Mezenzio na Eneida, e Virgilio naõ achou alguma incongruencia a que elle entrasse a combater com Eneas por inspiraçoõ de Jupiter.

At Jovis interea monitis Mezentius ardens  
 Succedit pugnæ, Teucrosque invadit ovantes.

lib. 10. V. 689.

Se o amparo do teu folio lhe concedes,  
 O sceptro alentaràs com mão robusta:  
 Se a recebes talvez com força injusta,  
 Teme, O' Rei, do teu Reino na bonança  
 De hum Deos irado a súbita vingança.

Disse ; e batendo as azas se remonta  
 Nos celestes espaços : Hunnatilpha  
 Acorda espavorido , e não se atreve  
 A duvidar de quanto o Nuncio teve  
 Proposto à sua ideia : Logo manda  
 Convocar toda a Corte ; expoemlhe o sonho :  
 Eu (diz) ninguem o encontre , eu me disponho  
 A buscar esta gente , que hoje ampara  
 Tanto o favor da Maquina preclara :  
 Eu a conto entre o numero dos Deoses ;  
 Pois Nação , que propoem , e patrocina  
 Hum Deos , que os Reis levanta , e os Reis inclina ,  
 Não pode ser humana , de outra essência  
 Virà talvez a sua descendencia.

Se Vòs , Senhor (lhe diz o velho Arguntho  
 Hum seu antigo Conselheiro) ouvirme  
 Em successo tão raro , como novo ,  
 Vos dignais , não direi que aqui reprovoo  
 Esse primeiro ardor da vossa ideia :

Se elle a vosso discurso lifongea,  
 Certamente seria o reprovalllo  
 Faltar à submissãõ de hum fiel Vassallo:  
 Digo sò que mandeis ao sitio, aonde  
 Aportou esta armada, a prevenilla  
 Desta vossa visita: não se offenda  
 Na dũvida talvez que se pertenda,  
 Sem lhe dar o seguro da mensagem  
 Encobrir outro intento na hospedagem.

Por este mesmo sonho, que tivesteis  
 Sabemos que esta gente he taõ guerreira,  
 Que sò com este impulso habita os mares;  
 Vendo pois o magnifico concurso,  
 Comque daqui a procurallos vamos,  
 Não podem comprehender que os procuramos  
 Ou de guerra, ou de pãz; e este receio  
 Pode desordenar o suave meio  
 De sermos recebidos com decoro,  
 E chegue a precizar, se a causa se erra,  
 A que, em lugar da pãz, se traga a guerra;  
 Offendendo a Deidade preeminente,  
 Que està tanto da parte desta gente.

Eu me convido a fer o mensageiro  
 Do vosso excelfo arbitrio; e não duvido

Que

Que seja com decencia recebido  
 De huns homens de taõ altas qualidades,  
 Que tem em seu focorro as Divindades.

Affim diz : Hunnathilpha o aviso approva,  
 E Arguntho nelli instante , a espada curva  
 De hum Dromedario opprime , e parte aonde  
 Se achava sobre o ferro a Lusa armada :  
 Quasi secenta milhas tinha a estrada,  
 Que hia da Corte à costa , e já descia  
 De Phebo o coche para a urna fria,  
 Quando o regio sollicito Emissario,  
 Em cima do ligeiro Dromedario,  
 A os olhos se offereceu dos navegantes:  
 Chega à praia , e levado à Capitana,  
 Não ha quem não presuma que se engana  
 Na estatura de Arguntho , pertendendo  
 Negarse ao mesmo objecto , que está vendo.

Em cima do convêz deu a embaixada  
 Por não caber na câmera : Tres vezes  
 Diante do capitão dos Portuguezes  
 Inclinou a cabeça nos geolhos ,  
 Com movimento airoso : A ti , ò grande,  
 O<sup>o</sup> felice mortal ( se a fortaleza ,  
 Que o Ceo te dà de humana natureza  
 Pode ser produzida ) A ti me envia



O Imperador da vasta Monarquia,  
 Que nesta larga còsta se dilata,  
 Para darte a saber que a furia ingrata,  
 Comque te insulta o mar, há poucas horas,  
 Que lhe veio à noticia; e desejando  
 Que hum bom asylo, acolhimento brando  
 Exprimentes em todo o seu dominio,  
 Me manda que te informe do desinio  
 Desta hospitalidade, que te offrece;  
 E se acaso este obsequio te merece  
 Alguma recompensa, lhe permittas  
 O gosto de que nesta mesma parte  
 Te possa ver, e possa vizitarte:  
 Que a gloria mais sublime do seu throno  
 He buscar hum Varaõ, que tem o abono  
 Daquella Maõ suprema, e Luz eterna,  
 Que fortalece o Mundo, e o Ceo governa.

Os Capitaens se achavaõ suprendidos  
 Da Civil Nunciatura; a que responde  
 Mui socegadamente o invicto Affonso:  
 Que elle as graças rendia a taõ benigno  
 Taõ illustre Monarca; e se era digno  
 De que tanto favor lhe concedesse,  
 Que seria o mais raro, que fizesse  
 A gente Portugueza; e o prevenira,

Hindo primeiro a vello, se admittira  
 O cargo, em que se achava huma dispensa,  
 De lhe poder tomar esta lisença.

Pertende entaõ que o Nuncio se demore  
 Por se informar de tudo o que convinha  
 Da Corte, Reino, e Rei, mas naõ detinha  
 Nenhuma persuaçãõ o ancioso Arguntho,  
 Pelo gosto, que leva da reposta:

Na fralda da montanha faz a cõsta  
 Huma alegre planicie, aonde enlaçados  
 Os braços de alguns troncos ignorados,  
 Edifica entre as barbaras areias  
 O mais frondoso hospicio das Napeias:  
 Quer o Herõe que este sitio se entapize;  
 Que o entervãllo das plantas se matize,  
 Com huns pannos de rãz de varias cores;  
 Que se formem nos ramos superiores  
 Diverfos pavelhoens; e se dividaõ  
 Cõxins entre os tapetes; e aqui manda  
 Que se espere Hunnathilpha; e que vestidos  
 Do adorno militar a sala cerquem  
 Aquelles fortes, e inclytos guerreiros,  
 Que escolheu nesta açcaõ por companheiros.

Fronteira ao valle ordena que se ponha  
 A armada toda em linha, dominando  
 As bombardas a còsta de huma parte,  
 Da outra a boca ao mar; e desta sorte  
 Misturou com o horror do fero Marte  
 O apparatus magnifico da Corte,  
 Prevenindo o valor, com a prudencia,  
 As cegas distraçoens da contingencia.

Já neste mesmo tempo pelo monte  
 Vinha descendo a horrenda comitiva,  
 De que o Rei corpulento se acompanha:  
 Huma maravilhosa perspectiva  
 Offrecia a fachada da montanha  
 No concurso dos bàrbaros Colossos:  
 Os troncos mais antigos, e mais grossos  
 Parece que na ferra se arrancavaõ,  
 E que em varias fileiras caminhavaõ  
 Para formar na praia outro arvoredó:  
 Causara horror, e espanto, angustia, e medo  
 A vista de espectáculo taõ novo,  
 Se podera hum estímulo profano  
 Amodrentar o peito Lusitano.

Em hum andor de estranha architectura  
 Se enthroniza a terrifica estatura

Do robusto Hunnathilpha, conduzido  
Nos hombros dos mais vâldos gigantes:  
Formado estava de hum metal brunido,  
Com matizes das pedras mais brilhantes;  
E em doze balaústes se softinha  
Hum alto pavelhão, onde a escarlata  
Luzia mais, que o oiro, remontado  
Hia de forte o throno sublimado,  
Que fingia na maquina rotunda  
O aspecto de huma torre vagabunda:  
De huma roupa talar, tecida em oiro,  
Vestida vinha o Rei; e hum manto traça  
De panno carmesí, todo forrado  
De finissimas pelles; todo orlado  
De esmeraldas, topacios, e zaphiras:  
O cinto aperta hum camapheo luzente;  
Delle pende hum terçado, tão brilhante,  
Que parece se fez de hum só diamante:  
No diadema se empenha o claro Oriente  
A mostrar os thesoiros, em que a aurora  
Alenta tanta mina brilhadora:  
De coiro mais cheiroso, que as algalias,  
As correias se tecem das sandalias,  
Com fechos de rubis, aonde a grandeza,  
Pizando, exalta mais tanta riqueza.

Na espadao desigual de dois Camellos  
 Quinèle, e Artàle o Rei aos lados leva:  
 Vaõ diante os nobres, imitando o traje  
 Da Familia real: cinge o concurso  
 Hum ferôz esquadraõ, que o Tigre, e o Urso  
 As pelles lhe concede, para gala  
 Do apparatus guerreiro: Busca a sala  
 O Rei, e a Corte; e entaõ de huma cadeira,  
 Que tolda hum panno rico, se ergue Affonso,  
 E á portada do sitio, aõnde o esperava,  
 Guia com grave aspecto o seu desejo  
 Para a parte mais digna do cortejo.

Fica no andor o Rei; pois naõ cabia  
 N'outro menor lugar; os Gemeos ficaõ  
 No assento de Hunnathilpha: divididos  
 Os outros seguem no redondo bosque  
 Toda a verde extensaõ, que forma o valle:  
 Volta à cadeira Affonso; e antes que falle  
 Deixa pôr em socego o movimento,  
 Que causa a novidade do portento.

Mas estando o murmureo quasi extinto,  
 Eisque no mar se exprime o horrendo estrondo  
 Dos Nàuticos applausos, dando a salva  
 A' chegada do Rei: Duzentas bocas

No igneo arrojô das entranhas ocas  
 Dos fervidos canhoens, horrivelmente  
 Vomitaõ com furor, e impulso ardente  
 Entre infufriveis, rápidos estoiros,  
 A súbita violencia dos peloiros.

Nas cavernas das rochas retumbaraõ  
 As expreffoens sulfureas; exclamaraõ  
 Das agoas nas alcobas mais profundas  
 Os accents das vozes furibundas:  
 Pasmouse dos gigantes o congresso,  
 Porque nunca ja mais com tanto excesso  
 Tinha visto fallar o ceo irado:  
 Julgaõ que o mesmo Ceo tinha deixado  
 Os raios, e os trovoens aos Portuguezes:  
 Esta ideia, que fobe muitas vezes  
 Ao feu discurso inerte, lhe confirma  
 A apprehenfaõ, de que a gente Lusitana  
 Tem mais sublime ser, que a especie humana.

Foi necessario haver este conceito  
 Para manter a esquadra no respeito  
 Dos hospedes membrudos; pois notando  
 Que a grande differença da estatura  
 Nos faz taõ defiguaes do feu esforço,  
 Sem aquella apprehendida qualidade,

Mudar-se-ia em desprezo a novidade.

Naõ desconhece o Herõe nos varios gestos  
Dos confusos gigantes, os discursos,  
Que formão com o estrondo das bombardas:  
Parece (diz ao Rei) que te suspende  
Este tremendo ruído, que se estende  
Com taõ medonha, taõ fatal reposta  
Por toda a larga frente desta cõsta:  
Naõ estranhes os gritos formidaveis,  
Comque brama o metal: estes clamores  
Do indignado Mavorte entre os horrores  
De hum càlido rumor, o obsequio inculcaõ,  
Que se ostenta na pãz; e ao mesmo tempo  
Saõ raios, e trovoens, comque se aterra  
O inimigo nos impetos da guerra.  
Esta salva do mar he cerimonia  
De huma guerreira esquadra; e he todo o applauso,  
Que te pode fazer na regia entrada,  
Com que dàs tanta honra à nossa armada.

Socega desse affombro, que te move  
Hum impulso mais fero, que o de Jove:  
Tudo em nõs he cortejo; e he tudo empenho  
De hum festivo argumento que medita  
A excelsa admiraçaõ desta visita.

Disse ; e manda que as mezas se preparem ;  
 Com todos os manjares destinados  
 Ao banquete real : Cem marinheiros  
 Aos mais destros peritos cofinheiros  
 De toda a esquadra tinhaõ neste dia  
 Promptamente ajudado : Quanto havia  
 Para dar o sustento em mezes quatro ,  
 Quasi tudo se applica ao grande theatro  
 Das redondas cobertas : Neste tempo  
 Pela alegre extensaõ do verde hospicio  
 Entraõ vinte gigantes , carregados  
 Do presente , que à Affonso o Rei offrece ;  
 E se he , talvez naõ sabe inda a grandeza ,  
 Maior a raridade , que a riqueza .

Eraõ texturas de oiro , e de escarlata ,  
 Pannos tecidos de diversas plumas ,  
 Outros bordados de brilhante aljofar :  
 De perolas , pyròpos , e jacintos ,  
 Diverfos , e luzentes labyrinthos :  
 Teias de hum artificio taõ delgado ,  
 Que parece que foi purificado  
 Entre os dedos da aurora : Varias pelles  
 De differentes cores , e taõ finas ,  
 Que as martas , e inda as mesmas zebelinas  
 Aqui perdem o preço : Tres rebanhos



De vacas, de carneiros, e de corças,  
Que na grandeza fingem nova especie,  
Os tem fora da porta os conductores  
Para fazer a entrega: Os directores  
Do banquete nas mezas já dispunhaõ  
A vasta multidaõ das iguarias,  
E em taõ grande abundancia se receia  
Naõ serem tantas profusoens bastantes  
Para a voracidade dos gigantes.

O liquor, comque Jano alegra o Mundo;  
Lhes parece mais nobre, e mais jucundo:  
Liquor sempre ignorado desta gente:  
O vorâz esquadraõ se poem contente  
Com as taças purpureas; e a bebida  
Mais os firma na ideia concebida  
De naõ fermos mortaes, imaginando  
Que nectar de taõ raras suavidades  
Era só reservado às Divindades.

Depois que as mezas levantadas foraõ  
Disse o Rei ao HEROE: Taõ satisfeito,  
Taõ alegre, e gostoso me imagino,  
Que naõ posso negar que o meu destino  
Taõ felice me fez, que ver podesse  
Os Deoses na figura dos humanos:

Dei-

Deidades sois; o' nobres Lusitanos,  
 Bem que homens pareceis: Esta estatura,  
 Que tanto nos disforma, e desfigura,  
 Não a reputo já por excellencia:  
 Agora me parece a corpulencia  
 Huma monstruosidade; e os vossos membros  
 Reconheço na boa symmetria  
 Da justa proporção: Eu me fingia  
 Quanto maior, mais regio, e venturoso;  
 E hoje estou persuadido, que se os Numes  
 Houvessem de tomar a forma humana,  
 Sò seria a da gente Lusitana.

Este illustre respeito, que vos tenho,  
 Altamente me põem no ancioso empenho  
 De saber donde vem a vossa origem:  
 Em que parte do Mundo, em que distritos  
 Habitais; que costumes, leis, e ritos  
 Observa o vosso Rei, que acçoens estranhas  
 Vos tem condecorado; que façanhas  
 Tem feito o vosso espirito sublime:  
 Se permittis agora que se estime  
 A supplica de hum Rei, daime este gosto:  
 Não me finjais tão rude, e tão grosseiro,  
 Que às luzes de hum esforço verdadeiro  
 Não saiba dar o mèrito devido:

Declarai-me o que tenho concebido  
 De tão alto esplendor, e não presuma  
 A vossa descripção, que esta memoria  
 Se faz indigna aqui da vossa gloria.

# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

## CANTO II.

**Q** Ueres, ó Rei, q̃ eu diga \* a nossa origem  
 (Principia o HEROE) nossos costumes,  
 Nossos ritos, e leis, nossas empresas:  
 Quizera q̃ outro houvesse que as contasse  
 Com mais pomposo estylo, e te informasse  
 Com a vóz de hum espirito facundo  
 De como a nossa fama gira o Mundo,

Po-

\* Infandum Regina jubes — —

*Virg. lib. 2. in princ.*

Mandaf-me ò Rei que conte, declarando  
 De minha gente a graõ genealogia.

*Cam. Cant. 3. est. 3.*

Pois a minha expressãõ não desconhece,  
Que a boca em louvor proprio se envilece.

Supponho que bem sabes que o Universo  
Fâz frente a quatro faces: Austro, e Norte,  
Com Oriente, e Occidente: Nesta parte  
Se exalta a Lusitania: O fero Marte  
Patria a tem feito sua: O Rei primeiro,  
Que deu a Portugal todo o luzeiro  
Que pôde esclarecer a Monarquia  
Afonso se chamou: Tal valentia  
Lhe concede a Beatifica assistencia,  
Que o Reino de huma barbara violencia,  
Comque estava invadido, desfoga:  
He este aquelle Rei, que a gloria teve  
De receber o escudo victorioso  
Da propria mão de Deos: escudo santo,  
Que a todos nos propoem com alto espanto  
O thesoiro immortal das chagas cinco,  
Comque o mesmo Senhor venceu o Inferno,  
Livrando as almas do supplicio eterno,  
Aonde infelizmente as tinha atado  
A primeira miseria do peccado.

Ef-

Que outrem possa louvar esforço alheio,  
Cousa he que se costuma, e se deseja;  
Mas louvar os meus proprios arreceio,  
Que louvor taõ sospeita mal me esteja.

*Ibid. est. 4.*

Este DEOS, que na Cruz soffreu a morte,  
 Por nos remir dos laços de hum tyranno,  
 He o que adora o Povo Lusitano:  
 DEOS supremo, piedoso, immenso, forte,  
 Justo, affavel, terrivel, e clemente,  
 Que não quer outra Fê mais, que a Romana,  
 Nem que tenha outro Deos a gente humana.

Os preceitos, que unio à Lei divina,  
 São preceitos tão doces, que a ferina  
 Liberdade de hum peito dissoluto,  
 Não pode conceber neste Instituto  
 Dictame, em que a razão se julgue alheia:  
 Nos mysterios a mais brilhante ideia  
 Se pasma em conhecer que a cada instante  
 He tão grande o favor de hum DEOS amante,  
 Que no mais soberano Sacramento  
 A si proprio se dá por alimento.

Conforme as luzes dos excelsos lumes  
 Se dispoem nossas leis, \* nossos costumes:  
 A atrocidade, o escândalo, a cubiça  
 São de nós ignoradas: A justiça  
 Se rege com a regra sempre inteira  
 De ninguém, ou na dita, ou na desgraça

Fo-

\* Representaõ-se aqui as qualidades mais principaes de hum verdadeiro  
 HEROISMO.

Fazer o que não quer, que se lhe faça:  
 Aborrecemos a brutal soberba:  
 Nunca já mais quizemos que hum rendido  
 Sentisse o nosso ferro: O presumido,  
 O arrogante, o imperioso, he que experimenta  
 Das nossas forças a oppressão violenta.

Vencer o altivo, consolar o debil  
 He toda a lei na nossa heroicidade:  
 Mais, que as armas, o rogo nos persuade;  
 E nunca consentimos a insolencia  
 De querer fogueitarnos a violencia

De huma, e de outra fortuna o infiel decreto  
 Foi sempre ouvido com igual aspecto,  
 Taõ firmes na bonança, e no agasalho,  
 Como constantes em qualquer trabalho:  
 A vigilia, a fadiga, a sede, a fome  
 A calma, o frio, o vento, não consome  
 O nosso illustre esforço: O Ceo sereno,  
 O golfo inchado, o mísero terreno,  
 O fructifero clyma, não confunde  
 O nosso coração: Da mesma sorte  
 Vemos o gesto pallido da morte,  
 Que os alentos da vida: Indifferentes  
 São para nós as sombras inclementes

Da carranca do fado, e essa doçura,  
 Que nos propoem o riso da ventura:  
 O alegre aviso, o tragico desgosto,  
 Sempre em nós conhece o mesmo rosto.

Dos nossos Reis mais filhos, que vassallos  
 Todos os Portuguezes se reputaõ:  
 Esta regia bondade nos empenha  
 A sermos taõ leaes, q̃ inda que venha  
 A traçaõ revestida do soborno,  
 Ou da utilidade, ou da esperanza,  
 Naõ faz a persuasaõ outra mudança  
 Das nossas almas no interior conflicto,  
 Que detestar a infamia do delicto:  
 He taõ forte a obediencia, \* q̃ lhe damos,  
 Que para obedecer naõ esperamos  
 Mais, que hum aceno só do seu semblante:  
 Baixaremos às portas de diamante,  
 Como o ousado Theseo, e o fero Alcides,  
 A quebrarlhe os ferrolhos; e entre as lides

Dos

\* Imaginai taõ grandes aventuras,  
 Quaes Euristheo a Alcides inventava:  
 O Leão Cleoneo, Harpias duras,  
 O porco de Erymantho a Hydra brava:  
 Descer em fim às sombras vans, e escuras,  
 Onde os campos de Dyte a Estyge lava;  
 Porque a maior perigo, a mór affronta  
 Por vós, ò Rei, o espirito, e carne he pronta.

Dos monstros infernaes, bem que Charonte  
 Encolerize o gesto, arrugue a fronte,  
 Faremos que o Cerbero às nossas plantas  
 Sogeeite o immenso horror das tres gargantas.

Com este doce Imperio a Affonso seguem  
 Dois Sanchos, tres Affonsos, e hum Dionyzio,  
 Affonso o bravo, e Pedro o justiceiro,  
 Que a fama leva, com a mesma gloria,  
 Ao templo inalteravel da memoria.

Desta estrada se aparta o Rei Fernando,  
 Que com a inclinação do genio brando,  
 Sem que em alta proeza se assignale,  
 Se perdeu no regaço de outra Omphale,  
 Envilicendo o nome Lusitano  
 Com a mesma fraqueza do Thebano.

Por este só descuido esteve em termos  
 De a estranho Rei passar a Monarquia;  
 Porém Joaõ, com alta valentia,  
 Tirou das garras ao Leão Iberio  
 A preza militar do illustre Imperio;  
 Que Duarte sustenta; e Affonso quinto  
 Amplifica entre o bárbaro recinto,  
 Que na Africa o Moiro ancioso guarda;



E tudo o que nas armas lhe confome ,  
De *Africano* lhe dá o egregio nome.

Outro João nos vem , e taõ insigne  
No esforço , na prudencia , nas virtudes ;  
De todas as Provincias taõ aceito ,  
Que o título de Principe perfeito  
Conseguiu , raras vezes concedido  
Na trombeta doirada : Este appellido  
Talvêz que o arrebatasse a novo applauso ;  
Pois este foi o espirito sublime ,  
Que concebeu o ousado pensamento  
De arvorar , com glorioso atrevimento ,  
A pezar dos indòmitos alfanges ,  
As nossas Quinas no crystal do Ganges.

Fronteiro a este Polo , em q̃ hoje estamos ,  
Muita parte do Reino de Neptuno  
Occupa de hum penhasco o corpo horrivel ,  
Em que a còsta Africana alli fenece :  
Com membros taõ disformes , que parece  
Que podera formar hum novo Mundo  
Na dura corpulencia , que dilata  
A pezada extençãõ : O mar retrata  
O seu enorme aspecto na figura  
De hum terrífico Encêlado ; procura

Thetis fugir da sombra , reflectida  
 No espelho das escumas : Suspendida  
 Fica a luz ; e inda affecta que tem medo  
 De se chegar ao bárbaro penedo.

Mais ousadas as ondas se commovem  
 De frente da montanha ; pois não cessão  
 De a combater por huma , e outra parte ,  
 Para assaltar a rústica muralha :  
 Permanece em horrífica batalha  
 O golfo , com a terra , onde sustenta  
 Em cada ataque o horror de hũa tormenta.

Lá ao longe o atrevido navegante ,  
 Assombrado do funebre semblante ,  
 Comque se encrespa o monte , não se atreve  
 A examinar a acção da taboa leve :  
 O mesmo assombramento , o mesmo espanto  
 Nestas ondas lhe finge algum encanto ;  
 E ao frequente bramido das procellas ,  
 O leme falsifica , e volta as velias ,  
 Dando àquelle temido promontorio  
 O título infelíz de Tormentorio.

No tempo deste Rei houve argonauta ,  
 Que em huma caravella teve o arrojo

De chegar a vencer o fero impulso,  
 Comque o golfo indignado alli gemia:  
 Que temerario intento, que ousadia  
 Não se dará na humana travessura  
 Depois de se emprender esta aventura?

Tão inaudita, tão ousada empreza  
 Confirma o Rei nas altas esperanças  
 De illuminar o thalamo da aurora,  
 Com a nossa bandeira vencedora;  
 E de ver no seu século cumprido  
 O que se tinha a Affonso promettido:  
 Porem a morte intempestiva cõrta  
 Todos estes alentos; reservados  
 Os havia a intençaõ de occultos fados  
 Do invicto Successor ao peito illustre:

Quando a sombra da noite os orbes tinge,  
 Se diz que ao Rei em sonhos se lhe finge  
 Nas urnas orientaes de adusto jaspe  
 A figura do Ganges, \* Indo, e Hydaspes,  
 Que o chamaõ de entre os barbaros enredos  
 A desfatar o horror dos seus segredos:

D 2

E

\* O' tu, a cujos Reinos, e Coroa,  
 Grande parte do Mundo está guardada:  
 Nos outros, cuja fama tanto voa,  
 Cujã cerviz bem nunca foi domada,

E acordando excitado deste auspicio,  
 Se resolve a que ¶ os pinhos furcadores  
 Correspondaõ dos rios aos clamores,  
 Dando as nãos a os estímulos incertos  
 De mares, nunca dantes descobertos.

De entre os Vassallos de mais alta fama  
 Escolhe o valeroso, o illustre Gama  
 Por Capitaõ da Esquadra: Toda a Europa  
 Vendo nas ondas a atrevida poppa,  
 Com semelhante intento, espavorida  
 Ficou na maravilha imaginaria  
 De huma ideia taõ louca, e temeraria.

Desfraldaraõ-se os pannos; e correndo  
 Pela costa Africana deraõ vista

Das

Te avifamos que he tempo que já mandes  
 A receber de nós tributos grandes.

-----  
 Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
 Estoutre he o Indo -----

*Lusíad. Cant. 4. est. 73, e 74.*

¶ Determinaõ o náutico aparelho,  
 Para que com sublime coração,  
 Vá a gente, que mandar, cortando os mares,  
 A buíscar novos climas, novos ares.

*Ibid. est. 76.*

Das terras, onde Antheo \* o Reino funda:  
 Appareceu a Ilha, que se innunda  
 De hum bosque taõ fechado, que inda insiste  
 Em tomar na maritima carreira  
 O antigo sobrenome \*\* da Madeira.

Massilia, ¶ q̃, com triste, ardente inopia,  
 Sepàra infelizmente a negra Etyopia  
 Da ruda Barbaria, o aspecto arruga.  
 Contra o cabo Arfinario, que vestido  
 De huma continua relva, o nome perde,  
 Pois os nosllos lhe chamaõ Cabo verde.

As Ilhas já se offrecem, que chamadas  
 Foraõ em outro tempo, † Fortunadas:  
 As famosas Hespèrides se expunhaõ

D 3

Don-

\* De Mauritania os montes, e os lugares,  
 Terra, que Antheo hum tempo possuiu:

*Ibid. Cant. 5. est. 4.*

\*\* Passamos a grande Ilha da Madeira,  
 Que do muito arvoredo assim se chama.

*Ibid. est. 5.*

¶ Deixamos de Massilia a estèril costa

-----  
 Que aparta a Berberia da Etyopia

*Ibid. est. 6.*

† Passadas tendo já as Canareas Ilhas  
 Que tiveraõ por nome afortunadas.

*Ibid. est. 8.*

Entramos navegando pelas filhas,  
 Do velho Hesperio, Hesperides chamadas

*Ibid.*

Donde colhe a invencivel fortaleza  
 De Alcides, a fatídica riqueza  
 Da quelles pomos, que o dragaõ guardava  
 Em hum tronco, que o Oiro vegetava.

Mais àvante não há quem não distinga  
 As rochas de Gelofo, § e de Mandinga;  
 Provincias, em que o mesmo metal loiro,  
 Em cada monte aníma outro thesoiro.

As Dòrcadas ☞ fostem o horror antigo  
 Das tres feras Irmans; e ainda confusa  
 Se acha alli a memoria de Medusa,  
 Com que o effeito mortal dos tres semblantes  
 Em pedras convertia os navegantes.  
 Primeiro alcança a Lusitana proa  
 A ferra, \* que se chama de Leõa,  
 Do que o cabo das palmas: Já caminha  
 Perto da quella dilatada Linha

Que

§ A Provincia Gelofo, que reparte  
 Por diversas naçoens a negra gente:  
 A mui grande Mandinga, por cuja arte  
 Logramos o metal rico, e luzente.

*Ibid. est. 10.*

☞ As Dòrcadas passamos povoadas  
 Das Irmans, que outro tempo alli viviaõ.

*Ibid. est. 11.*

\* Deixando a ferra asperrima Liba,  
 E o Cabo, a quem das palmas nome demos.

*Ibid. est. 12.*

Que em duas partes divide o grande corpo  
Da Terra; a onde a Ilha se apprezenta  
Do incredibile Varaõ, \*\* que duvidava  
De tudo o que não via, nem tocava.

Ve-se o Reino de Congo, ¶ convertido  
Por nós à Santa Lei; e repartido  
Com as agoas do Zaire, taõ soberbo  
No impullõ crystalino, q̃ insultando  
O Imperio de Neptuno, não consente  
Que na força da tùmida corrente  
As ondas se confundaõ de Amphitrite;  
E mais de vinte legoas em distancia  
Pòde tanto do Rio a inchada instancia,  
Que Dòris não confegue que se cobre.  
Na Còsta o feudo do crystal salobre.

Punha-se já de frente o monstro horrendo  
Do tormentorio Cabo; e mais medonho  
Inda nesta occasiaõ; pois há quem diga

D 4

Que

\*\* Ficou a Ilha illustre, que tomou  
O nome de hum, que o lado de Deos tocou:  
*Ibid.*

¶ Allí o mui grande Reino está de Congo,  
Por nós já convertido à fê de Christo:  
*Ibid. est. 13.*

Por onde o Zaire passa claro, e longo,  
Rio, pelos antigos nunca visto.

Que apparecera com mortal fadiga  
 Ao impávido Gama na figura  
 De hum Typheo, † de taõ feia catadura,  
 Que fusilando os olhos encovados,  
 E fingindo, entre os membros descarnados,  
*Cbeios de terra e crespos os cabellos*  
*A boca negra, os dentes amarellos,*  
 Lhe renovara as queixas impaciente  
 De o fazermos ao Mundo taõ patente,  
 Que inda atê no seu nome houve a mudança  
 De o terem pelo Cabo da Esperança.

Que allí entre o furor dos seus clamores  
 Vaticinara os hòrridos § perigos,  
 Que a impaciencia dos fados inimigos  
 Tinhaõ disposto nos crueis arcãos  
 A<sup>o</sup> nobre pertençaõ dos Lusitanos.


Com este infausto auspicio daõ a poppa

A

† Cam. Cant. 5. desde a estancia 39. está a descripção do Cabo, em que confessaõ os nobres emulos, que se venceu todo o esforço da antiguidade, e reputaõ esta descripção pelo rasgo mais excellente, que tem havido, assim na Poesia antiga, como na moderna

§ Sabe que quantas nãos esta viagem,  
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
 Inimiga teraõ esta paragem,  
 Com ventos, e tormentas desmedidas. &c.




A este Polo Antártico,  e vencida  
 Do cabo a grande ponta, a proa entregaõ  
 A' outra cõsta, que contraria corre:  
 De huma alegre enfeiada, em que discorre  
 Entre penhas o mar naquelle rumo,  
 Deraõ vista os navios, quando a Igreja  
 Devota o culto de S. Braz festeja.

Descobre-se chegando mais adiante  
 Hum rio caudaloso, que do Infante  
 O nome deu o mesmo, que atrevido,  
 Do Cabo o feio horror tinha vencido.

Lutando com as ondas \* inclementes  
 Por outro, que se chama das correntes,  
 Madagafcar deixando à maõ direita,  
 Victoriosa do impulso, a grande escala  
 Bõfca a Frota no porto de Sofala:  
 Patria desse metal, em que a riqueza

Pôz

 Já aqui tinhamos dado hum graõ rodeio  
 A' colta negra de Africa, e tornava  
 A prõa a demandar o ardente meio  
 Do Ceo, e o Polo Antartico ficava.

*Ibid. est. 65.*

\* Cõ o mar hum tempo andamos em porfias,  
 Que como nelle tudo saõ mudanças,  
 Corrente nelle achamos taõ possante,  
 Que passar não deixava por diante &c.

*Ibid. 66.*

Pôz a ambição humana, e que despreza  
 Para poder gozallo o gesto enorme  
 Dessa força cruel, sempre importuna,  
 Que o nome tem de triste, e má fortuna.

Sem que alguém na derrota os certifique  
 O destino os condúz a Moçambique,  
 Onde varias traiçoens \*\* experimentaraõ:  
 Na aleivosa Mombaça se encontraraõ  
 Estas nõdoas fataes do trato humano;  
 Até que no agafalho ¶ de Melinde  
 Conhecem que entre tanta falsidade  
 Podia haver tambem fidelidade.

Daqui a Calecut passou a Frota,  
 Termo dos seus trabalhos: Já na India  
 Dà fundo a illustre esquadra; único objeto  
 Do errante pinho, do atrevido abeto,  
 Com que tantos alentos singulares  
 Tinhaõ domado a còlera dos mares.

Propriamente da India tem o nome

Essa

\*\* Na dura Moçambique em fim furgimos,  
 De cuja falsidade, e má vileza  
 Já ferás sabedor, e dos enganõs  
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

*Ibid.* 84.

¶ Até que aqui no teu seguro porto. &c.

*Ibid. est.* 85.

Essa clara região, que se diffunde  
 Entre o Ganges, e o Indo: Aquelle a segue  
 Pela parte Oriental, este acompanha  
 Pelo lado contrario a terra estranha:  
 O Oceano pela Austral, soberbo a cinge:  
 Formando huma península se finge  
 Quasi na proporção de huma lisonja,  
 Que tendo iguaes os lados, não conserva  
 Os seus ângulos rectos, mas observa  
 Nesta figura aquella symmetria,  
 A que rhombos chamou a Geometria.

Os ângulos, que nella mais se extendem  
 Correm do Norte ao Sul: O que se volta  
 Para a parte do Sul, lhe forma o Cabo,  
 Chamado Comorim: no outro, que fica  
 Fronteiro ao Norte, a altura se amplifica  
 Desses montes, que o nome tem agora  
 De Nangracot: Do Cabo àquelles montes  
 Fará do largo espaço a ruda estancia  
 Mil, e duzentas milhas de distancia.

Os ângulos, que vão na parte opposta  
 Correndo do Levante até o Poente,  
 Numeraõ na extenção legoas trezentas:  
 Nos dilatados, rústicos desvios

Ao mar se precipitaõ varios rios ;  
 E he quasi a terra igual, q̃ o impulso ufano  
 Abraça, que a que cerca o inchado Oceano.

Esta grande Provincia, q̃ hoje occupaõ  
 Idòlatras, e Moiros, se divide  
 Nos Reinos de Meltàn, Chitòr, Bengàla,  
 Cospetîr, e Orixá ; em que se iguala  
 O de Mandò, Delî, e Guzarate,  
 Que tambem de Cambaia tem o nome :  
 Decàn se parte em varios senhorios,  
 Em outros Bisnagà, onde se encerra  
 De todo o Malabàr a larga terra.

Já taõ vastos dominjos estariaõ  
 Debaixo de hum só Rei, se embaraçados.  
 Naõ se achassem os mesmos Principados  
 Nos perigos, e trànsitos incertos  
 Das lagôas, dos bosques, e desertos :  
 Porem a divisaõ mais horrorosa,  
 Que perturba o terreno da Provincia,  
 Hê a de huns altos rochedos, que sahindo  
 Do Norte para o Sul, o espaço correm  
 De seis vezes cem milhas, e concorrem  
 A fazerem mais ardua a ruda empreza  
 De chegarse a vencer tanta aspereza :

De Gate tem o nome a forma estranha  
 Desta estendida, bàrbara montanha.

A<sup>o</sup> vista do seu cume a praia segue  
 O líquido crystal: Por varias partes  
 Huma faxa de terra em breves Ilhas  
 Reparte, com a agoa, o impuro affento:  
 Começando, porem do undoso alento,  
 Que tem Carnate, rio, que visinho  
 Da montanha Delí; o mar demanda,  
 Apparece outra faxa, que estendida  
 Entre este monte, e o golfo, se liquida  
 Em mais de oitenta legoas, com largura  
 Já de seis, já de dez, conforme a dura,  
 Vegetavel porção na inquieta prata  
 Se retira talvez, ou se dilata.

Por este comprimento o Reino gira  
 Do rico Malabar; e nesta còsta,  
 A<sup>o</sup> vista dos mareantes, fica exposta  
 Deste Imperio a Metròpoli, que o nome  
 Tomou de Calecut: O seu Monarca  
 Zamorim se nomeia; e significa  
 Imperador da lingua desta gentè:  
 Entre elles a nobreza preeminente  
 Se vê nos Sacerdotes, a quem deraõ

De Brachmenes o título : Disputa  
 Esta illustre ascendência, e quasi a iguala  
 A dos Naires, que em ira bellicosa  
 Reconhece o esplendor da acção gloriosa,  
 Sendo do seu adorno a melhor gala  
 As insignias da guerra: A casta humilde,  
 Que são os Parreàs, em tal desprezo  
 Vive nesta Provincia, que se os toca  
 Hum Naire por acaso, ou por engano,  
 De que o tocasse o infiel Samaritano  
 Menos horror o Hebreo conceberia;  
 E entende que do escândalo notorio,  
 Sò poderà expiallo o lavatorio.

Suavemente recebe ao illustre Gama  
 O idòlatra Monarca; e hum grande affombro  
 Concebeu do alentado atrevimento,  
 Comque tinha do indòmito elemento,  
 Por taõ grandes distancias, dominado  
 A còlera furiosa, o impulso irado:  
 Quiz despachar o capitão insigne  
 Com decoro, e attenção; porem a infame  
 Descendia de Agar, que a terra occupa,  
 Os Principaes da Corte corrompendo,  
 Pertendem profanar, com trato horrendo,  
 O sagrado seguro da hospedagem:

Cheio de nobre, intrèpida coragem,  
 Mais da traiaçõ, que do perigo, abforto,  
 Se aparta o Gama invicto deste porto.

Volta as vèllas á Patria; e em breve tempo  
 O piloto avistou da gavea altiva.  
 O famoso arvored. de Anchediva,  
 Onde intenta nos verdes agafalhos,  
 A Frota defcançar dos seus trabalhos.

Aqui pintou de hum Cisne \* a penna illustre  
 Entre as Nymphas do golfo, entre os banquetes,  
 Entre os amores, cantos, e tripudios,  
 Todos effes esplendidos preludios,  
 Em que a fama prepara aquella gloria,  
 Com que se passa ao templo da memoria,  
 Para que o Gama nesta amenidade  
 Medisse o resplendor da Heroicidade.

Dava-se crena às nãos, quando apparece  
 Sobre as agoas hum bosque vagabundo,

Que

\* Camoens na descripção da Ilha, aonde Venus conduzio os Portuguezes; que principia da estanc. 54 do Cant. 9.

Que as Nymphas do Oceano tão formosas,  
 Thetis, e a Ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he que as deleitosas  
 Honras, que a vida fazem sublimada:

Aque-

Que ao principio se julga huma das Ilhas,  
 Que errantes pelas ondas nos inculca  
 Nos portentos a Historia; apenas fulca  
 Mais chegado da praia o inquieto estanho,  
 Quando se conheceu que o objecto estranho  
 Formava a travação de oito navios,  
 Que entre a ficção dos vinculos sombrios  
 Dissimula no estímulo contrario  
 A arrojada perfidia de hum Coffario.

Enveste o Gama o escândalo frondoso:  
 Timoja, que era o author desta cilada,  
 Quando vio n'hum instante defarmada  
 A fabrica dos ramos, e das folhas,  
 Maior estrago evita com a fuga;  
 E a este encontro, que com nosco teve,  
 Se talvez não me engano, he que se deve  
 O ser, em tantas bëllicas doutrinas,  
 Hum constante parcial das nossas Quinas.

Daqui passa outra vêz ao Reino amigo

Do

Aquellas preeminencias gloriosas,  
 Os triumphos, e fronte coroada  
 De palma, e loiro, a gloria, e a maravilha,  
 Estes são os deleites desta Ilha.

*Ibid. est 89.*

Muitos tem duvida nesta allegoria do nosso Camoens, sem embargo de estar tão clara, e expressa neste mesmo Poema. Desta forte he, que alguns, prezados de grandes Criticos, lem, e entendem os livros.



Do officioso Melinde a Lufa esquadra,  
 Onde o Rei a festeja mais alegre,  
 Para firmar o empenho da amizade:  
 E abrindo a carrancuda soledade  
 Das ondas, que deixava descobertas  
 Por tantas vias, e monçoens incertas,  
 Pela boca do Tejo, victoriosas  
 Entraõ cheias de flâmulas vistosas  
 As invenciveis nãos; e ao mesmo tempo  
 Deraõ, com tanta empreza conseguida,  
 Da illustre fama no ruidoso canto  
 A Portugal a gloria, ao Mundo espanto.

Via o Rei Portuguêz felicitado  
 O seu grande projecto, e com o informe,  
 Que agora o insigne Capitaõ lhe dava,  
 Dos Indios conheceu que a furia brava  
 Subjugar só se havia com a força:  
 Treze nãos preparou para seguirem  
 A derrota, que havia-mos aberto:  
 E cuidando ao depois no bom acerto  
 De hum Capitaõ, que houvesse de alentallas;  
 Ao inçlyto Cabral, que dado tinha  
 Provas bastantes de hum valor prudente,  
 As entrega gostoso: Ousadamente  
 Saie do porto a esquadra, que fulcando

E

O

O líquido crystal com vento brando ;  
 O Verde Cabo apenas avistava,  
 Quando o mar, ou o Inferno enfurecido  
 Na innovação do espirito atrevido,  
 Contra as nãos , toda a cólera violenta  
 Defata de huma súbita tormenta.

Ao arbitrio do golfo os vasos correm :  
 Com tristes sombras se escurece o dia ;  
 Ao náutico clamor ninguém se ouvia ;  
 Hum com outro chocava o pinho errante ;  
 Os ventos com estrondo dissonante  
 Gemião pelas gaveas : Já não serve  
 O leme para o rumo : as rotas vellas  
 Queriaõ ser nos ares centinellas  
 De hum imminente, mísero naufragio :  
 Não havia recurso, nem suffragio  
 Em taõ grande perigo mais, q̃ as vozes,  
 Com que se expunha ao Ceo neste lamento  
 A pia instituição do nosso alento.

Vinte dias lutaraõ com as ondas  
 Os insignes varoens, tendo forvido  
 Quatro nãos as hydròpicas voragens :  
 Sem saberem do rumo, em q̃ se achavaõ,  
 Huma nova Provincia descobriraõ,

Incognita aos pilotos; onde viraõ  
 Outra gente, outro ceo, outro terreno:  
 Acabou de se pôr o mar sereno;  
 E alli respiraõ todos da fadiga,  
 Do trabalho, do espanto, e dos insultos  
 Da horrenda tempestade: Estes incultos,  
 Inhospitos desertos, que hoje formaõ  
 Do Mundo a quarta parte, tem o nome  
 Entaõ de Santa Cruz; mas a abundancia  
 Das arvores purpureas, q̃ na estancia  
 Dos seus bosques, o clyma fructifica,  
 Com o nome do tronco a terra explica,  
 E do commercio o próvido dictame  
 Lhe quiz chamar Brasil, sem outro exame.

Daqui demanda o cabo tormentorio,  
 Onde nova borrasca os esperava:  
 Com seis vèllas, e quasi derrotados  
 Avistaraõ Sofála: a infiel Quiloa  
 Não recebia bem a Lusa prôa:  
 Melinde esta perfidia logo emenda  
 Com o antigo agasalho: poem a vista  
 Entaõ em Calecut: triste regista  
 Esta Cidade a esquadra, temerosa  
 De que a nossa vingança bellicosa  
 As contas lhe pedisse da vileza,

Comque tratou a gloria Portugueza.

Outra vêz sobre o félllo da amizade  
 Executa a proterva falsidade :  
 Desaggrava o Cabral a egregia Frota :  
 Derrotou, e abrazou quantos navios  
 De frente da Cidade estavaõ furtos :  
 Com os mesmos intrèpidos horrores  
 A combate : Quinhentos moradores  
 A furia dos canhoens despedaçaraõ :  
 Os templos, e os palacios derribaraõ ;  
 E entre os estrondos das marmoreas quedas,  
 Tudo ficou entregue às labaredas.

Depois deste horroroso, e ardente estrago,  
 Cochim, e Cananor a esquadra busca,  
 Reinos na Còsta ricos, e potentes :  
 Com elles firma a paz, e carregados  
 Os navios das drogas competentes,  
 Dominando outra vêz os duros fados,  
 Entra já triumphante o seu desejo  
 Pela barra feliz do amado Tejo.

Com a chegada do Cabral se firma  
 O Lusitano Rei, que o ferro, e a chama  
 Domar só pode o espirito rebelde  
 Da bàrbara Provincia : a este intento

Confia quatro nãos do nobre alento  
 De hum Galego chamado João da Nova,  
 Dispondo se guarneçaõ com a prova,  
 Que no ensaio de Marte tinhaõ feito  
 Quatrocentos soldados: Já caminhaõ  
 Mais tres esquadras pelo mesmo rumo:  
 Duas de cinco nãos, de dez a outra,  
 Sogeitas ao bastaõ do illustre Gama,  
 Que outra vêz, dando novo assumpto à fama,  
 Passava a reforçar o nosso Imperio  
 Na soberba extençãõ deste hemispherio.

Illuminando o assombro espavorido  
 Do mesmo horror, que tinha combatido,  
 Vencida a indignaçãõ do Tormentorio,  
 Parecia nas furias militares,  
 Que descendia sobre aquelles mares  
 Hum fulminante incendio: move a prôa  
 Contra a infame perfidia de Quilôa,  
 Que agora sente do irritado ferro  
 Os duros golpes na vingança justa:  
 Caie com tanta prevençãõ robusta  
 Sobre a infiel Calecut: aceza, e raza  
 A poem a artelharia: Tudo abraza,  
 Tudo desfaz, arruina, e desconcerta,  
 Em qualquer parte, onde encontra aberta

A traiçãõ, ou a força: amodrentada  
 Toda a India no ardor da nõva armada  
 Deixa o Gama, e confirma ao mesmo tempo  
 Os laços da amizade: os mares fulca  
 Outra vêz, e largando ao vento o panno,  
 Dá volta para o Reino Lusitano.

Apenas parte quando conhecendo  
 O irado Zamorim, que não havia  
 Quem já do punho lhe arrancasse a lança,  
 Intenta despenhar toda a vingança  
 Sobre o Rei de Cochim, sem outra ideia,  
 Que a de ser nosso amigo: Occupa a areia  
 Com cincoenta mil Naires: Bem q̃ infeste,  
 Devaste, queime, e opprima; quanto enveste,  
 Quanto ataca, e intimida, lhe disputa  
 Com magnanimo esforço o nosso Aliado:  
 Já se achava o valor quasi opprimido  
 De tanta multidãõ, quando aportava  
 Na praia hum Primo meu, q̃ vendo a brava  
 Vehemencia, em que gemia combatido  
 Do Rei o illustre alento; de repente  
 Assalta os Naires com impulso ardente,  
 A tempo que eu no mar tambem surgia,  
 Com outra igual esquadra: Prompto acudo:  
 Com a espada na mão, na outra o escudo

Me lanço sobre os bárbaros guerreiros :  
 Meu Primo, e eu, e os outros companheiros  
 Demos hum tal espanto ao infiel arrojo,  
 Que não se vio alli mais, que o despojo  
 Da chusma confundida, onde os defuntos,  
 Que ficaraõ na mísera campanha,  
 Foraõ triste elogio da façanha.

Restituído o Rei ao patrio throno,  
 Quiz da sua defeza encarregar-se  
 Hum mortal, de taõ raro, e excelso alento,  
 Que o seu nobre, invencível ardimento  
 Não tem a mesma fama onde o accomode :  
 Este raio da guerra, este homem pode  
 Com duas caravèllas, e hum navio  
 Rebater o continuo desafio  
 De immensas tropas, com q̃ o horror furioso  
 Do Zamorím, no incendio bellicoso  
 Da impaciencia, ou da còlera arrogante,  
 Rebutava no golfo a cada instante.

Em quanto o Indo, e o Ganges suspendidos  
 Tinha a monstrosidade das proezas,  
 Com que o Pacheco a India amodrentava;  
 De hum Soares a intrèpida ousadia  
 Parte do nosso Tejo em companhia,

De treze nãos, da mais altiva poppa,  
Que nas ondas vio nunca a nossa Europa.

Com diversos effeitos se extenderaõ  
Nos golfos Orientaes: affombros deraõ  
A os emulos mais fortes da Conquista;  
E serviraõ tambem de alegre vista  
A os nossos fieis amigos, combatendo  
Aquelles, e os demais favorecendo,  
E no mar sustentando o illustre exame,  
Em que se funda o bëllico dictame  
Da quella generosa maravilha,  
Que o humilde alenta, q̃ o soberbo humilha.

Mas toda a expectação destas façanhas  
Era huma gloria errante, e dependente  
Do inconstante Crystal, sem q̃ inda houvesse,  
Onde a firmeza descansar podesse.

Resolve o nosso Rei livrar as armas  
Do arbitrio das escumas, dando assento  
A taõ nobre, e continuo movimento:  
Manda pois ao Oriente o grande Almeida,  
De Virrei com o titulo, seguido  
De vinte, e dois navios: Naõ consente  
A breve narração, que aqui te faço,



Que eu diga quanto obrou o excelfo braço  
Deste Herôe, deste Espirito guerreiro  
Nos tres annos, q̃ a honra, a força, e brio  
Sustentou o esplendor do Senhorio.

Nem as disputas, que comigo teve,  
Na successão da India, onde obraraõ  
Mais as paixoens, que as leis, nem a desdita,  
Que na bàrbara terra depozita  
O infelice Cadaver, insultado  
Do mais escuro, mais horrivel fado;  
Nem as sombras do Lethe saõ bastantes  
Para arrancar das lâminas brilhantes,  
Que pendem das paredes da memoria,  
Aquella luzimento, aquella gloria,  
Com que os altos Varoens no azul caderno  
Softem a duraçãõ de hum giro eterno.

Na vinda deste Herôe começa a India  
A sentir todo o pezo, e fortaleza,  
Com que se exalta a fama Portugueza:  
Entaõ he que se pôz o grave jugo  
Com taõ illustre esplêndida efficacia,  
A torpe, rude, indocil contumacia  
Da Sarracena effirpe: Entaõ luziraõ  
Com mais clara noçãõ mais igneo impulso,

Def-

Desde as bocas do Indo ao mar vermelho,  
As Pàginas Sagradas do Evangelho.

Neste tempo me haviaõ cometido  
O bastaõ de outra esquadra, destinada  
A dominar da Arabia o orgulho ardente:  
Antes deste projecto se me intima  
Que eu siga o rumo deste mesmo clyma  
Na Companhia do Valente Cunha,  
Que regendo outras nãos ao golfo expunha  
O generoso alento, com a ideia  
De registarmos a distante areia  
De huma Ilha, que altiva se levanta  
Quasi fronteira à tumida garganta  
Do mar roxo, onde a fama entaõ publica,  
Que de muitos Christaons se multiplica:  
Zocotorà se chama: Com intento  
De fazer Fortaleza a demandamos;  
Mas logo se perdeu, quando a avistamos,  
Pois já nella se achava construida  
Pelo Rei de Caxêm, e guarnecida  
De huma gente taõ fera, e temeraria,  
Que o nosso ardor na opposiçaõ contraria  
Nos foi todo preciso; e hum só piloto,  
E hum cego se livrou da dura Cloto:  
Taõ ferôz era a bàrbara porfia,

Comque esta guarnição se defendia!

Daqui voltamos a inquirir as costas  
Da infiel Madagafcar, inda ignoradas  
Da quilha Lusitana: ao Cunha deixo  
Nesta inutil empreza; e à Arabia inclino  
As dominantes proas: Examino  
Quanto o Reino de Ormuz na cósta estende:  
A Calaiate chego, que se rende  
Apenas vio brilhar as nossas Quinas:  
Poz-se em defeza a villa de Curiate;  
Expugnouse, e abrazouse: Quiz Mascate  
Com este triste exemplo expor o jugo,  
Mas faltou à promessa, com a entrada  
De hum socorro, que teve aquella noite,  
E soffreu na traição o irado agoite  
De hum justa vingança: Não se atreve  
A esperarnos Soar: e tambem teve  
Este arbitrio Orfaçam: Daqui passamos  
Ao Arabico Emporio, que hum pontão  
Da terra nos occulta: Sobre a Ilha,  
Que se chama Gerûm, a maravilha  
De todos estes mares apparece  
Com o nome de Ormûz: A<sup>o</sup> vista offrece  
Com alegre, e terrífico semblante  
Todo aquelle espectáculo brilhante,

Que

Que no altivo esplendor dos frontispícios  
Prepara a multidão dos edificios.

Vencida a ponta, que no mar entrava,  
De repente se expõem a os nossos olhos  
Este estupendo objecto, que podia  
Vencer mais, que excitar, o nosso alento:  
Da bahia no undoso pavimento  
Quatro vezes cem nãos, mais formidaveis  
Da Cidade os aspectos configuraõ:  
Neste concurso undivago procuraõ  
Dois navios do Reino de Cambaia  
Assombrar todo o círculo da praia,  
Com seu enorme vulto; as nossas vellas  
Por entre tantas màquinas de pinho  
No liquido crystal largo caminho  
Fizeraõ, desprezando a hostilidade,  
Que encrespa o porto, e a frente da Cidade.

Huma salva geral da artilharia,  
Com que as nossas bombardas se explicaraõ,  
Assusta o mar, e a terra: retumbaraõ  
Os ecos espantosos nas distancias  
Da marinha, e do monte: as arrogancias  
Da Arabia, de improviso esmoreceraõ,  
Depois que as nossas vozes conheceraõ.

Intimolhe que escolhaõ, sem demora,  
Ou a páz, ou a guerra: Se queriaõ  
Eleger a primeira, que se haviaõ  
De fazer feudatarios: se a segunda,  
Que esperassem a força furibunda  
De todo o nosso alento: Em vaõ pertende  
Coge Atar, que este Reino governava,  
Dilatar a reposta: a furia brava  
Das nossas armas vendo que pretexto  
A dilação com varios subterfugios,  
Se lança sobre a chusma dos navios,  
Que o porto defendiaõ: de repente  
O ferro, a chama, a ira, o impulso ardente  
Dos horriveis peloiros, desbarata  
Cascos, vèllas, enxarcias, defensores:  
Entre o confuso estrondo, entre os horrores  
Da súbita afflicção, o Arabio grita  
Que a páz se faça; logo lha concedo:  
A vontade forçada pelo medo  
Consente no tributo, e no edificio  
De hum Forte, q̃ opprimir podesse o orgulho  
Desta Nação guerreira: Outros successos  
De inconstantes influxos, os progressos  
Suspenderaõ da fàbrica, que os fados  
Teraõ para outro tempo reservados.

Acabava-se o termo ao aureo Sceptro ;  
Que nas mãos sustentava o grande Almeida ,  
Quando seu successor me declarava  
Hum decreto do Rei : Não digo agora  
O que fez este Herôe , quando disputa  
A minha successão , em que tributa  
As desordens fataes , de q̃ não pode  
Livrarse a humanidade : em fim por força ;  
Ou talvez por lembrar-se , que perdia  
Nesta acção quanto a sua valentia  
Tinha obrado na India , o sceptro larga  
Da vacilante mão : Ousado o empunho ,  
Sem cubiça , ou desejo do dominio ;  
E só com o magnânimo desinio  
De augmentar as façanhas singulares  
Em toda a vastidão da quelles mares.

Tendo visto a diversa consistencia ,  
Que as armas conseguiraõ na assistencia  
Deste novo hemispherio , não fatigo  
Desde entãõ o discurso n'outro objecto ;  
Que em dar cabeça ao corpo sublimado ,  
Que tinhamos no Oriente levantado.

Com esta grande ideia sobre as ondas  
Mando pôr essas màquinas redondas ,

Que à tua vista tens : apenas fulco ,  
 Com ellas , a campanha crystalina ,  
 Quando no mesmo instante se amotina  
 O fogo , o vento , e o golfo contra as vèllas :  
 Lutamos com as hòrridas procellas  
 Muitos dias , e noites , sem recurso :  
 Já perdiamos todos a esperança  
 De encontrarmos hum dia de bonança ,  
 Até que em rumos , nunca conhecidos ,  
 Do vento mais ferôz fomos trazidos  
 A este oçulto clyma , onde de excellsa  
 Disposição , a inçlyta piedade  
 Converteu , em alivio , a tempestade .

Aqui temos tambem hum novo alylo  
 Alcançado no doce , e regio estylo  
 Com que o teu agafalho generoso  
 Com nosco se exercita : Se o glorioso  
 Impulso de hum desejo , que se exalta  
 Da fama ao alto cume , em ti não falta ,  
 Permite que aqui hoje reparemos  
 As destrôçadas nãos : Divulgaremos  
 Tanta clemencia em toda aquella parte ,  
 A que o irado Neptuno , e o fero Marte  
 Levar as nossas armas ; e o teu nome  
 Entre os jaspes , que o tempo não consome ,

Servindo de esplendor ao claro templo,  
Inda mais, do que ornato, seja exemplo.

# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

CANTO III.

**A** Bsortos, \* e pasmados os gigantes,  
E pendentos de tudo o que dizia  
O sublime Albuquerque, não ousavaõ  
A interromper nem inda com o alento,  
Que o coração respira, o acorde accento,  
Em que tanto prodigio a gloria indica  
Da Nação Portugueza: O Rei applica  
Toda a sua attenção à vóz sonora  
Do bellicoso Affonso; e pondo agora  
Mais fitamente os olhos no respeito,

Que

\* Conticuere omnes, intentique ora tenebant  
*Æneid. lib. 2. in princ.*  
Promptos estavaõ todos escutando.  
*Lusiad. Cant. 3. est. 3.*



Que o seu semblante inculca; do seu peito  
 Dulcificando os hálitos ferozes,  
 Defata o suave estrondo destas vozes:

Eu não tenho expressoens, com q̃ declare  
 O affombro, que me causa este compendio  
 Da vossa LEI, e acçoens, nem cabalmente  
 Posso explicar a ideia preeminente,  
 Que formo de huns espiritos taõ raros,  
 Taõ excelsos, taõ justos, taõ preclaros,  
 Que excedem tanto a ingènita fraqueza  
 De huma confusa, humana Natureza.

Vòs combateis do mar, e vento a furia:  
 Vòs chocais com o horror, e com a injuria,  
 Com que perturba o Mundo o fero Abyfmo:  
 Vòs desprezais o horrendo parocifmo  
 Da fortuna, e da morte: e sem desfmaio  
 Desprendeis o trovaõ, vibrais o raio,  
 Atroando, e rompendo as duras fronte  
 Das altas ferras, e soberbos montes:  
 Vòs sois ao mefmo tempo compaffivos,  
 Vigilantes, benèvolos, activos:  
 Vòs conferis follicito agafalho  
 Na affliçaõ, na penuria, no trabalho:  
 Vòs não moveis a bèllica potencia

Senaõ onde encontras a resistencia :  
 Digo pois , que a naõ seres Divindades ;  
 Sois homens de taõ novas qualidades ,  
 Que parece que o incògnito destino  
 Pòde dar a hum mortal hum ser divino.

Eu pelo Rei mais pròspero me julgo ,  
 Naõ só daqui chegardes , mas q̃ o Reino ,  
 Que a sorte me destina , possa darvos  
 Sufficiente materia de agradarvos ;  
 E que neste apartado domicilio  
 Acheis todo o favor , e todo o auxilio ,  
 Que offrecervos quizera : Estes gigantes  
 Promptos sempre os tereis : dos mais distantes  
 Lugares desta vasta Monarquia  
 Vos traraõ , já de noite , já de dia ,  
 O preciso , naõ só , mas o sobejo  
 De quanto appetecer vossõ desejo.

E se entendeis que hum animo taõ puro  
 Como tendes talvêz reconhecido ,  
 Ou no rosto , ou nas vozes , merecido  
 Pode ter huma justa recompensa ,  
 Daime , ò insigne Capitaõ , licensa  
 Para pedirvos que façais bemdita  
 Minha Corte , e Palacio , com a dita

De a ennobrecer a vossa egregia planta:  
Se hoje se me permite gloria tanta,  
Em favor taõ feliz, taõ generoso  
Terme-hei pelo mortal mais venturoso.

Eu desejava em tudo obedecerte  
(Responde o HEROE) mas vejote mui justo  
Para deixar de conhecer a força,  
Com que obriga o preceito a hum fiel vassallo:  
Menor distancia, menos intervallo  
A lei do regimento naõ permite,  
Que eu faça desta Esquadra, nem admitte  
O caracter do officio, em que me empenho,  
Que eu nunca desampare o errante lenho,  
Que occupa a Lusitana sociedade:  
Mas porque a tua singular vontade  
Naõ deixe de se ver obedecida,  
Darei pessoa taõ esclarecida,  
Que vá em meu lugar, q̃ ao mesmo tempo  
Satisfaça o que o Rei me tem mandado,  
E o empenho, que me tens significado.

Aqui está Dom Antonio de Noronha,  
Meu sobrinho, e inda mais meu companheiro  
No cargo, e em todo o espirito guerreiro,  
Que ao nobre estrondo da perpetua fama

Guia as nossas acçoens : elle se inflâma  
 Na quelle illustre incendio , com q̃ a gloria  
 Se eterniza no templo da memoria :  
 Digno será da honra , que fizeres  
 A<sup>o</sup> Nação Portugueza ; e digno o julgo  
 De alcançar os sublimes beneficios ,  
 Que de ti pretendemos : A grandeza  
 Do teu Palacio , e Corte , e inda a riqueza ,  
 A pompa , e tudo o mais , que reprezento  
 Na vaga confusão do pensamento ,  
 Confio que elle saiba dar a tudo  
 O seu devido preço ; e que a valia  
 Reconheça da tua Monarquia.

Alvorçado o Rei recebe a offerta  
 E manda logo que se ponhão promptos ,  
 E ajazados os fortes dromedarios ,  
 Que a Affonso parecessem necessarios  
 Para a equipagem do ãnclyto Noronha ,  
 Que ao seu lado no andor gostoso assenta :  
 Determina tambem à corpulenta  
 Nação , que troncos , vèllas , ferro , e cordas ,  
 Linho , e breu , com precisa diligencia ,  
 Se traga alli dos varios senhorios ,  
 Para a crena , e concerto dos navios.

Começava a moverse a comitiva,  
 Quando o HEROE sobre os hombros dos gigantes,  
 Que o presente trouxeraõ, logo ordena  
 Que a dàdiva se ponha, que destina  
 Ao generoso Rei : Da crystalina  
 Transparente expressãõ era composta,  
 Por conhecer que nella tinha entregue  
 Toda a sua attençãõ aquella gente,  
 Julgando tanta fábrika brilhante  
 De mais sublime preço, que o diamante.

Hia subindo a ferra a Corte enorme  
 Quando ficaõ na praia os Lusitanos  
 Cuidando em repairar os tristes danos,  
 Que o golfo lhe causara : \* Nos carneiros,  
 Nas vacas os famintos marinheiros  
 O duro ferro empregãõ : divididas  
 As porçoens, huns as poem no ardente cobre ;  
 Outros nas igneas grelhas ; outros sobre  
 Os ardentes carvoens ; os mais as guardaõ  
 Entre camas de sal : Nesta fadiga  
 Se occupa a esquipaçãõ, quando descende

F 3

Do

\* Tergora deripiunt costis, & viscera nudant.  
 Pars in frustra secant, veribusque tremantia figunt.  
 Littore ahenâ locant alii, flammâque ministrant.  
 Tum victu revocant vires, fusi que per herbam  
 Implentur veteris Bacchi, pinguisque ferinæ.

Æneid. lib. 1. è V. 215.

Do monte espavorida a chusma forte,  
 Que hido tinha fazer o horrivel còrte  
 Nos troncos mais robustos do arvoredó:  
 Cheia de espanto, de pavor, e medo  
 Das nossas nãos se amparaõ, dando vozes  
 Que o rudo bosque com visões atrozes  
 Se acha todo infestado: O infame Abyfmo  
 Tinha levado a armada àquella parte  
 Para dar dos gigantes na estranheza,  
 Quanto escapasse às ondas; porem vendo  
 Que o ceo lhe prevenira o arbitrio horrendo,  
 Suavizando do bárbaro Monarca  
 O inculto resplendor; toda a comarca  
 Desta ruda montanha irado infesta:  
 Amotinando a còlera funesta  
 Dos monstros Infernaes, \* paraque nunca,  
 Concertadas as nãos, o grande Affonso  
 Possa á India voltar, levando aceza  
 A antiga inspiração da sua empreza.

Todos aquelles, que os gigantes ouvem,  
 O bosque acometeraõ; onde aos filvos  
 Dos dragoens, que nas arvores se enroscão,  
 Se forma huma tormenta; e os brutos troncos  
 Entre a vehemencia dos terriveis roncós,

Com-

\* Segundo nexo do dragão Infernal contra a empreza.

Comque as Furias do Tartaro bramiaõ,  
 Opprimidos do insulto, estremeciaõ,  
 E nos violentos, hòrridos abalos  
 Os suspiros formavaõ dos estalos.

Com impàvido arrojõ o horror provocaõ  
 De todo o Averno os ìnclytos soldados:  
 Envestem, desordenaõ; nada tocaõ  
 Das espadas os golpes fulminados:  
 Era tudo hum aspectõ, huma figura,  
 Que finge, e desvanece a sombra escura.

Mais, do que a espada, \* a cruz, q̃ se destingue  
 Na sua guarniçaõ, desembraça  
 Todo o monte dos fúnebres portentos:  
 Eñtaõ he que os gigantes mais alentos  
 Tomaraõ para o talho, que dispunhaõ:  
 Porem hum novo assombro os precipita  
 Outra vèz no desfmaio, em que se acharaõ;  
 Pois apenas os troncos derrìbaraõ  
 A o golpe horrendo da segur talhante,  
 Quando em lugar das Nymphas, q̃ repoufaõ  
 Nos vegetantes cìrculos, ¶ rebentaõ  
 Novos chelydros de huma forma estranha,

F 4

Que

\* Desfatafe o nexõ pelo modo que aqui se refere.

¶ Torna a apertarse o nexõ.

Que arriça toda a grenha da montanha.

Fulmínaõ pelos olhos hum vesubio ;  
 Encrespaõ-se no horror das duras conchas :  
 Hum Boreas nos seus hàlitos se move :  
 As azas batem com tremendo grito :  
 A cauda com as iras do Cocyto  
 Revolve , e açoita o vento : estàla a chama  
 Na verde indignaçãõ de cada escama :  
 Geme o bosque ; e se poem todo convulso  
 Ao tremendo furor do infame impulso.

Com o mesmo ardimento os acomete  
 O intrèpido esquadraõ ; \* e em ar se exhala  
 Toda aquella impaciente , horrivel turba ,  
 Que entre as sombras se finge , e que perturba  
 Das arvores o còrte : ao Rei se leva  
 Desta inaudita empreza a novidade ,  
 Que inda mais o conceito lhe persuade  
 De naõ poderem ser de gente humana  
 Os alentos da força Lusitana.

Para as nãos os guerreiros se recolhem  
 Em quanto da montanha se conduzem  
 Os troncos corpulentos : as carretas

\* E torna a defatar-se.



Naõ foraõ necessarias : sobre os hombros  
 Dos gigantes , os rústicos assombros ,  
 Como se arbuostos fossem , vem à praia :

Já outros tinhaõ nella construido  
 Huma fragoa horrorosa , em q̃ batido  
 Podesse fer o ferro : Entre as cavernas  
 De Lypari naõ soaõ mais horriveis  
 Os malhos dos Cyclòpes nas bigornas ,  
 Que neste de Vulcano novo emprego :  
 Com tremendo , fatal desalfocego  
 Se dilata o rumor , em que se apura  
 A violenta impressaõ da maça dura.

Com menos feio estrondo a nuvem rasga  
 O fulminante incendio , que as faiscas ,  
 Que vibra a furia do metal acezo :  
 Vendo-se ao mesmo tempo que rebenta  
 Do estalo o fogo , persuadir intenta  
 A enorme imitaçaõ do igneo ensaio ,  
 Que he o estrondo , trovaõ , a chama , raio.

Quando na compassada \* alternativa

Se

\* - - - alii ventosis follibus auras

Accipiunt , redduntque : alii stridentia tingunt

Æra lacu ; gemit impositis incudibus antrum.

Illi inter sese multâ vi brachia tollunt

In numerum , versantque tenaci forcipe massam.

*Æneid. lib. 8. v. 449.*

Se alarga, se remonta, se despenha  
 Toda a força dos braços n'outra parte  
 Se irrita o fogo na violenta furia,  
 Em que os bárbaros folles, com injuria  
 Do Aquilaõ irritado, o horrendo affopro,  
 Humas vezes detem, outras dilataõ,  
 Jogando, com opposto movimento,  
 Ou da inercia, ou do estímulo do vento.

Nas escuras entranhas dos penhascos  
 Retumbavaõ \* os ecos furibundos  
 Do opprimido metal: Ninguem se admire  
 Que na Vulcania a fàbula delire  
 Em que os golpes de Estèropes, e Brontes  
 Fizessem suspirar os Orizontes.

Entretanto que a còsta, e o mar se assombra,  
 Com tanta novidade, entra na Corte  
 O glorioso Noronha, acompanhado  
 Dos viventes Colossos: regulado  
 Era todo o apparato da estrutura:  
 Naõ foi desconhecida a architectura  
 Desta estranha Naçaõ: alli se via,

Naõ

\* - - validique incudibus ictus  
 Auditi referunt gemitum, striduntque cavernis  
 Stricturæ chalybum, & fornacibus ignis anhelat.  
*Æneid. lib. 8. è V. 419.*

Não sem huma elegante symmetria  
 A pompoza fachada dos palacios :  
 Balcoens , eirados , torres representaõ  
 Hum armonico aspecto , mas horrivel :  
 Edificio não há , que não persuada  
 De Babel ao intento : ou tresladada  
 Para a etherea regiaõ , de tantas penhas  
 A desmedida pompa , se imagina  
 Que temendo que tenha alguma ruina  
 A abobeda celeste , neste alcance  
 Columnas lhe prepara , em q̃ descance.

O que mais espantoso se regista  
 He toda a dilatada , e estranha vista  
 Da máquina real , que em hũa praça ,  
 Ou em huma campina , dando as frentes  
 A quatro grandes ruas , faz patentes  
 De quatro inchados pòrticos , os altos ,  
 Membrudos , e soberbos frontispicios :  
 No centro se erguem varios edificios ,  
 Cujá excelsa eminencia não se alcança ;  
 Pois tanto às auras a jaçtancia entrega ,  
 Que inda não sabe a altura , q̃ a entumece ,  
 Se sobe aos ares , se da Esfera dece.  
 Na principal entrada se levanta  
 O gentilico escudo , onde esculpido

Hum grypho está na acção de q̃ devora  
 Entre as garras hum tigre; e estimulando  
 Toda a furia das Azas, representa,  
 Que movendo a fereza arrebatada,  
 Quer seguir os impulsos da fachada.

Por entre a immensa plebe, que concorre  
 A ver os Portuguezes, sobe ao Paço  
 O Rei, com o Noronha: de tapizes,  
 Tecidos em brutescos, e matizes,  
 Se armavaõ as magnificas paredes  
 Das estendidas salas: nas alfaias,  
 Que eraõ quasi, sem numero, se via  
 Hum estranho lavor: em alegria,  
 Em festejos, em bailes, redundava  
 A immensa Povoação, q̃ segue o exemplo  
 Do Rei, que sempre excita applauso novo  
 No alvoraçado espirito do Povo.

Noronha, e os Portuguezes se admiravaõ  
 De tudo o que os gigantes consultavaõ  
 Em taõ continuo obsequio, conhecendo  
 Que alli a excelsa força se està vendo  
 Da soberana Mão, lavrando os duros,  
 Incultos coraçoes, e suavizando  
 Hum animo ferôz no genio brando,

Que a razão reconhece, e não despreza  
A doçura da humana natureza.

Porem entre os portentos, que se intimaõ  
Com mais affombro aos olhos, são os Gemeos  
Amalinta, Quinèle, Artàle: tanto  
Na estatura, e no rosto parecidos, \*  
Que supposto que os ache divididos  
A primeira attençaõ, logo parece  
Que de tal modo a divisaõ se tece,  
Que o mesmo objecto, q̃ a evidencia alcança,  
Perde na propriedade a semelhança.

Naõ deixava Noronha de ter visto  
Nos olhos de Amalinta ¶ algum cuidado:

Naõ

\* Há muitos exemplos da repetida semelhança, que faz a Natureza nas feições humanas:

Eu conheci em Madrid em casa do Duque de Arcos dois gemeos, q̃ nenhuma pessoa os podia distinguir; e ainda que ambos vestiaõ da mesma cor, e por esta causa se fazia muito mais difficil a differença; com effeito os distinguia tanto hum filho do Duque, de idade de tres annos; de que hum dos gemeos era Aio, que nunca se pode conseguir, que o outro o chegasse a tomar ao collo.

¶ Naõ pareça iverosimil que Amalinta se enamorasse de Noronha, havendo tanta differença nas Estaturas; quando os melhores Poetas, assim Gregos, como Latinos, naõ tiveraõ por iverosimil que Polyphemo se enamorasse de Galathea.

Os gigantes, que aportaraõ no Perú, conforme a Relaçãõ do Ynca Garciaço de la Vega, se enamoraraõ das mulheres da quella Provincia; e porque todas as Indias morriaõ neste improporcionado commercio; se fizeraõ sodo-mitas os gigantes; peccado, que lhe trouxe o mesmo castigo, que experimentaraõ as Cidades de Pentapolis.

Não deixava de ver no seu agrado  
 Mais alguma intençaõ , nem se lhe occulta  
 Huma nova alegria , que resulta  
 No seu doce semblante , se acontece  
 Encontrar-se com ella : a gentileza  
 De Amalintha era tal , que a não disforma  
 A extensaõ da estatura ; mas o invicto  
 Noronha reputava por delicto  
 Que a hospedagem tivesse abatimento  
 Inda no mais remoto pensamento :  
 Seu animo guerreiro , altivo , e forte  
 Sò cuidava no impulso de Mavorte ,  
 Desprezando os estímulos vulgares ,  
 Com que Venus , de Cypro nos altares ,  
 Faz entre o mudo ardor dos seus decretos,  
 Cinza das almas , pyra dos affetos.

Vendo Hunnathilpha já q̃ estão alegres  
 No frequente agasalho os Lusitanos ,  
 Convoca todos ñhuma grande sala ,  
 E depois que os ajunta , assim lhes falla.  
 Terieis justamente imaginado  
 Antes de nos tratares , que a grandeza  
 Dos nossos membros nos faria indocéis :  
 Quem diz gigantes , que concebe he certo  
 Não fomenta o medonho desconcerto

De huma estatura horrivel, mas a indigna  
Propensão de huma còlera maligna,  
Onde nunca o discurso se persuade  
Que há mais, que huma cruel ferocidade.

Com bastante razaõ este conceito  
Dos Gigantes se prova pela Historia:  
Entre os nossos Annaes inda a memoria  
Se conserva de Astreo, e de Ephialtes,  
Encèlado, e Typheo, e de outros filhos  
Da terra, e das espheras, q̃ intentaraõ  
Moverse contra o Sol, quando montaraõ  
O Pelion sobre o Ossa, e despedindo  
Por balas as montanhas, emprenderaõ,  
Sem receio do incendio fulminante,  
Escalar as murálhas de diamante.

Porem ou nós seremos de outra especie,  
Ou nossa propria Mai, civilizado,  
Dos annos pelo largo movimento  
Tem o nosso primeiro, injusto alento:  
Nãõ fomos taõ soberbos, e ferozes,  
Que assaltem nossos impetos atrozes  
A morada celeste, nem taõ rudos,  
Ou taõ irracionaes, que imaginemos,  
Como tinhaõ julgado os Polyphemos,

Briareos , e Adamastores , que sem Deoses  
 O Mundo se regia ; ou taõ contrarios  
 Ao discurso , e à razaõ , que o juizo ignore  
 Que ha suprema Deidade , q̃ se adore.

Entre nós este ingènitto conceito  
 De que taõ raro , portentoso effeito ,  
 Como Ceo , Mar , e Terra manifesta ,  
 Vem de CAUSA IMMORTAL , \* naõ se duvida:  
 A fronte dessa fábrica luzida ;  
 O aspecto da terrena architectura ;  
 Esse errante crystal , nos assegura  
 Hum AUTHOR , que compoem a Natureza :  
 Esta continua , singular firmeza ,  
 Comque todas as coizas se preparaõ ,  
 Se revolvem , se alentaõ , se dirigem  
 Ao seu preciso fim nos justifica  
 Hum supremo MOTOR , que communica  
 Os alentos a tanta consonancia :

Quem

\* Queremos mostrar que para o homem , por mais bárbaro , e inculto , que seja , reconhecer , e se persuadir que há Deos , e huma suprema causa , de que depende tudo o que se poem diante dos nossos olhos , e da nossa consideraçõ , basta reflectir na admiravel composiçãõ , e existencia do Ceo , e da terra , e dos regulares , e inalteraveis movimentos da sua prodigiosa architectura . O que fez dizer a S. Basilio , Homil. 11. Hexam.

Universa hæc Mundi moles perinde est ac liber litteris exaratus , palàm contestans , ac prædicans gloriam Dei , illiusque augustissimam majestatem , arcanam alioqui , & invisibilem , abundè enuncians tibi intellectili creaturæ : Cæli enim enarrant gloriam Dei , & opera manuum ejus annuntiat Firmamentum . Psalm. 18. v. 1.



Quem o pode negar? Mas a ignorancia  
 Do nosso fraco arbitrio não acerta  
 Com a ideia cabal da Divindade:  
 Tudo quanto alcançamos nos persuade  
*Que ha Deos ; mas o q̃ he Deos , ninguem o entende,*  
*Que a tanto o engenbo humano não se estende.* ¶

O Povo rude, e inerte, que se move  
 Pelo que vê, não pelo que imagina,  
 Notando que na esphera crystalina  
 Discorre esse luzeiro, que em rotundo,  
 Brillhante movimento anima o Mundo,  
 Com a luz, e calor; desconhecendo  
 Objecto mais benéfico, o reputa  
 Por huma essencia, e Divindade eterna,  
 Que os homens fortalece, e os Ceos governa.

Eu não discorro assim, antes presumo,  
 Que este cálido, esplendido resumo  
 De todo o fogo ethereo, fabricado  
 Foi de impulso mais alto: aqui me entrego

G

Aos

¶ Lusiad. cant. 10. est. 80. e Sant. Agost. in Meditation. sic ait.  
 Deus est, quem nec mens attingit, quia incomprehensibilis: nec intellectus,  
 via investigabilis: nec sensus percipit, quia invisibilis: nec lingua enuntiat,  
 via ineffabilis: nec scriptura explicat, quia inexplicabilis.

S. Gregor. Nazianz. Tract. de Fide:

Deus est quod, cum dicitur, non potest dici: cum æstimatur, non potest æs-  
 mari: cum definitur, ipsa definitione crescit.

Aos profundos principios de huma CAUSA  
 Taõ sublime, taõ sabia, e preeminente,  
 Que fez huma substancia taõ luzente:  
 Qual ferá (diz entaõ o meu sentido)  
 O Productor, se he tal o produzido?

A LEI, que vós seguis, o sacro culto,  
 Que a hum DEOS UNICO dais, a firme crença  
 De que encarnou no ventre de MARIA;  
 E que para opprimir a rebeldia  
 Do indõmito dragaõ se entrega à morte,  
 Taõ estranho naõ he nesta distancia,  
 Como talvez suppondes: Claramente  
 Consta da tradiçaõ, que hum homem santo  
 Assim o publicou antigamente  
 Nestas nossas Provincias §; e o quebranto,  
 Que as idades conseguem no costume,  
 Foi apagando a lûz daquelle lume;  
 E hoje apenas a sombra desta Historia:  
 Se alcança na fraqueza da memoria.

As nossas leis humanas naõ se apartaõ  
 Tambem de huma ajustada dependencia † :

§ Attendendo ao tx. In omnem terram exivit sonus eorum.

*Psal. 18. v. 5.*

† Os costumes, que aqui descrevemos nestes gigantes saõ suaves, re-  
 ctos, e mui conformes às leis da humanidade: E queremos mostrar que os  
 ho.

A Plebe têm Juizes, que vigiaõ  
 Sobre toda a Civíl conformidade :  
 Entre nós a mais fõrdida maldade  
 He o soborno , e a peita no que julga :  
 Se há prova que a sentença se promulga  
 Com paixãõ , ou respeito , ou outro affecto ,  
 He crime da mais feia circumstancia :  
 Há o mesmo cuidado na observancia  
 De hum recìproco trato : O dolo , o engano ,  
 A malicia , a traizaõ , recebe o dano  
 Correspondente à culpa , que comete :  
 Tudo quanto se ajusta , e se promete  
 Cumprido se há de ver com inteireza :  
 Ha tambem entre nós Plebe , e Nobreza :  
 Esta em varios estados se divide :  
 Em todas as acçoens sempre preside  
 A os de origem mais ìnfima : Com varias ,  
 E distintas insignias se conhece

G 2

O

homens na Provincia mais remota, e inculta, e podem viver cõm doçura, e com justiça, observando a lei, que lhe influe a natureza na sua mesma especie: e ainda que os gigantes estejaõ no conceito commum, de que sãõ ferozes, cruéis, e intrataveis, e seja preceito effencial das epopeias, que os costumes se conformem com a ideia das personagens, que nella se introduzem, com tudo não faltamos à verisemelhança em fazer os gigantes de outro caracter; porq̃ não implica que haja gigantes benignos, ainda que alguns fossem intrataveis: e como nesta benignidade se conforma o maravilhoso com o verosimil, se satisfaz melhor por este modo às regras do Poema Epico: Especialmente quando se leva o intento de se mostrar aos homens, que nenhuma Naçaõ, por mais grosseira, e indocil, que se considere, tem razaõ bastante para se apartar daquelles principios, com que foi produzida.

Os

O fangue mais illustre: Todo o arrojo  
 Do Plebeo feito ao Nobre, se castiga  
 Com severo rigor: da mesma forte  
 A violencia, q̃ o Grande lhe executa:  
 A pena de Taliaõ não tem disputa  
 Nos casos, em que pode executar-se:  
 Aos Pais se deu poder de vida, e morte  
 Sobre os filhos, depois de reparar-se,  
 Em que não ha delicto mais horrendo,  
 Que o infame intento, q̃ o furor tremendo  
 De querer no económico dominio  
 Sustentar contra o Pai algum definio.

Naõ pode haver mais bàrbara insolencia,

Do

Os Patagoens, e os Chaucauës, aindaque gigantes, não erã ferozes; pois se deraõ muito bem com os Europeos, e Mr. Nolin na sua Descripção da America, os pinta mui familiarizados com os Hespanhões. E não he muito, que supponhamos gigantes de tanto raciocinio, e docilidade, quando a Igreja nos pinta a hum S. Christovaõ, com esta mesma estatura. Os que negaõ a existencia dos gigantes, pertendem que a pintura, q̃ se faz deste Santo Martyr em quasi todas as Paroquias antigas, não tem mais fundamento, que o intento de ser visto de todos, pela introdução que houve entre os catholicos rusticos, de que quem visse a sua imagem não morreria de repente; porem eu tenho este motivo por mais fabuloso; pois nas Cathedraes, onde se via o gigante celeste, não podia prevalecer este abuso, se fosse certo aquelle motivo. A antiguidade deste Santo, que floreceu no 2. seculo da Igreja, he que fez duvidar alguns criticos modernos da sua corpulencia: criticos perigosos, que não se atrevem a crer, senã o que tem diante dos olhos, vivendo, menos com a intelligencia, que com os sentidos.

Segundo o que nos refere Marul. lib. 4. cap. 7. a estatura de S. Christovaõ era taõ grande, que nem duzentos soldados se atreveraõ a prendello. Mas seja como for, não temos aqui obrigaçã de disputar o verdadeiro, mas só de não exceder o verosmil.

Do que pagar ao Pai a diligencia ,  
 O fulto , o zello , e a ancia de criallo ,  
 Compollo , dirigillo , e de educallo ,  
 Com a jaectancia enorme de offendello ,  
 E romper a prizaõ , que lhe destina  
 Naõ só a lei humana , a lei divina.

Quem haverá que crie entre os humanos  
 Hum filho , com fadiga taõ immensa ,  
 Para ter semelhante recompensa ?  
 Depois de tanto horror , tanta impiedade ,  
 Que mais pode fazer a atrocidade ?

Nasce ( he certo ) daqui toda a desordem ,  
 Que padece a Republica ; ¶ que os filhos ,  
 Que costumaõ romper a lei paterna ,  
 Se os consentem , sem pena , na arrogancia ,  
 Passaõ logo ao desprezo da observancia  
 Das outras leis , que o Principe publica :  
 E hum homem neste arrojo , neste empenho ,  
 Naõ darà nem hum passo , sem despenho.

G 3

No

¶ Mostra-se aqui que taõ natural , e taõ inseparavel dos impulsos da Natureza a devida obediencia , que os filhos devem ter aos seus genitores , que naõ he necessario a lei civil para produzilla , pois ainda huma Nação , que naõ tinha algum conhecimento da Jurisprudencia , a estabelecia com tanta efficacia no seu governo : o que tambem se prova pelo primeiro Legislador Romano , pois o poder *vires* , & *neccis* , q se deu aos Pais sobre os filhos , he huma das leis , com que Roma foi instituida : lei q dalli a mais de 300. annos trouxe a Republica do governo da Grecia , e a mãdou lançar entre as leis das doze Taboas ,

No Reino, em que tiver este descuido  
 A attenta prevenção do Magistrado,  
 Não deixará de haver facinorosos\*:  
 E roto, com impulsos criminosos,  
 O laço das Famílias, não se espere  
 Que alcance nesta trágica ousadia.  
 Seu interior socego a Monarquia.

Esse incendio infelíz, que abraza a terra;  
 A ignea furia, que se chama guerra,  
 Onde com fero estímulo se inflâma  
 O falso resplendor da eterna fama;  
 Não se ignora tambem nesta Provincia:  
 Os nossos Confinantes nos impellem  
 A aceitar este intrèpido discurso:  
 Mas esta indignação, este recurso  
 Não he gloria entre nós, he sô remedio:  
 A expugnação, o choque, o horror, o assedio,  
 Outra instancia não tem, que quando intenta  
 Entre os insultos de huma acção violenta  
 Opprimir-nos, com bàrbara injustiça,  
 O arrojo da soberba, ou da cubiça.

No meio dos furores de Mavorte,  
 Quando a còlera, o escândalo, a vingança

Ma-

\* Este conceito he do Marquês de Santo Aubin no seu Tratado da Opinião.

Mais ignea instigação no peito alcança,  
 Damos a páz, \* se acaso se nos pede;  
 Julgando que a maior felicidade  
 Consiste na mortal tranquillidade.

Fixamos nossas lanças § sobre os montes,  
 Em signal das victorias conseguidas:  
 Pelas hasteas as heras lisfonjeiras  
 Vaõ trepando; e no ardor dos Horizontes.  
 Nos servem, pelo vento sacudidas,  
 De frondosas, pacíficas bandeiras,  
 Onde tremòla a luz, e o alento manso,  
 Que respira a doçura do descanso.

G 4.

En-

\* Dizem os pollicos, e ainda mais os militares, que a guerra se intenta para alcançar a páz: triste remedio do conseguir a tranquillidade? Se a páz ná de ser o fim da guerra, não he melhor que haja paz, sem se buscar hum meio tão horrivel, e violento? Pouca gente haverá que queira páz que a não onfiga; e os que querem a guerra, nunca lhes faltaõ pretextos para mostrarem que ella he precisa, sendo quasi sempre bem escusada.

Ainda não vi guerra offensiva, que se possesse reputar por justa, e pode ser que a defensiva nem sempre o seja.

Nulla salus bello: pacem te poscimus omnes.

----- Pax optima rerum,  
 Quas homini novissè datum est: pax una triumphis  
 Innumeris potior; pax custodire salutem,  
 Et cives æquare potens. - - -

Dizia o Imperador Joviano: Odi omne contentionum genus, concordiam utem unicè amplector, & amo.

Socr. lib. 3. cap. 21.

§ ----- digalo armada  
 De páz su diestra, diganlo trepando  
 Las ramas de Minerva por su espada.

Góng. Paneg. do Duq de Lerma, est. 3.

Entra outra vez entãõ a Agricultura, ¶  
 Com a ruda fadiga; e se converte  
 A aguda espada na dentada foice;  
 O concavo morriaõ no grosso arado:  
 Fecunda o monte, fertiliza o prado  
 A loira sementeira, que se abona  
 No cofre de Amalthea, e de Pomona.

Se na concisa imagem, que debuxo,  
 Desta nossa Provincia, tendes feito  
 Alguma estimaçaõ; e se o conceito  
 De hum sentimento plácido se izenta  
 Desse bárbaro horror, que representa  
 O nome de gigantes: se não tendes  
 Julgado que de hum genio fero, e tosco  
 He todo o nosso espirito composto:  
 Se presumis que em nós não se acha engano,  
 Ou fereza, ou traizaõ: Que o trato humano  
 Com nosco não se infama: Que entendemos  
 A razaõ; e o furor desconhecemos:  
 Espero que no ardor de huma hospedagem,

Et

¶ Pax me certa ducis placidos conflavit in usus.  
 Agriicola nunc sum: militis ante fui.

*Mart. lib. 14. epigram. 34.*

Et curvæ rigidum falces constantur in enses.

*Virg. lib. 1. Georg.*

Sarcula cessabant, versique in pila ligones,  
 Factaque de rastro pondere cassis erat.

*Ovid. lib. 1. Fastor.*



Em que temos mostrado tantos votos,  
 Taõ doces, taõ benèvolos abrigos,  
 Nos tendeis por Irmaons, e por amigos.

Aqui chegava o Rei, quando recebe  
 Noronha hum Nuncio do sublime Affonso,  
 Com o aviso de estarem preparadas  
 As nãos; e já em termos de partida:  
 Em quanto se dispoem a despedida.  
 Pede ao Rei, Corvinel, lhe permittisse  
 Ficar allí mais tempo, porque vísse,  
 E notasse as Provincias deste Imperio:  
 Esta occulta instrucção lhe tinha dado  
 O insigne Capitaõ: Alegremente  
 Lho concede Hunnathilpha; unico alivio  
 Do desgosto, que a auzencia lhe causava  
 Dos outros Lusitanos: Naõ se achava  
 Com valor a faudade de Amalintha  
 Para encobrir a magoa: O amor lhe pinta  
 Naõ sei que imagens tristes na memoria,  
 Que a pena lhe fizeraõ taõ notoria,  
 Que inda q̃ em outro aspecto se fingiraõ,  
 Os incendios no pranto as descobriraõ.

Fica em fim Corvinel, Noronha parte:  
 De Venus zomba a còlera de Marte:

Chega às náos, que já promptas não esperão  
Senaõ pelos auzentes Lusitanos:

As ancoras se levaõ, bate os pannos  
Hum Favonio benigno; e em breves horas,  
Movida a Esquadra de hum pulsante alento,  
Naõ vio mais, do q̃ golfo, e \* Firmamento.

Pouco alem da ametade de mil legoas  
Distã a terra, ¶ que deixa a Lusa Frota:  
Do Cabo tórnentorio; e em poucos dias:  
Chega a vencer o impulso da corrente,  
Que entre Madagascar, e o continente  
Por huma, e outra parte se arrebatã:  
Da qui passou a Onor, q̃ inda retrata  
No estrago de seus altos edificios  
A vingança, que tinha a nossa furia  
Tomado da rebelde, e incauta injuria,  
Que às nossas armas fez: o ferro, e o fogo,  
Movidos de huma bêllica efficacia,  
Mudaraõ na obediencia a contumacia.

Surta a armada na barra, o grande Affonso

Man-

\* Quocunque aspicias, nihil est nisi pontus, & æther.

*Ovid. lib. 1. Trist. eleg. 2.*

E já depois que tudo se escondeo,

Naõ vimos mais em fim; que mar, e Ceo.

*Lusiad. cant. 5. est. 3.*

¶ O Cabo da boa Esperança está a trinta, e cinco grãos de latitude  
Austral.

Manda chamar à Povoação, \* Timoja ;  
 Esse que em Anchediva enveste o Gama ;  
 Que com illustre intento, e ardor contrario ,  
 Já se tinha, de mísero coffario ,  
 Mudado em Capitão mais generoso ,  
 Fazendo-se attendido , e poderoso  
 Na terra, e mar ; e amando as nossas armas  
 Depois que experimentou naquella empreza  
 A nossa valerosa fortaleza.

Encobrimdo-lhe a idcia, que trazia  
 Entre o esforço da egregia fantasia ,  
 Pertende o General levallo ao ponto ,  
 Que há tanto tempo o espirito lhe move :  
 Era Timoja prático nos mares  
 Da India, e em toda a còsta : intelligente ,  
 Prompto , advertido ; despejado , ardente ;  
 E Affonso , da instrucção , e das noticias ,  
 Que elle podia darlhe , ancioso espera  
 Felicitar no ardor da força brava  
 A illustre pertençaõ , que meditava.

En-

\* E sendo tanto avante, como o rio de Onor, mandou Garcia de Sousa, Capitão da não Santa Clara, que em o seu batel entrasse dentro do Rio de Onor, e fosse á povoação a lhe chamar Timoja, o gentio Coffairo, de que aráz fizemos menção.



## A Conquista de Goa.

Entra na Capitana, e agasalhado \*  
Foi de Affonso com honra, e com agrado:  
Diz-lhe que elle estará bem instruido  
Do que em Ormûs lhe tinha acontecido,  
E que sempre trouxera no seu peito  
O verſe cabalmente ſatisfeito  
De quanto Coge Atâr entaõ zombara  
Da fama Portugueza, e da preclara,  
E sempre altiva acção das noſſas Quinas:  
Que tinha convocado aquella Frota  
Para vingar a injuria, e que defeja  
Que Timoja a acompanhe, e felicite  
Com conſelho, e valor, quanto exercite  
O braço Luſitano; e que na historia  
Tenha tambem lugar eſta memoria.

Ouvio attentamente eſte gentio  
Taõ illuſtre propoſta; e em honra aceſo  
Pelo nobre convite, altivo, e forte  
Reſponde ao grande Affonſo deſta ſorte:

Julgo-me indigno, O' Capitaõ famoso,

Def-

\* O qual Timoja, como era homem abastado, e diligente, e que defejava meterſe em noſſa graça, veio logo com muitos bateis carregados de mantimentos, e refreſco da terra, e depois que Affonſo de Albuquerque o recebeu com agasalho, como homem de que fazia muita conta para os ardis da guerra daquellas partes, diſſelhe o caminho que fazia.

Deste grande favor, com que pretende  
 Honrarmè a vossa fama: elle me acende  
 N'hum desejo de gloria taõ altiva,  
 Que o assombro mais furioso, e mais nocivo,  
 Que pode fulminar a dura guerra,  
 Do meu pequeno impulso naõ desterra  
 O desejo de em tudo obedecervos:  
 Vibre Mavorte os ímpetos protervos,  
 Que prompto me achareis a qualquer hora;  
 Seguindo a vossa espada vencedora.

A vingança, que tendes meditado  
 Contra a traidora Ormûs, se faz mui digna  
 Do vossò grande Espirito: e disponho  
 Offrecervos à ancia deste intento  
 Quanto cabe no ardor do meu alento.

Porem eu proporei mais alto empenho  
 Ao vossò excelso estímulo: \* O Sabaio,

Que

\* Ao que Timoja respondeo que se espantava delle deixar huns inimigos à porta de casa, e hir taõ longe fazer morada nova na de outros, que naõ tinha muito certa; que dizia isto, porque tinha em Goa muitos Turcos, Rumes, e outras gentes de varias naçoens: Porque o Sabaio, Senhor de Goa, que era o maior Principe entre os Mouros do Reino de Decan, havendo por grande injuria ter elle tanto nome na India, e tantos portos de mar, cujas rendas lhe importavaõ muito, naõ ter resistido com sua potencia aos Portuguezes: as quaes cousas os gentios do Reino de Narsinga, com que elle tinha guerra continua, lhe lançavaõ em rosto: Por a qual causa ajuntata toda esta gente, que dizia, para antes de pouco tempo sahirem com huma grossa armada

Que foi Senhor de Goa; e o mais potente  
 No Reino de Decan; sempre impaciente  
 Se vio nestas Conquistas: Os gentios,  
 Que vivem nestes vastos Senhorios  
 Do Imperio de Narzinga, onde dispunha  
 Huma continua guerra, lhe accusaraõ  
 A paciencia servil de tantas vezes  
 Ver triumphantes na India os Portuguezes:  
 Levado deste estimulo, resolve  
 Que de baixo das luas Mauritanas  
 Haõ de ficar as Quinas Lusitanas.

Na quelle largo porto, convocado  
 Tinha hum grande armamento, destinado  
 A lançarvos do Oriente: immensas vèllas  
 Allì se tinhaõ junto para tanta  
 Arrojada jaçtancia: Antes q̃ rompa  
 Do formidavel ventre o parto enorme,

A  
 da em destruição do nome Portuguez: de que em estaleiro estavaõ muitas náos, e galeoens acabados, e outros em que se trabalhava. Porem como Deos favorecia as cousas d'elRei de Portugal, e os seus Capitaens; tinha desfeito em alguma maneira todo este apparatus; e que lhe parecia que tudo se ordenava na boa fortuna delle Affonso de Albuquerque, para desfazer, e destruir a fogo, e a ferro aquella praga, que alli era junta: porque o Sabaio era morto, e seu filho o Hidalcaõ andava occupado nas terras firmes affossiegando o Reino, e defendendo de seus visinhos o que lhe queriaõ tomar em algumas fronteiras delle, para que mandara hir parte da gente, que alli era junta, e que a obra das náos hia mais de vagar: que a elle lhe parecia o poder daquella armada ser melhor empregado neste feito de Goa, pois tinha taõ boa conjunção, que hir a Ormuz.

*Ibid.*

Amim me parecia mais conforme,  
 Que deixando de Ormûz a ousada ideia,  
 Esta Esquadra surgisse em outra areia,  
 Onde deixar podêssimos desfeitos  
 Os fementidos, bârbaros conceitos  
 Desta indômita gente: Eu imagino  
 Que he feliz a occasião: Hà poucos dias  
 Que morreu o Sabaio: Hoje a Cidade  
 Quasi está sem Senhor, pois nas fronteiras  
 Do Reino, entre disputas bem guerreiras,  
 O Hidalcaõ, que no sceptro lhe succede,  
 Se acha agora empenhado; e de taõ longe  
 Não pode dar espirito, que valha  
 Na defenſa, ou do golfo, ou da muralha.

Pela vasta extenſão deste hemispherio  
 Tereis constituido o Luso Imperio  
 Se Goa dominais: Alta cabeça  
 Pode ser do dominio, que dilata  
 O valor Lusitano; e esta victoria  
 Inda fará mais clara a vossa gloria.

Para seguirvos, para acompanharvos  
 Aqui me tendes hoje: \* Se a excitaivos

Me

\* E por não parecer a sua Senhoria, que lhe fallava, como homem, que estava fora do jogo, e que não havia de meter cabedal naquelle perigo, elle

Me empenho nesta empreza, não sou homem,  
 Que os conselhos influa, e me retire  
 Do perigo, no voto, que proponho:  
 Sabido tendes que não sou bisonho  
 Nos impulsos de Marte, nem da quelles,  
 Que votaõ com valor mais arrojado  
 No que há de fer por outro executado.

Disse; e Affonso o escutava ¶ suspendido,  
 Por fer este o projecto concebido  
 Na sua propria mente: Excelso arrojado  
 Lhe parece que move o pensamento  
 De Timoja: Approvou o mesmo intento  
 Dos Capitaens o bellido discurso:  
 Passa logo este undivago concurso

A<sup>o</sup>

não podia dar melhor testemunho de quaõ lealmente nisso fallava, senaõ com meter sua pessoa no feito, a qual elle offerencia com quanta gente, e navios tinha.  
*Ibid.*

¶ Affonso de Albuquerque quando ouviu estas cousas a Timoja, às quaes elle esteve muito attento, não lhe pareceo que vinhaõ da boca d'hum gentio, mas de hum nuncio do Espirito Santo, poloque trazia guardado em seu peito, posto que elle se fez mui novo neste negocio. E depois que louvou muito a Timoja de prudente, e cavalleiro, quiz que todas estas cousas, que lhe dissera as tornasse a resumir ante os Capitaens, e Fidalgos principaes daquela armada: na qual pratica elle Affonso de Albuquerque mostrou bem quanto lhe approve o que Timoja disse, porque deu outras muitas razoens em favor deste seu voto, por ser cousa sobre que elle trazia aviso dias havia. Por razao do qual por Pedro Affonso de Aguiar escreveu a ElRei D. Manoel quanto lhe importava fer Senhor de Goa, porque com ella podia segurar o estado da India.

*Ibid.*



A<sup>o</sup> Ilha de Anchediva \* a preparar-se  
 De tudo o que podia imaginar-se  
 Ser nesta acção preciso; e ao mesmo tempo  
 Se deu também lugar a que Timoja  
 Ajuntasse petrechos, e navios  
 Para seguir a armada: de outras partes  
 Se movem os guerreiros estandartes  
 Dos amigos do estado, por se unirem  
 A<sup>o</sup> gloria de assistirnos na ousadia,  
 Que emprendido tivèssimos: Trez mezes  
 Gastarão no preparo os Portuguezes;  
 E estando tudo prompto, a Lufa proa  
 Rasga festiva o mar, e chega a Goa.

Nesta terra, a que os Índios dão o nome  
 De Canarà, na parte onde hum terreno  
 Se forma entre dois braços, com q<sup>o</sup> o golfo  
 O cerca pelos lados, que no idioma  
 Destas Provincias o appellido toma  
 De Tiçuarî, e nellas significa  
 Trinta Aldeias, se estende, ou amplifica  
 A brilhante Cidade, dando aos olhos  
 Hum respeitado aspecto nos indicios  
 Do trato, e da riqueza: os edificios

H

Mos-

\* No qual tempo Affonso de Albuquerque o foi esperar á Ilha de Anche-

Mostravaõ na valente architectura,  
Entre a mesma soberba, a formosura.

Discorre o largo muro pela fronte:  
Sobranceiro à Cidade fica o monte,  
Que em todo o Malabar Gate se chama:  
Desde a sua eminencia a os dois esteiros,  
Que se ajuntaõ, depois de feita a Ilha,  
Descem diversos Rios, que formando  
Varios passos na praia, e conservando  
Hum de Benestari o nome antigo,  
Outro de Gondali; este o perigo  
Tem de ser habitado dos mais feros,  
E vorazes lagartos, q̃ os abortos  
Da especie amphibia nunca tanto instaraõ  
Em quantos verdes monstros disformaraõ;  
Nem mais atrocidade inspira o Nilo  
No indõmito, aleivoso Crocodilo.

Da Ilha o comprimento, quem começa  
Pela parte Oriental da quelle passo,  
Benestari chamado, ao mar tres legoas  
Bem se podem contar; e huma semente  
He q̃ faz a largura: A terra he quente,  
Sem charcos, e saudavel: frutas, agoas,  
Ar puro, e tudo o mais, que forma a ideia

No precioso thesoiro de Amaltheia.

Gate se finge hum rústico gigante,  
 Que choca com a ira das escumas:  
 Por toda a parte sóbe alcantilado,  
 De forte que parece hum grande, e irado,  
 Que caie sobre o mar; e do seu cume,  
 Bárbaro, e solitario, se descobre  
 Toda a extensaõ do escândalo salobre,  
 E até onde chegar se atreve a vista:  
 Fera, ou ave nocturna he que regista  
 Dos seus rudos, incògnitos rochedos  
 A torpe habitaçaõ: Entre os segredos  
 Desta triste, medonha soledade  
 Vive, ou morre em perpetua escuridade,  
 Negado sempre à luz do claro dia,  
 No mais confuso horror de huma caverna  
 O màgico Alfarami: Huma lanterna,  
 Phosphoro macilento deste abyssino,  
 He que dava em hum roxo parocismo  
 A enorme claridade ao centro escuro:  
 Pendiaõ do escabroso, obsceno muro,  
 Em que a camera horrenda se formava;  
 Globos, quadrantes, caractères, philtros,  
 Ossadas, teraphins, e vasos cheios  
 De corruptos liquores, calcinados

Nos incendios pestíferos dos fados:  
 Outros, de fangue podre, outros de cinzas,  
 Onde no horror, que o sortilegio atesta,  
 O olfato se amotina, o ar se apesta.

Daqui parece ao magico, que os Orbes  
 Recebem novas leis; q̃ o ethereo lume  
 Pende do seu arbitrio; que o costume  
 Do homem, fera, ou ave, está fogeito  
 A toda a direçaõ do seu conceito:  
 Que o Fogo, a Agua, a Terra, e o Ar não forma  
 Movimento, ou descanso, que não tenha  
 (Ou quando se enfurece, ou se despenha  
 Com a furia dos ímpetos ferozes)  
 A sua indignaçã nas suas vozes.  
 No ceruleo crystal de hum triste espelho,  
 Que lhe ferve de mappa, onde debuxaõ  
 Os successos da sorte a lei precisa,  
 Cheio de espanto, e horror no mar divisa  
 A nossa illustre Esquadra, e alcança o intento,  
 Com que as ondas domina, e encrespa o vento.

Como consente (diz) o Averno injusto,  
 Entre as violencias de hum furor adusto,  
 Nos miseros Christaons tanta ousadia,  
 Que aspirem, com a quilha triumphadora,

A inquietar no seu berço a mesma aurora?

Como a raiva do Abyfmo lhes concede  
 Que esta Efquadra Catholica fe hospede  
 Em parte taõ remota, e tenha alylo,  
 Achando o vento brando, o mar tranquillo,  
 Em Provincia, onde intenta a luz de Roma  
 Profanar os altares de Mafoma?

Já não podem do Tártaro as crueldades  
 Mover os furacoens, e as tempestades?  
 Já não podem lançarfe contra as vèllas  
 Todo o impulso das fùbitas procellas?  
 Já não podem do golfo os Senhorios  
 Castigar a jactancia dos navios?  
 Já não podem nos líquidos contagios  
 Fulminarlhe a miseria dos naufragios?

Já não podem (gritando entre os furores  
 De huma ira mortal (lhe diz) do Inferno  
 O monstro mais atrôz, que neste instante  
 Ao magico apparece) Já não podem,  
 Por mais que as ancias impacientes rodem  
 Sobre esta invicta gente: Alto decreto  
 A fantifica neste grande objeto:  
 Que val tanto furor do meu dominio,

Se hoje o Ceo favorece o fei desinio?

Val, e pode valer (insta Alfarami)  
 E tu não es aquelle, que emprendeste  
 Collocar sobre a maquina celeste  
 O teu soberbo folio? \* Não abriste  
 Os pòrticos de Edên, e introduziste,  
 Em astuto dragaõ dissimulado,  
 O primeiro veneno do peccado?

Naõ se oppôz teu arrojo furibundo  
 Sempre indignado à Redempção do Mundo,  
 Combatendo com bàrbara violencia  
 O constante valor da penitencia?  
 E inda opprimida com a excelsa planta  
 De huma AUGUSTA MOLHER, não se levanta  
 O teu colo arriçado mais furioso;  
 E entre a oppressão do pezo luminoso,  
 Que todo o teu esforço ¶ debilita,  
 Mais fero não se acende, e não se irrita?

Pois como desconfiás que os rancores,  
 Que alimentas nos tràgicos horrores.

\* Super astra Dei exaltabo folium meum: fedebo in monte testamenti  
*Isai. Cp. 14. V. 13.*

¶ Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo ejus.  
*Genes. Cp. 3. V. 15.*

De hum terrivel incendio, não te fejaõ  
 Bastantes no teu braço, sempre adverso,  
 A revolver o corpo do Universo,  
 Quanto mais effas liquidas campanhas?  
 Se acafo te intimidas, se he q̃ estranhas  
 O incitarte hum mortal que as fombas feias  
 Sepultem no mais fundo das areias  
 Desses verdes crystaes, estes errantes,  
 Atrevidos, soberbos navegantes;  
 Que por mares incultos de taõ longe  
 Novas ondas, e clymas descobrindo,  
 Em quatro taboas profanar do Indo  
 Vem os altos segredos; da-me ajuda,  
 Da-me aquella violencia carrancuda,  
 Que habita nos vesubios do teu peito,  
 Verás todo effe escândalo desfeito;  
 É verás, se he q̃ Goa o orgulho exhorta  
 Ao feu atrevimento, como abforta  
 Fica tanta ambição na ardua empreza  
 De expugnar taõ illustre Fortaleza:  
 Todas as minhas forças te cometo  
 (Diz Luzbel a Alfarami) as mesmas Furias,  
 Que assopraõ do Cocyto a horrivel chama  
 Ao teu poder entrego: Opprime, inflamma,  
 Devora, despedaça, assombra, inspira,  
 Despenha, desordena, abraza, e gira

Por todos esses mares, que presente  
 Tens toda a indignação do esforço ardente:  
 O' se poderes tanto! Assim gritando  
 Se lança, com horrendos parocismos,  
 No mais profundo centro dos Abyssos.

# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

CANTO IV.

**E**M quanto esta terrivel conferencia  
 De Gate amodrentava inda os rochedos,  
 Hia lançando o ferro a nossa armada  
 Já no golfo de Goa, e apenas tinha  
 Desarmado as antenas, quando vinha  
 Pela mesma derrota a todo o panno  
 Corvinêl, e os mais focios, que ficaraõ  
 No Reino de Hunnathilpha: celebraraõ  
 Com clamores, e júbilos guerreiros,  
 A entrada do navio, os companheiros:



E foi maior o affombro, quando advertem  
Que em cima do convêz, hum dos gigantes  
Mostrava, com acenos, a alegria  
De se ver outra vêz na companhia  
De toda a nossa Esquadra: Era hum dos Gemeos,  
Não se sabe porem qual delles era,  
Pelos ter dos influxos o treslado  
Taõ indistintamente equivocado.

A<sup>2</sup> presença de Affonso passa logo  
Corvinêl com o hõspede membrudo:  
Que portentos faõ estes (entre os braços  
Lhe diz o General) como quizesteis  
Deixar a vossa patria, e cometesteis  
Hum taõ largo caminho? Por ventura  
Será só para darnos a doçura  
De tornarvos a ver? Não desconheço  
(Responde alegre o Gmeo) q̃ vos dava  
Bastante admiração na minha vinda:  
Vou dizer a causa deste arrojo:

Desde o instante que ouvi a heroicidade  
Do vossõ excelsõ impulso: a suavidade  
De todos os costumes Portuguezes:  
A vossa fanta LEI, que muitas vezes  
O coração me occupa, inda não tendo

Ma-

Mais que della huma ideia, bem confusa :  
 A proteçãõ do Ceo , que está diffusa  
 Em todo o vosso esforço : a maravilha,  
 Com que domina o mar a vossa quilha :  
 O affombro, que se inclue nos alentos ,  
 Comque domais a còlera dos ventos :  
 E o espanto finalmente, com que a sorte  
 Vos tem visto vencer o fado , e a morte :  
 Nunca pude apartar minha esperança  
 De fazer huma egregia semelhança  
 De taõ raras acçoens : Naõ poderia  
 Sahir, com este empenho, entre esses rudos  
 Estylos de huma terra taõ remota  
 A<sup>o</sup> luz deste esplendor ; e tinha pejo  
 De ingrato parecer o meu desejo  
 A<sup>s</sup> doçuras da patria: esta impaciencia  
 Pertendi declaralla, quando a auzencia  
 Intentasteis fazer da nossa còsta ;  
 Mas como Corvinêl inda ficava,  
 Com novos pensamentos moderava.  
 A ancia irrevocavel de seguirvos :  
 Chegou em fim o dia decretado,  
 Para partir., depois de haver notado  
 Com patente do Rei, do nosso Imperio  
 Todas as raridades : Vem a hora  
 De se ver entre o amor da patria doce,

E a minha propenzaõ, essa disputa,  
Em que hum, e outro pensamento luta,  
Sem saber quem levava inda a victoria:  
Venceu em fim a força da memoria,  
Que as vossas qualidades me desperta:  
Com nenhuma eleição o impulso acerta  
Vendo que já se tinha despedido  
Corvinêl de Hunnathilpha: sem sentido  
Chego aos pés de meu Pai, banhado em pranto,  
E lhe digo: Senhor, se pode tanto  
Hum affecto paterno; e este se atreve  
A vencerse a si mesmo; aqui me humilho,  
Porque deis nova vida a hum vosso filho,  
A pezar dessa amante repugnancia  
De o apartares de vós: Taõ grande he a ancia  
De ver que os Portuguezes já se auzentaõ,  
Que todos os discursos me atormentaõ  
Por não poder seguillos: Não se offrece  
Causa digna a negarme o q̃ proponho:  
Vós tendes successor ao vosso Imperio  
Em meu Irmaõ Artale; e a occulta forte  
Me impelle ao mesmo tempo, ou me destina  
A mais raros portentos: predomina  
Não sei que excelso influxo nas imagens  
Da minha fantasia, que quizera  
Ver todo o resplendor da illustre esphera,

Onde me leva, me arrebatada, ou chama  
O glorioso clarim da eterna fama.

Se vivo me quereis, não se me negue  
Hum taõ estranho intento; e se não podem  
Do vossò grande amor romperse os laços;  
De que vos sirvo morto em vossos braços?  
Ou daime esta licença, ou se pertende  
Tirarme o vossò affecto esta ventura,  
Bem podeis prepararme a sepultura.

Eu chorava, e dizia juntamente:  
E o Rei por largo espaço inda hum suspiro  
Articular não pode: no retiro  
Mais intimo do peito se recolhem  
As tímidas palavras; e gemendo  
Inda mais, que fallando, assim me expunha  
Toda a immensa afflicção daquelle afogo,  
Que lhe causava a instancia do meu rogo.

Se ponho de huma parte a vossa auzencia  
Pareceme impossivel permittilla;  
Se da outra o perigo, que me ocorre,  
Vejo que não me atrevo a repugnalla;  
Aqui palpita a alma, e treme a falla;  
E não tenho outra coiza que dizervos

Mais, que vades cumprir vossó destino :  
Hide furcar o campo crystalino  
Entre a gloria de tantos Lusitanos :  
Aprendei desses homens, mais q̃ humanos,  
As illustres acçoens, que a Heroicidade  
Deposita na lúz da eternidade.

Outro podera ser o meu desejo :  
Eu celèbro, eu applaudo, eu louvo, e envejo  
A vossã inspiraçãõ : E manda logo  
Preparar quem me sirva na jornada :  
Naõ senhor (digo entãõ) naõ necessito  
Mais, que destes illustres Portuguezes,  
Para me acompanharem : tantas vezes  
Vossó filho serei quantas nas armas,  
Sem cortejo, sem pompa, sem ornato,  
De hum real descendente justifique  
O meu ativo impulso : naõ publique  
Outro mérito a fama que o do braço :  
Na victoria igualmente, e no fracço  
Quero só de soldado ter o nome,  
Sem nunca se partir o vencimento  
Entre o meu esplendor, e o meu alento.

Que conste ao Capitãõ da gente egregia  
Que me dais a licença de levarme

Só pertendo de vós : O Rei notando  
 O meu illustre alento , entãõ ordena  
 Que se passe o decreto : acompanhado  
 Pela estrada fomite de hum criado ,  
 Nas azas do desejo à cõsta chego :  
 Subo ao navio , e a Corvinêl entrego  
 A licença real , que reconhece  
 Por ser do mesmo punho , que a ã tinha  
 Levado , quando o Reino examinara :  
 Naõ posso encarecer quanto me ampara ,  
 Me festeja , e me alegra a Lusã gente :  
 A ancora se leva em continente :  
 E opprimindo as espadoas de Neptuno ,  
 Ora com vento fresco , ora importuno ,  
 Cheguei em fim à meta desejada  
 De se seguir , e laudar a volla armada.

Hia a mostrar-se agradecido Affonso  
 Outra vêz com os braços a Quinêl ,  
 E a congratular-se com o empenho  
 Do seu heroico intento , quando o ruído  
 Da nossa artelharia foi ouvido .  
 Em hum desses esteiros , com que entrava  
 O golfo pela terra : ao mesmo instante  
 Manda acudir o HEROE os ã mais promptos  
 Se achavaõ nos bateis , em quanto apresta

Outro maior socorro : Tinha dito  
 Timoja , \* que sem pena , nem conflito  
 Podia toda a armada entrar à tôa ,  
 E surgir sobre o ferro junto a Goa ;  
 Mas por mais segurar esta noticia  
 Quiz o HEROE que os esteiros se fondassem  
 Pelo invicto Noronha ; o que sabendo  
 Alguns dos Capitaens de outros navios ,  
 E instados dos esforços , e dos brios  
 Da guerreira Nação , a empreza seguem ;  
 A' qual com nobre ardor tambem se arroja  
 A intrépida assistencia de Timoja.  
 A acção foi disputada , e deu motivo  
 Aos ecos , que alcançou a furta armada ;  
 Que a fama , ou mais alegre , ou mais ligeira ,  
 Publicou entre as nãos desta maneira .

Fogaça ¶ em hum paráo mais leve , adianta

Com

\* Surto Affonso de Albuquerque sobre a barra desta Cidade de Goa ( como dissemos ) postoque Timoja lhe tinha dito , que com toda a frota se podia hir pelo rio acima ate a Cidade , e que elle o meteria dentro ; por se mais segurar , mandou D. Antonio de Noronha seu sobrinho , Capitaõ da não Ciute , que com o mestre della , e alguns pilotos da armada , fosse em o seu batel fondar o rio , e com elle Timoja , e alguns dos seus navios de remo , para o encaminhhar : vendo alguns Capitaens das outras nãos que D. Antonio hia fazer esta obra , seguirão a sua esteira nos bateis das nãos da sua Capitania , como quem desejava dar fé do que lá hia dentro .

*Barr. Decad. 2. lib. 5. cap. 3.*

¶ E hindo todos ao longo da Ilha afastados da terra firme fronteira , Jorge Fogaça , Capitaõ de huma caravella , como levava hum paráo da terra , ie-

Com vèlla, e remo a entrada; e de repente  
 Deu com hum bargantim, que pertendia  
 Espiar a nossa Esquadra: Já fugia  
 Ao tempo, que sobre elle se arrancava  
 Com a força da voga; e se amparava  
 De Pangî na muralha; Fortaleza,  
 Que servia de amparo, e de defeza  
 A<sup>o</sup> entrada do rio: Vendo os outros  
 Capitaens que Fogaça já se tinha  
 Posto taõ longe; com igual alento,  
 Fazem todos o mesmo movimento,  
 E quasi todos foraõ de improvisõ  
 Dar com a fronte \*\* do soberbo Forte:  
 Depois dalli os ter levado a forte,

**Ignor-**

ve, tomou a dianteira, e em querendo descobrir huma ponta, que fazia a terra, deu de súbito com hum bargantim de Mouros, que vinhaõ ver o que fazia a nossa armada: Tanto que Jorge Fogaça vio o bargantim, a graõ pressa remou rijo com defejo de lhe chegar: mas elle vinha taõ bem remado, q se acolheu a huma força chamada Pangis, com hum baluarte, que os Mouros tinhaõ feito, em que estava assitada muita artilharia, para defenõ da entrada do rio.

\*\* Dom Antonio quando vio que Jorge Fogaça arrancava rijo, posto que com a ponta naõ visse o bargantim, fez outro tanto, com os mais bateis, que o seguiaõ, tẽ hirem dar de rosto com o baluarte.

Com a vista do qual, posto que ficaraõ suspensos, por naõ mostrar fraqueza aos que estavaõ dentro, movido do espirito da victoria, que o chamava; sem saber o perigo, que tinha dentro da Fortaleza, que eraõ quatrocentos Mouros, entre os quaes eraõ alguns de cavallo, poz o peito em terra. E foi assim taõ de súbito, e despachadamente feito, que naõ houve acordo entre os Mouros de pôr fogo à artilharia; mas como gente, que acode a arrojido da maneira, que se acha, desordenados vieraõ receber os nossos; onde houve hum peria de ferro por hum grande espaço, tẽ que naõ podendo os

Mou-



Ignorando o perigo, a que se expunhaõ,  
 Oufadamente o envestem: Os Moiros eraõ  
 Mais de cem vezes quatro; e os q̃ fostinhaõ  
 O orgulhoso presidio: Já caminhaõ  
 Sobre lanças, e alfanges os valentes,  
 Oufados aggressores: Sem acordo,  
 Se lhe oppoem toda a força Mauritana,  
 Pois nem tempo lhe deu a nossa furia  
 De acudir aos canhoens; e teve a injuria  
 De vernos na garganta da muralha  
 A disputar a acção: destroça, e talha  
 Tudo quanto apparece, quanto encontra  
 A fulminante espada; e naõ podendo  
 Sofrer o nosso ferro os defensores  
 Deixaraõ-nos o Forte; e este preludeo  
 Da nossa arrebatada heroicidade,  
 Foraõ fazer patente na Cidade.

Timoja \* vendo que Noronha tinha

I

To-

Mouros soffrer o jogo das lançadas, e cutiladas dos nossos, parte dos quaes  
 ia eraõ dentro na Fortaleza, por entrarem pelas bombardeiras; em lugar  
 de se recolherem nella, fugiaõ para o campo sem darem por as palavras  
 de seu Capitaõ, que era hum Turco de nação, chamado Yaçuf Gurgij, ho-  
 meõ valente de sua pessoa, segundo alli mostrou té os nossos lhe alejarem  
 numa maõ, que o fez recolher em hum cavallo acobertado, em que andava,  
 e assi se foi apresentar a Goa, onde já achou outros taõ affinalados, que lhe  
 evaraõ a dianteira; da hida dos quaes a Fortaleza ficou despejada.

\* Timoja quando vio que D. Antonio tomava por sorte aquella Fortale-  
 a, e as ajudas, que tinha, sem a sua lhe ser necessaria, passou de outra ban-  
 da

Tomado a empreza de Pangâ, procura  
 Outro novo edificio, que allegura  
 A defeza do rio da outra parte  
 Fronteira à terra firme: De hum baluarte  
 Com Moiros trinta, e alguma artelharia,  
 Hê que constava a fâbrica: Subia  
 O gentio por ella, e os companheiros,  
 Seguindo os nossos inclytos guerreiros,  
 No arrojo, e na fortuna: Foi preciso  
 Neste dia com huma, e outra gloria  
 Repartirmos com elles a victoria.

Os despojos das duas Fortalezas  
 Não deraõ mais, que alfanges, frêchas, balas,  
 Canhoens, adargas, pólvora, turbantes:  
 Despejados os rios deste empenho,  
 Se intentou outra vez no errante lenho  
 Em lhe fondar a altura; e profeguindo  
 Na empreza foi a dar a quilha oufada  
 Em huma formidavel ¶ estacada, Qu

da da terra firme, onde estava huma maneira de baluarte, com artelharia, obra de trinta homens, que a guardavaõ: e como era cavalleiro de sua pessoa assim como pôz os olhos nella, assim lhe pôz as maõs, de maneira que imitou D. Antonio na victoria, que houve.

*Ibid.*

¶ E recolhendo cada hum por sua parte a artelharia, e miseria, que acharaõ, foraõ fazer a outra obra de fondar o rio, té huma estacada, que os Mouros tinhaõ feita, que o atreveçava, hum pedaço acima destes baluarte Alem da qual estavaõ humas grandes barcas, a seu uso, com muita artelharia, para dali varejarem qualquer nã, ou navio, que chegasse à estacada: todo tão defensavel, que parecia couza de grande perigo a subida a cima.

Que humas barcas defendem com a força  
 De fêrvidas bombardas, repartidas,  
 E allestadas com tanta providencia  
 Que nas expugnaçoens mais atrevidas  
 Não podia temer a resistencia.

Gloriosos, e instruidos para a Esquadra  
 Os Capitaens voltaraõ, que nos \*\* braços  
 Foraõ de Affonso recebidos, tendo  
 O premio da victoria nos louvores  
 Do insigne General: Entre os ardores  
 Militares, que estaõ no peito acesos  
 Do inflamado Noronha, suprendido  
 Ficava, quando o Principe Quinèle  
 Se offrece à vista: O Tio lhe relata  
 A quelle empenho illustre; que o arrebatava  
 A seguir o caminho luminoso  
 Do templo da memoria: mais ancioso  
 Poem neile os olhos o Noronha insigne,  
 E encontra no seu rosto o mesmo agrado,  
 Que tinha já na Irman experimentado;  
 E se possivel fora, se atrevera  
 A dizer, bem que o assombro o não consinta,  
 Que se mudou Quinèle em Amalinta.

I 2

Goa

\*\* E notadas estas cousas, tornou-se D. Antonio às mãos, onde foi recebido com muito prazer da victoria: daquelle accidental caso.

Goa com esta acção se defalenta,  
 E inda mais desfalece, § e se amodrenta  
 Quando Yaçuf Gurgi, valente Alcaide  
 Da quella guarnição, se recolhia  
 A<sup>o</sup> Cidade vencido, e assignalado  
 Tambem do nosso ferro: Não se ouvia  
 Nelle, e em todos os mais, q̄ tinhaõ dado  
 As costas a Pangî, e que poderaõ  
 Salvarse na fugida, se não vozes,  
 Gritos, e exclamaçoens de quam ferozes  
 Eraõ nossos impulsos: Quem se atreve  
 A estar contra huma gente, q̄ em taõ breve  
 Inopinado ardor (Gurgî clamava)  
 Com horrivel paixãõ, com furia brava,  
 Vencer pode, entre a subita fereza,  
 De Pangî a invencivel Fortaleza!

De homens não se compoem este congresso,

Sãõ

§ Começou Affonso de Albuquerque com muita diligencia dar ordem ao necessario para desfazer aquella estacada, e hir tomar o pouso defronte da Cidade: Mas nosso Senhor, em cujo poder estaõ todavia as victorias, quiz que não fosse este trabalho adiante; porque na victoria, que se houve do Capitaõ Yaçuf Gurgij, houvessemos, sem mais fangue, posse daquella Cidade: Porque escapando elle da entrada do baluarte com a maõ direita aleijado, foise assim apresentar aos principaes governadores della, representando a oufadia, e furia dos nossos, e testemunhando, com a sua aleijaõ, que em nenhum modo se podia defender delles.

*Ibid.*

São Tigres, são Leoens, \* que desprezando  
 O ferro, a chama, o horror, o espanto, a morte,  
 Pelas immensas iras de Mavorte  
 Se despenhaõ na frente das vanguardas:  
 Nem o medonho aspecto das bombardas,  
 Nem das lanças os hòrridos combates  
 Poderaõ suspenderlhe os precipicios,  
 Com que aos raios se lançaõ: e se fizeraõ  
 Tanto em hum repentino movimento,  
 Que esperais que elles façaõ ¶ pondo a prôa;  
 As armas, e os incendios contra Gôa,  
 Juntos, e prevenidos? Entregailhe  
 As chaves \*\* com as portas, que o livrallas  
 Me parece impossivel: Se expugnallas  
 Hà esta gente, com enorme estrago  
 De tantos infelices moradores,  
 Consultai se taõ funebres horrores  
 Pode talvêz a fogeição remillos:  
 Mais atrozes seraõ, que os Crocodilos  
 Estas estranhas feras, se as não vence  
 A humildade, e a obediencia: Nem taõ rudos

I 3

Os

\* Tomando por razão principal, alem de outras, o que em taõ breve tempo, e taõ poucos homens fizeraõ, sem temor, nem conselho, somente novidos, com a braveza, e furia de feras irracionaes se metiaõ na boca das bombardas, sem darem por fogo, nem ferro.

¶ Que fariaõ hindo apercebidos, e ajuntandose tanto numero de gente, como podia vir na quella frota?

\*\* Que seu voto era que elles com algum bom partido deviaõ entregar a Cidade, e isto hia denunciar ao Hidalcaõ.

Os posso presumir, que se enfureção  
 Na submissão do obsequio, nem q̃ a furia  
 Do seu braço sustente a horrenda injuria  
 De que nos seus intentos fementidos  
 Se infame o privilegio dos rendidos.

Assim Gurgî gritava, imaginando  
 Que na improvisa entrega da Cidade  
 Ficava desculpado o escalamento  
 Do Forte de Pangî: no mesmo intento  
 Conspiraõ todos esses, que fugiraõ  
 A' nossa indignação; e introduziraõ  
 Hum medo taõ geral em todo o Povo,  
 Que entre o pavor da fantasia cega  
 Não se achava outro meio mais; q̃ a § entrega.

Desta resolução bem longe estava  
 O invicto General; pois s̃o cuidava  
 No modo com que fosse combatida  
 A estacada, que o ingresso difficulta;  
 E tendo os Capitaens nesta consulta,  
 Antes que nella algum discurso falle,

§ Os principaes della . . . assentaraõ, . . . deviaõ fazer entrega della ao  
 Capitaõ mor com algum bom partido.

*Ibid.*

A:

A<sup>o</sup> Capitana chegaõ com Mir Alle \*  
 (Moiro nobre de Goa) os que governaõ  
 Na auzencia do Hidalcaõ aquelle Estado:  
 Mir Alle, q̄ era o mais authorizado,  
 Occupando o lugar, que se devia  
 A<sup>o</sup> sua commissaõ, assim dizia:  
 Insigne General, Affonso invicto:  
 Inutil se julgava este conflicto,  
 Entre os vossos impulsos victoriosos,  
 E as nossas submissõens: Que revoltosos,  
 Colèricos estímulos poderaõ  
 Persuadirvos que as nossas almas eraõ  
 A os vossos pensamentos taõ contrarias,  
 Que só com as violencias temerarias  
 Do ferro atrôz podiaõ convencerse?  
 O Hidalcaõ, nosso Rei, respeita, e escuta  
 Com affecto, e alegria a egregia luta  
 Que faz ao vento a fama com as linguas  
 Em que aníma com vosco o som canoro  
 Das vossas pertençaens: Este decoro,  
 Com que ouvimos os ecos Lusitanos,

I 4

Bem

\* Mandaraõ ao outro dia certos homens honrados, hum dos quaes se chamava Mir Alle pedindo paz a Affonso de Albuquerque, dizendo que se queriaõ entregar a elle como a Capitaõ d'elRei de Portugal, por sabermos o desejo, que o Hidalcaõ, seu Senhor, tinha da amizade de taõ grande, e poderoso Rei. E que quando elle Hidalcaõ disto tivesse desprazer (o que elles não criaõ) já pelos meritos desta obediencia, mereciaõ todo o bom tratamento de suas pessoas, e guarda de suas fazendas, &c.

Bem podera fazervos mais humanos,  
 Com esta nossa Patria: Nòs queremos  
 Tudo o que vòs quizerdes: Pertendemos  
 Do vòsso illustre coração, que valha  
 Mais inda o rendimento, que a batalha,  
 Julgando que estará toda a decencia,  
 Menos na expugnação, q̃ na obediencia.

Se acaso o nosso Rei (eu não o espero)  
 Nos receber, com animo severo,  
 Pela entrega de Goa, já levamos  
 O mèrito com vosco, de que estamos  
 Antecipadamente ao vòsso arbitrio:  
 Segurainos as vidas, e as fazendas,  
 Amparainos do impulso, q̃ se inflama  
 Nas iras do Hidalcaõ, se por infame  
 Reputa o rendimento, ou se presume  
 Que só por implorar o vòsso abrigo  
 Somos dignos talvez do seu castigo.

As chaves da Cidade vos entrego:  
 Entrai nella sabendo que o focego  
 De toda a Povoação, gostoso applauda  
 As imagens das Quinas Portuguezas:  
 De taõ illustres, immortaes proezas  
 Seja a maior o dar piedoso ouvido



Aos votos, e aos clamores de hum rendido.

Disse; e Affonso se achava quasi absorto  
De supplica taõ nova, e inesperada:  
Interiormente conhece a Maõ armada  
Do Divino Poder sobre esta gente:  
A<sup>o</sup> Clemencia de hum Deos omnipotente  
Se postra o coração; e sem que alcancem  
Esta victima occulta os Commissarios,  
Desta sorte lhe diz: Sempre contrarios  
Reputamos os Moiros pela guerra,  
Que no Oriente, e no Ocaso, e em qualquer terra,  
Com elles sustentamos: Os costumes,  
A lei, e a diversidade dos perfumes,  
Que se acendem nas aras, taõ distantes  
Nos poem sempre no objecto, e nos intentos,  
Que entre os nossos, e os vossos pensamentos  
Se mede no intervallo do aphorismo,  
Tudo o que vai do Empyreo, atè o Abyfmo.

Mas nem com a inimiga competencia,  
Da atrocidade ufamos, nem se illustra  
Entre nõs todo o ardor das nossas armas  
Na miseria, e na supplica: mostramos  
A piedade ao rendido; e só pugnamos  
Contra a inchação de hum animo soberbo:

Hide em páz, e dizei, que eu entro agora  
 Pàcifico, e benigno; e naõ pertenda  
 Verme irado, e guerreiro quem vos manda  
 Com esta commissaõ: Se hoje me abranda  
 Esta vossa humildade, naõ deseje  
 Conhecer essa Goa o seu despojo  
 Na ardente indignaçã do meu arrojo.

Tímidos, e contentes já voltavaõ  
 Para a Cidade os Nuncios: Leva o ferro  
 A armada, e entra no Rio, dando fundo  
 Bem à vista de Goa: Occupa a areia  
 O HEROE, e os Capitaens, \* q̃ estava cheia  
 De toda a multidaõ da quelle Povo,  
 Que concorria a ver a nossa entrada:  
 Monta o HEROE n'hum pia acobertada,  
 Que prevenida estava a este intento:  
 Entre os nossos guerreiros se encaminha,  
 Quasi como em triumpho, onde lhe tinha  
 Preparado o governo o alojamento

Em

\* Foi a frota recebida dos naturaes da terra com festa, sahindo todos a receber Affonso de Albuquerque à praia, entregandolhe as chaves da Cidade com confiança, que nelle tinhaõ da segurança de suas pessoas, e fazendas como se fosse[m] antigos vassallos d'elRei de Portugal. Acabado o qual acto, apresentandolhe hum cavallo acubertado à sua usança, em que elle Affonso de Albuquerque entrou na Cidade, cercado de todos os Capitaens, gente de armas, e de envolta os principaes da terra, que o levarãõ, com aquella pompa de triumpho de páz, a huns paços do Sabaio, casas magnificas, e grandes, aonde se apsentou.

Nos Paços do Sabaio : Casas grandes ,  
 Em que não se sabia se a grandeza  
 Na pompa era maior , que na riquezas.

Nunca Alfarami imaginou que tanto  
 Se apressasse esta acção ; de horror , e espanto  
 Se cobre o seu Espírito , sabendo  
 Que Goa ao alto HEROE se havia entregue :  
 Varios arbitrios , e discursos segue  
 Para haver de emendar o seu descuido ,  
 E cobrar a jaçancia , com que havia  
 Fallado , com fervor tão inclemente ,  
 Ao Principe ferôz da sombra ardente :  
 Depois de excogitar muitos desígnios ,  
 Se veste de Brachmane , e revocando  
 Do Abyfmo huma serpente , irado monta  
 Sobre o infame Chelydro , que batendo  
 As verdes azas , com impulso horrendo ,  
 Acha em breves instantes a barraca  
 Do soberbo Hidalcaõ ; e com o indulto  
 Do caracter , que expoem , não se lhe nega  
 A presença Real : ao throno chega ,  
 E entre ardores mortaes , convulso todo ,  
 Impaciente lhe falla deste modo :  
 Goa he tomada , O Rei : \* os Portuguezes

A

\* Terceiro nexo contra a empreza.

A quem nunca os terríficos revezes  
 Dos indòmitos fados, suspendido  
 Tem no arrojô, ou no curso desmedido  
 Da Indica derrota, estaõ Senhores  
 Da joia mais feliz do voffo estado:  
 E vòs injustamente descuidado  
 Da guarda de hum erario taõ precioso  
 Nestas voffas fronteiras, sem cuidares  
 No centro do dominio; as militares,  
 Còlericas fadigas destinando  
 A gentes taõ remotas, e deixando  
 Do voffo Reino à porta huns inimigos,  
 Que affombros naõ conhecem nem perigos,  
 E que tendo tomado hum novo assento,  
 Nenhuma expugnação, nenhum alento  
 Poderà dividillos, e arrancallos  
 Donde a planta pozerem: Que esperança  
 Podeis ter da victoria, ou da vingança,  
 Se logo naõ voltais as voffas tropas  
 Contra esta gente ousada? Se he q̃ as poppas  
 Lusitanas deixais que se dilatem  
 Nos aspectos de Goa, naõ presuma  
 Voffo grande poder que estas raizes  
 Facilmente se arranquem: Se as cervizes  
 Voffos Vassallos hoje lhes fogeitaõ,  
 Se os seus costumes, se as suas leis aceitaõ,

Fazei, Senhor, de conta, que perdido  
Tendes o vosso Estado: Que o projecto  
Desta horrivel Nação, não se limita  
A<sup>2</sup> vaidade das armas, e à infinita  
Tentação de triumphar do fero Marte:  
De levar chama, e ferro a toda a parte:  
De arrazar Povoações, mudar dominios:  
Olhai que a vastidão dos seus desinios  
Se dilata a q̄ nunca mais se hospêde  
Na India a antiga lei de Mafamède;  
E em lugar das mesquitas, se ergão Templos,  
A onde em novo altar sempre adorado  
Possa ser o seu DEOS crucificado.

O commercio, e as victorias não se fundão  
Em outras pertençaens: O golfo inundaõ  
De continuas armadas sô com este  
Temerario destino: Bem que infeste  
A estranheza do Clyma os seus intentos:  
Bem que toda a paixãõ dos elementos  
Os combata, e persiga; não desistem  
Desta atrevida ideia: a tudo assistem  
Com o mesmo valor: a heroicidade,  
Pervertida no horror desta maldade,  
Inda vicio parece; e a valentia  
Tem mudado a constancia na porfia.

Movei, Senhor, movei contra este errante,  
 Infófrivel concurso, todo o incêndio  
 Das vossas grandes iras: as bandeiras,  
 Os esquadroens, as maquinas guerreiras,  
 Furiosas corraõ já por esses montes  
 A vingar voffo estímulo: da cinta  
 Arrancai effe alfange, e se arregace  
 O braço adulto, porque possa verse  
 Ferôzmente nõ fangue Lusitano  
 Metido, com terrífico desvello,  
 Desde a munheca até o cotovello.

Disse; e menos bastava ao regio Moiro  
 Para irar se, e acudir no mesmo instante  
 Ao successo de Goa: Em quanto as tropas  
 Move para esta parte, discorria  
 O invicto Affonso o modo com q̃ havia  
 De firmar a Conquista da Cidade,  
 Acudindo igualmente a varios casos,  
 Que pendiaõ da sua providencia;  
 Onde a gloria de DEOS a preeminencia  
 Sempre tinha; antepondo este cuidado,  
 Que lhe occupa da alma o impulso interno,  
 A toda a direçaõ do seu governo.

Tinha Quinèle a agoa do Baptismo

Pedido com fervor; e foi entregue  
Para o fazer capáz do Sacramento  
Ao mais douto Varaõ, q̃ a armada segue,  
Professo de Bemfica no Convento,  
E educado na eschola portentosa  
Do Angèlico Doutor; e no Instituto  
De Domingos; aos mares resoluto,  
Zeloso, e penitente tinha exposto  
A vida, com o fèrvido desejo  
De espalhar os luzeiros do Santuario  
Na excelsa vocaçõ de Missionario.

Por huma parte abrindo a terra inculta  
A nossa espada intrèpida; por outra  
Espalhando a Evangèlica semente  
De Domingos a prole, acompanhada  
De outra Èstirpe, que a Màmima sagrada  
Do humano Seraphim, com zello ardente,  
Heroicamente abraça; a sementeira  
Se hia já renovando, e resurgindo  
Dos asperos espinhos, que a incultura,  
Ignorante da sacra agricultura,  
Havia produzido; e dos abrolhos,  
Que o inimigo commum deitado tinha  
Na quella antiga, florecente vinha,  
Que alli plantou Thomê; desconhecendo

A luz dos beneficios, e fazendo  
De hum falso rito nas mortaes cegueiras  
Bravas as cepas, rudas as videiras.

Sabendo pois Affonso que Quinèle  
Já se achava instruido nos prodigios  
Da nossa Santa Lei; se lhe prepara  
A sagrada ablução: Com pompa rara  
Quer o HEROE se celebre este Mysterio:  
No salaõ do Palacio hum Baptisterio  
Ordena que se exponha: Sobre a concha,  
Ou bacia doirada, em que se havia  
De abrir a vital fonte, se levanta  
Hum purpureo docel: Pannos tecidos  
Em oiro, e carmesim, são os vestidos,  
Que as paredes adornaõ: ao alto tecto  
Do soberbo edificio, se remonta  
Hum grande Colisseo, que o pezo sofre  
De huma rica baixella de oiro, e prata,  
Onde se deposita, ou se retrata  
O thezoiro de Cresso; e se duvida,  
Por mais que tanto luzimento sobra,  
Se he mais nobre a materia, do que a obra.

Vem para a sala Affonso acompanhado  
Dos Capitaens, e logo, com Noronha,



E o insigne Dominio, entre Quinèle  
 Em trage Lusitano: A agua Santa  
 Humildemente adora: alli quebranta  
 A culpa Original: alli despoja  
 Da antiga, hereditaria tyrannia  
 O dominante orgulho do peccado:  
 Ditosamente alli santificado  
 Recobra com devota reverencia,  
 Os brilhantes indultos da Innocencia.

Do illustre baptizado foi padrinho  
 O HEROE na companhia do Sobrinho:  
 Não consente que o nome se lhe mude  
 Por conservar mais viva esta memoria:  
 E manda que o appellido de Albuquerque,  
 Desde aquella occasião, Quinèle tome,  
 Para illustrar a origem do seu nome.

Já neste tempo arrebatadamente  
 De immensas tropas o Hidalcaõ seguido  
 Caminhava còlerico, e impaciente  
 A vingar-se de Goa: comprehendido  
 Tinha no Empyreo o Protector de Afonso  
 Que talvez não seriamos bastantes  
 A taõ grande poder: Mais vigilantes,  
 Que nunca os seus beatíficos desejos

No progresso felíz das nossas armas,  
 Entre golfos de luz, ondas de neve,  
 Ou ancioso, ou solícito se atreve  
 A levar outra vêz ao Throno excelso  
 Da quelle grande Nume, que adorava,  
 Estas vozes, que o affecto lhe dictava:

Affonso entrou em Goa: Quem duvida  
 Que Goa foi entrada, e foi vencida  
 Mais pela vossa IMMENSA POTESTADE,  
 Que pela força humana? \* A falsidade  
 Do rebelde dragaõ pertende agora  
 Remover esta gloria aos Lusitanos,  
 Dispondo os mais ferozes Mauritanos  
 Contra as armas Catholicas: Não cabe  
 Dos homens na mais viva fortaleza  
 Poderem sustentar taõ ardua empreza,  
 Sem que VO'S lhe deis forças superiores  
 Para vencer os rapidos horrores  
 De taõ fero inimigo: Eu não espero,  
 SENHOR, da vossa justa Providencia  
 Que outra vêz nessas bárbaras mesquitas,  
 Se renovem as màximas precitas  
 Do nefando Alcoram, nem q̃ se hospéde  
 O pestifero horror de Mafamede.

\* Pertende o Patrono das Indias, e da empreza desfatar o nexo.

Dai alento aos Varoens, q̃ o voffo NOME  
 Dilataõ pelo Mundo: dailhe aquella  
 Invencivel paixãõ, com que pertendem  
 A raiva dominar do mefimo Abyffmo;  
 Porque em taõ numerofo Barbarifmo  
 Façaõ aquelle efrago, que prefume  
 Causarlhe as iras da infelîz serpente:  
 Sinta mais efte afogo a furia ardente  
 Da fua rebeliaõ; e naõ permitta  
 A voffa Omnipotencia, que os alfanges  
 De taõ funeftas vâldidas phalanges  
 Triumphem do valor dos Portuguezes:  
 Se os tem feito em pedacos tantas vezes,  
 Naõ queirais que nas hòrridas doutrinas  
 Hoje fiquem às Luas fobre as Quinas;  
 Nem que entre o ardor das tropas arrogantes,  
 Pollãõ mais, do que os elmos, os turbantes.

Socega ( diz o Nume Omnipotente )  
 Que já eflá decretado que efte Emporio  
 Dos mares Orientaes, de alta cabeça  
 Sirva ao Reino das Indias, que fundado  
 Tem a Lufa conftancia: Contra o irado,  
 Indomavel clamor de todo o Inferno  
 Na occulta direçaõ do impulso eterno:  
 Se tem dado às victorias Lufitanas

Esta grande Cidade: mas a hora  
 De a sustentar a espada vencedora  
 Inda não he chegada: inda he preciso  
 Que a recupere o Moiro, e q̃ inda Affonso  
 No intrinseco martyrio de perdella  
 Mereça \* mais o premio de gozalla:  
 Muito mais dignamente se assignalla  
 Nos trabalhos o Herôe, que na ventura:  
 Que para do Heroismo a excelsa altura  
 Se poder conseguir, he necessario  
 Que se apure no estímulo contrario  
 O ardor do coração; e se achrysolem  
 Em disputado incendio aquellas fezes,  
 Que acrescenta entre a infecta qualidade  
 A herdada propensão da humanidade.

DEOS alentava desta sorte os rogos  
 Do insigne Protector; e ao mesmo tempo  
 Se apressava o Hidalcaõ, com todo aquelle  
 Numeroso aparato, em que confia  
 Vingarse da Catholica ousadia,  
 E restaurar a Goa; porem vendo  
 Que tanta multidaõ se hia movendo  
 Menos prompta, e velôz, que elle esperava  
 No seu mesmo furor; esta demora

Na

\* Pareceu à Providencia divina, ou pelos seus inexcrutaveis segredos, pelo motivo, que aqui se declara, que não convinha desfatar-se agora este ne:

Não podendo soffrer a ancia brava  
 De toda a sua chama vingadora,  
 Mandou a Camalcaõ, \* que se adiantasse  
 Com hum troço do exercito, e buscasse  
 Todos os modos de invadir a Ilha,  
 Em quanto chega a ella todo o corpo  
 Dos outros esquadroens : Tinha adquirido  
 Camalcaõ o conceito de atrevido,  
 De valente, e scientifico guerreiro;  
 E apenas feu ardor o pôz fronteiro  
 Das tropas Lusitanas, executa  
 A empreza, que o Tyranno lhe influira:  
 A Cidade com elle se conspira ¶  
 Vendo hum poder maior, q̃ a nossa armada;  
 E achando-se infielmente violentada,  
 Não perdeu a occasião de rebelarse  
 Contra o nosso dominio : Inda q̃ teve  
 O HEROE a prevençaõ de dar aos passos  
 E a toda a agua, que cercava a terra

K 3

A

\* Era vindo Camalcaõ, hum dos principaes Capitaens do Hidalcaõ, com  
 até mil, e quinhentos de cavallo, e oito mil piaens -----  
 Affonso de Albuquerque soube, como o Hidalcaõ não vinha alli., fomenta  
 hum seu Capitaõ principal, e elle vinha detráz mais de vagar com grande nu-  
 mero de gente, e apparato de guerra.

*Barr. Decad. 2. lib. 5. cap. 4.*

¶ Veio a saber como tinhaõ ordenado dar entrada na Ilha ao Hidalcaõ,  
 e que o principal deste negocio era Mir Cacem, a quem elle tinha dado a Ca-  
 pitania de 400 homens dos Mouros Naiteas, naturaes da terra pera guarda do  
 tempo, com o officio de Tanadar delles.

*Ibid.*

A defenſa poſſivel, como a guerra  
 E a força ſuperior ſe tinha oppoſto  
 Com a infame traição ao noſſo alento,  
 Não ſe pode impedir \* o movimento,  
 Que os Bárbaros fizeram, deſtroçando  
 As tranqueiras, formadas neſſe inſtante;  
 E entre o horror das intrépidas fadigas,  
 Se enche a Ilha das armas inimigas.

Depois de varias, de crueis diſputas,  
 Que na terra, e no rio os Portuguezes  
 Tiverão com os Moiros, ſe ampararão  
 Dos muros da Cidade, onde o perigo  
 Se fez dentro maior, ſendo o inimigo  
 Occulto, mais atrôz, que o declarado,  
 E devendo temer a valentia  
 Menos a indignação, que a aleivoſia.

Amotina-ſe Goa, e corrompendo  
 O indulto religioſo da hoſpedagem,  
 A<sup>2</sup> Fortaleza dos noſſos ſe retirão,  
 A tempo que as trombetas, q̃ ſe ouvirão  
 Já em todo o contorno aſſeguravaõ  
 Do Hidalção a chegada: Eraõ mil vezes

Se-

\* D. Antonio de Noronha como ſoube que a Ilha era entrada por todas as partes &c.

Secenta ¶ os combatentes, que compunhaõ  
 O exèrcito ferôz: mil vezes cinco  
 Os brutos, que do Vento procederaõ,  
 Do Ganges na ribeira, e que poderaõ,  
 Domada a natural ferocidade,  
 Mostrar que o impulso do seu genio forte  
 Menos foi do Aquilaõ, q̃ de Mavorte.

Vendonos o Tyranno reduzidos  
 Ao recinto do muro, e q̃ encerrados  
 Tanto poder nos tinha, nos suppunha  
 Já como miseraveis prizioneiros:  
 E crendo q̃ os estímulos guerreiros  
 Naõ eraõ necessarios, sò cuidava  
 Em fazer impossivel a sahida  
 A toda a nossa Esquadra; e a este intento  
 Mandou meter a pique dois \* navios  
 No meio do canal, que os grandes rios  
 Formaõ por toda a entrada deste porto:  
 Da muralha observava este projecto  
 O HEROE, e os Capitaens: O seu affecto  
 Lhe persuadia que elle naõ deixasse

K 4

Tu-

¶ O Hidalcaõ chegou, o qual segundo fama, e aviso de João Machado trazia secenta mil homens, em que entravaõ cinco mil de cavallo.

*Ibid.*

\* Porque visto como os nossos, tomando elle a Cidade, tinhaõ por colheita as náos, ordenou de mandar atupir o canal do rio com algumas suas.

*Ibid.*

Tudo o que tinha feito ; mas notando  
 Que não podia ver-se focorrido  
 Nem procurar focorro ; e dando agora  
 Aos complices da maxima traidora  
 O devido castigo, determina  
 Hir occupar as náos : \* Logo percebe  
 Esta ideia o Hidalcaõ ; e se prepara  
 A disputar-lhe a acção : Por entre a amara ,  
 Horrivel chusma de esquadroens adustos  
 Nossa espada alli fez largo caminho ,  
 E abrindo tanta força ¶ bellicosa ,  
 Se recolhe aos navios victoriosa.

Vencido este primeiro , acerbo estorvo ,  
 Faltava inda o segundo que se offrece  
 Mais escabroso , e rudo , † pois devendo  
 As náos sahir do aspecto da Cidade  
 Se lhe expunha a servil difficuldade  
 De se ver entupido o mesmo esteiro ,

Por

\* Affentou comfigo mesmo deixar a Cidade , porque concorriaõ muitas cousas , que não podia al fazer : a principal , &c.

*Ibid.*

Com o qual conselho , Affonso de Albuquerque ante de se recolher às náos ordenou de mandar matar todos os Mouros , que tinha prezo por causa da traição.

*Ibid.*

¶ E posto que huma ante manhan elle se recolheffe o mais quietamente , que pode , traziaõ os Mouros tanto a orelha nette movimento , que quando elle sahia pelas portas da ribeira , foraõ logo todos pegados com elle . &c.

*Ibid.*

† Quarto nexco , que difficulta á armada a sahida do rio.



Por onde só podiaõ defferirse:  
O canal não chegou todo a entupirse,  
Que os navios que nelle a pique foraõ  
Não poderaõ tomar toda a largura  
Que alli fazia o rio; porem era  
Taõ estreita a garganta, que ficava,  
Que as nãos, postas em linha, inda se dava  
No temor de encalharem: Mais vehemente  
Este aperto se fez; pois Alfarami,  
Que seguiu o Hidalcaõ, vendo o perigo,  
Em que os nossos se achavaõ, desde os muros  
Mais altos da Cidade, os seus conjuros  
Movendo contra a armada, irrita o Boreas  
Pela parte do mar; e de improviso  
Communica do golfo o horrendo impulso  
Com as agoas do rio, onde sustenta  
A inchada confusaõ de huma tormenta.

Fulmina ao mesmo tempo da muralha  
Os peloiros mortaes a artelharia  
Contra a nutante esquadra; e parecia  
Que o Ceo, e a terra conspiravaõ hoje  
Para o estrago dos tristes Lusitanos;  
Pois os feros trovoens correspondendo  
A's vozes das bombardas, se estaõ vendo  
Na distancia das maximas oppostas

Conformes no designio, e nas repostas.

Tudo confuso está, tudo affombrado :  
 Ao HEROE semente o espanto lhe não tinha  
 Mudado o coração : maior, que o fado,  
 Maior, que a desventura, allí sostinha  
 Todo o eminente ardor do seu esforço :  
 Por mais q̃ o Inferno, e a morte o horrendo aborso  
 Das igneas furias vomitar pertenda,  
 Inutil este horror, esta contenda  
 He no espirito excêlso do Albuquerque :  
 Bem que o affombro terrífico lhe cerque  
 O seu sublime alento, nada importa :  
 Fechada a prevenção, cerrada a porta  
 Do vigor com hum vínculo robusto,  
 Nunca se abriu ao medo, nunca ao susto,  
 Que algum objecto offreça : esta constancia  
 Agradou de tal sorte na distancia  
 Do Beatífico Coro, que este ordena  
 A Raphael, que passê a dar socorro  
 Ao perigo da armada : Neste instante  
 Entre os raios de hum círculo brilhante  
 Abre as azas o excêlso Paranympo,  
 E rompendo no giro intelligente  
 Cándidas pompas do crystal luzente  
 Os ares velózmente beatifica,

E hum novo alento à armada communica.

Cessa neste momento \* a tempestade :  
 Extende-se huma alegre claridade  
 Na face do Orizonte : Com hum fio  
 De activo resplendor cada navio  
 Enlaça pela prôa, e lhe governa  
 A quilha pelo rumo mais direito ,  
 E mais largo, que tinha aquelle estreito.

Bem de frente da Esquadra resplandece  
 O Conductor Celeste , permittindo  
 Só à vista o luzeiro ; vão seguindo  
 As naos a guia deste incendio novo  
 Da mesma forte que seguia o Povo  
 Israelitico a nuvem no deserto :  
 Vendose o grande Affonso taõ coberto  
 Da Protecção Suprema , se confirma  
 Inda mais na esperança , que consulta  
 O seu alto valor : Na ara occulta  
 Do magnânimo alento humilde adora  
 A piedosa Deidade : O<sup>3</sup> brilhadora

Su-

\* Defatafe o nexo,

Porque aqui se vio Affonso de Albuquerque quasi sem remedio, andando com a fonda na mão de baixa mar, e preamar, tê que aprouve a Deos que enfiadas huma na outra passou todalas vellas, e veio a fazer sua eslancia entre a ponta, que chamaõ de Rebandar, e o castello de Pangij.

*Ibid.*

Sublime direção ( devoto exclama )  
Que hoje nos mandas tão divina chama  
Para que em tantos míseros extremos -  
Socorridos sejamos ! Se te vemos  
Tão clemente , e propicia ; se divulgas ,  
Com vozes luminosas , que esta causa ,  
Que seguimos , he digna de attenderse  
No eterno Consistorio ; influe , e anima  
A nossa inspiração ; e legítima  
Nossos fracos esforços , porque possa  
Dominar dos Abyssos a arrogancia .  
Esta illustre Evangelica constancia  
Dos poucos Portuguezes , q̃ em teu NOME  
Pertendem debellar , com nobre alento ,  
O Imperio do propheta fraudulento .

Disse , a tempo que a Esquadra já se via  
Fóra do grande assombro , em q̃ estivera :  
Desapparece a luz , que a revocara ,  
E o ferro se lançou na quelle abrigo ,  
Que se achava distante do perigo ,  
Para se ver que intento , ou que derrota  
Podia examinar a Lusã Frota .

## A CONQUISTA

## DE GOA.

Poema Epico.

## CANTO V.

**F** Azia o rio, aonde as nãos furtiraõ,  
 A modo de huma enfeiada \* entre hũa ponta,  
 Que a Ilha levantava, e a Fortaleza  
 De Pangî, abrigada da asperceza,  
 Com que os ventos aslopraõ nesta entrada;  
 E attendendo o Hidalcaõ q̃ a nossa armada  
 Tinha só este porto, que escolhesse,  
 Para deitar a ancora; munido  
 Havia novamente com a força  
 De gente, e de canhoens ¶ este castello,

Naõ

\* A qual ponta, como era hum pouco soberba, e lugar para effancia das nãos, porque com huma maneira de enfeada que fazia da parte da Ilha, ficavaõ ellas fora do tezaõ da corrente das agoas, entenderaõ os Mouros que ali haviaõ os nossos de eleger para pouso das nãos.

*Ibid.*

¶ E tinhaõ fortalecido a Fortaleza mui bem, e assim a torre que Timoja tomou na terra de Bardès; porque de ambas estas Fortalezas podiaõ com a artelharria fazer damno aos nossos.

*Ibid.*

Não tanto a assegurar, e defendello  
 De outro assalto que nelle se intentasse,  
 Como porque suppunha que a porfia  
 Comque nos insultava a artelharia  
 Desconcertar podia aquelle intento  
 De que entende q̄ Affonso não desiste  
 E altamente conserva: Não se engana  
 O Barbaro, que a Esquadra Lusitana  
 Era hum continuo branco dos peloiros,  
 Que Pangî fulminava, \* sem que possa  
 Livrar-se de hum insulto taõ frequente:  
 Já tinha entrado o Inverno, onde a impaciente  
 Indignação das ondas difficulta  
 O remedio, o conselho, e inda a consulta  
 De poder-se buscar melhor asylo;  
 Nem quando alguma vêz o mar tranquillo  
 Se chegasse a sentir, havia modo  
 De tentarlhe a bonança, em que se achasse,  
 Pois neste tempo a barra sempre afoga  
 A garganta do rio com a areia,  
 Que allí o golfo ajunta: e outra ideia  
 Não podia offrecer-se ao nobre arrojo  
 Do peito Lusitano, que o despojo

Do

\* Nenhum trabalho chegava ao que tinhaõ no lugar onde estavaõ furtos; porque como era no rosto da fortaleza de Pangij, todoslos dias eraõ varejados com a artelharia; e de noite, tanto que apparecia candeia, logo apontavaõ nella. &c.

Do Forte de Pangî: ¶ Pessoa, e Beja  
 Os dois Limas, Martins, Perez, e Mello,  
 Freire, Andrade, Fogaça, Castelbranco,  
 Com Lacerda, com Silva, com Miranda;  
 Huns da banda do mar, outros da banda  
 Da terra à Fortaleza se destinaõ,  
 Commandádo a ousadia dos guerreiros:  
 Noronha, e o invicto HEROE por companheiros  
 Vaõ na arriscada empreza: Alvoraçado  
 Os seguia Quinèle, sendo aquella  
 A primeira occasião, que se offrecia  
 Para mostrar no ardor do seu alento  
 Os influxos de hum alto nascimento.

Tinha na mesma noite deste affalto,  
 Do Tyranno a cautella focorrido  
 Aquella guarnição \* com novas tropas;  
 Por saber a oppressão, que recebido  
 Haviaõ do castello as Lufas poppas;  
 E naõ cabendo todos na muralha  
 Se abarracaõ de fora, onde celebraõ,

Com

¶ Affonso de Albuquerque vendo que, depois da fome, nenhuma couza trazia a gente mais assõbrada, e cansada, praticou com os Capitaens que queria dar hum salto na Fortaleza, e ver se podiaõ tomar aquella artelharia que os matava. &c.

\* Vinda a qual gente, por ser muita, e naõ poder caber com a outra, q̄ estava na Fortaleza, assentaraõ tendas fora em modo de arrayal; e hospedes com hospedes se banquetearaõ aquella noite.

Com as mezas , a vinda do focorro ;  
 E tambem com as taças ¶ bem q̃ o vinho  
 No Alcoram se vedasse : O errante pinho  
 Dos bateis rompe a agoa com profundo  
 Advertido silencio , quando estava  
 Sepultado n'hum sono pavoroso  
 Dos Moiros todo o orgulho bellicoso.

Alfarami , que alcança este projecto ,  
 Implorando o furor da infame Alecto ,  
 Desde as altas pyramides de Goa  
 Ao Forte de Pangê , irado voa  
 Sobre hum dragaõ , q̃ ao sórdido aphorismo  
 Havia preparada o torpe Abyfmo ;  
 E no ar suspendido entre essas azas  
 Da serpente infernal , que pelos olhos ,  
 Pelas ventas , e boca vomitava  
 De hum horrendo Vesubio a chama brava ,  
 Da vôz movendo os hálitos precitos ,  
 Hum trovaõ despenhava nestes gritos :

Acordai , O' cobardes , desse infame ,  
 Vergonhoso lethargo ; em que o descuido

Vos

¶ De maneira , que quando veio na alvorada da manhaõ que Affonso de Albuquerque tomou a terra na ordem , que dissemos ter elle repartido este escalamto , assim estavaõ os Mouros bebados da cea , e do sono , e descuidados da vigia com a multidaõ da gente , que viera.

*Ibid.*



Vos tem amortalhado : Desta forte  
Dais conta da defeza deste Forte ?  
Por este modo , o<sup>o</sup> barbara canalha ,  
Sustentais o presidio da muralha ,  
Que o Rei vos entregou ? Já sobre as tendas  
Vos insta a Lusa força ; vede agora  
Como escapais da espada cortadora  
Desta ousada Nação ? Assim dizia ,  
Quando já pelos Moiros se metia  
O intrépido valor dos Portuguezes :  
Apenas se valia dos pavezes  
A chusma perturbada nos horrores  
Da noite , e da visão , que infesta os ares :  
Por outra parte os ruídos militares  
Da nossa expugnação , e os das trombetas ;  
O fulminante ardor das escopetas ;  
O rudo estrondo dos batidos coiros ;  
Os estragos do ferro , e dos peloiros ,  
Parecia que a terra , e mar rasgava ;  
E inda assim peleijava , e resistia  
Desesperada mais , que bellicosa ,  
A caterva infelíz : Entre a ruidosa ,  
Revolvida contenda , e sempre ao lado  
De Noronha , Quinèle , o Moiro aterra ;  
No montante , que vibra , nunca a guerra  
Teve raio mais fero , e fulminante :

Cabeça , adarga , e peito ao mesmo instante  
 Parte só de hum impulso ; o HEROE sustenta  
 A batalha no braço , e no decoro ,  
 Até que a resistencia não podendo  
 Com o pezo do esforço Lusitano ,  
 Volta as costas à gloria da defeza ,  
 E nos deixa nas maons a Fortaleza.

Do Gemeo illustre não correspondia  
 Aos affectos Noronha , arrebatado  
 Só do bëllico impulso ; porem vendo ,  
 Desde esta acção o incendio militante ,  
 Que inflamava os alentos do gigante ,  
 Se empenha de tal sorte em distinguillo ;  
 Que inda q̃ só nas armas se desvele ,  
 Partindo com o agrado de Quinèle  
 O ardor do coração , pôz a vontade  
 Entre a chama da guerra , e da amizade.

Com todos os canhoens da Fortaleza  
 Voltaraõ para as nãos os Lusitanos ,  
 Quando viraõ na praia combaterse  
 Dois soldados da Esquadra : He hum Rui Dias  
 Pessoa nobre de Alenquer , o outro  
 Era hum dos gentios , que acompanha  
 A gente de Timoja : A causa estranha

Que podia mover este successo  
Quer Affonso saber ; e manda logo  
Que à Capitana os levem : Na presença  
Do HEROE os poem Noronha ; e perguntados  
Pela origem daquelle desafio ;  
Se licença me dás ( diz o gentio )  
Eu só posso dizerte cabalmente ,  
Posto que nesta historia me dilate ,  
A causa , que excitou este combate.

Eu não sou desta gente de Timoja ,  
Inda que o traje o inculque ; sou da Persia ,  
Do graõ Sophi parente taõ chegado ,  
Que entre a familia real fui educado ,  
Com todo aquelle empenho , e policia ,  
Que ao meu merecimento se devia :  
Instruime na arte gladiatoria ,  
Hum cavallo domava ; e entre as bandeiras  
Soube todas as máximas guerreiras ,  
Que a hum Capitaõ illustre fazer podem :  
Vivia em liberdade , e sem mais outra  
Prizaõ , que aquella lei , com que se ligãõ  
Os homens de hum distinto nascimento :  
Neste estado feliz vi hum portento ,  
Tresladado a hum retrato , que submerge  
Na maior suspençaõ os meus sentidos :

Tive por muitas horas embebidos  
 Os meus olhos no affombro da pintura :  
 Mil vezes duvidei se formosura ,  
 Taõ rara , e portentosa , a Natureza  
 Poderia formalla , ou se a destreza  
 Do pincel fora tal , que conseguira  
 Nesta elegante , ou màgica mentira  
 Quanto o ceo com empenho soberano  
 Nunea já mais expôz em rosto humano.

Talvez imaginava que esta copia  
 Seria de algum Nume , e que regida  
 A mão do illustre artifice metera  
 O mesmo Sol nas sombras do treslado ,  
 Com hum sublime influxo , ou ajudado  
 Da quelle mesmo alento , que queria  
 Divinizar taõ alta fantasia.

N'humta tarde que ancioso a contemplalla  
 Busquei a solidão , inda me lembra  
 Que rompeu minha vôz nestes gemidos :  
 Metal luzido , bronze transparente ,  
 Que no ardor dessa lâmina luzente ,  
 Quando parece que huma sombra animas ,  
 Com hum desvio ingrato desfezimas  
 Huma alma , que se alenta em teu semblante :

As luzes da protòtypo brilhante  
 Finges n'humã mentira illuminada :  
 Aquelle mesmo engenho, que treslada  
 As tuas perfeiçoens, me poem no assombro  
 De não poder a vista decifrar-te :  
 Que tens alento me persuade a arte,  
 E de que estàs, sem vida, o justifica  
 Esse mesmo silencio; e ao mesmo tempo  
 Elle quer convencer a minha ideia  
 De que algum Nume nesse bronze occultas,  
 Provando em não fallar hum ser divino ;  
 Pois inda o espanto dos mortaes ignora  
 A eloquencia de tudo o que se adora.

Se es alguma Deidade, não me admiro  
 Já de que estejas muda : Se es retrato,  
 Como intentas que o culto se converta  
 Na cega distração da idolatria ?  
 Parece que a confusa fantasia  
 Julga que para Deosa inda te falta  
 Aquella inspiração, que o alento exalta ;  
 E para copia sobra aquelle incendio,  
 Que o teu rosto respira : Exclama ancioso  
 Então neste conceito o meu gemido :  
 He crível, O' portento esclarecido,  
 Que es hum bronze em ouvirme; e q̃ es Deidade

Em querer os meus votos? Se pertendes  
 As aras, como agora desattendes  
 A tão amante offerta? e se desejas  
 Permanecer immovel, não aspîres  
 A<sup>o</sup> minha adoração: Mas que jaectancia  
 Podia confeguir tão raro exemplo  
 Se pudesse o esplendor da copia dura  
 Separar da esquivança a formosura?  
 Assim me lamentava; e em toda a parte  
 Intentei as mais vivas diligencias  
 Por saber se podia achar no Mundo  
 Hum tão grande prodigio: Bem acafo  
 N<sup>o</sup> hum dia, em que me achava quasi absorto  
 Com tão divino objecto; de repente  
 No meu quarto me busca hum confidente  
 Das minhas direçoens, que conduzia  
 Os cavallo da Persia a varios Reinos,  
 E ao contrato de Goa; e me trazia  
 Da India alguma joia, ou raridade  
 Mais conforme ao verdor da minha idade.

Vendome no retrato tão suspenso:  
 Eu conheço (me diz) essa belleza:  
 Apenas tal ouvi, lhe deito os braços,  
 E lhe digo: O<sup>o</sup> mortal, o mais ditoso  
 De todos os humanos! Que piedoso,

Que benévolo Nume taõ bendita  
 Te fez a perspicacia, que podeste  
 Pôr os olhos no objecto mais celesle,  
 Que a esphera produzio? Dizeme amigo,  
 Dizeme aonde está; pois se consigo  
 Saber que parte do universo alcança  
 Aquella doce Bemaventurança,  
 Que se pode gozar na sua vista,  
 Não hà de haver arrojõ, nem conquista;  
 Que embarace o não verse fatisfeito  
 Este ardente holocausto do meu peito.

A Dama, que procuras, he Faúlma  
 (Responde o confidente) e vive em Goa:  
 De Yaçuf Gurgî he filha, que hoje serve  
 Nas tropas, que o Sabaio nesta Praça  
 Actualmente conserva: He reputado  
 Gurgî, por hum guerreiro vigilante,  
 Ardente, e bellicoso: O seu turbante  
 Nos outros Capitaens he taõ distincto,  
 Que parece que em toda aquella terra,  
 Elle he que aceita a páz, e move a guerra.

Tal era o meu transporte, que não cria  
 Quanto o meu confidente me dizia,  
 E ainda o mesmo alvoroço o duvidava,

Quando com juramento mo affirmava :  
Com elle pratiquei que entrasse logo  
A ajuntar mais cavallos, que eu dispunha  
A acompanhallo a Goa, desmentindo  
Em outro traje, e nome o meu intento :  
Pertendeu dissuadirme o pensamento ;  
Mas eu taõ cego estava no delirio  
( Que cada instante augmenta o meu martyrio )  
Que a minha irrevocavel impaciencia  
Se acende, e cresce mais na resistencia.

No gentilico traje me disfarso :  
De Alfî mudei o nome no de Alintho :  
De hum grosso mercador tomei o emprego ;  
E com meu companheiro já navego  
Da Persia para a India : Em Goa faio :  
Achar pude humas Casas junto a horta,  
Que tem as de Gurgî; e o Ceo benino  
Parece que alentava o meu destino ;  
Pois tudo derigia occultamente  
A favor de hum desejo taõ ardente.

Eu tinha despendido o meu thesoiro  
Na quellas raridades de mais preço,  
Que a Persia produzia : Na Cidade  
Se espalha em pouco tempo a novidade



De que eu alli chegara, e inda a noticia  
De ser o mercador mais opulento,  
Que tinha vindo a Goa: Visitado  
Dos Commerciantes fui, que logo encheraõ  
A Povoação de espanto, quando deraõ  
O informe de que nunca tinhaõ visto,  
Entre a escolha mais fina, e cuidadosa,  
Abundancia taõ rara, e taõ preciosa.

Gurgî; que amava a filha, com extremo,  
Facilmente consente no appetite,  
Que ella tinha de ver tanta riqueza:  
A dizerme mandou por huma escrava,  
Que se acaço me naõ incomodava  
Lhe quizesse levar o mais precioso  
Da minha mercancia: Apenas vejo  
Diante de mim a escrava, suprendido  
O meu alento fica, e o meu sentido;  
Pois era huma Persiana, que tratado  
Muitas vezes havia: Despenhado  
Alli vî todo o ardor do meu empenho:  
Neste instante entendi q̃ o meu desenho  
As azas corta às minhas esperanças:  
Fizme desentendido, e nas mudanças  
Do vestido, e do emprego algum recurso  
Fundava a minha ideia; porem logo

Fiquei, sem este meio, que a Persiana  
 Mostrando que o que finjo, não a engana,  
 Me disse resoluta: Não estudes  
 Nessa inutil ficção: não dissimules,  
 O' grande Alfi o nome, o emprego, o traje:  
 Que novidade he esta? Com que ultraje  
 Te insulta o desconcerto da fortuna?  
 Quem te pôz neste estado? Da Tribuna  
 Desces a mercador? Se tanto pode  
 A inconstancia do fado, não entenda  
 O excelfo Alà que a forte lhe prepara  
 Entre as luzes da máquina preclara  
 A constancia, que servê de patrono,  
 Ao perpetuo descanso do seu throno.

Desenganado assim já não consulto  
 Outro modo, que ver como podia  
 Sobornar a Persiana com afagos,  
 Com dadas, e rogos: O motivo  
 Lhe referi daquelle fingimento,  
 Por mais a interessar no meu lamento,  
 Com tão nobre confiança: Ella assegura  
 Dirigirme no empenho da aventura,  
 Que pertendo seguir; e despedida  
 Com mil promessas de arriscar a vida  
 Nesta amorosa empreza; hum novo esforço

Deu ao meu coração: E como a Pheniz  
Que o vigor entre as cinzas alimenta,  
Outra vêz meu espirito se alenta.

Distinguo das alfaias mais preciosas  
As mais raras; e eu sou o q̃ as conduzo  
A casa de Gurgî: Chama Fatima,  
Para fazer a escolha: Aqui me falta  
Toda a viva expressãõ para dizerte  
O quanto me perturba, e sobressalta  
Esta primeira vista: Abforto, e inerte  
Fiquei, como se entãõ me persuadira  
Que neste instante extatico me vira  
Nesse infondavel, venturoso abyfino  
De doçuras, que finge a ideia humana  
Na prezença da quellas suavidades,  
Que distinguem, dos homens, as Deidades:

Se tanto tinha feito em mim a copia,  
Que faria o protòtypo divino,  
Conhecendo a distancia o meu cuidado,  
Que se dava entre o vivo, e entre o pintado?  
E muito foi que não se percebesse  
A minha turbação: Tambem Fatima  
Se achava confundida em huma escolha,  
Que fazer não podia: Aparta, e olha

As peças cuidadosa ; e não se atreve  
 A explicar a eleição: Dame ousadia  
 Este mesmo embaraço a q̃ lhe possa  
 Intimar, que eu não tinha repugnancia  
 A que tudo ficasse, até que esteja  
 Mais decisivo o arbitrio, e mais disposto  
 A acertar com as joias do seu gosto:  
 Aceitou-se-me a offerta: O amor me instava  
 A dilatarme mais; porem temendo  
 Que o meu grande disvello desse indício  
 De tão amante, occulto sacrificio,  
 Me auzentei não sei como: Eu me recolho  
 Para dar desafogo áquelle aperto,  
 Em que me tinha visto: Sepultado  
 Muitas horas estive o meu cuidado  
 N'hum profundo silencio, expondo à forte  
 A minha pertençaõ: Todo o meu norte  
 Dispunha na Persiana: Entre as instancias  
 Dos meus votos, e as duvidas, q̃ offrece  
 O impulso da fortuna, desfalece  
 O afflicto coração; e procurando  
 Submergir-se nos intimos retiros,  
 Nelles só desafoga os seus suspiros.

Competia Fatima, e a casta Deosa  
 De forte na dureza, e formosura,

Que inda não se sabia se mais dura,  
Se mais bella se mostra a quantos olhos  
Bebem o seu rigor; a quantos geolhos  
Aos seus raios se dobraõ: Quando ouvia  
Fallar de amor às faces lhe subia  
Hum vergonhoso incendio, equivocado  
Entre as chamas crueis do peito irado,  
Sem se ver; se era o igneo movimento,  
Ou còlera, ou rubor, ou sofrimento.

Na primeira occasião, em que atrevida  
Quiz a escrava tentalla, teve a vida  
Pendente por hum fio; e taõ cobarde  
Ficou dalli em diante, que não pude  
Persuadilla já mais a que expozesse  
Inda o mais leve, ou mínimo interesse  
Da minha pertençaõ: Sem este arrimo  
Ficando o meu ardor, de balde animo  
Quantos meios o engenho me prepara  
Para lavar o mármore rebelde  
De objecto taõ ingrato: Quando soube  
Quem eu era, e quaes eraõ meos intentos,  
Logo as joias me manda, com o aviso  
Que na eleicaõ o gosto inda indeciso  
Se achava; e que se errar havia a escolha,  
Que seria melhor o não fazella:

E se eu tive esperança de agradalla,  
Com tão rico thesoiro, que a perdesse;  
Pois nenhuma preciosa mercancia  
O seu arbitrio fogeitar podia;  
E era a sua izenção de tanto preco,  
Que nem a persuasão, nem a vontade  
Haviaõ de renderlhe a liberdade.

O recado era emphático, e propunha  
Muis, doque elle continha: Eu o percebo  
Bem a pesar da ideia, que me punha  
Em tão ardua conquista: batalhando,  
Sem fructo, em abrandar a dura penha  
Do seu peito invencivel: Informarte  
De quanto fez o amor, e obrou a arte  
Nesta amorosa empreza; necessaria  
Me seria huma historia, que a desdita  
Só podera compor: Sempre contraria  
No seu irado peito achei escrita  
Toda a minha afflicção: Gemo, e porfio;  
E julga por teimoso desvario  
O meu discreto empenho: Em fim tres annos  
Passei nestes trabalhos deshumanos  
Sem que nunca orientasse hũa esperança,  
Em tanta escuridade rigorosa:  
Depois de tanto tempo mais piedosa  
Se foi pondo ao clamor de meus gemidos:

Já querem consentir os seus ouvidos  
Que a Persiana lhe diga, e lhe encareça  
Quanto me persuadira, e arrebatara  
Somente o rasgo de huma scmbra sua:  
Quanto se grava, imprime, e perpetua  
Profundamente no meu peito amante:  
Quanto, desde este venturoso instante,  
Emprendi por achalla, e conhecella:  
E obedecendo à luz da minha estrella  
Passei da Persia a Goa, desprezando  
A doçura dos Lares, e estimando  
Mais, do que o meu carater, o destino  
De hum cego, de hum precioso desatino.  
Lembravalhe tambem ao mesmo intento  
O esplendor do meu alto nascimento,  
E os dotes com que a alma me illustrava  
Da egregia inspiração o excelso influxo:  
Este eloquente rasgo, este debuxo,  
Que a Persiana formava, com a penna  
De huma expressão activa, desordena  
A tenâz ligadura, em que se erguia  
A máquina de tanta rebeldia.

Consentio finalmente em aceitar-me  
Por seu feliz Esposo: Declararme  
Não me convinha então, pela indecencia,

Com

Com que aqui me pozera, na incumbencia  
 De hum fervil mercador; e foi preciso  
 Occultar neste tempo os desposorios:  
 Não havia embaraço no segredo  
 No modo, e na occasião; pois commandando  
 Neste tempo seu Pai todo o presidio  
 Que de Pangî sustenta a Fortaleza,  
 Onde sempre pernoita; e estando aceza  
 A màquina celeste dos nocturnos,  
 Scintilantes luzeiros, passo à horta  
 Das cazas de Gurgî, onde Fatima  
 Já me estava esperando; e entre as flores,  
 As plantas, e os crystaes, em que Narciso  
 Da sua mesma imagem se enamora,  
 Me vî entre as delicias, q̃ inda o riso  
 Das fontes hoje docemente adora.

Deixo em silencio quanto aquella noite  
 Purificou o incendio nas caricias,  
 E sô posso dizerte (inda embebido  
 Na quelle suave encanto o sentido)  
 Que entaõ me persuadî; q̃ se as doçuras,  
 Que as Deidades gozavaõ nas alturas  
 Da morada immortal, taõ gratas eraõ,  
 Taõ jucundas, festivas, e agradaveis,  
 Que, em taantas complacencias luminosas,



Bem podiaõ chamar-se venturofas.

Quando mais navegavaõ felizmente  
 No golfo da ventura os meus affectos ;  
 Entaõ he que no mar apparecias ,  
 E Goa se entregava : A segurança ,  
 Que dèste de maneres , sem mudança  
 O seu focego antigo ; e que as promessas ,  
 Que costumaõ fazer os Lusitanos  
 Nos màrmores se imprimem , determina  
 A Gurgî que ficasse a filha em Goa ,  
 Conservando o esplendor do seu assento :  
 Naõ sei se por grosseiro atrevimento ,  
 Se por acaso a vio esse Soldado ,  
 Sei só que nesse instante , arrebatado  
 Da sua formosura , naõ se aparta  
 Das casas de Gurgî : tinha desculpa ;  
 Porem esta desculpa naõ se aceita  
 Nos dictames do amor : Eu bem queria  
 Castigar a teimosa grosseria ,  
 Mas notando a imminencia do perigo ,  
 Que dava à Povoação só com a morte  
 De hum soldado da Esquadra ; inda mais forte  
 Fulguei que ficaria , atropelando  
 Meu proprio aggravo , pelo bem de todos :  
 De mim mesmo triumphei , e esta victoria

M

Fez

Fez maior, que o meu susto, a minha gloria.

Neste tempo a Cidade se rebela,  
Passaste às mãos, e vem entre as escravas,  
Que trouxeste de Goa, ou por engano,  
Ou por indignação da sorte escura,  
A infelice Fatima: Que amargura,  
Que horror, q̃ espanto, q̃ afflicção, q̃ affombro,  
O meu peito teria, não to explico:  
Se algum dia provaſte o impulso ardente  
Na seta de Cupido, inutilmente  
Quererei referir te o immenso atogo  
Da minha desventura: Empreendo logo  
Seguir a minha Amada; e se me offrece  
A opiniaõ, em que estava de gentio,  
Para porme entre as tropas de Timoja:  
E o meu competidor inda se arroja  
A maior oufadia, profanando  
A não, em q̃ as escravas se guardaraõ:  
Nos silencios da noite maquinaraõ  
Taõ bárbaras paixoens romper o asylo,  
Que deste à feminil fragilidade:  
Alvoraçou se a mesma escuridade  
De taõ infame intento: Ouvioſe o grito  
Das míseras mulheres; e o delito  
Não se pode encobrir; pois bem q̃ o Herèbo

O manto lhe deitava, mais enorme  
Ficou, depois de verse, que a ousadia  
Tinha degenerado em cobardia.

Inda q̃ eu alcançava o excelso esforço,  
Que no ardor de Fatima se alentava;  
Bem q̃ advertido tinha a chama brava  
Da sua condiçãõ: bem que o conceito  
Do seu valor me tinha satisfeito;  
Jã naõ pude fofrer que houvesse arrojo,  
Que tanto estimulasse a mais sentida  
Prevençãõ da minha alma: à espada entrego  
de huma vêz minha morte, ou meu socego,  
E aqui tens nesta dôr, ou neste brio  
Toda a causa \* da quelle desafio.

Agora, invicto **HEROE**, senaõ me engana  
O resplendor da tua heroicidade:  
Se he certo que està sempre em competencia  
No teu peito o valor, com a clemencia:  
Se hum Persiano he capâz de q̃ exercites,  
Com elle, todo o impulso generoso.

M. 3

Da

\* Todo este Episodio se fabricou sobre o fundamento historico, que re-  
cere Joaõ de Barros na citada Decada segunda lib. 5. cap. 7.

Mandando elle Affonso de Albuquerque enforçar hum Rui Dias, natu-  
ral da Villa de Alenquer, homem de boa linhagem; o qual foi achado na  
camara da sua naõ, e segundo se provou era para huma escrava sua, de mu-  
ltas captivas, que trazia, a que elle chamava filhas, e casava.

Da tua egregia alma ; mais piedoso ,  
 Mais valente , magnânimo , e sublime  
 Nunca feràs , que ouvindo , com semblante  
 Compassivo , ao meu nobre defalento :  
 Da-me pois no bellissimo Portento  
 Das luzes de Fatima toda a gloria  
 Da minha adoração ; e se não julgas  
 Que eu digno sou de beneficio tanto ,  
 Permite ao menos ao meu triste pranto  
 Q'eu possa ser o escravo , e ella que tenha  
 A amada liberdade : Nem presumas  
 Que outras cadeias me seraõ precisas  
 Para me sustentar no captiveiro ,  
 Porque me basta hum nõ taõ apertado ,  
 Com que a força do amor me tem atado.

Pendente estava toda a Capitana  
 Dos amores de Alfî ; e mais pendente ,  
 Do que todos , Quinèle : Enternecido ,  
 Ou da historia , ou do misero gemido ,  
 Que agora articulava o triste Esposo ,  
 Dissimular não pode aquella magoa ,  
 Que em crystalinas vozes exprimia  
 A terneza nos olhos : parecia  
 Bem estranho espectaculo que houvesse  
 No peito de hum gigante esta ternura :

Pertendeu afirmar a conjectura  
 Que tinha a compaixão mais alta origem,  
 Mas não dava na occulta novidade,  
 Que chegava a mover esta piedade.

Aqui o HEROE se informa do delicto  
 Que o soldado, de noite, cometera  
 No assalto das escravas: Vem Timoja,  
 Que concorda tambem em muita parte  
 Com a historia de Alfî: Eu quero dar-te  
 (Lhe diz Affonso entã) toda a inteireza  
 Da bondade, e justiça Portugueza.

Eu te concedo a Esposa: à patria amada.  
 Eu te restituirei com tal decoro  
 Que iguale ao teu caracter: determino  
 Mandar huma embaixada ao Rei da Persia;  
 Neste navio hiràs; e não pertendo  
 Que me dês desta acção mais outro indicio,  
 Que o da memoria deste beneficio.

Tenho feito atequi quanto a clemencia  
 Me podia dictar, agora passo  
 A fazer igualmente o que a justiça  
 Pede na culpa atrôz deste soldado:  
 Eu o condemno à força; e executado

No mesmo instante seja; pois sabendo  
 A decencia, e attençaõ, comque zellava  
 O honesto estado da mais vil escrava  
 Se atreveu a insultar inda a clausura,  
 Onde tanta modestia se assegura:  
 Pois se ficara, sem castigo o arrojo  
 De crime taõ infiel, taõ insolente,  
 Que insultos naõ faria hum delinquente.

Estremece ao concurso esta sentença:  
 Alfî se lança aos pès de Affonso logo;  
 Com todas as instancias do seu rogo  
 Quiz movello ao perdaõ deste delicto:  
 Quinèle inda parece mais afflicto  
 Aos impulsos da lastima: Noronha  
 Tambem insta, e intercede: Nada abranda  
 O coraçãõ de Affonso; outra vez manda  
 Que o soldado se enforque; estimulados  
 Alguns dos Capitaens de naõ poderem  
 Moderar taõ cruel severidade,  
 Lhe perguntaõ qual era a authoridade,  
 Com que ordena que hum homem nobre \* morra

En

\* Começaraõ a dizer que poderes tinha elle, para mandar enforcar aquel  
 le homem por tal caso? e mais sendo homem de sangue, que havendo de mor  
 rer, por algum delicto naõ havia de morrer com taõ vil morte. . . . .  
 Estando na boca da escotilha com a espada na maõ nua, dizendo, que aquel  
 les eraõ os poderes, que lhe havia de mostrar, e taes lhe dava o seu officio  
 de Capitaõ contra os desobedientes, e que impediaõ a justiça d'elRei seu Se  
 nhor. *Ibid.* Naõ

Em hum supplicio infame? Acefo em ira  
Arrebata aos authores da pergunta,  
E depois de obrigarlos a que entraffem  
Na boca da escotilha; com a espada  
Sobre as fuas cabeças fulminada,  
Estes faõ os poderes (lhes dizia)  
Que neste cargo o Rei de mim confia.

No mefino tempo a ordem se executa  
Do mífero culpado: Era inflexivel  
Nestes casos Affonso: Era terrivel  
Ao semblante da culpa: a grande esphera  
Do feu animo invicto, altiva impèra  
Sobre o fragil alento; e nesta altura  
Parece que inda mais se desfigura  
Do crime a enormidade maliciosa:  
Porem da Heroicidade os altos gritos  
Naõ poderaõ vencer nunca os clamores,  
Com que nestes colèricos horrores  
Chora a razaõ humana, de bastante  
Naõ fer huma miseria, produzida  
Da nossa propensaõ, paraque a vida  
Naõ se entregue ao furor de huma arrogancia:  
Nesta atròz, impaciente exorbitancia  
Se funda a indignaçãõ da tyrannia:  
Nella suspira a fama, quando adverte

Que às vezes deste duro, e injusto alento  
 Nem o mesmo HEROISMO se acha izento :  
 E esta acção do terrífico Albuquerque

Justi-

Não se pode desculpar esta crueldade que praticou Affonso de Albuquerque com Rui Dias, pois na verdade excedeu muito à qualidade do delicto a exorbitancia da pena : Os que presumem que no Herôe tudo deve ser esplendido, e que na Epopeia, ou no Panegyrico não se devem trazer aquellas acçoens, que deslustraõ a eminente virtude do fogeito, que se propoem, me quererão accusar de que eu aqui fizesse menção deste successo. Se houver algum Critico, que assim o presuma, poderemos dizerlhe que não tem a instrucção necessaria para este conhecimento; e por hora basta responder com o Abbade Le Batteux nos seus Princip. de la Litteratur. art. 3. n. 9.

He hum merito ( diz eile ) muito mediocre o pintar na Poesia hum homem virtuoso. A poesia não trabalha sobre este objecto. Virgilio fez do seu Herôe hum homem perfeito: elle he pio para com os Deoses, e tambem com seu Pai Anchiffes, elle mostra hum grande affecto a sua mulher, pois a vai buscar, sem alguma companhia a huma Cidade, occupada pelos inimigos: não he menos affectuoso com seu filho, pelos excessos, que obra por amor delle. Elle he bom com os seus companheiros, que elle deseja tanto fazer venturosos; e ate com os seus mesmos inimigos deieitando que todos se conservassem: Alem disto he bravo Guerreiro, sabio Legislador, bom Pai, bom Rei, bom Senhor. Porem este homem he hum prodigio, e não hum homem. O seu retrato foi feito muito ao gosto do Artifice. Elle he admiravel; porem causa huma admiracão muito fria, notandose como hum objecto, que está muito distante das nossas forças, e da nossa imitacão.

Se Homero quizesse, não teria eile ajuntado no mesmo Herôe a prudencia de Nestor, a fineza de Ulyffes, a dignidade de Agamemnon, e o valor de Achilles? Mas não querendo fazer sennão o bom, pode ser que o fizesse melhor, do que Virgilio.

O seu Heroe he mancebo, o mais vigoroso, e o mais bravo da armada: elle he tão gentil, que estando disfarçado na figura de mulher entre huma tropa de Princezas, foi necessario a hum homem tão fino, como Ulyffes usar de huma estratagemã, para o conhecer; e isto mesmo nos faz admirar mais a sua virtude: Elle tem hum bom, e hum grande coração: elle ama os Povos, elle estima a amisade, elle respeita os Deoses: mas sem embargo desta excellente indole, e destas qualidades heroicas, he summamente colérico, e o seu fogo excede os devidos limites; e o faz obrar algumas acçoens criminosas. Com tudo, tal, qual elle se nos representa; se admira, e se ama; e sem duvida se amaria menos se fosse mais perfeito; porque pareceria menos verdadeiro, mais composto, e menos ingenuo.



Justifica talvêz que entre a eminencia  
 De hum supremo esplendor, aluz se ecclypsa,  
 Que o esforço leva ao templo da memoria:  
 Não se enche sempre de brilhante gloria  
 Hum Espirito illustre: o ardor se engana  
 Se a tanto aspira na fraqueza humana.

Vendo o Hidalcaõ rendida a Fortaleza  
 De Pangî, e tomada a artelheria,  
 Ficou menos soberbo, e menos certo  
 No poder, comque o numero das tropas  
 A victoria lhe tinha assegurado:  
 Entre as suas paixoens defenganado  
 Conheceu que das armas a contenda  
 Não o tinha seguro na muralha:  
 Cuida sò em que o empenho da batalha  
 Não decida a questãõ, antes procura  
 Algum estratagema, comque possa  
 Desbaratar a armada, sem que arrisque  
 No recurso, em que a astucia se dilate  
 Nenhum dos seus soldados no combate.

Com esta ideia tinha conduzido  
 Para toda a ribeira da Cidade

Muitas balsas tecidas \* com arbuftos,

Jã

\* Sabendo elle por aviso dos gentios, que Timoja là trazia, como pelo  
 rio acima estavaõ muitos paraõs ordenados pera aquella noite seguinte em

Já cevados no azeite, e na rezina  
 Para queimar as nãos, quando declina  
 A marè, para a barra: Affonso o sabe,  
 E prevenindo o impulso, manda a Beja,  
 A Pessão, Martins, e Cafaverde,  
 Homem capáz da empreza, que sobissem  
 Pelo rio a acendellas: acodiraõ  
 Os Moiros em parãos, apenas viraõ  
 Qual era o nosso intento: Disputouse  
 A acção com grande ardor; e foi preciso  
 Que a nossa artilharia detivesse  
 O arrojo Mauritano: os tiros deraõ  
 Signal à nossa esquadra, da disputa:  
 Prompto, e ardente Noronha acode à luta,  
 E com elle Quinèle, inseparavel  
 Da sua companhia: Mas se excita  
 Com a sua chegada: o Moiro imita  
 A nossa indignação; e hum grande estrago  
 Sofre na resistencia, ¶ Huma frechada,

Que

companhia de muitas balsas de lenha, cevadas de azeite, e rezina para lhe porem o fogo ao tempo da marè virem sobre a nossa armada, mandou a Diogo Fernandes de Beja, Capitão de huma galé, que os fosse queimar, e com elle foraõ Affonso Pessão em outra, Simão Martins em huma galeota, e o mestre da não frol da Rosa, chamado Casa verde de alcunha, por ser homem despejado para estas cousas, &c.

*Barros Decad. 2. lib. 5. cap. 7.*

¶ Houve entre os nossos, e os Mouros huma porfia de lançadas, e frechadas, que durou hum bom pedaço, tẽ q̃ veio huma frecha, que atravessou huma perna a Dom Antonio de Noronha, de que dahi 7 poucos dias morreu.

*Ibid.*

Que Noronha recebe em huma coxa,  
O nosso ardor mitiga, e o incendio afroxa  
Do nosso irado impulso: Estâ Quinèle  
Afflicto, e inconsolavel na ferida;  
Mais estimando de Noronha a vida,  
Que todos os progressos do triumpho,  
Insta, e pede mil vezes se recolhaõ  
Os Capitaens à armada: Na presença  
Do HEROE se expoem o Athleta generoso,  
Defangrado, e sem uso dos sentidos:  
Naõ podia encobrir os seus gemidos  
A afflicção de Quinèle; Affonso estava  
Com hum semblante inteiro entre os horrores  
Desta grande desgraça: Superiores  
Sustentava os alentos aos insultos  
Do injusto, e horrivel fado: parecia  
Que nem dentro do peito inda se ouvia  
Algum eco da lástima: fereno  
Entre a borrasca do rumor terreno  
Se achava o seu valor, taõ claro, e limpo,  
Como está na tormenta o excelso Olympo.

Logo a ferida deu pouca esperança  
De ter algum remedio; e sem alguma  
Deixou a triste armada, quando os herpes  
Persuadiraõ que hervada a frecha tinha

A b rbara malicia : Ja caminha  
 Por instantes   morte aquelle egregio,  
 Suspirado , guerreiro ; e assegurado  
 Dos Sacramentos no esplendor sagrado,  
 Os olhos , n hum a idade florecente ,  
 Cerrou   luz do dia eternamente.

Morreste em fim , O  inchyto Noronha ,  
 (Exclamava Quin le) e será crível  
 Que eu possa inda viver, quando te apartas  
 Para sempre (ai de mim!) daquella vista,  
 Que nunca, como a aguia, que regista  
 O seu amado objecto, o teu semblante  
 Se atrevia a deixar, nenhum instante?

E logo (levantando ao Ceo os braços,  
 E pondo fitos tambem nelle os olhos,  
 Cheios de amargo pranto, e os duros geolhos  
 Mal podendo sofrer o grande pezo  
 Do corpo descahido) assim prosegue:  
 O  j  Noronha immovel; he possivel  
 Que eu te n o veja mais? que na infofrivel  
 Angustia de perderte a vida dure?  
 Que a afli  o, e a desgraça se conjure  
 Contra mim com t o grande sentimento?  
 E que inda se conserve o triste alento

Na violencia implacavel desta magoa?

Gemia, e suspirava; e as faces de agoa  
 Se innundaõ no clamor de seus suspiros:  
 Eu fui ( torna a exclamar ) quem deu aos tiros  
 Da Parca, o mais atrôz, e fero impulso  
 Para apartar do corpo a alma egregia:  
 Eu fui, eu fui o bárbaro homicida  
 De taõ illustre, taõ heroica vida:  
 Não foi o horrendo golpe, fulminado  
 Contra ti; contra mim he que dispara  
 O fado a aguda frecha; que envejofo  
 Dos meus puros affectos, não podia  
 Sofrer de tanto incendio a sympatia.

Senaõ te amara tanto, mais ditoso  
 Serias; mas a minha desventura  
 He que só te conduz à sepultura:  
 Não quiz tirarte a sorte o alento invicto;  
 Quiz julgar a fineza por delicto;  
 E só, em odio meu, he que decreta  
 Que eu fique com a dôr, e tu co<sup>o</sup> a seta.

Jà nem podia suspirar Quinèle:  
 Caie desfalecido, e no seu pranto  
 Se cumpre a cerimonia de lavar-se

O Cadaver insigne: estava Affonso  
 Quasi como insensivel à violencia  
 Deste rasgo de Clotho: Negligencia  
 Parecia o valor: Neste Sobrinho  
 Fundava a expectação de que o caminho  
 Lhe abria a Heroicidade, e q̃ inda ao templo  
 De huma fama immortal, com tanto exemplo  
 De sublimes acçoens, se levantara,  
 Se taõ cedo o rigor da forte avara  
 O não arrebatara dos seus olhos:  
 Esta imaginação era taõ forte,  
 Que igual se fez ao escândalo da morte;  
 E por mais que a constancia entaõ se empenha  
 A buscar hum esforço, que a detenha  
 No seu assento immovel, não consegue  
 Que se possa encobrir em tudo o golpe,  
 Que a alma padeceu; pois no semblante  
 Alguma voz se ouviu desta ferida,  
 Sem ser talvez do peito perentida:  
 Era Affonso mortal; e indispensavel  
 De pagar, inda em tanta fortaleza,  
 Este tributo à lei da Natureza.

Cuidava se no enterro do Cadaver;  
 Mas o amor de Quinele não consente  
 Que alguém se meta nesta acção piedosa,

E quer que a elle só se lhe permita :  
Lutando com a pena da alma afflita  
Unge o corpo ; e este horror da morte feia  
Nos liquores da Arabia , e da Sabeia  
Pertende desmentir ; e entre os aromas  
Parece que respira o ser caduco :  
A myrrha , o cinnamomo , o calambuco  
Se oppoem à corrupção , a onde intentão  
Na vista , e na lembrança lastimosa ,  
Que fique inda a saudade mais preciosa.

Quindê tambem foi quem no ataude  
O corpo deposita : Quem o cobre  
Com hum panno de purpura ; e em seus braços ,  
Quem o leva ao lugar , que se dispunha  
Ao descanso das cinzas : Descompunha  
O apparato do enterro o amargo pranto  
De toda a triste armada : Caminhavaõ ,  
Com tardo passo , os Capitaens gemendo  
Em profundos suspiros ; e não tendo  
Valor para tirar da terra os olhos :  
Arrastadas as armas , e as bandeiras ,  
Com luto acerbo , as màximas guerreiras  
Nos funebres aspectos convertiaõ :  
Os funestos tambores proferiaõ  
Hum lùgubre rumor no rouco accento :

Do rudo estrondo o mísero lamento  
Na queixa das furdinas se acompanha :

Na fralda dessa b rbara montanha ,  
Que assombra aquelle golfo , h a caverna  
Se rasga , onde parece que o segredo  
Nos feios mais profundos de hum penedo  
Quiz fazer hum retiro , em que o murmureo  
Das ondas , e dos ventos nunca oufasse.  
Fazer patente ao Eco : Aqui se entrega  
Ao sepulcro o Cadaver , no entretanto  
Que occasião não se d  de conduzillo  
Ao descanso da patria , e a os resplandores ,  
Que tem no seu jazigo , os seus Maiores.

Fica em p z ( diz o pranto de Quin le  
Já neste derradeiro apartamento )  
Fica em paz , O Cadaver luminoso ,  
Deposito do incendio generoso ,  
Em que huma alma , tão grande , illustre ardia :  
Se menos viv  no meu peito fora  
Do meu affecto a chama brilhadora ,  
Dos meus extremos a immortal fineza ,  
Eu te envejara nesta despedida  
Esse destino , que disp z a sorte :  
*Pois quando havia tão honrada morte ,*



*Fã não podias ter mais larga vida. \**

Quem podera fazer que taõ felice  
 Fosse a minha, que achasse aquelle impulso,  
 Que hoje dos nossos olhos te separa!  
 O se ao menos fizesse a forte avara  
 Que entre o continuo insulto da memoria  
 Podesse o meu alento, ou meu gemido  
 Acabar em faudades consumido!

Não podia apartar-se do sepulcro  
 Taõ extremo amigo; e com violencia  
 O arrancaraõ da quella sombra amada,  
 Para ser conduzido à nossa armada.

## N

\* A outro D. Antonio de Noronha fez o nosso Camoens o Soneto, que he o 12 da primeira parte das suas rimas.

Em flor vos arrancou, de entaõ crescida,  
 Ah Senhor Dom Antonio a dura forte,  
 Onde fazendo andava o braço forte  
 A fama dos antigos esquecida:  
 Huma só razã tenho conhecida,  
 Com que tamanha magoa se conforte;  
 Que pois no Mundo havia honrada morte;  
 Que não podieis ter mais larga vida

&c.

# A CON-

# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

CANTO VI.

**A** Tristeza da morte de Noronha  
 Acabou de affligir os Portuguezes,  
 Que estavaõ com os animos quebrados  
 Nos rigores do Inverno, e na penuria  
 Dos viveres precisos: Mas a Curia  
 Do governo Celeste, preparados  
 Muito dantes lhe havia elles alentos,  
 Que pendem dos excelsos movimentos.

Previendo o disfavor daquella empreza  
 Tinha disposto à nossa fortaleza  
 O auxilio antecipado, estimulando  
 O Lusitano Rei a que acudisse  
 A<sup>o</sup> sagrada Conquista com as forças,  
 Que a sua generosa fantasia

Se atrevesse a tirar da Monarquia:

Era alta noite ; e já no aureo leito  
Entregue estava o Rei ao doce sono ;  
Quando , illustrando as sombras do conceito ,  
Lhe apparece das Indias o Patrono  
Em huma branca nuvem , com a insignia  
Do seu proprio martyrio , e no semblante  
Brilhando aquelle ardor , que o peito exhala ;  
E entre golfos de luz , assim lhe falla.

Naõ ès tu , O<sup>p</sup> Monarca Lusitano ;  
Quem , com valor , e zello mais , q̃ humano ;  
Tem levado o esplendor das roxas Quinas  
A todas as campanhas crystalinas ,  
Que nunca consentiraõ fer tocadas  
Ategora das quilhas mais ousadas ?  
Naõ ès aquelle mesmo , que pozeste  
Do horrivel tormentorio o vulto agreste  
Patente à expectaçãõ das Lufas poppas ?  
Naõ tem as tuas invenciveis tropas  
Arvorado o madeiro sacrosanto ,  
Do Mundo todo com pavor , e espanto  
Sobre a cervîz do Tauro ? O Hydaspes , e o Indo  
Naõ estaõ suas margens descobrindo  
A's altas pertensoens dos teus projectos ?

Pois agora he preciso que os abetos,  
 Os pinhos, ou os cedros furcadores  
 Acudaõ com os bëllicos rumores  
 A taõ egregio intento: Mais q̃ nunca  
 Necessita este errante domicilio  
 De hum prompto, ardente, e vigoroso auxilio.

Disse; e ao tempo que a luz desapparece.  
 Acorda o Rei: Da cama alvoraçado  
 Se ergue no mesmo instante; e ancioso ordena  
 Armas, tropas, e nãos paraque logo  
 Nos aprestos da súbita partida  
 Seja a India alentada, e focorrida,

Partiraõ sete nãos sobordinadas  
 Ao bastaõ de Gonçalo de Sequeira;  
 De que eraõ Capitaens Cunha, Alvalade,  
 Nunes, Loppes, Moreno, e Joaõ de Aveiro,  
 Que além de ser no mando companheiro,  
 Servia de piloto a toda a esquadra:  
 Outros quatro navios deferiaõ  
 Tambem ao golfo as vèllas, que regiaõ  
 Gomes, Silva, e Quaresma, commandados  
 Por Diogo Mendes: N<sup>h</sup>uma, e n<sup>o</sup>outra parte  
 Depositava o ardor do fero Marte  
 De gente, e muniçoens hum nobre esforço;

E ao tempo que Albuquerque ao mar sahia  
 Por se livrar da mísera agonia, \*  
 Em que pozera a armada o Inverno, e a fome,  
 Junto ao Cabo, a que os nossos dão o nome  
 Da Rama, que a tres legoas de distancia  
 Fica do rio, que deixado tinhaõ,  
 Encontraõ com as nãos de Diogo Mendes,  
 O que deu grande alento a toda a armada,  
 E inda mais com a nova desejada  
 De que vinha Sequeira derigindo  
 Outros sete navios, que teriaõ  
 Já dado fundo em Cananôr, aonde,

N 3

In-

\* Affonso de Albuquerque q̄ como desejava tirar a gente daquelle trabalho, que passavaõ no rio de Goa, tanto q̄ o tempo deu lugar pos se logo fora delle.

*Ibid. Cp. 3.*

E sendo tanto a vante como o cabo, a que os nossos chamaõ da Rama, que he tres legoas do Rio, donde sahiraõ, viraõ quatro Vèllas, que os metteu em tão grande sobrefalto, cuidando serem Rumes, que se pozeraõ todos em armas. . . . Huns e outros se vieraõ a conhecer nas insignias, que todos traziaõ serem do mesmo Senhor. As quaes quatro Vèllas eraõ parte da armada, que ElRei D. Manoel mandou o anno de dez àquellas partes: e verdadeiramente, segundo a gente, q̄ Affonso de Albuquerque tinha; andava cortada de trabalho, se este anno ElRei o naõ provera com gente fresca, e posta nas forças de sua natureza, trabalhosamente podera Affonso de Albuquerque acodir a quantas cousas tinha em aberto, pera fazer, e depois succederaõ: Mas Deos inspirou na vontade delRei em mandar aquelle anno duas armadas. . . . Aprimeira foi de sete nãos, Capitaõ mor Gonçalo de sequeira. . . . A outra armada, q̄ era de 4 Vèllas. Capitaõ mor Diogo Mendes de Vasconcellos, &c. (Nesta inspiração q̄ diz Barros teve o Rei para mandar estas armadas à India se fundou o Eritodio, q̄ produziu o Apostolo S. Thomé no apparecimento, q̄ lhe fez) Tiñha mandado Gaspar de Paiva. . . . que com tres navios andasse na barra de Goa, e naõ deixasse entrar, ou sahir navio, que naõ osse metido no fundo.

Instado de noticia taõ gostosa,  
Manda Affonso, entre a ancia, que o desvella,  
Endireitar a prôa, e abrir a vèlla.

Antes que o HEROE o golfo procurasse,  
Por sustentar a acção da sua empreza  
Ordena ao igneo Paiva que guardasse  
A barra, com aquella fortaleza;  
Que no seu ardimento se estimula,  
Naõ permittindo nunca que sahisse,  
E entrassè embarcaçãõ, que naõ fundisse.

Naõ sò por conservar o mesmo assedio  
Lhe deixa tres navios; mas attende  
A<sup>o</sup> guarda do sepulcro do Sobrinho,  
Por naõ ter a caverna outro caminho,  
Que podessè insultallo, que fogeito  
Naõ fossè às nossas prôas: Conhecia  
Alfarami a Caverna, e alcança a guarda,  
Que do mar se lhe faz, e inda deseja  
Que este illustre Cadaver o proveja  
De reliquias, que aos sórdidos conjuros  
Possãõ configurar: entre os escuros  
Silencios de huma noite tenebroza  
Desce à fùnebre alcoba; e quando intenta  
Entrar pela garganta macilenta.

Do côncavo funesto, occulta força  
 Lhe embarga o infame insulto : torpe a planta  
 Na entrada se detem : Já se quebranta  
 No mesmo arrojo, que atrevida a move :  
 Já lhe falta o alento, que a commove :  
 Caie huma, e outra vez; e não desiste :  
 Ergue-se espavorido, quando a triste  
 Nefanda vista pondo nos aspectos  
 De huma Cruz, que o sepulcro authorizava,  
 Julgou que esta era a luz, q̃ o fulminava,  
 Pois della se despede aquelle incendio,  
 Que o tinha submergido neste afogo :  
 Confuso, e amodrentado se retira;  
 E cheio de pavor, de raiva, e de ira,  
 Conhece que hà mais alta potestade  
 Sobre tanta maligna atrocidade.

Chegou Affonso a Cananôr, levando  
 Já persuadido a Mendes no projecto  
 De voltar sobre Goa; \* e agora intenta

N 4

Que

\* Depois que representou estas, e outras cousas a Gonçalo de Sequeira, e a Diogo Mendes, persuadindo os quizeffem ser com elle neste feito, Diogo Mendes prometeu que seria nisso . . . . Gonçalo de Sequeira . . . não se determinou de todo nisso . . . e mais que segundo o que tinha ouvido em Cochim, donde vinha, a elle lhe parecia ter elle Affonso de Albuquerque outra cousa mais importante ao serviço delRei, e a que primeiro havia de acudir, que a tomar a Goa, e era a guerra, que ElRei de Cochim tinha com um Primo seu, que com o favor do Comorim de Calecut o queria lançar do Reino, dizendo que por ser morto o Rei velho, seu Tio, a elle pertencia a herança.

Que Sequeira tambem o acompanhasse ;  
 Porem nelle encontrou, sem q̃ o esperasse,  
 Huma estranha averção àquella empreza:  
 Disselhe que seria mais conforme  
 Que elle fosse acudir antes, que a Goa,  
 A<sup>o</sup> perda de Cochim: Tinha ficado  
 Na regia successão da quelle estado,  
 Do Rei velho hum sobrinho, contra a ideia  
 De hum Primo seu, q̃ estava na esperança  
 De poder conseguir a illustre herança:  
 Não perdia occasião a furia ardente  
 Da infame, antiga, indòmita Serpente  
 De confundir o intento de q̃ a armada  
 Profeguisse na empreza começada;  
 E por chamar o HEROE a outro objecto,  
 Tomando o rosto, a vôz, e inda a figura  
 De hum Aio deste Príncipe, lhe falla  
 Desta forte: \* Não sei aonde encobres,  
 O<sup>o</sup> illustre mancebo, aquelles nobres,  
 Generosos alentos, que adquiriste  
 De huma coroadada origem, se no triste,  
 Miseravel estado, em que te vejo  
 Se pode contentar o teu desejo.

Tão

\* Quinto nexo contra a empreza: Este nexo tem dois cabos: Hum de dissuadir o Sequeira a empreza de Goa: outro o da guerra de Cochim, fomentada pelo demonio, que interrompia a conquista da mesma Cidade.



Taõ limitada herança he hum diadema,  
 Que a trocas pelo miserô descuido  
 De hum descanzo, sem uso, nem alento?  
 Onde està teu altivo nascimento,  
 Que sofre, bem que a dôr no peito exclame,  
 A injuria de huma vida taõ infame?

Se me dizes que os meios naõ alcanças  
 De poder restaurarte, naõ te admitto  
 Esta torpe desculpa: Por ventura  
 Desconheces o odio, em q̃ arde sempre  
 O irado Zamorim contra este Reino  
 Pelo favor, que deu aos Lusitanos?  
 Ha na còlera arrojô mais infanos,  
 Do que elle tem buscado para verse  
 Por armas satisfeito desta affronta?  
 Pois como negaràs q̃ esteja pronta,  
 Com o igneo furor do rudo Marte,  
 Toda a sua paixãõ para ajudarte?

Acorda desse fùnebre lethargo,  
 Em que a infamia te pôz no jugo amargo;  
 Recorre ao Rei de Calecût, e innunda  
 Com huma força, e ancia furibunda  
 O Reino de Cochim; e entre a violencia  
 Dos ardentes, dos bàrbaros horrores,

Vai

Vai o throno occupar dos teus Maiores.

Apenas disse; o Principe enganado  
 Foi logo a Calecût pedir focorro:  
 Aproveita a occasião da nova guerra  
 O injusto Imperador; e poem a terra  
 Do nosso Aliado em armas: Firme alylo  
 Era das nossas nãos aquelle Estado:  
 Não havia outro porto, ou Fortaleza,  
 Que melhor neste tempo assegurasse  
 O nosso errante estímulo: preciso  
 Se fazia que o HEROE, com este aviso,  
 Acudisse à irrupção; e esta era a ideia  
 Da Serpente Infernal; pois deste modo  
 Pertende conseguir que não insista  
 Albuquerque, de Goa na Conquista.

Bem o dispunha o monstro malicioso,  
 Porque Affonso julgou ser necessario  
 O focorrer Cochim: Tinha furtido  
 Hum navio da Persia neste tempo  
 De Cananôr na enseiada; do qual era  
 Bubaca o Capitaõ; moço arrogante,  
 Intrepido, e furioso: O illustre amante  
 Lembrou entaõ ao HEROE q̃ lhe cumprisse  
 A redução da Patria; elle aproveita

Esta boa occasiaõ, e determina  
 Que vá tambem agora \* Carvalhosa,  
 Com a Embaixada ao Rei, q̃ segue o rito  
 Do genro de Mafoma: estima muito  
 O Perfa a Comissaõ; e despedida  
 A não; deixando quasi toda a esquadra  
 O HEROE em Cananôr, ¶ só com a gente,  
 Que Silveira, e Serraõ tinhaõ levado  
 Aquelle mesmo porto, acompanhado  
 Taõ fomite de duas caravellas,  
 E de sete parãos, defere as vellas,  
 Levando huma galê por capitana:  
 Com este breve apresto à furia infana  
 Das escumas se entrega na certeza  
 Que o valor mais, que a gente, no perigo  
 Salvarà da oppressaõ o Reino amigo.

Nesta auzencia de Affonso discorriaõ  
 Com liberdade os Capitaens na empreza

De

\* Elle mandou Rui Gomes Carvalhosa . . . com huma carta a ElRei de Ormuz, e outra a Coge Atar seu Governador, pedindolhe que a estas duas pessoas q̃ elle mandava ao Xequé Ismael &c.

*Ibid. cap. 3.*

¶ E porque não fomite por causa da pratica de Gonçalo de Sequeira, mas ainda pelos recados, q̃ cada dia tinha de Cochim quanto importava sua prezença, determinou Affonso de Albuquerque hir lá, e deixou em Cananôr toda a armada: fomite levou huma galê, duas caravellas, e sete parãos da terra; nas quaes vasilhas foi a mais da gente de Jorge da Silveira, e Francisco Serraõ, q̃ vieraõ ali a Cananôr ter com elle de Cochim.

*Ibid. cap. 8.*

De seguirse a Conquista principiada :  
 Em varios votos \* se divide a armada :  
 Huns approvaõ o intento, outros o impugnaõ :  
 Quem mais o condemnava era Sequeira :  
 Mendes lhe diz entaõ desta maneira.

Eu tambem entendi q̃ esta ousadia ,  
 Que Affonso nos propoem , mais valentia  
 Naõ fosse , que hum arrojo temerario  
 De querer pôr o jugo n'hum contrario ,  
 Que tanto excede à força Portugueza :  
 Permitto que se escale a Fortaleza :  
 Naõ he esta a maior difficuldade ,  
 Que ao nosso ardor se oppoem ; mas a Cidade  
 Como se pode conservar , estando  
 Sempre em continua acção contra este alento  
 O Dynasta mais fero , e poderoso  
 Do Reino de Decan ? Naõ he forçoso  
 Que presistindo o arco sempre armado  
 Quebre a corda , ou q̃ perca aquella instancia  
 Que no rìgido impulso se sustenta ?  
 Assim me pareceu : Com tudo alenta  
 De forte o meu incendio aquella chama,  
 Que infunde , que respira , e acende a fama  
 No semblante de Affonso , que parece

Que

\* Scinditur incertum studia in contraria vulgus.

*Æneid. lib. 2. V. 39.*

Que nesta opposiçaõ se fortalece  
 Inda mais a esperanza, enella abforvo  
 Tudo quanto figura aquelle estorvo.

O applauso, que teremos de triumpharmos  
 De hum taõ forte inimigo: a causa excelsa,  
 Que nos leva a tentar esta victoria:  
 Aquelle resplendor, aquella gloria,  
 Que inda só deste intento nos resulta:  
 He tal, que nem desfãz, nem difficulta  
 Qualquer empenho de hum valor insigne:  
 Eu o sangue darei gostosamente  
 Nesta animosa acçaõ; e se a fortuna  
 Naõ quizer ser propicia às nossas armas,  
 Bastará que entre os numeros brilhantes  
 Do tempo indocil, a lembrança as tome  
 Para fazer eterno o nosso nome.

Supponho que tereis experimentado  
 (Lhe responde Sequeira) que eu naõ tenho  
 Em taõ poucò o desejo de incluírme  
 Entre os varoens da nossa Lusitania,  
 Que intente sepultar, com torpe infania,  
 O meu nome nas sombras do lethargo:  
 A alegre aceitaçaõ, que fiz do cargo,  
 Com que o nosso Monarca determina

Que

Que eu solicite o thàlamo da aurora,  
 Prova he bastante de querer que a vida  
 Não fique tristemente submergida  
 No silencio mortal do esquecimento:  
 Se me opponho de Goa ao grande intento  
 Tenho maior motivo, do q̃ a audacia,  
 Que nesta acção se excita: eu o proponho;  
 Para ver se hoje a vossa intelligencia  
 Poderà desculparme a resistentia.

Nenhum de nós duvida de q̃ \* a Ilha,  
 A<sup>o</sup> qual de Santa Helena o nome demos,  
 Hum asylo frondoso nos prepara  
 Quando se volta ao Reino; e poucas vezes  
 Vaõ buscalla os Pilotos Portuguezes.  
 Quando vimos à India: Eu por destino,  
 Ou não sei se talvez por defatino  
 Do rumo, que trazia-mos me vejo  
 Com a Ilha na frente: Convidado  
 Do seu soberbo, alegre, levantado,  
 Verde, e viçoso aspecto, me resolvo  
 A inquirilhe o terreno: aos montes subo;  
 E de hum bosque sombrio, q̃ em maranha  
 Nos verdes labyrinthos a montanha,  
 Me faie hum vulto, q̃ eu entaõ quizera

Pre

\* Apertase mais o nexo, que pertence ao ramo de Gonçalo de sequei

Prefumir que seria alguma fera,  
Que imita a forma humana, ou feia sombra,  
Que a soledade infesta, e me procura  
Desmentir a protervia na figura.

Pareceu me depois o triste objeto  
Inda mais, que vivente, hum esqueleto,  
Pois apenas a ossada lhe cobria  
A macilenta pelle: confundia  
Na crespa barba a forma do semblante:  
Sobre os hombros se finge que se deixa  
Cahir, sem tino, a fòrdida madeixa,  
Nunca de eburneo dente conhecida:  
Nos olhos huma chama amortecida  
Entre as negras pestanas scintilava:  
Os descarnados membros reparava  
Com hum manto, e huma túnica coberta  
De pellos arriçados: mal concerta  
Os passos n'hum bordaõ, cheio de esgalhos:  
Nos antigos, nos míseros trabalhos,  
Que o seu rosto inculcava: o traje, o gesto,  
O retiro, e a tristeza, manifesto  
Me queriaõ fazer que este Eremita  
Na quella solitaria residencia  
Era hum vivo exemplar da penitencia:  
Mas entre o mesmo assombro reconheço

Naõ sei que occulto horror no ardente afogo  
 De huma paixãõ inquieta, que duvido  
 Se estava mais feróz, que arrependido.

Inda que para mim ( me diz aquelle  
 Salvagem racional ) já naõ he novo  
 Que aportem nesta Ilha os Lusitanos,  
 Naõ deixa de causar me novidade  
 Que penetres a ruda soledade  
 Destes àsperos cumes, quando todos  
 Os que aqui deitaõ ferro se contentaõ  
 De ver ao longe os rústicos segredos  
 Destes brutos, inhòspitos penedos.

Tàlvez que algum incògnito destino  
 Aqui te encaminhasse para ouvires  
 Antecipadamente o que inda ignoras:  
 Commandando essas faias furcadoras  
 Vens a India buscando, com a ideia  
 De que hás de auxiliar o oufado impulso,  
 Com que tantos galeoens batendo os ares  
 Tem dominado o vento, e aberto os mares:  
 Porem infelizmente agora entregas  
 O teu desejo às ondas: Sepultada  
 Se acha toda a vehemencia do Albuquerque  
 Na Conquista de Goa: A India buscas



A tempo que elle vendo a Lusa frota  
 Quererã que este estrago, e esta derrota  
 Se restaure contigo: se o consentes  
 Vãs destinado às furias inclementes  
 De hum fado o mais cruel; pois os conjuros  
 De hum magico, q̃ assiste aos fortes muros  
 Da soberba Cidade, de tal sorte  
 Tem encantado o b̃rbaro destrito,  
 Com o raivoso alento do Cocyto,  
 Que por mais q̃ o valor prodigios faça,  
 Nunca há de haver esforço sem desgraça.

Cem vezes quinze com dês vezes quatro,  
 E mais tres vezes tres fomaõ as legoas,  
 Que vaõ daqui a Goa: e a este instante  
 Lutando Affonso està com todo o insulto  
 De huma ingrata fortuna: se este occulto,  
 Antecipado horror em tal distancia  
 Pode ser comprehendido, sem que tenha  
 Sondado (em tudo aquillo, que defenha  
 Nos successos a forte) mais que humana,  
 Sublime intelligencia, me parece  
 Que agora escusarei de persuadillo  
 Com outra informaçãõ, com outro estylo.

Teme, O' Sequeira, as ancias furibundas

Do implacavel destino : não confundas  
 O arrojo com o esforço : teme as iras  
 Do escuro precipicio dos successos :  
 Teme a violencia dos fataes progressos,  
 Que se occultaõ nas leis sempre immutaveis.  
 De tantos movimentos infondaveis :  
 Não te despenhes a fazer preciso  
 O que he só eleição : Tu tens o aviso,  
 Não te queixes agora à forte escura,  
 Se tu mesmo te expoens à desventura.

Disse furioso ; e de improvisõ entrando  
 Pelo mais intrincado do arvoredõ,  
 Me deixou n'hum espanto, de que nunca  
 Pude ver livre a anciosa fantasia :  
 Mil vezes neste encontro discorria,  
 Sem poder assentar donde descera  
 Este medonho Oraculo : Quizera  
 Que elle de alto favor se imaginara ;  
 Mas não sentia em mim algum indicio  
 De merecer taõ grande beneficio.

Julgava que podia ser alguma  
 Daquellas iuggestoens, comque se acende  
 O Inferno contra o impulso religioso.  
 Destas nossas Conquistas : duvidoso

Andei por muitos tempos nos discursos,  
Sem conhecer nas luzes da verdade,  
Se isto foi illusão, se foi piedade.

Porem depois que chego à India, e vejo,  
A pezar de hum catholico desejo,  
Jà cumprido o primeiro Vaticinio;  
Confesso que ficou o meu desinio  
Preoccupado de sorte nesta instancia;  
Que vendo indubitavel o primeiro,  
Tive o outro tambem por verdadeiro.

Esta he a unica causa, que me move  
A apartarme do vosso egregio impulso:  
Concedo que he gloriosa esta Conquista,  
Mas se acaso quereis deitar a vista  
Mais ao longe, e notardes q̄ este Estado  
Teria totalmente agonizado,  
Senaõ chegasse agora este socorro;  
Se vamos a perdello à mesma parte  
Em que està contra nòs o injusto Marte;  
Donde quereis que venha neste assedio  
A igual enfermidade, igual remedio?

Assim disse Sequeira; e parecia  
Que já ninguem ousava a responderlhe:

Quinèle, que atelî, depois do luto  
 De Noronha, não tinha proferido  
 Nem huma só palavra, arrebatado  
 No empenho de voltar ao fitio, aonde  
 Tinha as reliquias de hum objecto amado,  
 Desta sorte a Sequeira he que responde:

Naõ se podera crer \* se o naõ differas,  
 O<sup>o</sup> grande Capitaõ, que aquelle triste  
 Inopinado horror, que tanto existe  
 No teu sublime espirito, fizesse  
 Taõ pavoroso o mal, que enfraquecesse  
 Essa constante, formidavel ira,  
 Que taõ heroicamente se respira  
 No teu invicto coração: Tu mesmo  
 Confessas que esse Óraculo medonho  
 (Senaõ foi illusão da tua ideia)  
 Te trouxe muito tempo confundido  
 Sobre a origem, que o tinha produzido:  
 Tu mesmo à presumpção de que o inculcasse  
 Hum producto das máximas protervas  
 Da malicia Infernal, tambem te inclinas:  
 Se na horrenda expressãõ tantas reservas  
 Te vem aos olhos das visoens malinas:  
 Se nellas a mortal ferocidade

\* Desatafe este primeiro ramo do nexos.

Não se póde encobrir; como pertendes  
 Persuadirte que alguma Divindade  
 A os damnos te acudio? Talvez entendes  
 Que se o favor do Ceo te prevenisse,  
 Te mandaria hum Nuncio, em que se visse  
 Tanta abominação, tanta fereza,  
 Misturada no horror, e na tristeza?

Não pode haver, não pode quem duvide  
 Que nesse infausito auspicio só reside  
 Hum fraudulento estímulo, disposto  
 A que teu grande alento volte o rosto  
 A esta egregia acção: Tu nelle advertes  
 Motivos para o tímido discurso:  
 Eu nelle encontro o venturoso curso  
 Das palmas Lusitanas: Este esforço,  
 Que faz o Inferno para intimidarte  
 Nesta sublime empreza, justifica  
 O muito, que lhe dôe, e o mortifica  
 O nosso illustre intento; e a mesma angustia  
 Do rebelde dragão, segura a gloria,  
 Que se espera alcançar nesta victoria.

Ninguém crê que elle he tanto nosso amigo,  
 Que se aqui descobrisse algum pirigo,  
 Que nos quizesse separar o dano:

As astucias , com que anda o seu engano  
 Só fervem de prelude ao nosso alento  
 Para mais prosperar o vencimento.

E de que serve a voz deste maligno,  
 Mentiroso contrario, quando tendes  
 A palavra, e a promessa indefectivel  
 Não menos, q̃ de hum DEOS, em q̃ descança  
 A firmeza do Mundo? Sem mudança,  
 E sem alteraçãõ, não se eternizaõ  
 Os crystalinos vinculos dos orbes,  
 Sem outra força, e fortaleza, que este  
 Immutavel signal do excelso impulso?  
 Todo o Universo fragil, e convulso  
 Não se porá primeiro, do que falte  
 Este divino empenho? Os Portuguezes  
 Não são os que tem dito tantas vezes  
 Que ao seu primeiro Rei lhe assegurara  
 Este mesmo SENHOR estas Provincias,  
 Para espalhar as luzes do Evangelho?  
 Pois como hà quem se aparte de hum conselho  
 Resolvido no eterno Consistorio?  
 E se o mesmo conselho taõ notorio  
 Se tem já feito às armas Lusitanas  
 Nas Conquistas do Oriente, ferà crível  
 Que eu veja Portuguez, taõ vacilante,

Que repugne o desígnio mais constante,  
 E o mais experimentado nas proezas,  
 Que hoje está felizmente descobrindo  
 Tudo o que o Ganges cerca, e abraça o Indo?

Quero em fim conceder que não se acerta  
 Nesta empreza a Victoria: Quero exporvos  
 Todas essas imagens, que os estorvos  
 Da Opposição contraria vos retrata  
 Na escura fantasia: Que combata  
 O Vosso ardente esforço, sem effeito:  
 Que tão grande valor fique Sogeito  
 Ao poder desigual dos inimigos:  
 Que vos julgueis nos belligos perigos,  
 Sem vida, nem alento; e que inda seja  
 A nossa desventura tão estranha,  
 Que todos acabemos na Campanha:  
 Porem esta desgraça a maior dita  
 Não será de hum espirito guerreiro?  
 Exhalar o suspiro derradeiro  
 Em defenza da LEI, que mais sublime,  
 Victoriosa, brilhante, illustre palma?  
 Se tanto vencimento alcança a alma,  
 Que importa que se jacte o Moiro adusto  
 Que do Corpo triumpho? Aonde o susto,  
 O pavor, e o receio pode verse,

Presente estando sempre este desíniõ?  
 Direis q̃ se assim for todo o dominio  
 Lusitano se acaba nestes mares;  
 E que tantas fadigas militares  
 Sofridas com taõ nobre, e invicto alento  
 N'hum instante se perdem: Pensamento  
 He este, que eu naõ quero meditallo,  
 Quanto mais produzillo: Quem as portas  
 Abrio do Tormentorio? Quem absortas  
 Deixou as ondas nunca conhecidas  
 De alguma ousada Vèlla? Quem rendidas  
 Expôz taõ invenciveis Fortalezas  
 A' Vehemencia das armas Portuguezas?  
 Fosteis Vòs, ou seria o Braço excelso  
 Daquelle mesmo DEOS, que tinha dado  
 A India por decreto anticipado  
 A' Vossa expectaçãõ? Pois ha quem creia  
 Que houve mudança nesta firme ideia?  
 Ha de haver Lusitano, que presuma  
 Que posto que se extingua, ou se consuma  
 A gente, com q̃ o Reino hoje povôa  
 Os golfos orientaes: Que inda q̃ em Goa  
 Se sepulte esta Esquadra, q̃ há de acharse  
 Extinta esta Conquista, e desfazerse  
 Do ALTISSIMO a promessa? Humas armadas  
 Hiraõ, outras virãõ: humas lançadas



No mais fundo do mar, outras cobertas  
 Dos inclytos despojos, sustentando  
 A palavra divina, e authorizando  
 A certeza de ser neste hemispherio,  
 Sempre illustre, e constante o Luso Imperio.

Vòs fois os que esta fê me propofesteis:  
 Vòs fois aquelles mefmos, q̄ me deſteis  
 A Verdadeira luz desta doutrina:  
 Se a ella não se rende, e não se inclina  
 Todo o voffo conceito, entãõ prefumo  
 Que ensinaiſ contra a voffa intelligencia:  
 Mudarei de opiniaõ, e diſcorrendo  
 Ficarei que a virtude, e que a verdade  
 Não se encontra n'alguma ſociedade,  
 Pois até ſe chegou a ver o engano  
 Nos eſforços de hum peito Luſitano.

A taõ vehemente perſuaçaõ não tinha,  
 Que reſponder Sequeira: Já convinha  
 E os outros Capitaens em ſe offrecerem  
 A' jornada de Goa; e por Affonſo,  
 Que venha de Cochim, ſõ ſe demora  
 Eſte grande projecto, em que ſe expunha  
 De todo o Inferno o bàrbaro gemido  
 Taõ ferôz, impaciente, e enfurecido.

Não se detinha o HEROE em dar socorro  
 Ao Rei, que o Zamorim tinha insultado  
 Com esta nova guerra; pois no instante,  
 Em que ao Reino chegou, pode dizerse  
 Que chegara, e vencera \*: Recolherse  
 Não quiz, sem que primeiro visitasse  
 A Ilha de Anchediva, a cujos ermos  
 Frondosos, e saudaveis, os enfermos  
 Da armada tinha entregue: Outro desígnio  
 Mais sublime tambem o convocava  
 Para a quelle deserto: Celebrava  
 Nelle a fama a virtude, e a penitencia  
 De hum provecto Eremita ¶, que assistia  
 N<sup>h</sup>uma gruta da Ilha: Aqui seguia  
 Na maior solidaõ todo o Instituto  
 Da Santa LEI, vencendo o engano astuto  
 Da Infernal seduçãõ; e com a ideia  
 Do Baptista nos montes da Judeia,  
 Vestido com as pelles dos camellos,  
 Descoberto, e descalço, e das *lagostas*  
 Fazendo o seu sustento, ousado insiste  
 Contra o poder do Abyssmo: o HEROE pertende  
 Instado de hum impulso Religioso,

Pe

\* Desata-se o segundo ramo do nexõ, com a victõria do HEROE contra as armas do Zamorim, que tinha invadido Cochim.

¶ Este Eremita faz huma antithesi, com o que vio Gonçalo de Sequiera na Ilha de Santa Helena,

Pedir-lhe, que benigno, e que piedoso,  
 Com seus rogos, pozesse a DEOS na empreza;  
 Que intentara a constancia Portugueza.

A garganta da alcoba solitaria,  
 Com este intento, occupa; e nella o vinhã  
 Conduzir para dentro o Anachoreta:  
 O concavo da penha era bastante  
 Para fazer o HEROE participante  
 Tambem da ruda càmera: As alfaias,  
 Comque se ennobrecia este apozeno,  
 Eraõ huma caveira, e huma cortiça,  
 Que serve de descanso ao corpo debil:  
 Hum livro, e humas correias, matizadas  
 De sangue penitente; penduradas  
 Dos pês de hum Crucifixo, que illumina  
 Da quella eschola aplacida doutrina.

Eu sou (lhe diz o HEROE) esse Albuquerque,  
 De quem talvêz indignamente tenha  
 Confiado DEOS, e o Rei todo o governo  
 Das Conquistas da India: O influxo eterno,  
 Comque o ALTISSIMO guia a mente humana,  
 Me propoem que a existencia Lusitana  
 Nos clymas Orientaes, nunca a firmeza  
 Pode ter, sem cabeça, que a sustente:

Per-

Pertendi que esta em Goa se erigisse  
 Nella entrei victorioso; e o alto Coro,  
 Que humildemente resignado adoro,  
 Não permittio entãõ que se lograsse  
 A nossa presistencia: Foi preciso  
 Deixar Goa outra vêz com a esperança  
 De seguir com mais firme segurança  
 A começada empreza; e com a vinda  
 Das nãos, e gente, que do Reino chegaõ  
 Me exponho a continuar o mesmo intento,  
 Abrindo este seguro fundamento  
 A taõ grande projecto: Mas q̃ importa  
 Que eu assim o disponha, se a clemencia  
 Do ALTISSIMO não for em nossa ajuda?  
 Que importa que o valor, e a força acuda  
 A prosperar o impulso, senãõ obra  
 A Vontade divina? De que serve  
 Que arrojado se empenhe o esforço, e a arte,  
 Se DEOS não estiver da nossa parte?  
 Inutilmente, sem o ter propicio  
 Levantar \* pertendemos o edificio:  
 Pois he fomite DEOS quem o levanta,  
 E tambem, quando quer, quem o quebranta.

Vós, que nesta distancia mais chegado

Esta-

\* Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt qui ædificaverunt eam.

Estareis ao Empyreo, e mais aberto  
Tereis o Ceo ao rogo, proferido  
Nos Ecos da Oraçaõ, fazei q̃ ouvido  
Seja o nosso valor do Coro Santo:  
Pedî que o Moiro infiel incline o jugo  
Ao Cathòlico pezo das imagens,  
Que illustraõ nossas ìnclytas bandeiras:  
Pedî que as nossas còleras guerreiras  
Innundem quanto anìma, quanto doma  
A perversa doutrina de Mafoma.

Naõ seja pelo pouco, que mereço,  
Seja pelo infinito, amante preço  
Da Redempçaõ humana: Pela causa;  
E tambem pela vôz, e impulso ardente  
De Espirito taõ pio, e penitente.

Dizia Affonso, quando o Anachoreta  
De repente ficou arrebatado  
Em hum profundo èxtasis: Suspensas  
Tinha as funçoens do alento sensitivo;  
E tornando a mostrar q̃ estava vivo,  
Depois de alguns instantes; desta sorte  
A Affonso respondeu: Piedoso, e forte  
Es, O' grande Varaõ; mas a piedade  
Inda mais determina, e mais persuade

Ao AUTHOR soberano do Universo,  
 Para que o Moiro atrôz, e o horror perverso  
 Do Abyfmo defalente o torpe engano  
 Nas Victorias do braço Lufitano.

Goa ferà de Christo : das mefquitas  
 Se aboliràõ as màximas precitas  
 Do nefando Alcoràm : fantificadas  
 Se haõ de ver com as clàufulas fagradas  
 Da Biblia fanta : O eterno Confiftorio  
 Tem destinado a Goa para Emporio  
 Da Cathòlica India : alta Cabeça  
 Serà fempore do esplêndido dominio,  
 Que na Áfia fundais : Seu patrocínio  
 Lhe tem dado o poder de hum DEOS immenfo:  
 Este he o anno, em q̃ està determinado  
 Que Christo occupe a Goa ; e exterminado  
 Eternamente fique o' efcurò Abyfmo,  
 E o torpe Mauritano no aphorifmo,  
 Com que o Ceo tantas vezes infultaraõ :  
 Anno fempore felíz ; anno que incluye  
 O millenario numero, e a ametade  
 Desta conta, e dêz mais, para que feja  
 De indefinita imagem, com q̃ a Igreja  
 Na harmonia das partes aliquòtas  
 Felicite as Provincias mais remotas.

Primâz do Oriente a Episcopal cadeira  
 O Oraculo fará do Vaticano:  
 Sete Paroquias, que feraõ exemplos  
 Das sete instituiçoens, que a LEI da Graça  
 Nos propôs nos Mysterios Sacrosantos,  
 Ornarão a Cidade; socorridas  
 De clauftros penitentes, onde as vidas  
 Em devotos silencios reconhecem  
 As distancias do acerto, e do delirio,  
 Que há entre o cego Mundo, e o claro Empyrio.

Goa na excelsa mente se prepara  
 Inda a maior prodigio: A lûz preclara,  
 Que há de assombrar o thâlamô da aurora,  
 A lûz, da qual o Oriente inda se ignora,  
 Se està dispondo no immortal alento,  
 Para encher, com glorioso movimento,  
 De claridade; e espanto a costa brava,  
 Que o Ganges fertiliza, e o Indo lava  
 Esta lûz se exporà na Companhia,  
 Que ha de ter de JESUS o excelsô Nome:  
 Nome, que excede a todo o nome; e à sua  
 Soberana noção dobra os geolhos  
 A Terra, o Inferno, e o Ceo; e abaixa os olhos,  
 Com humilde, devoto parocismo,  
 Quanto vai desde a Esphera, até o Abyfmo.

O Fundador da insigne SOCIEDADE  
 Vejo fer hum clarissimo LOYOLA,  
 Que hà menos de vinte annos deu ao Mundo  
 A egregia Guipuscôa: só por ESTE  
 Sublime alumno, Espirito celeste,  
 Digna de eterno applauso: Na defenfa,  
 Que fazia ao Castello de Pamplona,  
 Recebe huma ferida, que converte  
 Em melhor profissão o grande impulso  
 Da sua heroica alma: sem mudança  
 De valor, toda a bëllica esperança  
 Poem na quella milicia, em cujo gremio,  
 Não ha façanha, que não tenha premio.

De soldado de Marte a fer soldado  
 Passou de Christo, com taõ grande arrojo,  
 Que alcançou neste ardor todo o despojo  
 Dos objectos terrenos: DEOS o guia,  
 Com alta inspiraçaõ a os alicerfes  
 Desse Claustro, que em mysticos calores,  
 O Universo hà de encher de resplandores.

A elle chamarà contra as astucias  
 Da maligna serpente, outro soldado  
 Taõ illustre, e não menos alentado:  
 Digo aquelle Prodigio de Navarra,



Que do applauso mundano se retira  
 A<sup>o</sup> instancia de LOYOLA; e que pendura  
 Nas Aulas de Paris toda a vaidade,  
 Que lhe expoem o esplendor da Faculdade.

Tu feràs, O<sup>o</sup> XAVIER, esse luzeiro,  
 Esse brilhante Nuncio, que primeiro  
 Espalhe tanta luz neste Orizote:  
 Deitaràs hum pregão, que se remonte  
 A's gargantas do Tauro, e que estremeça  
 Os penhascos, e embote inda os alfanges,  
 Comque suspira o Hydaspe, e geme o Ganges.

Toda a còsta, e fertaõ da Pescaria  
 Ouvirá, com assombro, esta harmonia:  
 O horror antigo da doutrina opaca  
 Desfarà Travancôr, Ceilaõ, Malaca:  
 Pulsarà tanto estimulo divino  
 Nas Ilhas de Ternate, e de Amboino:  
 Meliapor outra vêz no claro espelho  
 Verà brilhar os raios do Evangelho:  
 Daqui o novo Apóstolo do Oriente  
 Passarà ao Japam, onde assombradas  
 Desta terra as secenta, e seis Provincias  
 Deixarà, com os brados fulminantes:  
 Em muitos destes Reinos as cadeias,

Comque os prendem as miseras ideias  
 Do tyranno Infernal, enfraquecidas,  
 Se verãõ, com a força portentosa  
 De tanta actividade luminosa.

Da China hà de bater às duras portas  
 Este grito evangèlico, rompendo  
 Por immensos trabalhos, e perigos;  
 Quando na Ilha de Sancham a alma  
 Felizmente darà àquelle excelso  
 Resplendor, que lha tinha concedido:  
 No alento das Missoens ferà ouvido,  
 Com faudade, este trànsito, sabendo  
 Que emmudece huma vòz, a que naõ podem  
 Resistir inda as penhas, q̃ enlaçado  
 Tem a torpe dureza do peccado.

De Sancham a Malaca o corpo illustre  
 Conduzido ferà; daqui a Goa:  
 Tendo o Sol acordado no aureo berço,  
 Depois da sua morte, quatrocentas  
 E mais oitenta vezes, sem q̃ extinta  
 Se veja a suavidade da mortalha,  
 Nem corrupçaõ alguma se perfinta  
 No sagrado Cadaver: Na batalha,  
 Que o tempo, com a vida, continûa,

Ficará victorioso o humano alento;  
 E inda hà de parecer q̃ o horror violento  
 Daquelle ultimo trance, não rasgara  
 A vital contextura, antes regera  
 O focego, em que a alma adormecera.

Quando não fosse dada a outro assumpto  
 A redução de Goa, era preciso  
 Que ella fosse Christan, para ser digna  
 Deste grande deposito; e podesse  
 Em tudo o q̃ este exemplo promovesse  
 Ser Erario feliz do ardente influxo,  
 Que hà sempre de alentar o zello amavel  
 Da quella SOCIEDADE infatigavel.

Desta brilhante, soberana origem,  
 Não só na vida, mas depois da morte:  
 Deste illustre EMISSARIO do alto folio  
 Nascerão todas essas maravilhas,  
 Que em todas as distancias do Universo,  
 Lutando com o escândalo perverso  
 Da adusta indignação da eterna furia,  
 Haõ de fazer os filhos de LOYOLA:  
 Do victorioso impulso desta chama  
 Se illustrará do Congo a escuridade,  
 Levando Dias, Vaz, Sobral, Ribeiro

No invicto coração este luzeiro :  
 Do Brasil toda a inculta soledade  
 Farà brilhante Nobrega nas luzes,  
 Procedidas da mesma labareda :  
 Da doutrina immortal o claro dia  
 Meterà na intractavel Cafraria  
 O esplêndido Silveira : o aureo Mundo  
 Do bárbaro Perù, illuminado  
 Serà pelos alentos de PORTILHO :  
 RUGERO, e RICCIO romperão as portas,  
 Onde XAVIER bateu ; e a culta China  
 No incendio da Cathòlica doutrina  
 Banhada se verà ; e todo o Oriente,  
 Com tanta exhalação resplandecente,  
 Se erguerà dessa sombra, em q̄ gemia  
 Entre o horror de huma cega idolatria.

Pasmado estava Affonso ouvindo os ecos,  
 Que na intrinseca luz do Anachoreta  
 Reflectiaõ as vozes do futuro :  
 O Oraculo venera, e o orgão puro,  
 Por onde o resplendor se communica :  
 Humildemente instou a que rogasse  
 Que tanta maravilha se apressasse  
 Na eterna Providencia : ambos os braços  
 Deita aos pès do Eremita, que offendido

Se mostra deste obsequio; e despedido  
Da gruta, e de Anchediva, os saons escolhe,  
Embarcase com elles, e treslada  
Este novo focorro para a armada.

---

---

## A CONQUISTA

## DE GOA.

Poema Epico.

## CANTO VII.

**F**oi recebido em Cananôr Affonso  
Com applauso, e alegria; e satiffeito  
Tambem se achava de se ter mudado  
Sequeira no desgosto de seguillo:

O vento estava brando, o mar tranquillo,  
Propicio o Ceo; e quasi de repente,  
Quando a luz matutina no Orizonte  
Festiva offrece a cãndida grinalda,  
Se leva o ferro, e o panno se desfralda.

De vinte e tres navios se compunha  
 A Esquadra Lusitana : \* O Formidavel  
 Obedece a Gonçalo de Sequeira :  
 Diogo Mendes governa o Destemido :  
 Capitaens do Pavaõ, e Enfurecido  
 Eraõ Simaõ de Andrade, e Jorge Nunes :  
 Nuno Váz, do Tritaõ : Pedro Quaresma,  
 Do Delphim : Gaspar Cáo, do Fulminante :  
 Sebastiaõ de Miranda, do Arrogante :  
 Do Polyphemo, Balthesar da Silva :  
 Fernão Feijò do Gripho: Da Chimera,  
 Simaõ Martins : Da Agua, e do Terrivel,  
 Fernando Perez, e Manoel da Cunha  
 Dom João, Dom Jeronymo de Lima,  
 Da Palma, e do Vesubio : Do Vulcano  
 Manoel de Lacerda : Do Africano  
 Diníz Cerniche : o Bravo, e a Galáthea  
 De dois Antonios Saõ; Costa, e Raposo :  
 A Garcia de Soufa o Bellicoso  
 Se havia encomendado : O Furibundo  
 Tinha Affonso Pessoa Confeguido :  
 Duarte de Mello, o Sol : Diogo Fernandes,  
 O Príncipe : e seguindo a Capitana  
 Deraõ fundo em Onôr; querendo Affonso

Con

\* Estes nomes-com que se distinguem os navios he conforme o estylo nau-  
 tico: os nomes dos Capitaens he segundo a historia de João de Barros. Dest  
 estylo se lembrou Solis na sua Histor. Mexican. lib. 5. cap. 20.

Consultar com Timoja o movimento,  
Que melhor estivesse ao nosso alento.

Chegou a tempo a armada, q̃ Timoja  
As Vodas celebrava \* com a filha  
Da Senhora de hum Reino, q̃ conhece  
Aquella mesma Còsta com o nome  
De Garzopam: Alegra-se o Gentio  
De ver a nossa armada neste Rio  
Na feliz Occasiao, em que podesse  
A pompa Lusitana acreditarlhe  
O festivo esplendor dos desposorios:  
A Affonso, e aos Capitaens faz toda a instancia  
Para haver de alcançar que neste dia  
Ao Conforcio assistissem: Permittia  
O HEROE esta lisonja, pelo muito  
Que Timoja se empenha em contentarnos:  
Elle nessa manhan veio buscarnos  
Com todos os Parentes: As pessoas  
Mais distintas da armada os acompanhaõ

P 4

A

\* Timoja andava occupado em celebrar humas vodas, q̃e (segundo seu uso) elle fazia com a filha da Raynha de Garzopaõ, pedio a Affonso de Albuquerque, pois Deos o trouxera ali a tempo que elle celebrava aquellas festas de sua honra, quizesse sahir em terra com todos os seus Capitaens a tomar delle hum jantar: Affonso de Albuquerque por comprazer a este Timoja, como a homem, de que tinha recebido serviço, e havia muito mister para aquelle feyto de Goa, concedeu a seu rogo sabindo em terra em bateis; e elle em a galè, Capitaõ Bastiao de Miranda com os mais da frota, em que hia muita gente nobre, &c.

A huma Casa de Campo, onde a Rainha  
 Commummente affistia; e onde se tinha  
 Já disposta em magnificos estrados  
 A lauta provisão dos Convidados.

Era a Casa de Campo repartida  
 Em varios pateos, e diversas quadras,  
 Que nos angulos tem algumas torres,  
 Por defenfa, ou adorno do edificio:  
 Discorre por detrás do Regio hospicio  
 Huma aprazivel horta, que fecundaõ  
 Muitos tanques, e fontes, cujas agoas  
 Conduzidas por giros subterraneos  
 Sustentaõ todo o succo do terreno,  
 Fazendo mais viçoso, e mais ameno  
 O frutifero Campo, com as plantas  
 Sempre frondosas, sempre carregadas  
 De flores, e de frutos: No Recinto  
 De hum grande lago, forma hum labyrintho  
 De liquidos listoens, entre os debuxos  
 Das Estatuas, a arte dos Repuxos.

Aqui se vê Narciso namorar-se  
 Outravêz de si mesmo nos Espelhos  
 Do derretido aljofar: Aqui rompe  
 Com o agudo panhal o peito brando



A fineza de Pyramo ; e parece  
 Que he sangue, e não he prata, o q̃ liquida  
 Pela affectada boca da ferida.

Aqui, tocando a lyra o Thrace amante,  
 Perfuade que convoca os arvoredos,  
 Que a bàla nas montanhas os penedos,  
 Que chama as aves, que suspende as fèras:  
 E das agoas a mesma melodia,  
 Os Encantos da Cithara fingia.

Aqui, nadando Europa sobre o toiro,  
 Nos mesmos borbotoens, q̃ encrespa o vento,  
 Se conservaõ das Nymphas os clamores ;  
 E intentã debuxar a semelhança,  
 Que inda vendose a escuma taõ propicia,  
 Crèta de hum lado está, do outro Phenicia.

Todo aquelle contorno se dilata  
 Em fecunda extensaõ, onde Pomona,  
 Vertumno, e Ceres, docemente a bona  
 O brilhante thesoiro de Amaltheia:  
 Repetida huma, e outra alegre ideia,  
 As Cabanas, e as choças se dividem  
 Por toda aquella rústica Campanha:  
 Já no valle, na ferra, ou na montanha

Tem affento os Pastores : Humas vezes  
 No monte , apazentando as suas rezes ;  
 Outras dando no campo às sementeiras  
 Todo aquelle cuidado , que enthesoira  
 A fadiga no premio da lavoira.

Tinha notado o HEROE pelo caminho  
 A doce perspectiva deste theatro ,  
 Inda que rudo ; alegre , e deleitoso ;  
 E em quanto no apparato magestoso  
 Os outros convidados se divertem ;  
 A<sup>a</sup> Rainha , que o tinha recebido  
 Com respeito , e agasalho ; desta sorte  
 Lhe falla : Já me consta de q̃ a Corte  
 Trocais por esta plácida vivenda :  
 Pouca gente conheço , que pertenda  
 Aceitar a eleição , que vòs tomasteis :  
 Inda nos Reis mais raro he este exemplo :  
 Os Reis , que os olhos sempre tem no templo  
 De huma eterna lembrança , parecia  
 Que nenhum delles se fogueitaria  
 A huma vida privada ; aonde o Lethe  
 Só no descuido a duração promette.

Nem as Rainhas desconhecem quanto  
 Convem à Magestade o resgatar-se

Do silencio mortal do esquecimento:  
 Se tiverdes algum conhecimento  
 Das Tomires, Zenobias, e Floripes,  
 Não deixareis de ver que inda o diadema  
 No peito feminino confegue a gloria,  
 Com que os Reis se eternizaõ na memoria.

Igualmente me consta que ao governo  
 Do Vosso Principado não perturba  
 A assistencia do Campo, não faltando  
 A vossa vigilancia às leis do mando,  
 E que assim assistis, quando he preciso,  
 A os empenhos da Corte: O que só noto  
 He vir a achar em Clyma taõ remoto  
 (E talvez que se tenha por inculto)  
 Espirito taõ doce, inda que Regio,  
 Que depondo do sceptro o privilegio,  
 Entre o trato grosseiro desta gente,  
 De huma rústica vida se contente.

Vòs tendes (a Rainha lhe responde)  
 O sublime discurso preocupado  
 Do estrondo militar, \* e das façanhas,

Que

\* A Rainha fondava bem o espirito de Affonso de Albuquerque, pois na verdade poucos homens haverá, que desejassem mais, do que elle, eternizar o seu nome pelas façanhas militares, o que nota Joaõ de Barros na Decada 2. lib. 7. cp. 1. com os leões, q̄ elle trazia de Malaca para ornar a sua sepul-

Que obra o valor nas bëllicas campanhas;  
 E deste illustre objecto arrebatado,  
 Só por dignos julgais tudo o que inflamma  
 O doirado clarim da eterna fama:  
 Não condemno este rápido destino,  
 Comque a arrogancia humana se despenha  
 A os perigos mais arduos de Mavorte:  
 Mas se advertires que depois da morte  
 Já nenhum destes créditos suaviza  
 A alma, que do corpo se separa:  
 Se quizerdes julgar que tudo para  
 Nas tristes corrupçoens da sombra escura,  
 Presumo que no falso pensamento  
 Da gloria fragil de huma força dura,

O  
 sepultura, e com os aneis de diamantes, e de rubins, que elle diz mandava a meu Ascendente Rui de Pina, Chronista mor do Reino, a fim de fazer memoria das suas aççoens na quella Chronica.

Porem pela paixão, com que o dito João de Barros falla nesta materia, parece que não deixava de envejar estas dadas do Albuquerque; e talvez, que se elle as recebeste fallaria, em algumas partes das suas Decadas menos defaheçoada ao dito Albuquerque, e neste lugar com mais decoro das joias, que se mandaraõ a Rui de Pina: Que culpa tem o escriptor de que Affonso de Albuquerque lhe enviasse estes diamantes? E que culpa pertende attribuir João de Barros ao nosso Herde de querer ter benevolos os Chronistas para eternizarem as suas façanhas? Não fazia o mesmo o Imperador Carlos V. com todos os Escriptores da Europa? Em fim Rui de Pina, sem embargo dos diamantes, que recebeu não fez memoria do Albuquerque nas suas Chronicas; mas para que esta divida não ficasse em aberto, veio dali a mais de trezentos annos hum seu descendente a satisfazella, sem ser necessario contrahir nova obrigaçãõ com os diamantes da India, pois ninguem deixará de dizer que no intento deste Poema pode considerarse outro interesse mais, que o da gloria da Patria, especialmente em hum Reino, aonde se faz taõ pouco Caso de semelhantes Escriptos.

O caduco esplendor de hum forte alento  
Naõ porieis talvez: Taõ presumida  
Pode estar na extensaõ a nossa vida,  
Que seja necessario que intentemos  
Taõ feros modos, taõ mortaes extremos  
Para romper o laço, que a conserva?  
Ella tem em si mesma aquella chaga,  
Com que ao ultimo trance se encaminha:  
Nem queirais entender que só convinha  
Ao decoro dos Reis que a guerra fosse  
A egregia occupaçaõ do seu impulso:  
A obrigaçaõ do Rei he pôr o estado  
Ditoso, e florecente: he ser amado  
Dos súbditos, com páz, e com justiça:  
He desterrar o escandalo, e a cubiça,  
Os furtos, as defordens, as violencias  
No corpo da República: Os rumores,  
Com que tantos fataes conquistadores  
O Mundo estremeceraõ: Que os incendios,  
O ferro, a fome, e a furia nas Cidades  
Lançaraõ, com mortaes hostilidades,  
Ninguem pode julgar, sennaõ que foraõ  
Hum flagello divino; e huma tyrãna,  
Horrenda angustia da miseria humana.

Já vedes que aceitando este discurso,

Quan-

Quanto agradável pode ser-me a doce,  
 E alegre habitação desta Campina!  
 Aqui mais clara a chama matutina  
 Me parece; e inda o Sol se me figura  
 Que aqui se nos expoem com luz mais pura:  
 Presumo que os seus raios mais doirados  
 Nas montanhas estão, que nos telhados  
 Dos Paços, e das torres: Corre o dia  
 Na Corté; e aqui se finge que dilata  
 O seu curso veloz: aqui distingo  
 A manhan, tarde, e noite; eo Ceo sereno,  
 Quando não brilha já no Campo ameno,  
 Se acende nos aspectos de tão varias,  
 Vistosas, Scintilantes Luminarias,  
 Comque os Orbes dispoem o seu descanso:  
 Respira no arvoredos o vento manso:  
 O regato no diáfano murmureo  
 Corresponde ao balido das Ovelhas,  
 Até que a sombra, que o socego excita,  
 Das estrellas o sono precipita.  
 Torna a vir outra vêz a branca aurora,  
 Que alegremente salva na canora  
 Inquietação a música das aves:  
 Na madrugada os Zephiros suaves  
 Defatao dos arbutos priguicosos  
 Os tremulos crystaes, q̃ o orvalho tinha

Coalhado entre as flexiveis esmeraldas:  
 Repete o Sol a vinda no Horizonte:  
 Doira o feu resplendor a clara fonte:  
 Em fumos na montanha se desfataõ  
 As condensadas nevoas: Os apriscos,  
 Cercados de espadãnas, e lentiscos  
 Fumeiaõ juntamente: e o manso gado  
 Dà signal nos curraes, q̃ o verde prado  
 O chama para o pasto, q̃ entre a selva,  
 A frescura lhe expõem da molle relva.

Igualmente os pastores para os bosques  
 Vaõ guardar os rebanhos: Quando a calma  
 Despenhandose vem sobre os oiteiros,  
 Junto às margens dos candidos ribeiros,  
 E à sombra do arvoredos se tiraõ:  
 No calor mais intenso aqui respiraõ,  
 E despindo o gabaõ, mais a çamarra  
 Ouvem com gosto o canto da Cigarra.

Huns a outros referem seus amores,  
 E os contos, que seus Pais deixado tinhaõ  
 Mais, que em livros, nas folhas da memoria:  
 Nesta sincèra, nesta herdada hystoria.  
 Hê onde aprende a sua intelligencia  
 Toda a discreta, igual correspondencia,

Com que nelles se observa o trato humano :  
 Aqui não há tração, não há engano,  
 Mentira, inconfidencia, falsidade :  
 Tudo rege huma doce suavidade ;  
 Tosca sim, mas que excede a policia,  
 Que na Corte sustenta a hypochrisia.

Se quereis comparar a fingeleza,  
 Que observado tereis neste Retiro,  
 Com aquelle tumulto populoso,  
 Talvêz que não julgueis muito injurioso  
 Ao sceptro hum resplendor tão innocente :  
 Discorra muito embora o genio ardente,  
 Que se lança aos illustres precipicios,  
 Que de hum Rei não he digna esta doçura,  
 Que eu hei de entender sempre q̃ a candura  
 De huma idade doirada não offende  
 Huma luz magestosa ; e q̃ esta brilha  
 Mais na doce, singêla maravilha  
 De huma vida pacifica, que em toda  
 Aquella inquieta força, com q̃ a roda  
 Da inconstante violencia inda pertende  
 Ao fero impulso de hum furor adverso  
 Revolver a firmeza do Universo.

Muitas vezes se achava suspendido



O HEROE nesta evidencia, sem q̃ nunca  
 Lhe sobisse ao conceito que encontrasse  
 Em parte taõ inculta aquella ideia,  
 Que a ambição, e a vangloria senhoreia  
 Dos miseros mortaes: Deste discurso  
 O tira a multidaõ dos convidados,  
 Que nesse mesmo tempo convocados  
 Vinhaõ para o banquete: As mezas foraõ  
 Servidas com asseio, e luzimento,  
 Delicadeza, profusaõ, e pompa:  
 Naõ ha na terra bruto, ave nos ares,  
 Conhecida, e sabrosa, que aos manjares  
 Naõ sirva: Naõ hà planta, q̃ fecunde,  
 Que os Cofres de Amalthea naõ innunde  
 Dos mais vistosos pomos: As bebidas,  
 De aromaticos succos exprimidas,  
 Em diversos crystaes os seus primores  
 Augmentaõ no matiz das varias cores.

Acabado o banquete, a hum grande pãteo  
 Desceraõ do Palacio, onde Timoja  
 Tinha ja destinado muitos premios  
 A'quelles, que na valida disputa  
 Da barra, da carreira, esgrima, e luta,  
 Salto, e Cesto, mais fortes se mostrassem:  
 Neste quadrado circo se repetem

Os jogos Iuvenaes, e Marotonios,  
 Floraes, Capitolinos, e Circensês:  
 Com o Cesto no campo se appresenta  
 Hum Scytha de estatura corpulenta,  
 Que inda que a de Quinèle não iguale,  
 Não fomite parece que a imitava,  
 Mas inda se entendeu q̃ a ancia brava  
 Do seu ferôz espirito queria  
 Que cedesse a estatura à valentia.  
 As lagrimas, e o afogo de Quinèle  
 Na saudade do amigo tinhaõ posto  
 Em decadencia tal o seu alento,  
 Que apenas sustentava o movimento  
 Já dos trêmulos passos; mas a ira  
 De ver no Scytha taõ Marcial jaclancia;  
 As forças lhe renova; e o seu esforço  
 Fazendose no circo manifesto,  
 De frente se lhe oppoem, e empunha o Cesto.

Com tremendo furor se combateraõ  
 Os gigantes colèricos, vibrando  
 Horriveis golpes sobre os fortes membros:  
 Toda a arte da pugna consistia  
 Em falsejar os impulsos da manõpla:  
 O golpe da cabeça era o primeiro,  
 Porem como Quinèle, sobranceiro

Fica ao corpo do Scytha, de Soslaio  
 Este o fere no ventre: o ardente raio  
 Não caie tão furioso sobre a ferra,  
 Como Quinèle, vendose ferido,  
 Sobre o Scytha se lança, e facudido  
 De hum talho sobre os hombros, vem a terra,  
 Qual o penhasco, que com furia estranha  
 Se despenha do cume da montanha:  
 Davalhe a mão Quinèle para erguerse,  
 Mas elle se levanta, sem ajuda,  
 E com menos jaçtancia, e menos ira,  
 Do Circo, envergonhado, se retira.

No salto, na carreira, esgrima, e barra  
 Da-se o premio aos dois Limas, e a Cerniche;  
 A Martins, e a Miranda; que a hum Persiano,  
 Hum Malaio, hum Ethyope, hum Gentio  
 Do Reino de Narzinga, na palestra  
 Confundidos deixaraõ: Todos tinhaõ  
 O sentido na luta: Vem Andrade  
 Contra a robusta, intrèpida vaidade  
 De hum Arabe membrudo: Nûs se expunhaõ,  
 Desde a cintura, na batida areia:  
 Abraçaraõ-se em fim: E quem cuidara  
 Que aquelle mesmo intento, que os sepàra,  
 Os obrigaße a unir com tanto aperto?

Cada qual pertendeu em pô coberto,  
 E em fuor todo o alento destilado,  
 Que o mesmo coração defalentado  
 Sahisse ao seu contrario pela boca:  
 Aqui com todo o estímulo se via  
 Pê com pê, \* mão com mão, rosto com rosto:  
 Taõ firmes, taõ iguaes no mesmo posto,  
 Que nenhum fero impulso os abalava:  
 Cà de fora talvez se imaginava  
 Que eraõ dois fortes troncos combatidos  
 Da colera dos ventos: mais unidos  
 Pareciaõ na furia do combate:  
 Os nervos, e os tendoens se entumeciaõ,  
 E estavase fingindo que rompiaõ  
 Nas arterias os ímpetos do sangue:  
 E quanto mais os músculos se opprimem,  
 Mais as maons, mais os braços se encadeiaõ:  
 Menos a hera, menos a serpente  
 Os penhascos enlaça com as vides,  
 Ou com as roscas, q̃ as escamas formaõ,  
 Deque se apertaõ nos horrendos laços  
 Os dois viventes, racionaes penedos  
 Com pernas, pés, e maons, braços, e dedos:

De

\* ————— eratque .

Cum pede pes junctus, totoque ego pectore pronus,  
 Et digitos digitis, & frontem fronte premebam.

*Quid. 9. Matamorph.*

De balde cada qual empenha o esforço  
Para arrancar da areia o seu contratio:  
De balde de huma parte, ou de outra intenta  
Tirallo da postura, em que se firma:  
Largo tempo no circo foi notoria  
Esta acção, sem indicio da victoria:  
Até que Andrade vendo que a fadiga  
Fazia já menor a resistencia,  
Convoca todo o alento, e de hum impulso  
Leva debaixo o Arabe, cahindo  
Juntamente com elle: Inda pertende  
Melhorarse na queda, mas descende  
Sobre elle a força do Athleta invicto,  
E rendeuse à fortuna do conflicto,  
Sendo a demora da terrivel luta  
Outro applauso, e outro premio da disputa.

Foi preciso ficar aquella noite  
No mesmo sitio; porque toda a tarde  
Levou o alegre, e bëllico exercicio:  
Taõ esplêndida a ceia neste hospicio  
Se fez, como o jantar; e quando as mezas  
Se hiaõ já levantando, Carvalhosa  
Entra na sala, com geral affombro  
Dos Portuguezes todos: Que repente  
(Lhe diz Affonso) he este? Já da Persia

Fizesteis a Embaixada? Dainos conta  
 De Fatima, e de Alfi, e de Bubaca,  
 E de vòs juntamente: Naõ se aplaca  
 O meu cuidado ancioso, eu vos confesso,  
 Sem a causa saber deste successo.

A causa he mais funesta, e pavorosa,  
 Do que talvez cuidais, diz Carvalhosa.  
 Veio Fatima, e Alfi para o navio  
 Na minha companhia: E, ou por lisonja,  
 Ou por reconhecer a dignidade  
 De hum Principe da Persia, se resolve  
 Bubaca a darlhe a càmera da poppa:  
 Ninguem repara entaõ neste cortejo,  
 Mas eu que sempre no seu rosto vejo  
 Hum arrebatamento defusado  
 Na prezença da Dama, hum tal cuidado  
 Em servilla, agradalla, e comprazella,  
 Naõ bastou de seus olhos a cautella,  
 Para naõ descobrir no obsequio o fogo  
 Dos occultos estìmulos, e logo  
 Adverti que Bubaca naõ podia  
 Dissimular as chamas, em q̃ ardia.  
 Naõ se occulta a Fatima aquelle incendio,  
 E presume que sendo menos vista,  
 Pode deter o empenho da conquista:

Finge-se molestada, e deste modo  
 Se sustenta reclusa, sem reparo :  
 Porem foi este arbitrio mais amaro  
 Ao fim, e consequencia do remedio :  
 Pois Bubaca notando o triste affedio,  
 Em que o amor, e o desvio o tinha posto,  
 E alcançando que a doença era fingida,  
 Instado da paixão enfurecida  
 Do affecto, e do desprezo, q̃ no altivo  
 Impetuoso furor do seu arrojo,  
 Se fez mais despenhada, irado emprende,  
 Sem reparar n'alguma consequencia,  
 Recorrer aos insultos da violencia :  
 Prender intenta a Alfî; e estando inhabil  
 Para acudir à Esposa, se presume  
 Senhor do objecto amado : Foi pretexto  
 Da prizaõ, a fugida, que fizera  
 O Principe da Patria : Futil era  
 A causa da insolencia; mas na furia  
 Taõ impaciente, louco, e cego estava,  
 Que em nenhum precipicio reparava.

Deixa fechar a noite ( infame asylo  
 Dos maiores delictos ) e chamando  
 Alfî para o convêz, cerrou a porta  
 Da câmara, e deu logo volta à chave;

Fatima, que entendeu q̄ de algum grave  
 Sucesso, ou novo caso procedera  
 Todo o repente desta acção, procura  
 Pela fenda, que tem a fechadura,  
 Ver se pode alcançar o fundamento  
 De impulso taõ estranho; e percebia  
 Que ao Principe, Bubaca assim dizia:

Vòs deixasteis a Patria, sem licença  
 Do vòsso Rei; e agora venho a acharvos  
 Amparado, e estimado de huma gente,  
 Que inda não sei se o graõ Sophi contente  
 Serà de feres nella recebido,  
 E que tenhais talvez o seu partido  
 Indignamente aceito: Eu não quizera  
 Ser Còmplice tambem desta inconsistancia;  
 E desta forte alguma repugnancia  
 Não deveis conceber de que vos leve  
 Prisioneiro, do Rei ao alto folio;  
 Que elle decidirà no que vos digo,  
 Se fois digno de applauso, ou de castigo.

Que vòs queirais prenderme, não o impugno  
 (O Principe responde) bem que possa  
 Duvidar se hê que tendes para tanto  
 Alguma authoridade: Não se prende



Hum Principe da Persia deſſa forte:  
Mas para não fazer caſo mais forte,  
Eu me dou à prizaõ ; e eſta palavra  
Cuido que baſta para o voſſo intento:  
Não baſta ( diz Bubaca, já ſem tino,  
Sem acôrdo, decencia, nem diſcurſo )  
Vòs haveis de eſtar prezo em parte, aonde  
Eu veja que ao delicto correfponde  
O aperto da prizaõ : A eſte inſulto  
Reſiſte Alfi, e o Capitaõ ſe abraça  
Com elle, e inda com elle ſe deſpenha  
Pela garganta da Eſcotilha ; Agora  
Fatima alcança a màquina traïdora  
Do b̃arbaro Bubaca, diſcorrendo  
Que no inſtante, em q̃ Alfi prezo eſtivede  
Sobria o traïdor onde ella eſtava,  
Com a inſiel preſumpçaõ de que lograva  
Por força o que por honra não ſe eſcuta:  
Valeroſa, indignada, e reſoluta  
Com hum punhal do Eſpoſo ao meſmo inſtante  
Junto à porta ſe poem, paraque apenas  
O furioſo aggreſſor a entrar ſe arroje,  
No infame alento do ſeu peito rudo  
Lhe podeſſe embeber o ferro agudo.

Nòs acudimos todos à violencia,

Que

Que o Capitão ao Príncipe fazia,  
Porem não se acabara inda a porfia  
De fer, ou não fer prezo: com palavras  
As mais brandas, mais doces, e cortezes,  
Rogamos a Bubaca muitas vezes  
Que cedesse do intento, e respeitasse  
A pessoa de Alfî; mas nada o move:  
Foi-se acendendo a instancia; e os marinheiros  
Unidos com os outros passageiros,  
Toda a razão do afflicto sustentaraõ:  
Bubaca mais furioso empunha o alfange,  
Cuidando que os suspende, e q̃ os constrange  
Com este novo ardor; mas este insulto  
Acabou de apurar toda a impaciencia  
Da brava esquipação; porque se lança  
Sobre o infelîz Bubaca; e n'hum momento  
Em postas o deixou: O regimento  
Da não a Alfî entregaõ, que cobrando  
A chave do apozento de Fatîma,  
Contente, e alvoraçado sobe acima  
A dar esta noticia a amada Esposa:  
Mete a chave na porta, quando estava  
Jà prevenida, com o ferro agudo,  
O ardor da infautsa Dama, discorrendo  
Que vinha cometer o crime horrendo  
O indomito Bubaca; E apenas punha

O desgraçado Alfi na entrada a planta,  
 Com huma furia intrèpida lhe embebe  
 Todo o punhal no peito : Ai doce amada  
 (Diz Alfi ) que me matas ! Ai Fatima . . . . .  
 Mas querendo seguir as roucas vozes,  
 Que dava o coração, entre as velozes  
 Respiraçoes do alento : entre os suspiros,  
 Que apenas articula hum eco amante,  
 Misturada no sangue da ferida,  
 E no fogo do peito, anciosa a alma,  
 Com hum gemido triste, e carinhoso,  
 Se aparta do cadaver lastimoso.

Reconhece Fatima o que fizera ;  
 Grita , exclama , endoidece , desespera ,  
 Sem saber onde a forte a arrebatava :  
 Humas vezes temia , outras clamava ,  
 Vacilante no horror desta desdita :  
 Acodimos às vozes , e ficamos  
 Pasmados n'hum objecto tão funesto :  
 Como he crível que os orbes permaneçaõ  
 Nos eixos dessa fabrica luzida  
 (Suspirava a bellissima homicida )  
 A' vista de hum pavor tão formidavel ?  
 Sobre mim , sobre o fado , que fomenta  
 Tão maligna , e medonha desventura ,

Caia toda a celeste architectura!  
 Abraõse os mares, e do centro horrivel,  
 Em que o profundo Tàrtaro se irrita,  
 E onde Minos alenta, e deposita  
 Todas as iras do indignado Averno,  
 Saiaõ as igneas, as terriveis Furias,  
 Que vinguem tantas miserias injurias,  
 Como permite o amor, que a forte faça  
 Unida com a infamia da desgraça.

Que mais immenso horror as impiedades  
 De hum traidor, de hum incògnito progresso  
 Podiaõ promover neste successo?

Que impulsos mais enormes a fortuna  
 Podia acelerar na roda infausta?

He crível que na esphera de hum tyranno,  
 De hum atrôz, de hum phrênético destino  
 Haja monstro maior, que o desatino?

O' grande Alà, se eu sou a que disponho  
 Taõ fatal movimento: se eu componho  
 Entre as maõs o punhal: se eu sou a mesma,  
 Quo o fulmino com sùbita arrogancia  
 Contra o peito de Alfi; que importa a ancia  
 De ter errado o golpe? Hã de eximirme  
 Do mais feio delicto a negligencia

De hum incauto despenho? Se a clemencia  
 Dos Orbes facilita esta desculpa,  
 Injustos são os Orbes; porque o braço,  
 Fosse qual fosse o impulso, não podia  
 Ser tão fero instrumento da maldade,  
 Sem ser reo nesta infame atrocidade;  
 E se o Ceo tanto escândalo consente,  
 O Ceo será também o delinquente.

Mas de que serve (ai triste!) O<sup>s</sup> impios Globos,  
 Pedir ao Ceo vingança do delicto,  
 Se elle para augmentar ao peito afflicto  
 Todo o rigor da pena, se enfurdece?  
 Nem para me matar se compadece  
 Da lástima, emque a vida se dilata:  
 Mas se em mim se debuxa, e se retrata  
 O mais fero portento da fortuna,  
 Como se agrada que tão triste exemplo  
 Se conserve entre os horridos despojos  
 Da indignação do fado? O<sup>s</sup> se inda a forte  
 Pertende agora dilatarme a morte  
 Para mais a apurar no meu tormento!  
 Não há de ser assim; pois o instrumento,  
 Que a deu a tão amado, e amante Esposo,  
 Pode ser que comigo mais piedoso  
 Se pertenda mostrar: Apenas disse,

Sobre o punhal se deita, e sobre o amado;  
 E o coração do ferro traspassado  
 Exhala a alma, com ardente giro  
 No ancioso defalento de hum suspiro.

Naõ se achavaõ as làgrimas enxutas;  
 De taõ horrivel, infelíz tragedia,  
 Quando o incauto navio de repente  
 Intultado se vê de dois cossarios:  
 Seriamos talvêz bem temerarios  
 Se entrassemos com elles em disputa:  
 Era o nosso navio de commercio,  
 Sem armas, nem canhoens: Outro recurso  
 Naõ lembrou, q̃ entregarnos, sem peleja:  
 Segundo o q̃ ao depois delles se soube,  
 Naõ muito longe destas ondas, entraõ  
 Estes mesmos ladroens n'ũa discordia  
 Sobre huma preza, que tomada tinhaõ  
 No dia antecedente; e naõ convinhaõ  
 No modo de a partirem: A Chalupa,  
 Que veio a dar na força dos Pyratas,  
 Huma Dama trazia, que hum seu Tio  
 Levava ao Capitão da Fortaleza  
 De Balsara; e tambem toda a riqueza  
 Do dote, que lhe haviaõ promettido:  
 Tinhaõ já os Cossarios offrecido

Hum ao outro o thezoiro ; e ambos a Dama  
Queriaõ pelo dote , e pelas joias ,  
Com que ella se adornava : este designio  
Naõ se havia composto , antes o empenho  
Cada vêz mais se augmenta : em fim concordaõ  
Que à praia se sahisse ; que no alfange  
Se pozesse a questaõ , e que a phalange ,  
Que alcançasse a Victoria , dispozesse  
Do thezoiro , e da Dama : Nõs seguimos  
Os dois Pyratas para testemunhas  
Desta rara contenda : A praia avistaõ ,  
As ancoras seguraõ , e todos fomos  
Nos bateis a occupar a branca areia :  
Na execuçaõ se poem aquella ideia :  
A gente dos navios se divide  
Por sustentar a parte , que lhe cabe :  
Envestem se com toda aquella furia ,  
Que a paixãõ do partido lhe influia :  
N'hum , e n'outro esquadraõ a irada Clotho  
Fâz hum grande destroço : quasi roto  
Apenas hum se via , nesse instante  
Torna outra vez a unir-se ; e taõ porfiados  
Nesta batalha estaõ , que os tristes fados  
Tinhaõ já resolvido com a morte ,  
Que nenhum delles neste empenho activo ,  
De ardor taõ fero ficaria vivo.

Em granadas a areia se converte  
Com os chorros do fangue, que as feridas  
Horriavelmente lançaõ: Toda a praia  
Se junta de cadáveres; e apenas  
Entre o furor das Còleras obscenas  
Sustenta já taõ hòrrido Combate  
Huma triste porçaõ dos combatentes:  
Tudo o mais nos estímulos ardentes  
Tinha perdido a Vida: Naõ se erguiaõ  
Com mais rancor dos dentes venenosos,  
Que o filho de Agenor na terra espalha,  
Os armados guerreiros, Combatendo  
Huns contra os outros com impulso horrendo,  
Que estes dois Esquadroens enfurecidos  
Na porfia da preza: Eu que notava  
Que os poucos, que ficavaõ, já naõ eraõ  
Bastantes, para haver de fogeitarnos;  
Com os Persas me embarco no navio,  
Que aprezado nos tinhaõ: Largo a Vèlla,  
E ao longe descobrimos que inda aquella  
Implacavel disputa permanece:  
Viemos a Cananôr, onde a noticia  
Nos deraõ que aqui tinheis conduzido  
A armada Lusitana; e aqui vos venho  
Seguindo, para seres informado  
De tudo o que atequi tenho passado.



Triste, e suspenso està todo o congresso  
 Na tragedia de Alfî, e de Fatima:  
 Quinèle mais, que todos, pois mostrava  
 Sempre nestas desgraças a ternura  
 De huma alma generosa: A noite escura  
 Tinha levado a sombra à mais subliime  
 Extensãõ do seu giro, quando o leito  
 Se trocou pelas mezas: No entretanto  
 Mais raivoso, e ferôz no antigo espanto,  
 Que de Goa lhe dava a grande empreza,  
 O dragaõ Infernal não descansava  
 Em se oppor ao intento: Consultava  
 Comsigo mesmo o arrojõ de impedillo,  
 Sem achar meio algum de produzillo.

Nas entranhas profundas, \* onde o globo  
 Do sólido elemento esconde, ou rasga  
 O Còncavo infelîz do triste Averno;  
 Para horror do seu mîsero governo  
 Se firma, ou se ergue o throno, em q̃ se enrosca,  
 Se acaço a forma de serpente aceita,  
 O infiel Monarca deste Reino adusto:  
 Os Manes com pavor, com medo, e susto  
 Sustenta na execranda perspectiva  
 Da quelle horrendo solio: a furia esquivã

R

De

\* Sexto nexo.

De hum tremendo Chelydro, de almofada  
 Lhe ferve na Cadeira aborrecivel:  
 Hum enorme bastaõ de ferro ardente  
 Empunha, calcinado nos impulsos  
 Das chamas Infernaes, e rebatido  
 Já por hum, já por outro horrivel Bronte:  
 A insignia, que carrega sobre a fronte,  
 Em signal da nefanda magestade,  
 He de hum dragaõ o casco: a atrocidade  
 Respira pelos olhos nas faiscas  
 Do aceso coração: Vomita a boca  
 Igualmente hum furioso Mongibello:  
 De Viboras raivofas o cabelo  
 Se forma, que com hórridos affombros  
 Enroscadas se tecem sobre os hombros.

Dos incendios do peito em vil refumo  
 Enroladas porçoens de espesso fumo  
 Respira pelas ventas: Desfazendo  
 A lingua com os dentes: suspirando  
 Com ancia intercadente; e arremessando  
 O grosso sceptro às ondas do Cocyto,  
 E dando ao mesmo tempo aquelle grito,  
 Com que os laços defata dos rochedos,  
 Que servem de muralha à gruta enorme,  
 Em hum momento os genios furibundos,

As fômbra, e os Eſpectros vagabundos,  
 Das bárbaras cavernas, ſe revolvem;  
 E Luzbél noutro instante eſtá cercado  
 De todo aquelle povo deſgraçado.

Deſcançais (diz o Eſcândalo do Abyſmo)  
 E Goa quaſi em termos de perderſe  
 Entre as aimas catholicas! Goſtoſos  
 Ficareis de que Chriſto ſe levante  
 Onde eſtava Maſoma? Que os pagòdes  
 Se Convertaõ em templos! Que o deſinio  
 Deſte ouſado Albuquerque no dominio  
 Do noſſo Imperio chegue a introduzirſe?  
 Deſcançais? He preciso repetirſe  
 Eſta minha advertencia para pores  
 O Univerſo nos fùnebres horrores  
 De tanto impuſſo, que na furia extrema  
 Grite o Ceo, arda o mar, a terra gema?  
 Direis que eu já ſobî ao horror dos ares  
 Para que deſpenhaſſe ſobre os mares  
 As forças tormentoſas, que reſidem  
 Na errante indignaçã deſſe elemento:  
 Direis que nada fez o movimento,  
 Com que as violentas, ſubitas procellas  
 Nas ondas ſe irritaraõ: Bem o alcanço,  
 Com todo o aſſombro do diſcurſo; e o digo

Não sem raiva, e impaciencia: Mas Comigo  
 Tenho já reparado que com este  
 Albuquerque terrivel, nada podem  
 Os impulsos do Inferno: algum celeste  
 Auxilio se lhe dê, que inda que rodem,  
 E caiaõ sobre o mar quantas violencias  
 Se defataõ nas altas inclemencias  
 Do implacavel Abyfmo, sempre o vemos  
 No meio desta instancia Enfurecida,  
 Como a penha das ondas combatida.

Porem agora que elle deixa a armada,  
 E em terra assiste de Timoja às Vodas,  
 Movamos contra as nãos as ancias todas  
 Dos furiosos impulsos, e vejamos  
 Se este auxilio contrario inda he bastante  
 Na auzencia deste Affonso (defendido  
 Com o amparo do Ceo) para q̃ a esquadra,  
 Sem este excellõ azylo, que a sustenta,  
 Não padeça os Estragos da tormenta.

Se os Navios deixamos destroçados,  
 En'hum triste naufragio os marinheiros,  
 De Goa salvaremos a Conquista:  
 Toda a violencia, toda a força infusa  
 Em romper as amarras, pois ficando

Entregue a Frota ao mísero destino  
 Da borrasca Infernal; sem rumo, ou tino  
 Os Caícos já sem mastros, já sem vèllas  
 Chocarão huns com outros, e entre as duras  
 Porfias de Combates tão violentos,  
 Nem delles ficarão inda os fragmentos.

Nem seja o Boreas, nem o Austro seja,  
 O Africo, o Aquilaõ os que disparem  
 O respirado horror sobre os navios:  
 Vòs mesmos, toda a força, em q̃ se irrita  
 A colera dos ventos, mais furiosa  
 Haveis de expor na scena pavorosa,  
 Que vamos dar ao Golfo: As ondas subaõ  
 Os ímpetos das vossas potestades:  
 Revólvaõ se em horriveis tempestades  
 As escumas de Onôr: rebente o esforço  
 Da Vossa obstinação no mais profundo  
 Das Cavernas màritimas, e erguendo  
 Com impulso ferôz, com golpe horrendo  
 Todo o corpo dos mares, não se encontre,  
 Taboa, leme, calabre, masto, ou vèlla,  
 Que a violencia das còleras estranhas  
 Não sepulte nas hùmidas entranhas.

Disse; e no mesmo instante rompe as ondas,

Com as bicornes. fronte, toda a chusma  
Do furibundo, indòmito Congresso:  
Sente o fero Elemento o golpe rudo,  
E indignado, medonho, e canrrancudo  
Entre os roncõs \* de hum hórrido gemido  
Se poem todo impaciente, e enfurecido.

Principia a formar-se em altas ferras;  
E a despenhar-se em fùnebres arrojõs,  
Augmentaõ se lhe as iras, e os favores,  
Vendõse combater da infancia brava,  
Com que os Rasgos do Averno o estimulava.  
Neste tempõ insittia contra os mastos,

Con-

\* Entre os roncõs de hum hòrrido &c.

Parece que podemos dizer que neste Verso se estáõ ouvindo os urros, que dá o mar, quando se embravece: Na propriedade de se explicarem com o accentõ das vozes a qualidade das coizas há tanto gosto, que sempre se fizera, se não fora tão difficil a sua execuçaõ. No---*flidorque rudentum* de Virgilio se está percebendo oruido, que faz a enxarcia nas tormentas. No---*cornuque recurvo* do mesmo poeta, se percebe o estrondo da buzina; assim como no Tasso:

Il rauco suon della Tartarea tromba.

A horrenda voz do Gigante Adamastor está toda naquelle famoso Verso do nosso Camoens:

C'hum tom de voz nos falla horrendo, e grosso.

Homero he inimitavel nestas delicadezas: Quando descreve a Scisypho levando, ou arrastando o penhasco para o cume da montanha, se está pintando no mesmo Verso a fadiga com que o conduz: Quando o penhasco se precipita da eminencia, tambem o mesmo Verso se despenha. Não ha coisa mais veloz que aquelles Versos, com que descreve a carreira dos cavallos: Nem mais fluda, e pacifica, que quando falla o Velho, e sabio Nestor nos songreios militares.

Contra as vèllas, e antenas, contra os bordos  
 De hum, e outro navio o impulso infame  
 Dos hálitos do Abyfmo, que a figura  
 Dos ventos, o furor, e a ancia dura  
 Tomando horrivelmente, se enfurecem,  
 Com mais força, e poder: Os marinheiros  
 Não tem outra esperança, outro fufragio,  
 Que os livre da miseria do naufragio,  
 Que o vigor das amarras, mas duvidaõ,  
 Que possaõ fufentarse na vehemencia  
 De taõ cruel, taõ rápida violencia.

Acorda Affonso ao estrondo \* da borrasca,  
 E acode á praia repentinamente  
 Para dar mais esforço no perigo:  
 E a o mesmo tempo acode o ceo piedoso,  
 Pois descem deste affento luminoso  
 Brilhantes Paranyphos, q̃ fufentaaõ  
 Na firmeza as amarras: Defampara  
 Confuso o Inferno o bárbaro projecto,  
 E a carranca da noite ao claro aspectõ

R 4

Do

\* Pero o caso succedeu ao contrario, saltando taõ súbito temporal na Costa, que esteve elle tres dias em terra, sem poder vir às mãos, e ellas em coadição de se perderem; porque alem de não estarem taõ amarradas, como convinha para a força do Vento, faleciã em as mãos os Capitaens, e alguma gente nobre, que era com Affonso de Albuquerque em terra, os quais nestes tempos daõ animo, e industria à gente do mar. &c.

Do excelso resplendor, fica \* desfeita:  
 Os navegantes por Santelmo julgaõ  
 As chamas, que entre as naõs resplandeciaõ :  
 E as que agora na armada appareciaõ  
 Eraõ só procedidas dos Luzeiros  
 Dos benignos, celestes mensageiros.

Rompeu em fim a alva, e o mar se estanha :  
 Abriose com feliz ferenidade  
 O purpureo Orizote : Affonso aceita  
 A súbita bonança, e se aproveita  
 Deste tempo opportuno para o embarque :  
 Tudo se mete a bordo, e nesse ponto  
 A Vella se levanta, e para Gôa  
 Manda reger o leme, e armar a prôa.

\* Desfatafe o sexto. nexo.



# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

## CANTO VIII.

**D**itosamente a Esquadra dividia  
 No Ceruleo crystal a crespá escuma,  
 Quando em huma das noites, q̃ o Favonio  
 Resfrescava o calor do clyma ardente,  
 Pertende o HEROE que Corvincl, presente  
 Lhe faça tudo aquillo, que advertira  
 No Reino dos gigantes: Ategora  
 (Lle diz) não deu lugar, nem deu descanso  
 A fadiga das armas para ouvirvos:  
 De quanto visteis neste novo Imperio,  
 Seja digno de applauso, ou vituperio,  
 Quero que me informeis neste intervalo,  
 Em que a armada o seu curso ao golfo entrega,  
 O Boreas adormece, e o mar secega.

Este Reino, Senhor, que pela Cõsta  
 (Começa Corvinel) mais se dilata,  
 Que inda pelo Sertão, \* he bem povoado,  
 Não só de gente, mas tambem de gado:  
 As Cidades, e Villas são bastantes,  
 E as Choças inda mais, em q̃ os gigantes,  
 Sem a fereza, que o feu corpo inculca,  
 Gozão de huma doçura, bem estranha,  
 No frondoso silencio da Campanha.

Dilatados rebanhos de diversos  
 Animaes apazentaõ nas colinas,  
 E em muitos Valles, onde as crystalinas  
 Agoas, que das montanhas se despenhaõ,  
 Os prados fertilizaõ, germinando

Con-

\* O Capitão Gonneville, natural de Honfleur na Normandia foi lançado por huma tempestade no anno de 1503, hindo para as Indias Orientaes na parte oriental das terras Austraes. Aqui se dilatou algum tempo, e compoz huma narração sobre a qualidade deste terreno, e os costumes dos seus habitantes; e para justificar este descobrimento, quando voltou para a sua patria trouxe consigo hum dos filhos do Rei daquelle Paiz; porem na volta da sua jornada foraõ acometidos estes navegantes defronte da Ilha de Gerfai, perto das Costas de Normandia, por hum Corsario Inglez. Da Relação, que fez Gonneville, entre muitas particularidades, consta que aquellas terras são férteis, e que nellas há muitas raizes, de que se fazem as mais preciosas tintas, desconhecidas da nossa Europa, com muita variedade de animaes, aves, peixes, e outras varias singularidades: Que a terra he mediocrementemente povoada, repartidas as Povoações em muitas Aldcias, formadas de cabanas.

Que a gente he docil, e de boa compleição, amiga do descanso, e pôde inclinada ao trabalho &c. Le grand Diction. de Morer. tom. 6. Verb. *Terre Australe*. E sobre esta noticia he que está amplificada esta descripção, que faz Corvinel, da terra dos Gigantes, a Affonso de Albuquerque.

Continuamente a relva: Corças, Vacas,  
 Ovelhas, e Carneiros, de estatura,  
 Maior; do que a que tem na nossa Europa,  
 Discorrem pelas rústicas florestas:  
 Os pastores, das pelles, e do Leite  
 Tiraõ trage, e sustento: Os Lavradores  
 Tem nos arados Búfaros maiores,  
 Que os que conhece a Italia: as sementeiras  
 Regadas, e cercadas das Ribeiras,  
 Que os montes daõ aos Campos, se fecundaõ  
 Sempre, com aprazível abundancia:  
 Saõ de arrõs, e de trigo; porem deste  
 Inda aqui se naõ sabe o beneficio,  
 Que Ceres inventou, nem se acha indício  
 De rodizio, peneira, ou Cevadura:  
 Bate o graõ em pilõens a maça dura,  
 Com agoa misturado; e quando toma  
 Ao Sol a consistencia, e a clara goma:  
 Em trêmulas particulas se coalha,  
 Se tosta a fogo brando na fornalha.

Repartemse entre os bosques as Aldeias:  
 As paredes das Choças sãõ dos trencos  
 Mais grossõs, que se encontraõ no arvoredõ:  
 Os tectos sãõ de hum Colmo, q̃ nas margens  
 Se cria das Ribeiras, mais massiço,

E mais forte , que a palha do Caniço.

A manhan gastaõ sempre , e mais a tarde  
 No Campo os Montanhezes : as Serranas  
 Commumente naõ faiem das cabanas ;  
 Pois em quanto os maridos occupados  
 Andaõ na fementeira , fega , e trilho ,  
 Tambem ellas na ròca , e no cerilho  
 Se occupaõ quietamente dentro em casa :  
 Humas fiaõ de hum linho , taõ mimoso ,  
 Como podeis suppor daquelles pannos ,  
 Que Hunnathilpha vos deu : Outras a seda  
 Do Casulo (onde o brando fio enreda  
 O engenhofo Necydalo) liquidaõ ,  
 Para se pôr em rama : a maior parte  
 Das rústicas donzellas se reparte  
 Para esta Occupaçãõ : Varzeas inteiras  
 Se vem só povoadas de amoreiras ,  
 Que da seda aos artífices assistem :  
 Florente tem o Reino este commercio ,  
 De que fâz (eu naõ sei se com priguiza ,  
 Ou por melhor dizer com tosca infania)  
 Taõ pouco caso a nossa Lusitania.

A Seda , posta em rama , se aparelha  
 Para se lhe infundir diversas Cores :

Taõ vivos faõ os claros resplandores,  
Com que esta gente os fios illumina,  
Que nem a luz do sol tanto se afina  
Nos prismas de Crystal, como se apura  
A tinta na delgada contextura,  
Pois no Iris melhor naõ se retrata  
O verde, o roxo, a purpura, a escarlata.

Mais distantes as Villas, e as Cidades  
Ficaõ humas das outras; e presumo  
Que se acaço fizermos hum refumo  
De tantos Cidadãos, e montanhezes,  
Que haõ de ser muito menos os que vivaõ  
Na Povoação, que aquelles, que no monte  
Endurecem a vida no trabalho:

Nas Choças, e Palacios; o agafalho  
He geral ao Visinho, e passageiro:  
O recíproco amor de huns para os outros,  
O respeito das leis, a tolerancia,  
A compaixão, doçura, e beneficio,  
Mudou para este clyma o suave officio:  
Eu me assombrei de achar em huma gente,  
Taõ nova, taõ inculta, e monstruosa  
Aquella proporção, que nunca achado  
Tinha o meu pensamento, e o meu cuidado

N<sup>o</sup>hum

N<sup>o</sup>hum político Reino : \* Discorria  
 Que de tantas virtudes a harmonia  
 Vendo a triste hospedagem, q̃ lhe dera  
 A humana corrupção, se recolhera,  
 Depois de tantas vezes se ver rota,  
 N<sup>o</sup>hum parte do Mundo taõ remota.

Nas grandes Povoações, onde a Nobreza  
 Se ostenta com mais rasgo, e mais cultura;  
 Bem que houvesse mais ocio, e mais riqueza,  
 Naõ era a quietação, nem a candura  
 Menor, que nos apriscos; naõ se achando  
 Outro maior cuidado no governo,  
 Que conservar a páz entre as familias:  
 Qualquer desordem com q̃ o Pai, e o filho,  
 O Senhor, e o domèstico alterava  
 O socego Econòmico, pagava,  
 Com rigorosa pena, o seu delito:  
 Pacífico era o culto, que o seu rito  
 Tinha inventado ao Sol: Naõ tem as aras  
 Outra offerta mais rica, q̃ as preclaras  
 Produções, com que o esplèndido Planeta  
 A terra frutifica: Nesta suave, E

\* Naõ se faz iverosimil tudo o que aqui descrevemos, e vamos suppondo dos costumes desta nova gente; pois os Hespanhòes no descobrimento do Perú, que era a terra da maior incultura, e impolícia, acharaõ alguns Americanos, que poderaõ envergonhar os Europeos com as suas açcoens, especialmente as do bárbaro Muçoço, que naõ se apartavaõ muito daquellas que chamamos politicas, e heroicas.

E innocente oblação, se persuadiaõ  
Que hum Soberano Author reconheciasõ,  
E que para applaudir o beneficio,  
Lles bastava este doce Sacrificio.

Havia Escolas publicas, que a Plebe  
A os officios mechânicos dispunha;  
E em muitos Seminarios se compunha  
A Educaçaõ dos Nobres: as Virtudes,  
Que esta gente alcançava, desde a idade  
Mais tenra, se influiãõ com exemplos,  
Com dictames, com premios, e castigos:  
Permanecer no meio dos perigos,  
Com ànimo constante; e que nascera  
Inda mais para a màxima commua,  
Que o homem para si; e que devera  
Entre o Espanto, em que o espirito fluctua  
Sacrificar a vida à Patria amada;  
Era a doutrina mais recommendada,  
Que se lhes dava nos primeiros annos:  
Com a triste mudança, e desenganos  
De hum alento mortal, se lhes detinha  
A vaidade das forças, e a soberba  
Da sua corpulencia: Entãõ passavaõ  
A instruillos na luta, e nos impulsos  
De arrojarem o dardo, e de ferirem

O alvo com a seta, e a sustentarem  
 Dos combates na força, ou na destreza,  
 A constancia, a corage, a fortaleza.

As donzellas mais nobres se educavaõ  
 Tambem n'outros Collegios, onde havia  
 No decoro, respeito, e honestidade  
 Aquelle mesmo obsequio, e gravidade,  
 Com que as Vestaes tratou a antiga Roma:  
 Toda a elegancia, com que a agulha imita  
 Nas tèllas os jardins: todas as prendas  
 De huma mulher honesta, se lhe influem:  
 Varias applicaçoes lhes distribuiem  
 Pelas horas do dia, conhecendo  
 Que he o descanso, e o gosto dos prazeres  
 O maior inimigo das mulheres.

A Nobreza hê que só defende a terra  
 No caso, em que se faz precisa a guerra:  
 No Nobre, o montanhêz he que descansa;  
 Mas primeiro que empunhe a forte lança,  
 Em varios exercicios tem mostrado  
 O Valor, e a destreza de Soldado.

E para se manter no mesmo arrojo,  
 Quando chega a occasiaõ do rompimento,



Quasi sempre exercita o seu alepto  
Nos bosques, com os brutos: Leoens, Tigres,  
Onças, e Ursos, de grandeza enorme,  
De raiva, força, e de fereza estranha,  
São os que lhes resistem na montanha.

Porem entre os combates mais horriveis,  
Que a montaria offrece, he o do soberbo,  
Implacavel, feróz Rinoceronte:  
Este assombro da selva, horror do monte,  
Que domina a braveza do Elephante;  
Que com seus feros roncós estremece  
A constancia das ferras; defendido  
De impenetraveis conchas; perentido  
Apenas tem o estrondo dos monteiros,  
Desce com furia insana dos oiteiros;  
Os troncos mais robustos despedaça,  
E todo aquelle estorvo, que embaraça  
A violenta paixãõ, que o descacorda,  
Quando dà de repente com o encontro  
Do inimigo, que o espera: Entãõ respira  
Nos hálitos hum ethna; e aceso em ira  
O enveiste a tempo que o gigante dando  
Ao corpo meia volta, e fulminando  
A poderosa clava sobre os lombos,  
Deixa no horrendo impulso da ferida,

A fera em duas partes dividida.

Naõ obstante este arrojo de combates,  
 Taõ medonhos, ousados, e ferozes,  
 Naõ deixaraõ de ter conhecimento

Das artes Liberaes : \* a Architectura

Vimos nos seus Palacios : a Pintura,  
 A Musica, e a Poesia, que às tres Graças

Se podem comparar no engenho humano,  
 De cultivar naõ cessaõ, com alguma

Noticia da elegante suavidade :

Naõ applicaõ porem a variedade

Dos seus doces, harmõnicos preceitos

Mais que a assumptos illustres, e a fogueitos,

Que presumem ser dignos de memoria.

Aquella heroicidade, aquella gloria,

Que alcançaraõ na páz, ou nas campanhas

Os

\* Os homẽs para se abrigarem da inclemencia dos tempos deraõ na invençaõ dos Edifícios : o continuo uso de os construir lhes foi dando as regras da architectura; e estas se aperfeiçoaraõ, notandose os erros, e os acertos da edificaçaõ : o que pode ser commum, e transcendente a todas as Naçõens: A musica he influida pela mesma Natureza, pois naõ há naçaõ por mais bárbara que seja, em que se naõ achasse algum genero de musica, mais, ou menos acerde. Os Hespanhões a encontraraõ na Conquista da nova Hespanha, sem embargo de ser taõ inculta aquella Provincia, e entre os Mexicanos eraõ mui frequentes os bailes ao som de varios instrumentos; eos que se chamaõ mitotes saõ muito celebres na historia desta Conquista. A Poesia he que podera parecer incompativel com a barbaridade de semelhantes naçoens; e tambem a descobriaraõ os Pizarros na entrada do Perú; e entre muitos exemplos se nos dá o dos seguintes Versos espondaicos, compostos pelos Poetas daquelle novo, e inculto Imperio:

Os Seus Antepassados: as façanhas,  
 Que obraraõ, para augmento das Provincias,  
 Procedidas da toga, ou do montante:  
 Os que mais venturoso, ou mais brilhante  
 O Estado dirigiraõ; Sò se achavaõ  
 Capazes de que a fama lhes fizesse  
 Immortal a prudencia, e a valentia,  
 No Metro, \* no Pincel, na Melodia.

S 2

A

\* Cumac Nuffa  
 Toralláy quim  
 Puyñuy quita  
 Paquir Cayan  
 Hina mantara  
 Cunñunum  
 Ylla pantac  
 Camri Nuffa  
 Unuy quita  
 Para munqui  
 May nimpiri  
 Chichi munqui  
 Pacha rurac  
 Pachacamac  
 Viracocha \*  
 Cay hinapac  
 Churafunqui  
 Camasumqui.

O Padre Braz Valera fez huma tradução latina destes versos, que para se entender he necessário advertir que os Peruenes suppunhaõ huma donzella filha de hum Rei entre as nuvens, com hum cantaro cheio de agoa, e quando o entornava, chovia; porem que tinha hum Irmaõ que as vezes lhe quebrava o cantaro, de cujo golpe procediaõ os trovens, os relampagos, e os raios. A tradução do P. Valera he como se segue:

Pulchra Nympha,  
 Frater tuus  
 Urnam tuam  
 Nunc infringit:

Cu-

A exquisita riqueza deste Imperio,  
 O ouro, a prata, e as pedras mais preciosas,  
 Ao faulto não serviaõ: nas tribunas  
 Dos templos he que estaõ depositados  
 Estes grandes thesoiros: Os Estados  
 Da Nobreza, da Plebe; Sacerdotes,  
 Togados, e Guerreiros se distinguem  
 Somente pelas cores do Vestido,  
 E por ser ou mais fino, ou mais grosseiro:  
 Desde o grande ao mais pobre jornaleiro  
 Não há alguma alfaia, aonde o luxo  
 Reconhecer se possa: São as mezas  
 Singèlas, e abundantes: Commummente  
 Ao feu paõ, leite, e mel he que reduzem  
 Todas as iguarias: Se as mais cultas

Na-

Cujus iæus  
 Tonat, fulget,  
 Fulminatque.  
 Sed tu Nympha  
 Tuam Lympham  
 Fundens, plus  
 Interdumque  
 Grandinem, seu  
 Nivem mittis.  
 Mundi Factor  
 Pachacamac  
 Viracocha \*  
 Ad hoc munus  
 Te sufficit;  
 Ac præfecit.

\* Pachacamac, Viracocha eraõ os nomes da Divindade que estes bárbaros adoravaõ.

Naçoens, com esta gente, comprehendemos,  
 Não sei se juntamente lhes daremos  
 O nome de politicas, \* ficando  
 Com a injuria de barbaros, huns povos,  
 Que vivem nesta amavel fingeleza,  
 Taõ conformes à lei da Natureza.

Eu muito mais dizervos desejava  
 Da Riqueza, governo, e raridades  
 Desta nova Provincia; porem temo  
 Que vos chegue a enfadar, se digo tudo:  
 Eu fiz huma curiosa, e breve hyftoria  
 De quanto achei ser digno de memoria;  
 Nella podeis notar o que me falta:  
 Quanto mais o silencio he já preciso,  
 Porque agora a cuidado mais sublime  
 O coração vos chama: senão tenho  
 Confuso o meu sentido, e o voffo empenho,  
 Cuido que estais na Empreza desejada,  
 Pois já no mar de Goa se acha a armada.

Alvoraçado se levanta Affonso,

S 3

Ven-

\* Tudo o que temos dito da suavidade, e rectidão dos costumes desta gente, he para tornarmos a mostrar, que só pela influencia da mesma natureza se podem conseguir; sem serem necessárias tantas Leis, e preceitos assim da Ethica, como da politica, como se tem produzido para se viver com moderação, doçura, e regularidade. *O-quod tibi non vis, alteri non facies* basta para se alcançar quanto temos descripto neste Epifodio.

Vendo taõ perto o objecto, que procura:  
Manda dar o signal às outras Vellas,  
Da parte onde se viaõ: Vinha abrindo  
Neste tempo entre as nuvens o Orizonte  
A matutina lûz; e quando o monte  
Começa a embranquecer, e a branda areia  
Com a cãndida chama se prateia,  
Sobe o Esforçado Paiva à Capitania;  
E depois de cumprir com todo o obsequio,  
Devido ao general; lhe dîz: Prefumo,  
Que tenho satisfeito pontualmente  
A<sup>a</sup> ordem, que me desteis: Permanente  
Aqui me vio o golfo, estando à vista  
Da barra, com os olhos na Conquista,  
Que intentais profeguir: De balde emprega  
O Moiro todo o esforço, industria, e arte  
Para poder tirarme de huma parte,  
Em que a vossa eleiçãõ me tinha posto:  
Com estes tres navios descomposto  
Vio a Cidade todo o seu orgulho:  
Vella naõ quiz sahir, nem quiz a entrada  
Intentar com arrojõ, ou com engano,  
Que naõ metesse apique: O grave dano,  
Que na minha constancia padecia,  
Na teima de o vencer se conhecia.

A<sup>3</sup> Cidade socorre a terra firme,  
 Mas não são estes viveres bastantes  
 Muitas vezes ao povo, e à soldadesca;  
 E faltando lhe o mar, também lhe falta  
 O devido sustento: Tem metido  
 Já dentro da muralha hum grande ruido  
 De petrechos, e de armas, destinadas  
 A muitos Esquadroens: Nove mil homens  
 Compoem a guarnição, tendo o receio  
 De que a Empreza sigais; mas este meio  
 Prova também na barra combatida,  
 Não se achar a Cidade abastecida.

Muita parte da gente, que a defende,  
 He gente mercenaria, gente vaga,  
 Que samente o sentido tem na paga:  
 E della já tão pouco se confiaõ,  
 Que hoje tem recorrido à fortaleza  
 Das trincheiras, no susto da defeza.

Os navios, que tinhaõ no estaleiro,  
 Os pozeraõ de frente dessa porta,  
 Que abre o muro, que corre junto à praia,  
 Onde Goa se assenta; e pela mesma  
 Ribeira da Cidade, a hum lado, e a outro  
 Ficando as nãos no meio, continúa

Humna forte Estacada, cujas pontas  
 Nos ângulos remataõ da muralha :  
 Para o primeiro impulso da batalha  
 Este cerco fizeraõ: Se a Cidade  
 Fica dentro do muro; da trincheira  
 Ficaõ dentro os navios, e a Ribeira:  
 As Estacas estaõ com terraplano :  
 As prôas dos navios saõ as torres :  
 E deste aspecto as formidaveis guardas  
 Se formaõ na carranca das bombardas.

Com bastante attençaõ esteve ouvindo  
 O HEROE ao Paiva, e ao mesmo tempo abrindo  
 Na ideia vários modos, e discursos  
 De poder a Cidade acometerse :  
 Manda subir à Capitana todos  
 Os Capitaens, e os mais, com quem costuma  
 Consultar as emprezas : mas na quelle  
 Congresso se repara que Quinèle  
 Faltava, sendo sempre dos primeiros,  
 Que aos conselhos assiste: Entre os navios  
 Se procura, e não há noticia alguma :  
 Disse hum piloto que elle se metera  
 N<sup>o</sup> hum dos bateis da armada, e q̃ faltara  
 Junto à Caverna, aonde se deixara  
 O Corpo de Noronha; e que entendia



Que só neste lugar he que estaria.

Affonso ordena a Corvinêl que logo  
O traga à Capitana: mas o<sup>o</sup> força  
De hum excessivô amor, de hum a faudade,  
Que não acha na magoa algum remedio!  
Na entrada apenas da Caverna punha  
A planta o Capitaõ, quando se expunha  
A os olhos o espectaculo mais triste,  
Que a sorte tinha dado: Não resiste  
Ao pranto, e ao sentimento, pois encontra  
A Quinêlê sem Vida, e debruçado  
Sobre o defunto amigo: O<sup>o</sup> duro fado!  
(Exclama) O<sup>o</sup> desventura! O<sup>o</sup> desatino  
De hum fero influxo, de hum cruel destino!  
Infame amor! Quem pode examinar-te,  
Depois que altivo, que soberbo, e forte,  
Trocar quizeste as armas com a morte!

Reparàdofe havia, em que Quinêlê  
Na auzencia de Noronha, pouco a pouco  
Hia perdendo o alento; e o seu semblante  
Sempre pàllido, triste, e vacilante,  
Nunca estava sem lágrimas: O intento  
De tornar ao sepulcro, de alimento  
Póde servir à mísera esperança,

Com que o affecto os espiritos detinha  
 Daquelle fraco impulso, que alentava  
 As imagens, que a dor representava:  
 Este cansado alento, suspendido  
 Achou na sepultura o seu gemido;  
 E a alma, sem a dôr, que a detivera,  
 Lastimada sahio da quella Esphera,  
 Em que os laços rompia o afogo ardente  
 De hum Eco, ou de hum suspiro intercadente.

Vem com esta noticia à Capitana  
 O afflicto Corvinêl: Todo o concurso  
 Cahio n'hum pavoroso, e mudo espanto;  
 E Crer não pode que chegasse a tanto  
 De hum affecto a paixãõ: Presente estava  
 O mesmo Religioso, que instruido  
 Na Fé tinha a Quinèle: Ora ja posso  
 (Diz o pio Varaõ) fazer notoria  
 A mais triste, funesta, e acèrba hystoria,  
 Que nunca nos incògnitos progressos  
 Dispôz a contingencia dos successos.

Entendeis que he Quinèle o q̃ hoje entrega  
 O seu debil alento à Parca dura?  
 Pois não he, não Quinèle o que requinta  
 Nesta Morte a saudade: O' Amalintha

Tu és a quem só mata a dor da auzencia,  
Com taõ nova, infelíz correspondencia!

Bem sei que vòs pasmais: ouvime agora,  
Que bem o pede o caso: Desde a hora,  
Em que entrou no Palacio de Hunnathilpha,  
De Noronha a lustrosa suavidade,  
Lle rendeu a Princeza a liberdade,  
E todo o seu alento: Aqui se alcança  
Ser tal a força de hum ardente affecto,  
Que pode n'hum instante hum novo objecto  
Ser visto, \* e ser amado: Naõ sabia  
Inda naquelle tempo o que sentia  
Dentro do coração, desconhecendo  
O mesmo ardor, que estava padecendo:  
Como indomavel furia o imaginava,  
E como doce empenho: Examinava  
A cada instante a intrinseca tormenta,  
E já se anima, já se defalenta,  
Fingindose os incendios no conflicto,  
Humas vezes fineza, outras delicto.

Intentou declarar-se com Noronha,  
Porem entre os deliquios da vergonha  
Ficava a vôz suspenza; e logo julga

\* Et Vidi, & perij &c.

Que

Que pòde suffocar no seu silencio  
 Toda a violencia da amorosa chama:  
 Mas se intenta encobrilla, mais se inflâma,  
 Mais incapâz afente de que possa  
 Reduzilla a focègo, e que nas cinzas  
 Do peito se sepulte: Delirando,  
 Resistindo, adoecendo, e sempre amando,  
 Ao mesmo tempo emprende, ao mesmo teme,  
 Suspira, e oufa, dissimùla, e geme.

O tempo finalmente da partida  
 De Noronha chegou: Quasi sem vida  
 Neste tranze mortal a Dama esteve:  
 Recolheuse ao seu quarto; nelle roga  
 Ao Ceo pelo remedio: defafoga  
 Em miseros gemidos toda a ancia,  
 Que a alma padecia: na elegancia  
 Das làgrimas explica o mudo alento  
 Do seu inconsolavel sentimento.

Não teve algum valor para mostrar-se  
 Constante, e sem sospeita, na batalha,  
 Que dentro de si mesma persentia;  
 E temendo faltarlhe a resistencia,  
 Presente não se achou naquella auzencia.

Sustentada fomite na esperança  
De que ficava Corvinêl, resiste  
A todo o fero horror da magoa triste;  
Pois desde então procura os meios todos  
De poder embarcar-se no navio,  
Que havia de voltar à nossa armada:  
Em quanto o Capitão fez a jornada  
Do Reino para ver tudo o que houvesse  
Digno de ser notado, teve modo  
A engenhosa Princeza de imitar-se  
A letra, e o sello Real: onde alicença  
Se fingio de seguir os Lusitanos:  
E dando parte fô destes enganos  
A hum seu confidente, este a encaminha  
A<sup>o</sup> náó, que estava furta, quando tinha  
Corvinêl despedido-se da Corte;  
E a Côsta procurou para buscarnos:  
Vinha Amalintha de Varaõ no traje:  
A Estatura, e as feiçoens não distinguiaõ  
Dos Irmaons; a Princeza: no decreto  
Não havia implicancia; em tudo estava  
Conforme aquelle, que se concedera  
Ao mesmo Corvinêl, quando fizera  
A sua expedição; e persuadido  
Que estava, sem disputa, concedido  
Pelo Rei que Quinêl nos seguisse,

Sem mais demora alguma, o ferro arranca,  
 Apenas Amalintha a bordo chega;  
 Rege o leme, ergue o panno, e ao mar se entrega

Depois que esta Princeza, disfarçada,  
 Com o nome do Irmaõ, buscou a nossa  
 Companhia, no sitio, em q̃ hoje estamos,  
 Escuso de dizer o amante empenho,  
 Com que a Noronha segue: testemunhas  
 Sois da sua fineza, e da constancia,  
 Com que soube encobrir a tolerancia  
 Do seu amante incendio, e inda a fraqueza  
 Do sexo feminino; não tendo empreza  
 As nossas armas, onde não mostrasse  
 Aquelle bravo esforço, em que desmente  
 A tímida afeição do peito ardente.

O duro estrago do Noronha illustre  
 Fez hum eco tão grande, e tão activo  
 No centro mais profundo do seu peito,  
 Que sempre com o horror deste conceito.  
 Conspirou a saudade, que lavrando  
 Pouco a pouco no alento huma ferida,  
 Que abria cada instante aquella lança,  
 Que vibrava a crueldade da lembrança,  
 Veio em fim a fazerse sem remedio,

Atè que à vista do fatal sepulcro,  
 Que escondia o depòsito, chorado  
 Tantas vezes no fùnebre suspiro,  
 Se rasgou mais o golpe, e sem retiro,  
 Onde podesse refugiar-se a alma,  
 Foi preciso sahir daquelle assento,  
 Que a dor tinha Occupado; e antes q̃ a pena  
 Na violencia do insulto a confundisse,  
 Foi buscar outra parte, onde assistisse.

O' míseros mortaes se estes exemplos  
 Naõ bastaõ para o triste defengano  
 De que nunca haverà no Amor humano  
 Impulso; sem tragedia; nem que deixe  
 De mostrar a mortal fragilidade  
 Nesta, ou n'outra infelíz calamidade;  
 Que scena horrivel vos porei aos olhos  
 Para veres a tràgica loucura  
 De arder n'hum paixaõ, que desfigura  
 Qualquer mudança desta sombra vaga?  
 He crível que a apparencia transitoria  
 De huma chama taõ fragil, e illusoria  
 Sigais; e desprezeis n'hum gosto externo  
 O amavel resplendor de hum bem eterno?

Todo o congresso estava n'hum profundo

Lethargo, ouvindo a hyſtoria de Amalintha:  
 Cheios de aſſombro os inçlytos guerreiros,  
 De lâſtima, e pavor, nem inda ouſavaõ  
 A levantar os olhos, onde o pranto  
 Intentava talvez que o eſcuro eſpanto  
 Em funeſta aſſiçaõ ſe converteſſe:  
 O HEROE manda ao concurso q̃ deſceſſe  
 Da Capitana a dar ao Regio Corpo  
 O devido deſcanſo: Esta inhumana,  
 Esta nova, e terrivel deſventura  
 Teve a armãda alguns dias em ſilencio:  
 Eneſe luto militar pertende  
 Moſtrar o HEROE a dôr, que ſe devia  
 De Amalintha à fineza, e à valentia.

Ao depois ordenou que foſſe a Eſquadra  
 Dar fundo na enſeiada, que de frente  
 Ficava de Pangi: A Fortaleza  
 Já eſtava ſolitaria, porque os Moiros  
 Tendo já a experiencia, que não podem  
 Eximilla do noſſo impullo, acodem  
 A fazerſe mais fortes na Cidade:  
 Não obſtante o que o Paiva dito tinha  
 A Affonſo ſobre a força das trincheiras,  
 Recomenda aos dois Limas q̃ obſervaeſſem



O como a praia está : \* Naõ sem perigo,  
 Bem à vista do intrèpido inimigo  
 Se poem os dois Irmaons trazendo o informe  
 De que tudo se vê no mesmo estado  
 Que a Affonso o Paiva tinha já contado.

Do Hidalcaõ, Alfarami havia a Corte  
 Deixado, reduzindose à Caverna,  
 Assento antigo do nefando Emprego,  
 Com que do Abyfmo as maximas cultiva:  
 E vendo na terrivel perspectiva  
 Do Ceruleo Crystal, que a nossa armada  
 Outra vèz sobre Goa bate as vèllas,  
 Apezar das indòmitas procèllas,  
 Com que o Inferno nos tinha acometido;  
 Que nenhum fero horror, nenhum partido,  
 Que tome a indignaçãõ da infame Alecto;  
 Suspender pode o inclyto projecto,  
 Que tinhamos tomado, ardendo em toda  
 Aquella ardente raiva, que lhe inspira  
 A furia de Luzbel, do Averno a ira,  
 Parece que naõ tem no horrendo afogo

T

De

\* A qual informaçãõ lhe trouxe D. Joaõ de Lima, e seu Irmaõ D. Jeronymo de Lima, que elle mandou em bateis dar vista à Cidade para notarem a força, que os Mouros tinhaõ feita: O que elles fizeraõ com muito perigo de suas peffoas, por descarregar nelles toda a artelharria, que estava apontada na quella frontaria, onde elies chegaraõ.

De taõ defesperada intelligencia ,  
Onde possa admittir tanta impaciencia,

Mais por satisfazer ao forte impulso  
Do aleivoso rancor, em que arde a chama  
Do seu odio implacavel, que entendendo  
Que alguma execuçaõ de esforço horrendo  
Possa ja conseguir que as nossas armas  
Se detenhaõ na empreza, que meditaõ ,  
Emprende, com bem raro defatino ,  
Irritar todo o Estimulo ferino  
Dos medonhos lagartos, que amoderentaõ  
Em Gondali o passo, contra a Esquadra:  
Da quelle sitio para a alcoba horrivel  
Revoca hum dos amphibios mais ferozes,  
Para que recebendo nos atrozes  
Conjuros, dos Abysmos a maldade,  
Communique a Infernal perversidade  
A os outros monstros, que no golfo infame,  
As verdes conchas convertendo em azas,  
Entre o horror dos Escandalos pendentos,  
Tem apestaõ o impulso das Correntes.

Nesta execranda acçaõ se achava agora  
O mágico protervo, \* quando assalta

\* Setimo nexo.

A formidavel gruta o infausto alento  
 Do indòmito dragaõ: Que novo intento  
 (Lhe diz) he esse, O<sup>o</sup> misero Alfarami?  
 Se presumes q̃ as feras, que hoje infamaõ  
 As liquidas entranhas dessa Cõsta  
 Saõ Capazes de opporse às ousadias  
 Deste impàvido Affonso: Se as porfias,  
 Com que temos instado em suspenderlhe  
 Os progressos da Empreza, no combate  
 Destes monstros marítimos, poderaõ  
 Ter inda algum recurso; esses impuros,  
 Tristes, funestos, bárbaros conjuros  
 Inutilmente excitarias hoje;  
 Pois Eu no mesmo instante aqui fizera  
 Que a impaciente arrogancia de Megèra,  
 Dividida nos membros dos lagartos,  
 De tal forte movesse os seus furores,  
 Que cada não ficasse combatida  
 De toda aquella força enfurecida,  
 Que profundamente guarda em cofre eterno  
 A indòmita paixãõ do irado Averno.

Mas que proveito deste novo insulto  
 Poderemos tirar, se auxilio occulto  
 Patrocina esta gente? Exprimentado  
 Naõ tens, que sobre todo o meu desinio,

Se vê nos Portuguezes hum dominio  
Que eu contrastar não posso? Tiraremos  
De tão continuos, tão mortaes extremos,  
Com que invadimos sempre os seus esforços,  
Mais, que o pejo de vermo-nos vencidos?  
Tiraremos de hum novo, ardente ensaio  
Mais, que sentirmos outravez o Raio,  
Em que grita, em que geme, em q̃ flutua  
A minha indignação? Se me insinua  
Tudo o que tenho padecido em tanta  
Vehemencia occulta, que o furor quebranta  
De todo o meu poder, que mais excelsa  
Efficacia os defende: e se disposto  
Se acha já por Decreto mais sublime  
Que Portugal domine esta Cidade:  
Que nella fique extincta a falsidade  
Do bárbaro Alcôram: E que se firmem  
Dos golfos Orientaes no verde espelho  
Os luminosos brados do Evangelho,  
Que faremos com tanto empenho inutil?  
Não nos será melhor deixar a empreza,  
Que dar a conhecer mais a fraqueza  
Da nossa miseravel repugnancia?  
Não (responde Alfarami) tem constancia,  
Tem animo, e valor: Nenhum assedio  
Se deixa, em quanto offerece algum remedio

A esforçada extenção de hum peito invicto :  
 Inda não nos pozemos no conflicto :  
 Inda Goa se ostenta Formidavel :  
 Inda os Influxos dos Abyfmos toma :  
 Inda affegura a Seita de Mafoma :  
 E tu não faves inda o que destina  
 A esta armada a MÀxima divina.

Naõ foraõ já de Goa destroçados  
 Estes mesmos fataes aventureiros ?  
 Seraõ mais venturofos os guerreiros ,  
 Que profeguem na mesma fantasia ?  
 Pois como taõ vilmente desconfia  
 Hum tímido discurso da Victória ?  
 Desce pois sobre os monstros dessas agoas ,  
 Infundelhe a paixão de todo o Abyfmo ,  
 E o teu alento sustentar procura  
 Em quanto não te opprime a desventura.

Nunca cuidei ( lhe diz a vôz tremenda  
 Da serpente Infernal ) que fosse tanta  
 A protervia dos homens , que chegasse  
 A vencer em rancor , e Rebeldia  
 O Principe das sombras : Naõ ha fera ,  
 Nem demonio talvêz , q̃ exceda o homem ,  
 Quando com odio atrôz , ancia precita

Na Raiva, e no furor se precipita.

A rebelde serpente não se esquece

De introduzir nos horrìdos lagartos

A furia dos Espiritos malignos:

E apenas receberão nas Entranhas

O fero impulso das paixoens estranhas,

Quando todos conspirão na impaciencia

De combater as nãos: Sulcava o golfo

O medonho Congresso, e lbe servia

O amphibio mais ferôz, e corpulento

De horrivel Capitaõ: O seu alento

Rege a ira do artifice aleivoso:

Dos brutos o concurso pavoroso

Já parece hum exèrcito nadante,

Já huma horrenda armada; e cada fera

Representa hum navio entre as escumas,

Pois cada monstro da terrivel tropa.

Finge prôa a cabeça, e a cauda, poppa.

A<sup>o</sup> Esquadra chegaõ, \* com tremendo ruido,

E com igual, indòmita arrogancia

Se lançaõ sobre os bordos, e costados:

Atônitos, absortos, e pasmados

Os Portuguezes ficaõ, com taõ novo,

\* Desatafe o setimo nexo.

Inesperado impulso : Não duvidaõ  
 Que hum ímpeto diabòlico excitava  
 A feia multidaõ : na ansia brava ,  
 Com q̃ acomete a Esquadra , bem se via  
 Que era inflammada de maior fereza ,  
 Que a que pode influir a natureza  
 Na torpe agitaçaõ da especie immunda :  
 Não há nãõ , que da instancia furibunda  
 Não seja horriavelmente procurada :  
 Os Soldados se oppoem à enorme entrada ,  
 Com os duros montantes ; e as segures  
 Nas maons dos marinheiros, esperando  
 Os lagartos estaõ , para que o golpe  
 Sobre a chusma Infernal se descarregue :  
 Não se pode Esperar que tantas cegue  
 No campo o lavrador loiras Espigas ,  
 Como cortaõ segures, e montantes  
 As Cabeças amphibias : Tal havia ,  
 Que fomite de hum talho dividia  
 A corpulenta fera : de outro talho  
 Partida se acha no fatal destroço ,  
 A Cauda de huma vêz , de outra , o pescoço .

Fervia o golfo em sangue das medonhas ,  
 E profundas feridas ; E parece  
 Que inda mais com o sangue se embravece

O disforme Esquadraõ : Huns em pedaços  
 Os despenha o furor dos igneos aços ,  
 Outros com impaciente desaccordo  
 Os dentes ferraõ no rotundo bordo ,  
 Para firmar o corpo pendurado ,  
 Fingindo neste bàrbaro desvello  
 Que daõ o jugo à força do cutello  
 Da màquina a cabeça dividida  
 Inda ficaõ as furias contumazes  
 Nas enormes queixadas : taõ tenazes ,  
 Em sustentar a preza , que forçosa  
 Naõ he da morte a mísera agonia ,  
 Para poder domarlhe a rebeldia .

Os q̃ escapar poderaõ dos impulsos ,  
 Que errava o ferro no primeiro arrojõ ,  
 Deraõ novo combate a os que ficaraõ  
 Nas costas dos insignes defensores :  
 Por ser em campo igual , foraõ maiores  
 Os ímpetos da brava atrocidade :  
 Houve fera que deu a novidade  
 De se agarrar à hastea , aonde o ferro  
 Encavado se havia ; e o irado Athleta  
 Lançando as maõs a os queixos denegridos ,  
 Naõ só lhos deixou rotos , e partidos ,  
 Mas com tanto Vigor, Vehemencia tanta,



Que ficou fendo boca inda a garganta.

Outro monstro ferôz pode enlaçar-se,  
 Por descuido talvez, n'hum marinheiro,  
 Que pugnando com elle pertendia  
 Suffocallo entre os braços escamosos:  
 Virou o Rosto a os gritos Lastimosos  
 Hum dos nossos Soldados; e entre a ancia  
 Deste infelîz, e a intrèpida arrogancia  
 Do temerario arrojo, de tal sorte  
 Mede o Rasgo de hum aço fulminante,  
 Que de tocar no afflicto, sem Receio,  
 Deixa a fera partida pelo meio.

Tudo nadava em sangue: mastos, vèllas,  
 Poppas, prôas, enxarcias; e os navios  
 Parecem menos fontes, do que Rios  
 De purpura vital, que pelos bordos  
 Precipitando as fêrvidas torrentes,  
 Mais crescidas não sô, mas inda quentes  
 Expoem daquelles golfos as Escumas:  
 Boiava sobre a líquida Campanha  
 A horrenda multidaõ, a chusma estranha  
 Das tremêndas porçoens de tantos monstros:  
 Braços, Caudas, Cabeças, Conchas, Ventres  
 Horrorizaõ as ondas; quando deixaõ

Já sem fusto, e pavor, já sem Espanto  
 De Gondalí o passo: O eterno pranto  
 Do abominavel Tártaro procura  
 O raivoso dragão, defenganado  
 De que não Val astucia, nem fereza  
 Contra a força, e constancia Portugueza:  
 E inda mais impaciente se retira  
 O mágico funesto entre o vexame  
 De tão funesto, tão frustrado exame,  
 A Continuar a ancia, e a furia interna  
 Na horrivel Soledade da Caverna.

Dava cuidado a Affonso a bateria,  
 Que tinhaõ posto na trincheira os Moiros;  
 Que era temeridade o combatella  
 A peito descoberto: determina  
 Que primeiro que a chama matutina  
 Trouxesse ao Mundo a Lûz; a grande empreza  
 Se havia de intentar; porq̃ entre as sombras  
 A pontaria incerta não lograsse  
 Os tiros, que a estacada fulminasse:  
 E para conhecer se as centinellas  
 Se achavaõ neste tempo prevenidas,  
 Torna a mandar os Limas, que de fronte  
 Da Cidade observassem se as bombardas  
 Tinhaõ tambem de noite aquellas guardas,

Que

Que a cautèlla régula; e que a experiencia  
 Se fizesse com toda a intelligencia,  
 Que este informe pedia, e que cuidassem  
 Em hirem taõ calãdos, e advertidos,  
 Q' não fossem dos Moiros perfeitidos.

Naõ se occultava ao mágico q̃ Affonso  
 Mandava os Capitaens àquella parte,  
 Se bem que a causa, com q̃ os manda, ignora:  
 E tendo visto já que não melhora  
 A Colera do Abyfmo nas disputas;  
 Com que tem insultado o nosso alento,  
 Inda emprende tentar o pensamento  
 De intimidar a armada, figurando  
 Nas Ameias de Goa os mais furiosos,  
 Formidaveis aspectos, que podia  
 Fingir, e Encarecer a fantasia  
 De hum ardor, de hum phrenetico cuidado,  
 Tantas vezes vencido, e estimulado.

As Gorgonas, \* as Hydras, os Chelydros,  
 Os TYPHEOS, os Encélados, as Furias,  
 E todos Effes monstros, que as injurias  
 Sofrem nas iras de hum incendio eterno;  
 Alterando do Tàrtaro o governo,  
 Alfarami revoca ao grito impuro

De

\* Oitavo nexo.

De hum nefando, de hum b̃arbaro conjuro :  
E este enorme Espectaculo reparte  
No muro da Cidade: Scena horrivel!  
Onde tinha inda mais no infame aborfo  
A Vista, que vencer, que o mesmo esforfo.

Com prudente cautella executaraõ  
Os dois Limas a ordem, que lhes tinha  
Proposto o General: No mais profundo  
Silencio da alta noite, nos Esquifes  
Da armada se embarcaraõ, quando a enchente  
Da marè, sem o remo, na corrente  
Os Condûz pelo Rio, onde à muralha  
Servem de Êspelho as ondas: De improvifo  
Daõ no horrendo aparato, que nas torres  
Tinha o Inferno fingido; e sem que o espanto  
Movesse no seu peito algum quebranto,  
Observaõ quanto o HEROE lhes cometera,  
E trazendo a noticia desejada,  
Promptamente voltaraõ para a armada.

A CON-

A CONQUISTA  
DE GOA.  
Poema Epico.

CANTO IX.

**F**omos (diz Dom Jeronymo de Lima  
Na presença do HEROE) cumprir a ordem  
De observar da Cidade as centinellas:  
Sem usarmos de Remos, ou de Vellas  
Por lograr o silencio encommendado,  
Sobimos pelo Rio, quando as agoas  
Da Regular enchente principiaõ  
A Fazer os esteiros caudalosos:  
Sepultada em deliquios foporosos  
Achamos toda a guarda das trincheiras;  
Pois hindo bem àvante, não ouvimos  
Rumor algum, nem demos novidade,  
Com a nossa chegada: Bem podia  
Succeder que os bateis a não fizessem,  
Curfando a toda a hora na Ensejada

Embarcaçoens pequenas ; mas preciso  
 Foi ter algum valor neste projecto ,  
 Quando se nos expôz o horrendo aspecto ,  
 Que a muralha de Goa nos intima :  
 Se aqui se não desfmaia , ou defanima  
 O ardor do Coração , negar não posso  
 Que os membros , e os cabellos se arriçaraõ ;  
 E que inda muitas vezes batalharaõ  
 Da constancia os impulsos com o espanto ,  
 Que os horrores infundem nos sentidos :  
 Para dentro do peito espavoridos  
 Pertendem retirar-se , inda que intento  
 Revestillos de todo o meu alento ,  
 Sustentando com inclytas coragens  
 A infame perspectiva das imagens ,  
 Que o muro nos propunha : Parecia  
 Que tudo se abrazava , e tudo ardia  
 Em hum ceruleo incendio : Semelhante...  
 Mas não tem semelhança , porq̃ o enxofre ,  
 O Salitre , o alcatraõ , com taõ medonha ,  
 Nefanda Escuridade não se inflâma :  
 Aqui samente procedia a chama  
 De hum aflombro inda mais , q̃ de hũ luzeiro :  
 Vomitava Este horrifico brazeiro  
 Enroladas pyramides de fumo ,  
 Que espalhando ao depois o seu resumo

Na Campanha dos ares, abafava  
Quanto o vento exprimia, cu respirava.

Apenas nos concede a luz viciosa  
Os terriveis objectos, que a dividem;  
E so para este intento entaõ conheço  
Que ella quiz acender a sombra enorme:  
Que aspecto horrivel, que Vizaõ disforme  
Te posso debuxar, que desempenhe  
Aquelle immenso horror, q̃ o muro cinge?  
Naõ ha Chymera, Hydra, Grypho, Esphynge,  
Naõ há TYPHEO, Ephialte, ou Centimano,  
Naõ há monstro, já de huma, ou de outra especie,  
Que aqui naõ encarecça a atrocidade  
Da infosfrivel, da bàrbara Medusa:  
Aqui se fortifica, aqui se acende  
A violencia, a fereza, o odio, a ira  
Das Furias Infernaes; e he necessario  
Hum esforço inda mais que temerario.  
Para alcançar que os olhos se resolvaõ  
A sofrer, com desprezo inalteravel,  
Objecto taõ maligno, e abominavel.

Enroscaõ se nas torres as serpentes,  
E os hórridos gigantes nas muralhas,  
As torres excediaõ na Estatura;

Todos de taõ funesta catadura,  
 Que parece que o gesto da tristeza  
 Extendia a fealdade na fereza:  
 Sulphureas chamas pelos olhos lançaõ  
 Acefas nos afflopros, com que o Austro  
 Se irrita já nas ventas, já na boca:  
 Entre os furiosos silvos se provoca  
 A tormenta dos hãlitos, que apesta  
 Toda a Scena da màquina funesta.

Nos feros affovios das Ceraftes,  
 Enos Roncos terríficos dos monstros,  
 O Vento se estimula, ou se amotina:  
 Entre os mastos, e a enxarcia não se obstina  
 Tanto no tempo da naval tormenta  
 Com furiosa impressaõ, como sustenta  
 Toda a chufma Infernal o estrondo horrivel  
 De huma nova, indignada dissonancia:  
 Mas se de Goa \* a bàrbara arrogancia  
 Se funda neste esforço, em q̃ a protegem  
 Taõ medonhos Espectros: Se outro alento  
 Não tem mais, que este torpe movimento,  
 Com que o Abyfmo pertende focorrella,  
 Bem fraca resistencia às nossas armas  
 Intenta prevenir: Se os Portuguezes

\* Defatafe o nexo oitavo.



Vencido tem o Inferno tantas vezes,  
 Como quer presumir que os intimida  
 Com este novo impulso? Enfraquecida  
 Se acha Goa inda mais, q̃ o imaginamos,  
 Quando barbaramente hoje recorre  
 A taõ debil auxilio, que no aspecto,  
 Por mais que augmente a instancia carrancuda,  
 Em sombra se desfâz, em ar se muda.

Naõ se envergõna o artifice inclemente  
 De promoverse taõ inutilmente  
 Contra o nosso valor? Naõ saõ bastantes  
 As provas, que no bosque dos gigantes  
 Se tem dado a Luzbel, que naõ tememos  
 Nem monstros, nem dragoens, nem Polyphemos?  
 E que vemos que està da nossa parte  
 Todo o favor do Ceo, para que grite  
 De baixo de huma invicta fortaleza,  
 Em continuo, em raivoso parocismo,  
 A indocil presumpçaõ do infame Abyssmo?

Naõ queirais, O<sup>s</sup> insignes Lusitanos,  
 Outra maior certeza da Victoria,  
 Do que valerse Goa de hum impulso  
 Taõ infiel, desgraçado, e criminoso:  
 Nesta mesma maldade he ja forçoso

Que naufrague a defeza, e para verse  
 O tyranno, sem forças, no conflicto,  
 Lhe basta só o horror deste delicto.

Affim dizia o Lima; e não se achava  
 Capitaõ, ou Soldado, que deixasse  
 De inflammarse no ardor de tanta empreza:  
 Pertende cada qual que a valentia  
 De hum ànimo Cathòlico, e guerreiro  
 Resplandeça não só contra os alfanges,  
 Mas tambem contra as hòrridas phalanges,  
 Que ajunta, e excita a furia do Cocyto,  
 Para ser mais illustre, em tanta gloria,  
 O duplicado assumpto da victoria.

Em quanto pois o assalto se prepara  
 Não se esquece o Hidalcaõ (vendo taõ perto  
 As nossas armas sobre o seu dominio)  
 De querer alcançar se no desinio  
 De assistir ao Combate era bastante  
 A guarniçaõ, que havia nas Muralhas:  
 Elle não ignorava a Soldadesca,  
 Que mandou vir de fora; mas queria  
 Reconhecer talvez se a fantasia,  
 Se a Estatura, e semblante dos Soldados  
 Lhe dava algum signal, e inda o seguro

De que possa ficar dentro do muro.

Em hum grande terreiro, que de fronte  
 Se vê das casas, q' o tyranno occupa,  
 Quer que armados, e postos em fileiras,  
 A rezenha de baixo das bandeiras  
 Se lhes faça, presente a ella estando:  
 Com o seu esquadrão vem caminhando  
 O bravo Coge Hocêm: gente da Arabia,  
 Que foi menos guerreira, do que sabia,  
 E agora ser pertende mais valente,  
 E mais bruta, que douta, e intelligente:  
 Confiando da braveza o esforço rudo,  
 Se adorna de terçado, adaga, e escudo,  
 Sem trazer arma alguma de arremeço;  
 Pois só estima da victoria o preço,  
 Quando o ganha a disputa corpo, a corpo:  
 Segue-se Mir Habrêm, que obedecido  
 He de huma ousada tropa de Malaios,  
 Vindos da quella terra bellicosa,  
 Conhecida por aurea Chersonezo  
 Dos antigos Cosmògraphos: famosa  
 Pelos pomos suavissimos, que ao pezo  
 Se podem commutar do metal rico,  
 Pois inda que na sua formosura  
 O gosto com o damno se mistura,

Vence o bethel o Estímulo nocivo,  
 E ajunta à suavidade o defensivo:  
 Arcos, e hervadas frechas, azagaias,  
 Pavezes, e terçados, desta gente  
 São as armas commuas: tão ardente  
 Nos empenhos da guerra, que na Costa  
 Da quem, e a lem do Ganges, não se alcança  
 Nação, que mais ferôz, mais atrevida  
 No ardor da Expugnação despreze a vida.

Os Golgondolos logo a vão seguindo,  
 Regidos por Mulei, q̃ entre os rochedos,  
 E as mais incultas brenhas, educados  
 Foraõ desde o seu berço; e sustentados  
 Com tutanos de Tigres: Gente bruta,  
 Indocil, espantosa, dissoluta,  
 Que veste as pèlles de animaes ferozes:  
 Tão promptos, tão ligeiros, tão velozes,  
 Que fatigaõ, e vencem na carreira  
 As Pantheras, e as Onças: os seus membros  
 Tão fortes, e tão duros, que parecem  
 De hum aço sensitivo: desconhecem  
 A piedade no Rogo de vencido:  
 Nem pertendem, nem daõ algum partido:  
 Não tem mais armas, q̃ humas grandes maças,  
 Arrancadas de hum tronco, que resiste

A<sup>2</sup> violencia do ferro, e que se tostaõ  
 Do mesmo lenho ao fogo, onde se fazem  
 Taõ sólidas, e firmes, q̃ inda os Brontes  
 Naõ deixariaõ de aceitar o engano  
 De que as forjasse a fragoa de Vulcano.

Outro esquadraõ horrivel se appresenta,  
 Que Java deu a Goa: todos filhos  
 Dos terríficos Gunos, que nas brenhas,  
 Sendo expostos, das feras sò mamarãõ  
 O abominavel Leite; e se criaraõ  
 Com sangue de serpentes: taõ salvagens,  
 Que só julgaõ por ínclitas coragens  
 O incendio da impiedade, e da inclemencia:  
 As conchas dos crueis Rinocerontes  
 Huma especie lhes formaõ de Coiraças:  
 Tambem se valem das adustas maças  
 Por arma, e por insignia: o capacete  
 Tecem das mesmas conchas; e os penachos,  
 Com que a gala nos elmos se infinúa,  
 Saõ de huma ave, a que chamaõ Cutatúa.

Aqui tambem formados apparecem  
 Os formidaveis Guêos, que naõ conhecem  
 Outro traje, que aquelle, que no corpo  
 Lhe lavra o ferro em braza: gente horrenda

Em feiçoens, e costumes, com a insana  
 Propenção de comer a carne humana:  
 As feras, e a os insectos mais immundos  
 A offender não se atreve; e he só o homem  
 O seu maior contrario: nelle empregão  
 A fereza, e os impulsos da vingança:  
 Sem inda se saber nesta maldade  
 Se he maior a traicão, do q̃ a impiedade:  
 Dardos fundidos em horriveis çumos  
 São as armas, que levaõ na batalha,  
 Onde o intento infiel do arrojo obsceno  
 Augmenta a aleivosia no veneno:  
 Capitaõ desta tropa furibunda  
 He outro Guêo em tudo semelhante  
 A<sup>o</sup> bàrbara Nação; e o Senhorio  
 Lhe acrescenta a fereza, e o desvario:

Na chama acesos do tremendo Marte.  
 Passaõ mostra, não menos resolutos  
 Os Valentes, Colericos Rebuftos,  
 Mais cultos nas acçoens, e na milicia:  
 Tendo da LEI Cathòlica noticia,  
 De Thomè pelos Ecos propagada,  
 Desde a Lúz, que se deu aos seus Maiores,  
 E conhecendo os altos Resplandores  
 De que he Deos, Hum, e Trino, e q̃ Maria  
 He

He Mai do VERBO, q̄ em seu Ventre puro  
 Se fez homem, domando o Reino escuro  
 Do indòmito dragaõ; com elles tanto  
 O trato, e a visinhança Mauritana  
 Chegou a conseguir, que se fizeraõ  
 Inimigos tambem dos Portuguezes:  
 Usaõ já de lorigas, já de arnezes,  
 E em lugar de turbante, huma celada,  
 Que dos Urfos formou a testa dura:  
 Pendurado hum alfange da cintura,  
 No braço esquerdo a adarga, no direito,  
 Com furiosa, guerreira confiança,  
 Levaõ huns a Sampira, outros a lança:  
 Governa este Esquadraõ Abdala Gunc,  
 Que tinha já provado o seu Esforço  
 Mais de huma vêz no arrojo da campanha:  
 Dos Bramàs outra tropa Effendi Lanha  
 Rege com bellicoso movimento:  
 Nos igneos gestos o Mavorcio alento  
 Desta Naçaõ se mostra: Enfurecida  
 Sempre no empenho, sempre combatida  
 Dos seus inquietos, toscos confinantes,  
 E sempre, assim no mar, como na terra,  
 Orgulhosa, já n'humas, e n'outras guerra.

Albubeque Ismâel, dos Fartaquezes

O esquadraõ Senhoreia: Naõ ha parte,  
 Que lave o Indo, e o Ganges, onde Maite  
 Tenha melhor logrado o seu dominio,  
 Do que nesta Naçaõ: Todo o desinio  
 Todo o intento, exercicio, gloria, empenho  
 Deste famoso Reino de Fartaque,  
 Hé só a expugnaçaõ, he só o ataque  
 Das forças inimigas: Na braveza,  
 Na violencia, e furor, toda a riqueza,  
 Todo o cuidado tem: os seus thesoiros  
 Saõ lanças, cimitarras, e peloiros,  
 Adargas, Escopetas, peitos, malhas:  
 O seu divertimento saõ batalhas:  
 O seu sustento, parco, o seu descanso,  
 Sobre as armas: o Espirito, indomavel;  
 E o corpo, sem regalo, nem partido,  
 Nos trabalhos da guerra, endurecido.

Em varios Esquadroens os Rumes trazem  
 Dividido o seu numero, que excede  
 Todas as outras tropas: Inda alentaõ,  
 Misturada no ardor, aquella audacia,  
 Fereza, impulso, e robustéz da Thracia:  
 Entaõ na India se chamavaõ Rumes  
 Os que chamamos Turcos: Seus costumes,  
 Seu esforço, e ousadia, bem notoria,



Não sò na tradiçãõ, porem na hystoria  
 Se tem feito: Esta gente, propagada  
 Em quasi todo o Mundo, pelo Imperio,  
 Que expôz na terra, e mar, posto q̃ esteja  
 Menos bãrbara, e inculta, com as luzes,  
 Que recebe da Europa, nunca póde,  
 Por mais q̃ à policia se acommode,  
 Extinguir a brutal ferocidade,  
 Que alcançou, ou bebeu da sua origem:  
 Sempre com este arrojo se derigem  
 Os dictames da Corte, e da Campanha;  
 E contra os Lusitanos mais se acende  
 Este ìmpeto ferôz, pela vehemencia,  
 Que tem no nosso ferro experimentado,  
 Ou talvez pelo damno, que causado  
 Lhe tem o invicto braço, sempre ardente,  
 Já no berço do Sòl, já no occidente.

De mosquetes, de adargas, e de alfanges  
 As armas se compunhaõ destas tropas,  
 De que eraõ Capitaens Schir Ablema,  
 Mûza Azêm, Coge Upí, Jafat Zulema,  
 Mir Homâr, Zaide Abaâl, Unôz Zeinale,  
 Bagûer Ráz, Keide, C,ûfa, e Jacit Ale.

O Hidalcaõ parecia se agradava

De ver huma taõ fera, forte, e brava  
 Guarniçaõ, em que entende se assegura  
 A defeza de Goa, contra a dura,  
 Terrivel invasaõ do nosso esforço;  
 E presume que pode sustentarse  
 Dentro já da muralha, sem receio  
 De q̃ não ceda à força, e mais ao espanto  
 Dos barbaros pendoens (que guarneciaõ  
 Os soberbos aspectos da Cidade)  
 Toda a nossa gloriosa heroicidade.

Observava este alegre pensamento  
 Hum dos Gentios, que andaõ sempre errando  
 Por varias terras, nûs, sem outra ideia,  
 Que, cingidos de huma aspera cadeia,  
 Em lugar de Cilicio, dar ao povo  
 Hum b̃rbaro exemplar, hum rito novo  
 De huma hypochrita, ruda penitencia:  
 Chamaõ se Jogues estes Vagabundos;  
 E bem que taõ perversos, taõ immundos  
 No intento, e nas acçoens; taõ venerados  
 Saõ de todos aquelles Principados,  
 Que nem o maior Principe oufaria  
 Não soffrer qualquer tofca demasia,  
 Que elle intentar quizesse: Inda q̃ o Jogue  
 No mais odioso impulso defasogue

Toda a sua maldade, não se atreve  
Alguem a darlhe o estímulo mais leve,  
Que o possa desgostar; pois se presume  
Que faz tudo, com luz de excelso lume,  
Sem que haja alguma infamia, algũ defeito,  
Que desmintá o firmíssimo conceito,  
Que se tem concebido na Eminencia  
Da Virtude, que inculca: Abominavel,  
Nefanda, e horrivel feita! onde hũ precito  
Julga por Santidade o seu delito.

Quasi toda Esta gente tem commercio,  
Com o infame dragaõ; e este que via  
Nos successos passados, que a Cidade  
Se achava no perigo de Renderse,  
Pertendeu que o Hidalcaõ não chegue a verse  
Entre os mortos talvez, ou prisioneiros,  
Querendo que os Estimulos guerreiros  
Do seu furioso arrojo, se guardassem  
Contra as nossas Conquistas; e excitando  
Do Jogue a ousadia a este projecto,  
O faz sobir ao Paço, a onde diante  
Do tyranno, com voz altiva, e forte,  
Expoem o seu conceito, desta forte.

Vós estais na verdade bem contente

De veres neste Exercito emplumada  
 A feliz Esperança, de que seja  
 Victoriosa a Cidade, e as Vossas tropas  
 Confição na trincheira, ou na muralha,  
 O brilhante triumpho da batalha.

Porem se he que me lembro q̃ o Sabaio,  
 Vosso sublime Pai, expugna Goa,  
 Sem embargo de ter doze mil homens,  
 Que a entrada lhe embaração, não confio  
 Que nove mil intentem com mais brio  
 Defendella, e inda nella assegurarvos  
 De não ser prezo, ou morto: Se lembrarvos  
 Quizerdes de que o Reino, q̃ hoje tendes,  
 Pertence de Mamud à estirpe antiga:  
 Que da ambição a hydròpica fadiga  
 He que o arrancou da origem, que tivera:  
 Menos constante agora se devera  
 Presumir; Os Estados, como as fontes,  
 Que descem despenhadas de altos montes,  
 Quasi sempre se vem; porque o destino,  
 Já depois de arrojallas, perde o tino  
 De as mover por hum transito seguro:  
 No valle fertil, ou no bosque escuro  
 Giraõ, sem eleição; e pelos prados  
 N'hum instante as Correntes divididas

Se achaõ com outras agoas confundidas.

Se acafo lesteis algum dia a hyftoria  
 Dos mais potentes Reis, fazei memoria  
 Do fim, em que parou tanta potencia:  
 Quero só que advirtais neffes prodigios  
 Mais visinhos ao noſſo Clyma: Todas  
 As acçoens de Alexandre, em q̃ pararaõ?  
 Lembrança apenas há deſtas proezas:  
 Quantos Reinos, Provincias, e Cidades  
 Suspiraraõ na ſua tyrannia,  
 Paſſaraõ n'hum momento a outro jugo:  
 Vede as de outro phrênético verdugo  
 Da Eſpecie humana, como foi aquelle  
 Soberbo Timur-Bec: tantas façanhas,  
 Tanto horror, tanta empreza, huma torrente  
 Quasi instantanea foi, que de repente  
 Innundou, e acabou: É porque cauza?  
 Porque tudo foi feito com infulto,  
 Com paixãõ, com fereza, e latrocinio:  
 Que juſtiça, ou que ſólido dominio  
 Levou o Macedonio à Capadocia,  
 A<sup>o</sup> Caria, à Pamphilia, à Jônia, à Lydia?  
 Com que direito o Tártaro ſobjuga  
 A Provincia dos Parthos, e amodrenta  
 Moſopotamia, e Egypto, a India aſſalta,

E força iada as muralhas, com q̃ alhina  
 Se aparta da Tartaria? Determina  
 O fado por ventura esta insolencia,  
 Senão per se vingar na decadencia  
 Da fraudulenta gloria das Conquistas?  
 Mas já permitto que as doiradas vistas,  
 Com que o Sceptro se adorna, vos empenhe  
 A coufervar o Estado, que vos deixa  
 A Vossa Regia herança: Porem falta  
 Saber se deste Estado sois taõ digno,  
 Como talvez cuidais: Sois **Rei**: bastante  
 Hã de ser este nome a **que arrogante,**  
**Injusto, duro, b̃arbaro, Violento**  
**Vos faça no seu mesmo luzimento?**

Sabeis o **que he** ser **Rei**? Se acaso o vires,  
 Não he mais, que huma guarda luminosa,  
 Que ao bem commum se dà, e huma Vigia,  
 Que està sempre velando em quanto os Povos  
 Dormem sobre o descanso, em q̃ o cuidado  
 Constitue o Esplendor do Principado.

Não julgueis que he samente preeminencia  
 O Reinado, e que pode a negligencia  
 Ser compativel com o seu caracter:  
 O Sceptro he mais pensãõ, que beneficio,

Menos regálo a Púrpura, que officio.

Naõ perfumais que os Reinos se despojaõ  
 Da liberdade, e a hum homem se fogeitaõ,  
 Pelo fazer semente mais felice;  
 E elles menos gostosos: Que doidice  
 Neste discurso houvera, se chegasse  
 A intentallo o furor da ideia humana?  
 Aquella authoridade soberana,  
 Que a hum só se concede: aquelle imperio  
 Que o Rei tem sobre as vidas, e costumes,  
 Naõ he para o fazer mais venturoso,  
 Mas para se mostrar mais cuidadoso  
 Na concordia, e interesses dos Vassallos:  
 Nada està mais distante dos regalos,  
 Do que hum justo Diadema; pois se obriga  
 Continuamente à intrinseca fadiga,  
 Com que do estado as dependencias varias  
 (Muitas vezes difficeis, e contrarias)  
 A intellegaçõ lhe occupaõ; trabalhando  
 De que forte hà de expor-se o regio mando,  
 Sem que na fogeiaõ, ou no desinio,  
 Possa sentir-se o pezo do dominio.

Na verdade que fez hum bom discurso  
 Quem chegou a entender q̃ era hum escravo

Da Republica o Rei entre as cadeias  
 De hum brilhante metal: Elle não logra  
 Vontade, ou gosto, que se não derija  
 Do Povo a todo o bem: Se ha quem colija  
 Que he este intento hypòchrita, e os effeitos  
 Não desmentem talvez estes conceitos,  
 Em maior oppressão a monarquia  
 Se vê, com esta horrenda hypochrisia,  
 Pois se quer Encobrir a atrocidade  
 No fraudulentó manto da bondade.

Tu ès o mesmo, O<sup>o</sup> Rei, que o Ceo imploras  
 Tres vezes cada dia, com as preces,  
 Que *Sob*, \* que *Dor*, e *Magareb* se chamaõ:  
 E todos os teus Sùbditos proclamaõ  
 Que isto he só huma falsa cerimonia;  
 E com huma affectada Santimonia  
 Pertendes occultar toda a fereza,  
 Que no teu peito anìmas: Desconheces,  
 Por mais q̃ os teus designios escureces,  
 Que encobrir torpemente ancioso intentas  
 (Inda que tanto mal do bem se ajude)  
 Os Vicios, com a capa da virtude?

Bem Sabes que inda em Vida do Sabaio

An-

\* Assim se chamaõ as oraçoens, q̃ os Mouros, pelo seu Alcoram, são obrigados a fazer pela manhã, á tarde, e á noite.



Andavas n<sup>o</sup>hum furioso, ardente enfaio  
Das iras mais cruentas de Mavorte,  
Mostrandote soberbo, altivo, e forte,  
Com os tristes, afflictos Bisnaguezes:  
Que te fez esta gente? Alguma injuria?  
Se a remittiras, foras mais egregio:  
Naõ fica, com mais alto privilegio,  
Hum homem nobre, se o perdaõ do aggravo  
Dá ao seu inimigo? Ha quem presuma  
Que outra lei pode ter algum Monarca,  
E que deve aceitar novo dictame?  
Naõ he este o mais fino, e illustre exame  
De hum Espirito grande? Naõ convinha  
Ao Principe inda mais esta grandeza?  
Pois como nessa miserã fraqueza  
Pertendeis parecervos com a plebe  
Mais desprezada, e humilde; e ao mesmo tempo  
Intentais conservar de Rei o nome?  
Por essa vil paixã, que vos consome,  
Quereis sacrificar à Parca dura  
Tantas vidas no campo, e nos assaltos?  
Por hum louco capricho, ou pelo intento  
De huma bruta ambiçaõ, tanto portento  
De batalhas, e estragos? Tanto arrojõ?  
Tanta tribulaçaõ? Tanto despojo?  
Tanta miseria, e morte se destina?

Tanto horror? Tanto mal? Tanta ruina?

Aqui, O<sup>h</sup> Hidalcaõ, se affombra, e espanta  
 O meu discurso! He crível q̃ a garganta,  
 O peito, o alento, o esforço destes loucos,  
 Que se alistaõ de baixo das bandeiras,  
 Entre o furor das màximas guerreiras,  
 Se offreça por hum gosto, \* e empenho estranho,  
 A<sup>h</sup> mísera, à violencia, à morte, à fome?  
 Não pòde ser maior, nem pòde dar-se  
 Outro delirio igual, nem pòde achar-se  
 Na horrivel direçaõ da Sorte Escura,  
 Mais fatal, mais funesta desventura.

E inda affim os que estaõ ao vosso lado  
 Vos dizem que isto he ser Monarca § insigne,  
 E que isto he ser herõe, sem q̃ se indigne  
 Hum alto Resplendor de que se chame  
 Indole egregia a hum impulso infame,  
 Generosa ambiçaõ a huma Violencia,  
 A<sup>h</sup> furia, à impiedade, à insolencia,  
 A<sup>h</sup> animo, esforço, e alento: Entre os horrores  
 De perversos, infieis aduladores  
 Viveis, sem conhecer o vosso engano:

Cer-

\* Quidquid delirant Reges, plectuntur Achivi. Horat. lb. 1. Epistol. epist.  
 2. ad Lolium.

§ Descrevem-se os costumes, e pensamentos de hum tyranno.

Cercado do cortejo deshumano  
 De Serpentes domèsticas, não vedes  
 A traição de hum deleite, tão obsceno,  
 Que introduz na doçura o seu veneno.

Tão desgraçado sois, q̄ não ouvindo  
 Mais, que o Canto mortal destas Sereias,  
 Tendes sempre occupadas as ideias  
 De huma falsa apprehensão; e a tal desgraça  
 Vos tem já destinado o desalento,  
 Que nunca, senão hoje, conhecida  
 Foi talvez a verdade em vossa vida.

Ousareis presumir que os outros homens  
 São de diversa Especie, e que gerados  
 Foraõ só para vòs? Que he Captiveiro  
 A fogueição Civil? Que sempre inteiro  
 O Idolo \* há de estar do vossò gosto?  
 Que todo o objecto se hã de ver disposto  
 Muito à vossã vontade? Que o diadema  
 Não hà de ter Espinhos? E que a traça  
 Não há de achar a Purpura? O<sup>o</sup> desgraça  
 De hum triste, de hum fatal deslumbramento,  
 Se tal vos tem subido ao pensamento!

X 2.

Ge-

\* São os gostos desta vida como os Idolos, q̄ (em Ifaias) de Babilonia, se não pediaõ levar inteiros.

Bluteau no Vocabul. dos Synonim; e phras. Portuguez; verb. gosto.

Geme em fim a justiça, e a sociedade  
Recíproca do Reino: Geme, e grita  
N'hum jugo intoleravel: Sempre afflita,  
Por mais q̃ grite, e gema, nunca chegaõ  
Os seus funestos ais ao voffo throno;  
E se os seus ecos foraõ percebidos  
Alguma vêz, ouvisteis os gemidos,  
Como lifonja, ou como confonancia  
Da voffa inexoravel arrogancia.

Effes tributos, que extorquês dos Povos,  
Naõ entendeis que fejaõ só tributos,  
Que se devaõ ao Solio, mas offertas,  
Que à Deidade se offrecem; requintando  
No sacrilego horror da idolatria  
Inda mais a oppressaõ da tyrannia:  
Naõ do Reino aos encargos se derigem,  
Mas a todos os crimes, que fomenta  
O appetite, o deleite, o fausto, o luxo:  
Banhados com as làgrimas dos pobres,  
E envilicidos na oppressaõ dos nobres,  
Por toda a parte estaõ vertendo fangue:  
E Vòs fois, como o Tigre, que no monte,  
Quando a preza nas garras se lhe offrece,  
Mais à vista do fangue se embravece.

Quem há que esteja firme, ou q̃ descance  
 Na Cidade, na Villa, na montanha,  
 Por mais que da innocencia se confie?  
 Quando menos o cuida, sem fazenda,  
 Ou sem Vida se Vê, sacrificado  
 Ao chifme fraudulento do inimigo:  
 Ninguem Vive, sem medo, nem perigo;  
 E sempre está temendo que a bondade  
 Se Veja em tanto escândalo fogeita  
 Ao bárbaro furor de huma sospeita.

Toda a força do hydròpico dominio  
 Fundais em hum frequente latrocínio,  
 Instado de huma horrífica coragem:  
 Pondes a Escravação na Vassallagem;  
 Dais samente os ouvidos à injustiça:  
 No incendio da ambição, e da Cubiça  
 He onde se perfuma o Vosso throno:  
 Não tem algum amparo, algum abono  
 A miseria, a pobreza, o desamparo:  
 Tudo naufraga neste golfo avaro:  
 Da vossa obstinação: Q' crime horrendo  
 O indulto não achou nas Vossas iras?  
 Que enganos, que traiçoens, e q̃ mentiras  
 Não tiverão asylo entre os furores  
 Do Vosso injusto alento? Que rigores

Naõ tem visto o valor, a honra, o brio  
Neste torpe execrando Senhorio?

Tem havido delicto, arrojo, insulto,  
Ou seja manifesto, ou seja occulto,  
Que naõ tenha, com fera iniquidade,  
Infamado o Esplendor da Magestade?

Que Nume conheceis, que vos confinta  
Tantas revoluçoens facinorosas?

Cuidaisq̃ nas Espheras Luminosas

Hã Deidade, que tanto dissimule?

Que hã premio para culpas taõ enormes?

Concebeis a Sacrilega Esperança

De que naõ hã Castigo, nem Vingança

Para tanta maldade? E q̃ esse excelso

Impulso de huma Maõ Omnipotente,

Bem que seja taõ plácido, e propicio,

Dará pena à Virtude, indulto ao Vicio?

Tendes Visto as accoens, que os Lusitanos

Tem obrado na India? Os mais q̃ humanos,

E espantosos prodigios, que tem feito

Neste nosso hemispherio? Que sojeito

Tem quasi o Malabar, e amodrentado

Aquellas ondas, onde nasce a aurora?

Que sempre, e em toda a parte vencedora,

Das

Das Quinas a bandeira açoita o vento ?  
Que dominando a furia do Elemento  
Mais atôz, e inconstante, defataraõ  
O enredado furor do Tormentorio?  
Pois de que nasce arrojo taõ notorio,  
E taõ alto valor em tanta empreza?  
Será maior, que a nossa, a fortaleza  
Do seu horrivel braço? Por Ventura  
Somos de outras feiçoens, de outra figura,  
De outra especie? Naõ fomos todos homens?  
A guerra naõ sabemos? As Campanhas  
Desconhecidas saõ, ou saõ estranhas  
A taõ Vastas Naçoens? O Indo, eo Ganges  
Naõ deixamos na furia dos alfanges  
Convertidos em sangue? Naõ rendemos  
Cidades, e Castellos? Naõ fundamos  
Varios Reinos na Asia? Naõ estamos  
Atequi na opiniaõ de Valerosos?  
Pois como naõ ficamos Victoriosos  
Desta gente tambem? Sabeis a causa?  
Talvêz que a naõ tendeis inda advertido:  
Sabei pois que esta gente outro sentido  
Naõ tem, que obedecer ao seu Monarca,  
Com taõ grande ambiçaõ, q a mesma barca  
Passaraõ de Charonte; e o monstro horrendo  
Das tres gargantas, que defende o Abismo,

A<sup>2</sup> presença do Rei traráõ fogeito,  
Se tanto lhes mandar o seu preceito.

E donde vem taõ ràpida ouzadia?  
Vem de que os Reis da sua Monarquia  
Menos Reis, do que Pais dos seus Vassallos,  
Se tem mostrado, desde a sua origem:  
Aqui naõ se governaõ, \* nem dirigem  
Os Povos, com o pezo do dominio:  
Mais o amor, que o poder: o patrocínio  
Mais, que o rigor, alenta a Magestade:  
Aqui naõ se consente atrocidade,  
Nem furto, nem escandalo, ou violencia:  
As leis lhe daõ exacta providencia;  
E he o Rei o primeiro, que as consulta  
Para haver de observallas: Este exemplo  
He que funda, conserva, e adorna o templo  
Da justiça, da páz, e da concordia;  
Pois quando o Rei se fâz huma lei viva,  
Naõ ha lei mais feliz, nem mais activa.

Se eu quero agora comparar o Reino,  
E o ardor dos Portuguezes, com o Vosso:  
De huma parte o Valor, § de outra a inconstancia,

\* Anthitesi dos costumes, e pensamentos da tyrannia, q̄ deixamos propostos.

§ Ex hac Parte pugnat pudor: illinc petulantia: hinc pudicitia: illinc fraud-



Combatendo a fraqueza, com o alento:  
 Oppondose à modestia, a petulancia:  
 A<sup>o</sup> Vista da Verdade, o fingimento:  
 Deste lado a Virtude, e a pudicícia,  
 E do outro lado o Escandalo, e a malicia:  
 Daqui toda a paixãõ, toda a discordia,  
 Dalli todo o vigor, toda a concordia;  
 Serà preciso que vos diga hoje,  
 Que Goa està perdida; e se estais nella  
 Naõ deixareis no Estimulo guerreiro  
 De vos achar, ou morto, ou prizioneiro.

Disse o Jogue; e o Hidalcaõ, q̃ nunca tinha  
 Da verdade o semblante conhecido,  
 Taõ perturbado estava, e enfurecido  
 Ao claro Resplendor, que o fulminava,  
 Que parece que a cólera lançava  
 Horríveis labaredas pelos olhos:  
 Quizera que ao furor de tantas iras  
 Ficasse em cinzas convertido o Jogue,  
 Mas inda que vilmente entãõ se afogue  
 Na impaciencia feròz de huma vingança,

Por

datio: hinc pietas, illinc scelus: hinc honestas: illinc turpitude: hinc continentia:  
 illinc libido: Denique æquitas, temperantia, fortitudo, prudentia, virtutes omnes  
 certant cum iniquitate, cum luxuria, cum temeritate, cum vitiis omnibus.  
 Postremè, copia, cum egestate; bona ratio cum perdita; mens sana cum amen-  
 tia: Denique spes, cum omnium rerum desperatione confligit.

*Cicer. in secund. contr. Catilin.*

Por mais que horriavelmente não descança  
 No desejo cruel, no fero intento  
 De castigar tão grande atrevimento,  
 Raivoso se detem: Não porque tema  
 Que se offenda algum Nume do Castigo,  
 Pois no seu pensamento não se Escuta  
 O poder das Deidades; mas discorre,  
 Que o matar este ousado penitente  
 Daria hum tal escândalo, que a gente,  
 De todo o seu dominio, o deixaria  
 Solitario na sua tyrannia:  
 Mais Sacrilego, e infiel o seu cuidado,  
 Quando está mais piedoso, e reportado.

Qual a improvisa, rápida desordem  
 Da torrente, que o Inverno acrescentara,  
 Sobre o Valle profundo se despenha;  
 E quanto mais se anima, e mais se empenha  
 Para insultar a frente do arvoredor,  
 A solida fachada de hum rochedo  
 Lhe suspende o furioso precipicio;  
 E detida no tosco frontispicio,  
 Pula, e grita, insta, e salta, e se enfurece:  
 Desta sorte he que para, e se embravece  
 Ao mesmo tempo o Bárbaro, encontrando  
 Contra a sua orgulhosa atrocidade,

Do Jogue a sempre firme authoridade.

A' quadra se retira mais occulta,  
Que tinha o seu Palacio; aqui consulta  
Com o seu coração todo o receio,  
Que o Jogue lhe influira: Que a muralha  
Deixasse lhe aconselha o torpe espanto,  
Que o discurso lhe insulta: Que ficasse  
Lhe insta o decoro, e a ideia, que aprezença  
Darà hum novo alento na defenfa  
Da trincheira, e do muro: Duvidoso  
Naõ sabe resolverse; atè que a ancia  
De huma, e outra movida repugnancia,  
Cansando o Vago Espirito, descaie,  
E fica tanto Estimulo molesto,  
De Morptheo no parèntesis funesto.

A CON-

# A CONQUISTA DE GOA.

Poema Epico.

## CANTO X.

**O** Indòmito dragaõ, que não deseja,  
 Que o tyranno se envolva no destroço,  
 Que à Cidade receia, e não o vendo  
 Inda firme no intento de auzentarse,  
 Emprende que elle chegue a confirmar-se  
 De Goa no retiro: A Effigie toma,  
 N'hum momento, do sòrdido Mafoma,  
 E entra na quadra, onde o Rei se entrega  
 Ao descanso do leito; e apenas chega,  
 Com ronca vôz, que o tecto, e o centro abala,  
 O pavimento, e o horror de toda a Sala,  
 Lhe diz: Acorda, O' misero tyrãno,  
 Deste sono, em que o torpe, rudo, infano,  
 Fraudulento descuido te tem posto:  
 Ergue, O' Rei infelîz, o triste Rosto,

Para

Para veres o Empenho desgraçado,  
Em que te mete a forte, e te abre o fado.

Acorda, acorda (mais furiosamente  
Repete a vóz da horrífica serpente)  
Então he que acordou Espavorido  
Do trovão, do terrífico gemido  
O perturbado Rei: Do leito salta,  
E achando junto a si o vulto horrendo,  
Mal sabe resolverse, não podendo,  
Nem fugir, nem deterse: Por ventura  
(Lhe diz agora a pàllida figura)  
Conheces quem eu sou, ou quem te inquieta  
Nesse infausto lethargo? Se o Propheta  
De Meca não és tu, que vezes tantas  
Tenho visto nos mármorez aberto,  
Não sei quem possas ser (o Rei responde  
Com hum trêmulo accento) sò por onde  
Me parece que aqui te desconheço  
(Continua o tyranno) he pelo traje,  
E pelo afogo, em que te vejo: Vinha  
Sem o adorno da Arabia a sombra horrivel,  
Sem Capelhar, turbante, nem marlota:  
No suffocado anêlito denota  
Toda a paixãõ, em que arde: No pescosso  
Huma corda de Esparto, aspero, e grosso

Inda mais os alentos lhe embarça ,  
 Com os diversos giros, com que aperta  
 Varios nòs na garganta : Como àlerta  
 Não te pòens neste fûnebre perigo?  
 (Torna a dizer o Espectro) està Comtigo  
 Quasi imminente o estrago, e inda descanças?  
 Tens sobre ti as mais furiosas lanças  
 Desta gente invencivel , e inda dormes?  
 Quasi que estaõ as iras mais enormes,  
 Que pode dar a guerra, combatendo  
 As portas da Cidade ; e tu vencendo  
 Inutilmente o assombro, que te accusa?  
 Tu a negar o horror, que adevinhando  
 Te està este destroço míserando?  
 Tens de frente... He preciso q̃ to exponha  
 Mais de huma vez? De frente os Portuguezes,  
 Contra os quaes, nem coiraças, nem arnezes,  
 Nem dardos, nem alfanges, nem escudos  
 Detem o arrojado de seus golpes rudos;  
 E queres persistir, e estar em Goa?  
 Se os não suspendem, nem de Marte os raios,  
 Como pode a ofradia dos Malaios  
 Deterlhe o impulso indocil? Os Resbutos,  
 Que faraõ nos Empenhos resolutos?  
 Os Arabes, os Guéos, Bramàs, e Rumes,  
 Como sustentaraõ os igneos gumes

Da sua ardente Espada? Todo o arrojo  
 Dos Gôlgondolos, cuidas que despojo  
 Não ferà do seu braço enfurecido?  
 Fartaquezes, e Gunos, que partido  
 Tem com esta Nação? A Fortaleza  
 Já de Zocotorà, não defengana  
 A Fartàque, que a gente Lusitana  
 He maior, do que toda a fantasia  
 Da sua blazonada valentia?

Teme, O<sup>o</sup> Rei, teme o affalto da Cidade:  
 Guarda para outro tempo a hostilidade,  
 Que desejas fazer aos Lusitanos:  
 Não tens hoje os decretos soberanos  
 Da parre do Alcoram: em outra hora  
 Veràs tua bandeira vencedora,  
 E disporão as Mâximas divinas  
 Que as Luas se collòquem sobre as Quinas:  
 Convencete que he muito necessario  
 Cederes a este influxo: o Ceo contrario.  
 Te Vejo nesta guerra; e não permite  
 Que a razão se lhe peça do que intenta:  
 Fuge desta terrifica tormenta  
 Que a Goa se prepara: Fuge logo,  
 Antes que de repente estoire o fogo  
 Deste tremendo impulso; e se o dilatas

Sem deixar a Cidade de improvizo,  
Nãõ digas ao depois q̃ eu nãõ te aviso.

Disse; e desfezse em ar no mesmo instante:  
Jã nãõ se achava incerto, e vacilante  
O tyranno na duvida, que tinha;  
Ciega logo a entender que lhe convinha  
Auzentar-se de hum sitio taõ infausto,  
E taõ mal auspocado pelas vozes  
Do Jogue, e do Propheta: e determina,  
Antes que saia a chama matutina,  
Da Cidade partir: Grita aos Criados,  
Que acordaõ nesse tempo alvoraçados.  
Ordenalhe que a Corte esteja prompta;  
E sem demora alguma no Palacio  
Convoca os Capitaens; porque receia  
Que talvez se intimide a sua ideia  
Vendo a Goa deixar na quelle empenho,  
E com tanto repente: Algum desenho  
Pertende excogitar no peito astuto,  
Que possa ser bastante a que pretexto  
A repentina fuga, sem que solte  
Ao publico, o motivo, que a prepara:  
Dava-se no tyrano a astucia rara  
De encobrir, com politicos recursos,  
A mais Viva tençaõ dos seus discursos:



Grande artifice, e a gente de diversas,  
 Dolosas perspectivas: as adversas,  
 Infaustas prediçoens o atemorizaõ,  
 E posto que os Estragos authorizaõ,  
 Não defalenta a mísera esperança  
 De errarem nos auspícios: Junto estando  
 Daquelles cabos o congresso todo,  
 Lhe falla, inda assombrado, deste modo:

Tenho advertido que não he decente  
 Ao meu Regio decoro, que presente  
 Me Veja à Expugnação, q̃ o intento insano  
 Deste fero, atrevido Lusitano  
 Fazer pertende a Goa: Quando a Vossa  
 Intrépida Coragem se mettesse.  
 Entre o furor das armas, não podieis  
 Esperar do meu inclyto ardimento,  
 Que a inacção me infamasse tanto alento;  
 E não despem os Reis os seus alfanges  
 Se não com outros Reis: Fora indecencia  
 Que eu fosse o que fizesse a resistencia  
 A este ajuntamento de Pyratas;  
 E nesta improporção, eu não descubro  
 Outro meio mais nobre; e decoroso,  
 Que auzentarme, e deixarvos no animoso  
 Empenho desta empreza: O senhorio

Deste Estado de vòs he que confio;  
 Vede agora o conceito, que hoje formo  
 Das tropas, que mandais, e o da firmeza  
 Da vossa illustre, e ardente fortaleza.

Disse; e no mesmo instante se retira  
 A Chandragàm, lugar, que nove legoas  
 Distava da Cidade, onde pertende  
 Na tímida eleição deste regresso.  
 Receber a noticia do successo.

No tempo, em que o Hidalcaõ se retirava,  
 O HEROE em toda a armada promovia  
 A Expugnação de Goa: Elege o dia  
 Da quella invicta Santa, a quem a Igreja  
 Concedeu o Carácter de Doutora;  
 E antes que ao Mundo esclarecesse a aurora,  
 Subindo os Capitaens à Capitana,  
 E todos os Fidalgos, que interessa  
 Nesta empreza o valor, e aquella gloria,  
 Com que buscaõ na fama, huma memoria,  
 E huma vida, que nunca desfalece,  
 Pendentes do que Affonso lhes mandasse;  
 Primeiro do que as ordens declarasse,  
 De agrado o seu semblante revestido.  
 Seu ànima explicou neste Sentido.:

Escuso de trazervos à lembrança  
 Quanto havemos passado nestas ondas,  
 Em que outra vêz estamos: Não ignoro  
 Que se me fora licito acenderme  
 Então no illustre ardor do vossô impulso,  
 Veríamos a terra, e o mar convulso  
 Antes que me auzentasse: Não teria  
 Essa muralha, pedra, que primeiro  
 Não servisse no Estímulo guerreiro  
 De sepultura a quantos presumissem  
 Defender a Cidade; mas faltava  
 O sustento, e crescia a chama brava,  
 Que, sem elle, se extingue: Este conflicto  
 Se eu não fosse a evitallo, por delicto  
 Se me havia de dar; porque não pode  
 Prevaler em tal calamidade  
 Nenhum valor, nenhuma heroicidade.

Que importa que ficasse reduzida  
 A cinzas a Cidade, se Envolvida  
 Ficasse a armada neste mesmo estrago  
 Com a falta de Viveres? Não tenho  
 Mais Viva admoestação, maior empenho  
 De quem me pôz na altura deste officio;  
 Que salvarvos a vida, e o precipicio,  
 Que tráz Comsigo a guerra: O Rei attende

A<sup>p</sup> Vida de hum Vassallo mais, q̃a quantas  
 Cidades, e thesoiros nos inculca  
 A Conquista da India: Esta clemencia,  
 Se vos conserva sempre na eminencia  
 De hum impavido esforço, a mim me obriga  
 Tambem a excogitar que se cõfiga  
 Esta Regia bondade; e que esta armada  
 A veja pontualmente praticada.

Hoje, que livres já da quelle afogo,  
 Não podemos temer que apague o fogo  
 A o militar impulso a força iniqua,  
 Com que a fome acomete o nobre alento :  
 Agora, que trazemos provimento  
 De viveres, de pólvora, de ballas,  
 De montantes, de lanças, e de arnezes;  
 E Vós sois inda os mesmos Portuguezes,  
 Que deixasteis aqui depositados  
 Esses mesmos lugares, de que os fados  
 Vos arrancaraõ com violencia injusta;  
 E que inda quentes Vossa mão robusta  
 Os acharà talvêz, quando Voltares  
 A occupar com façanhas singulares  
 Aquelle mesmo assento, em que vos Nisteis;  
 Escusarei de Exporvos a grandeza  
 Da nova, não, da repetida empreza,

Para que tanta ardente, egregia chama  
Se acenda no clarim da vossa famâ.

Se acaso não foi digna deste esforço  
A redução primeira da Cidade;  
Porque nunca estimais o que a disputa  
Das armas não consegue; hum nobre objecto  
Tendes agora á vista: O altivo aspecto,  
Que Goa nos offrece: Essa muralha,  
Que inculca a mais terrífica batalha:  
A guarnição ferôz, de que as bandeiras  
Nos mostraõ tantas còleras guerreiras:  
Das bombardas a frente formidavel,  
Tudo fâz esta empreza inacessivel:  
E quanto mais medonha, e mais terrivel;  
Mais capâz de chamar a vossa gloria  
A os sublimes applausos da Victoria.

Eu só por alegrar o vosso arrojo  
Tenho augmentado mais, do que devera;  
A carranca do Empenho; pois se advirto  
No affombro, que estes Bãrbaros mostraraõ,  
Quando os vossos alentos expugnaraõ  
O Forte de Pangî: Se confidero  
Que he menos esforçado, do que fero  
O impulso desta gente, que pertende

Sustentar a Cidade; e que a Constancia  
 De hum ânimo guerreiro na arrogancia,  
 Na crueldade, e braveza, não consiste:  
 Se vejo que a esperança, que hoje assiste  
 A Gôa em defenderse, só se funda  
 De humas tropas na força vagabunda,  
 Que não attende mais, que aos estipendios  
 Do soldo, que recebe; e que a os incendios  
 Do alento militar os não anima  
 A influencia da patria, o amor do Clyma,  
 Nem o querer salvar nesta contenda  
 As mulheres, os filhos, e a fazenda;  
 Devo entender q̃ o empenho, q̃ defronte  
 Da nossa vista está, não he tão grande:  
 Como talvêz se entenda; e quando o fora,  
 Qual de nós desconhece, ou qual ignora,  
 Que todos pela gloria Portugueza,  
 Pela honra do Reino, pela fama  
 Da Nação, e do Principe, seguimos  
 Estes altos intentos? Que opprimimos  
 As Ondas? Que as borrascas combatemos?  
 Que os Ventos excitamos? Que os extremos  
 Do Fado, e da fortuna, são despojo  
 Da nossa expectação, do nosso arrojo?

E se este fundamento he só bastante

Para romper as portas de diamante,  
 Que o Cerbèro defende, aceso em ira;  
 Quanto mais se este espirito conspira  
 A se estender a LEI, o culto, o rito  
 De hum Verdadeiro DEOS, contra o maldito,  
 Torpe, nefando ardor, que se concede  
 Ao dictame Infernal de Mafamède?

Se de mim presumis que vos alento  
 Talvez com hum sublime pensamento,  
 Dizer podera agora que a Victoria  
 Vos esta promettida no desfinio  
 De excelso, antecipado Vaticinio;  
 E que Gôa de Christo ha de ser hoje:  
 Que aquî destina o Ceo que se despoje  
 O orgulho Mauritano das insignias,  
 Com que se adorna o bârbaro profeta;  
 E naõ nos resta mais, do que a cometa  
 O Vosso ardente impulso este execrando,  
 Raivoso propugnaculo do Abismo:  
 Com horrivel, violento parocismo  
 Acabarà Mafoma entre a Robusta,  
 Bellicosa oppressão do invicto braço:  
 Primeiro, do que ao golpe, ao horror do ameaço  
 Talvêz que a palma Victoriosa siga:  
 Lançavos sobre a còlera inimiga;

E entre os Ecos horríficos da guerra,  
Ponde a Espada no punho, e o peito em terra.

Disse; e já nos semblantes do concurso  
Se estava vendo o effeito, que alcançaraõ  
Estas Vozes do HEROE: Todos clamaraõ  
*Guerra guerra*; e inda mais se commoveraõ  
Quando as trombetas, e os tambores deraõ  
O signal de que a amarra se recolhe:  
Porem antes que a Vèlla se desfralde  
Reparte \* Affonso a os Capitaens o intento,

E

\* Ordenou que todos os navios pequenos, e de remo, que demandavaõ pouca agoa, a noite ante do dia de Santa Catharina, que elle esperava tomar terra, fôssẽ tomar aquelle pouso, que era junto de outra porta da Cidade que he onde desembarcaõ todalas cousas, que pagaõ direitos per entrada, em huma caza grande, que ali està a que elles chamaõ Mandovij, ao modo das nossas Alcaudegas, e por esta causa se chama esta porta de Mandovij, em os quaes navios hiaõ Duarte de Mello, Francisco Pantoja, Affonso Pessoa, Antonio d' Abreu, Fernaõ Feijõ, e outros; porque sentindo os Mouros de noite que os nossos tomavaõ este lugar, acudiriaõ ali com alguma força para defabafarem os lugares de baixo, onde Affonso de Albuquerque queria desembarcar, repartido por esta maneira em duas partes: Elle havia de fahir ante de chegar à tranqueira, e hir por fora della tẽ encavalgar o alto junto do muro; por ser ladeira acima, e trabalhar por tomar a porta, que tinha o serviçõ da ribeira, a que ora chamaõ de Santa Catharina, para entreter os Mouros de dentro da Cidade não fahirem ajudar os de fóra da ribeira, e estes não se pudessem acollher para dentro: Com que os Capitaens que elle mandava que tomassem a terra da Ribeira, ficassem Senhores della por causa das naos que elle queria queimar; e a gente que levava consigo feria a tẽ 800. homens em que entravaõ estes Capitaens: Jorge da Silveira, Jorge Nunes de Liazõ, Francisco Pereira Coutinho, Baillãõ de Miranda, Pedro d' Affonçeca, Rui Galvaõ, Antonio de Sa, Jorge Botelho, Antonio de Matos, e Simaõ Martins. O outro Corpo de gente, que ordenou cometer a entrada da Ribeira, repartio em tres partes: Huma que seria de 300 homens fahiria em baixo a respeito do sitio da Ci-

da-



E o modo de Escalar trincheira, e muro :  
 Feijò , Pantoja , Abreu , Mello , Pessôa ,  
 Com os seus combatentes , determina  
 Que occupem hum lugar , onde tem Goa  
 Hum soberbo Edificio , que na quina  
 Da muralha , de Alfandega lhe serve ,  
 Chamado Mandovî ; porque sentindo  
 Os Moiros neste sitio o desembarque ,  
 Lhe dessem maior numero de tropas :  
 Affonso pertendia com as poppas ,  
 Que governa Galvão , Martins , Botelho ,  
 Silveira , Matos , Nunes , e Coutinho ,  
 Miranda , Sà , Fonceca ; abrir caminho  
 Antes de entrar no empenho da estacada ,  
 E buscar pela Còsta alguma entrada  
 No muro , que o metesse na Ribeira ;  
 Para a porta occupar , porque a trincheira  
 Não fosse da Cidade , socorrida :  
 Dispôz que por tres partes combatida

Fof-

dade, e pouso das nossas nãos, na qual hirião estes Capitaens: Dom João de Lima, D: Jeronimo seu Irmão, Diogo Fernandes de Beja, Antonio Raposo, Gaspar Cam, Nuno Vaz de Castelbranco: Na parte de cima, que era do Mandovij havia de sair outro esquadrão de outra tanta gente, de que eraõ Capitaens Manoel de Lacerda, Aires da Silva, Manoel de Acunha, Fernão Peres de Andrade, Simão de Andrade, seu Irmão, e Gaspar de Paiva. E no meio destes dois Corpos de gente; q̄ era mais na foz da Cidade, haviã Diogo Mendes de Vasconcellos com a tẽ 150 homens, que eraõ de armaca pera Malaca de que elle era Capitaõ mor com os outros Capitaens della.

Fosse pelos tres corpos, que lhe elege :  
 De hum Esquadraõ a força se portege :  
 No Valor dos dois Limas, Cam, e Beja ,  
 Raposo, e Castelbranco : O outro se alenta  
 No Esforço de Lacerda, Silva, e Cunha,  
 De Paiva, e os dois Andrades: Hũ se expunha  
 A hum lado da trincheira; e ao lado opposto  
 O outro se destina : Fica o Rosto  
 Da Estacada ao esquadraõ do igneo Mendes :  
 O' Soberba Cidade , que pertendes  
 A' vista desta Scena bellicosa ?  
 Taõ temeraria estàs, taõ orgulhosa,  
 Que presumes que podes melhorarte ,  
 Vendo que inda o furor do proprio Marte  
 Se vira, sem alento, no conflicto  
 De tanto arrojo, tanto impulso invicto ?

Inda a Alva na Esphera naõ abria  
 Do Sol a os passos o caminho ardente ,  
 Quando a Cidade ouvia \* de repente  
 Em Mondovî a Vôz das nossas armas:

E

\* Dada esta ordem do lugar, onde cadahum havia de sahir, a primeira cousa, que metteu os Mouros em revolta, foraõ os navios de remo, que de noite com a marè tomaraõ o pouso de frente de Mandovis, que (como disse-mos) era ja no fim da Cidade, passada a frontaria della, onde estava toda a torça da sua artilharia, e defenção: Cam sentindo o rumor dos navios, e da gente do mar, que de industria o faziaõ maior do necessario, acudio quasi a mais da gente da Cidade, parecendo-lhe que per ali queriaõ os nossos tomar terra.

E presumindo que por este sitio  
 Buscavá-mos o assalto, alli se ajunta  
 Quasi todo o poder, que Gôa tinha:  
 Esta chamada falsa he que convinha  
 Ao projecto da empresa; e este era o intento,  
 Com que neste lugar o movimento  
 Se fez daquelle estrondo bellicoso;  
 Que os Capitaens formaraõ mais ruidoso,  
 Que o numero das tropas, que aqui estávaõ:  
 No entretanto os tres corpos se lançaõ  
 Sobre a frente horrorosa da trincheira;  
 E os Esquadroens dispostos na ribeira,  
 Por guarda da Estacada, descobriraõ  
 Primeiro o nosso ferro, que tivessem  
 Noticia da irrupçaõ: Já neste tempo  
 Vinha o dia subindo \* no Orizonte,  
 E já pela extensaõ da praia, e monte  
 Se ouvia em toda a parte o eco horrivel  
 Dos clarins, e tambores: E não sabem  
 Os Moiros onde acudaõ, pois em todo  
 O circulo do muro estala a chama,  
 Ferve o horror, grita o aço, a gente clama.

De

\* Però depois que elles na alvorada da manhaõ ouviraõ trombetas em tres, ou quatro partes, na Ribeira, e pela Costa acima, que eraõ as de Afonso de Albuquerque, não sabiaõ onde acudir.

De Mendes o Esquadraõ he que fosteve  
 Todo o impulso ao principio do combate,  
 Por lhe caber a parte, onde os navios  
 Dos Moiros se Empenhayaõ na defenza:  
 Era o impeto enorme, a ira immensa.  
 Nos inimigos, para sustentalos,  
 Em nõs, para rendellos, e expugnallos.

Inutilmente as hòrridas bombardas  
 Gritavaõ com as còleras bartardas  
 Do fogo, e ar nos bronzes opprimido:  
 De balde ser intenta focorrido  
 O ataque pelos Bàrbaros; pois toda  
 A praia já se achava fulminada  
 Pelo vehemente ardor da nossa espada:  
 Geral se tinha feito o horror, e a furia  
 Do indignado Mavorte: Não havia  
 Lugar, a onde a intrèpida ousadia  
 Do braço Lusitano à Parca dura  
 Não tomassè o terrífico instrumento,  
 Para cegar as vidas no momento,  
 Em que vibrava o golpe: Tinha Apollo  
 Já com a luz vencido a noite escura  
 Em todo aquelle Clyma; \* mas a sombra

In-

\* Porque ainda q̄ a luz do Sol descobria toda aquella regiaõ, naquelle sitio era huma noite de naves de fumo, sem mais claridade q̄ os fuzis de fogo ao modo de Relampagos quando se punha na escorva da Artelharia. *Ibid.*

Inda insiste no aspecto da contenda :  
 No fumo dos canhoens a nevoa horrenda  
 Resiste contra os claros resplandores  
 Do brilhante Planeta : Entre os horrores  
 Do cálido vapor, outros Luzeiros  
 Não se vem, que os relampagos guerreiros  
 Dos fuzís, e das bocas furibundas  
 De atacados metaes : as iracundias  
 Instancias do Vehemente arrojô, apenas  
 A Viista reconhece : Pelas vozes  
 Se percebe o contrario; \* e entre os ferozes  
 Movimentos, conseguem nos sentidos  
 Os olhos, menos uío, que os ouvidos.

Nem se via tão pouco a mortandade,  
 Que o nosso ferro ardente tinha feito  
 Na quella chusma indòmita : Soment  
 Se conhecia o estrago, porque a planta  
 Não piza mais, que toucas, e marlotas,  
 Chuços quebrados, e coirças rotas;  
 Sem haver, nem hum morto (côiza incrível!)  
 Inda da nossa parte : o estrondo horrivel,  
 Que forma na Ribeira esta disputa,  
 Chamou a guarnição, que dentro estava ;

\* De maneira que ali não havia conhecimento de inimigo em vista, somente em voz.

E com este socorro, inda mais brava  
 Se acende a Oppozição: Huns para entrarem  
 Por esta porta, que se tinha aberto,  
 Outros para acudir ao desconcerto,  
 Em que a praia se via: aqui renova  
 Outra vez Clotho, e Marte a maior prova  
 Da furia militar: mais se attendia  
 A<sup>o</sup> execuçaõ do golpe, que ao desejo  
 De o querer reparar: sem algum uso  
 As adargas estaõ: tudo confuso,  
 E acefo n<sup>o</sup> huma horrivel fortaleza:  
 Cheios de atrocidade, e de braveza  
 Os Gunos, e os Golgondolos entravaõ  
 Das espadas, e lanças pelas pontas  
 Para descarregar sobre o inimigo  
 As formidaveis maças: O perigo  
 Aqui naõ se conhece; só se attende  
 A<sup>o</sup> Violencia, ao furor, à ira, à raiva,  
 E a todo o fero impulso, que domina  
 O destroço, a crueldade, a morte, a ruina,  
 Para ver se nos ìmpetos descança  
 A inextinguivel sede da Vingança.

A pezar de taõ bravo precipicio,  
 Sempre enroscados de taõ feras tropas,  
 Alguns dos Capitaens na entrada insistem

Da porta da muralha; mas os Moiros,  
 Com lanças, com alfanges, com peloiros  
 Não fomite pertendem defendella,  
 Mas intentão fechalla quasi ao tempo  
 Que hum chuço lhe meteu Diogo Fernandes,  
 Para impedir que a porta o fecho unisse:  
 Deste mesmo appellido outro guerreiro,  
 Por entre tanto horror, foi o primeiro,  
 Que pela porta entrou, Vencendo a fronte  
 Do bárbaro Esquadraõ, e abrindo o passo  
 A os primerios auspícios da Victoria:  
 Dignos de igual louvor, de igual memoria  
 Foraõ tambem os outros, que o seguiraõ:  
 Entre aquelles, que mais se distinguiraõ  
 Conta da fama o applauso a Cam, e Velho,  
 Fonseca, Sousa Alvim, Vogado, Coelho,

D.

\* Finalmente no recolher por esta porta houve tal pressa, e deaccordo, e os nossos eraõ já tão entremetidos com elles, que começando de abocar o portal para entrarem todos de mistura, deraõlhe com as portas no rosto; e poro que trabalhassẽ por as fechar de todo, não poderaõ com huma chuça, que meteu entre ellas Diniz Fernandes de Mello. *lib.*

Eraõ neste tempo a entrada desta porta Diogo Fernandes de Beja, D. Jeronymo de Lima, Gaspar Cam, Antonio de Sousa, Joaõ Lopez de Alvim, Simaõ Velho, Antonio Vogado, Vasco d'Alfonseca, Francisco Coelho de Viseu, e Eudique Fernandes; o qual, ainda que nesta Relação seja o derradeiro, elle foi o primeiro, que entrou pela porta Vivo: . . .

Feita esta primeira entrada, sobrevierã estoutros Capitães, e principaes pessoas, que fizeraõ a segunda: Dom Joaõ de Lima, Manoel de Lacerda, Fernãõ Perez de Andrade, Aires da Silva, Manoel d'Acunha, Gaspar de Paiva, Antonio Garcéz, Mendassõ de Tanger: Os quaes com o impeto da Victoria, que levavaõ, de deus em deus, e de tres-em tres, com outra gente, que os seguia, começaraõ de se meter pela Cidade, onde se houverã de perd.r. . .

D. Joaõ de Lima, e Beja: Atropellando,  
 Ferindo, combatendo, e destrocando,  
 Se deixaraõ levar da lisonjeira  
 Ambigãõ do triumpho, sem medirem  
 O pequeno esquadrãõ, que os acompanha:  
 O alento quier julgallo por façanha;  
 Mas naõ sei se pertende a heroicidade  
 Que se chame este ardor, temeridade.

Os Moiros, que ja tinhaõ dado as costas  
 A taõ incauta cõlera, advertindo  
 Nos poucos, \* com que os hiamos seguindo,  
 Voltaõ cara, e se oppoem ao nosso impulso:  
 Acodelhe huma trõpa de Malaios,  
 Que poem os Capitaens no ultimo aperto:  
 O combate sustenta em campo aberto  
 O esforço Lusitano; e dos eirados,  
 Das torres, dos balcoens, e dos telhados,  
 Das frestas, claraboias, e janellas,  
 De Vulcano as terrificas panèllas  
 Contra o pequeno Corpo se fulminaõ:  
 Hum tiro de arcabûz a Cosmo Coelho  
 O espirito lhe exhàla: huma frechada

Je-

\* Tanto que os Mouros viraõ quaõ poucos os perseguiãõ, tomaraõ sobre si, e apertaraõ taõ rijamente com elles, que da quella vez mataraõ Dom Jeronny-mo de Lima, e a hum Cavalleiro por nome Cosmo Coelho, que morreu na sua Companhia.



Jeronymo de Lima deita em terra:  
 Nesta desigualdade a dura guerra,  
 Talvez que não podera sustentar-se,  
 Se nesse mesmo tempo socorrida  
 Dos Foncecas não fora, \* Silva, e Cunha,  
 Garcêz, Paiva, Lacerda, e Mendo Affonso;  
 Que com outros Soldados enfraquecem  
 A opposição dos Moiros: n'hum instante  
 Deixaõ desfeito o estímulo arrogante  
 Dos feros Esquadroens; e o alcance seguem:  
 Por toda a parte os instaõ, e os perseguem  
 Levando já na ponta das Espadas  
 As vozes da Victoria; declaradas.

Movido Joaõ de Lima § dos affectos,  
 Que a natureza inspira ao peito humano,  
 Cheios de pranto os olhos, pertendia  
 Ficar do Irmaõ na triste companhia  
 Para haver de assistirlhe justamente  
 Neste tranze mortal: não o consente

Z

O

\* Na qual afronta que os nossos padeciaõ chegou Pedro d' Affonseca com alguns homens, que consigo levava que foi causa d'elles tomarem folego, até que com a vinda de Vasco d' Affonseca, Mendaffonso, Gaspar Cam, e outros que se ajuntaraõ em hum Corpo a força de ferro levaraõ os Mouros ante si.

*Ibid.*

§ E dando nova a D. Joaõ de Lima que seu Irmaõ era morto, acodio elle, e chegando onde o achou armado ao muro, vassando o sangue com a vida, disse-lhe Dom Jenonymo: Adiante, Senhor Irmaõ, não he tempo de deter, que eu em meu lugar fico.

*Ibid.*

O erforçado guerreiro, antes lhe disse:  
 Deixai-me aqui morrer, com toda a gloria,  
 Que se pode esperar de hum sangue illustre;  
 Porque Eu; já que seguir os mais não posso,  
 Fico no meu lugar: Vós hede ao vosso.

Quiz com tudo primeiro que se fosse  
 Arrancar-lhe o farpão, q̃ o traspassara,  
 Presumindo que assim menos amara  
 Lhe seria a ferida, que o rendera;  
 Mas apenas o ferro deixa a Esphera,  
 Que tinha preocupado, entrega a vida  
 Entre os braços do Irmaõ; e ao mesmo passo  
 (Conservando o valor da mesma sorte)  
 Que a frecha se tirava, entrava a morte.

Sobe, O' alma ditosa, sobre as azas  
 De huma fama immortal, cheia de luzes  
 Por esses aureos globos de Zaphira:  
 Festiva, ardente, luminosa gira  
 Nos immensos, pacificos espaços,  
 Livre já dos terrenos embaraços,  
 Cingida felizmente da grinalda,  
 Que forma aquella esplendida esmeralda,  
 Que o tempo nunca murcha, nem descõra:  
 Sobe gloriosa, sobe vencedora

Da mísera, enganosa variedade :  
 Sobe a gozar da excelsa eternidade ;  
 Brillhante, e Victoriosa : Pela Patria,  
 Pela LEI, pelo Rei, a vida deste :  
 Na eterna habitação dessa Celeste,  
 Perpetua suavidade, o premio logra,  
 Que o Ceo tem preparado ao teu alento ;  
 E em golfos de infondavel luzimento,  
 Sem receio, sem susto, sem mudança,  
 Vive, luze, eternizate, descança.

Fazendo hum grande estrago nestas tropas  
 Os Capitaens illustres, se converte  
 Quasi em fuga o combate : Pelos duros  
 Escarpados rochedos, não se deixão  
 Cahir com tanta furia, e precipicio  
 Os liquidos metaes, que o Mongibello  
 Horrivelmente aborta, destroçando  
 Os troncos, e os penhascos ; como entrando  
 Pelas bravas fileiras o conflicto  
 Dos invictos guerreiros, arrebatá,  
 Aniquilla, confunde, desbarata  
 Tude quanto descobre, quanto encontra :  
 Ferve a Cidade em gritos, e clamores :  
 Em toda a parte há fogo, armas, horrores,  
 Violencia, confusão, mortes, perigos :

E he tal o espanto, que inda os inimigos  
 Não sabem se os amparaõ, se os offendem,  
 Se os cercaõ, se os combatem, se os defendem;  
 E tudo, o que está dentro da muralha,  
 Parece mais tumulto, que batalha.

As Naçoens menos bravas, quando viraõ  
 Que tinhamos entrado na Cidade,  
 Escapar pertenderaõ pela porta,  
 Que estava em Mondovî: aqui fizeraõ  
 As armas, que este Sitio combateraõ  
 Hum horrivel dostroço nos que vinhaõ  
 Procurando este asylo: E entre aquelles,  
 Que queriaõ seguir os fugitivos  
 Se tinha visto hum Moiro, que no traje,  
 E no adorno, dos outros se distingue:  
 Levava pela maõ, com passo ancioso,  
 Huma Dama, a que o espanto bellicoso  
 Lhe augmentava inda mais a formosura:  
 Pantoja os vai seguindo; e ellé procura  
 Metendo maõ ao punho de hum alfange  
 Salvarlhe, com a vida, o captiveiro:  
 Não há de ser assim (lhe diz a Dama)  
 O affecto nos unio, e só a morte  
 Nos há de separar: Sereis mais forte,  
 Mas não fois mais amante: ao vosso lado

Hei sempre de seguir o vosso fado :  
 Se morreres , morrer com vosco quero :  
 Se Captivo heis de ser , tambem captiva  
 Com vosco ficarei : Toda a nociva ,  
 Toda a violencia atrôz , não he bastante  
 A apartarme de Vós no empenho amante ,  
 Nem a romper hum laço que tem feito  
 A fê , e o amor , tão firme , no meu peito.

Durava nos amantes a disputa  
 De hum hir , outro ficar , quando Pantoja  
 Com ambos se confronta ; e recebendo  
 Na espada hum golpe , q̃ lhe vibra o alfange ,  
 Se mete com o Moiro , e vem a braços  
 Com elle , a onde encontra a resistencia ,  
 Que talvêz não cuidava : Largo tempo  
 Permaneceu a Luta , e não havia  
 De parte a parte algum melhora ;  
 Até que envergonhado o Luso Athleta ,  
 Convoca todo o esforço , e de improviso  
 Leva o Moiro de baixo : da cintura  
 Arrancando hum punhal , sobre a garganta  
 Lho destina ; e lhe diz , q̃ peça a vida :  
 Por mais que o alento o espirito pertende ,  
 A pedirvos a vida não se rende  
 A minha confusão ( responde o Moiro )

Ella he já taõ funesta, e desgraçada,  
 Que por coiza, que val taõ pouco, ou nada  
 Naõ vos quero ficar agradecido:  
 Mataime, se he que estais compadecido  
 Da minha desventura: O<sup>o</sup> nunca seja,  
 Senhor, como elle diz (gritava a Dama  
 Com o Esposo abraçada) se he q̃ a fama  
 Da clemencia nos peitos Portuguezes.  
 He, como tenho ouvido algumas vezes,  
 Dai-me Vivo este amante, e doce empenho  
 De todos meus cuidados, e sentidos:  
 Por esta taõ magnifica bondade,  
 Em quanto houver no Sol a claridade,  
 Com que o Mundo illumina, em quanto a noite  
 Encobrir o Universo, com as sombras,  
 Será sempre famosa taõ illustre,  
 Taõ generosa acção: Vossos escravos  
 Já somos pela guerra: se aos meus rogos  
 Attendeis, e se ouvís os meus extremos,  
 Duas vezes captivos ficaremos.

A Vida vos concedo, e a liberdade  
 (Disse Pantoja) Nunca o Ceo permitta  
 Que hum cofre, onde taõ fino deposita  
 Amor os seus incendios, eu presuma  
 Desfazer, com a tràgica violencia

De huma morte infelíz, ou laço enorme:  
 Hide em páz; que eu daqui vos asseguro,  
 Sem que tenhais temor de outro incidente:  
 Sois illustre, e piedoso, e fois Valente  
 (Lhe diz o Moiro, ao tempo que os geolhos  
 Com seus braços lhe cinge) a vida estimo  
 Por ser dadiva vossa, e pela parte,  
 Que tem nella esta Dama: O igneo Marte  
 Vos ponha sempre egregio, e venturoso;  
 E Alá, desde o seu throno luminoso,  
 Faça em todo o rumor, que a fama excita,  
 Igual ao vosso alento, a vossa dita.

Em quanto em Mondoví se representa  
 Este estranho espectáculo, se alenta  
 Sempre mais todo o Esforço Lusitano  
 Contra as bravas Naçoens, q̃ não desistem  
 De cobrir a Cidade: os defensores  
 Entre horriveis, e tràgicos furores  
 Tinhaõ levado a força da peleja  
 Ao dilatado pateo, \* que se expunha  
 Fronteiro às Cazas do Hidalcaõ: Compunha,

Z 4

Ou

\* Levaraõ os Mouros ante si, tẽ chegarem a hum terreiro de frente das Casas do Sabaio, que fora Senhor da Cidade: E porque como a lugar mais nobre della aqui concorriaõ todos os Mouros, foi nelle a maior força da peleja, por os nossos serem muito poucos em comparaçaõ do grande numero delles e mais alguns de Cavallo, que os afadiga muito.

Ou ajuntava aqui toda a violencia  
Da guerra o duro Marte: a resistencia,  
A expugnação, o horror, a furia, o estrago.  
Geral se tinha feito: Outra Carthago  
Representava Gôa: a mesma Troia  
Entregue às iras do indignado Pyrrho,  
De Achilles, Menelaô, Aias, e Merion,  
Não formou outro aspecto mais medonho  
Entre as chamas, e as armas furibundas,  
Que o das paixoes funestas, e iracundas,  
Em que a Cidade ferve, pula, e geme:  
Em gritos se abre o ar, a terra treme  
Ao pezo dos furores: Os turbantes,  
E as toucas andaõ pelo vento, errantes:  
O campo se acha todo alcatifado  
De miseros despojos, com q̃ a morte  
Concerta os seus triumphos: as phalanges  
Não pizaõ mais, q̃ b̃rbaros alfanges,  
Cimitarras, Sampfyras, e coiraças,  
Lanças, adargas, frechas, chuços, maças,  
Cabeças, pernas, braços destroncados;  
E já sem forma os corpos espalhados  
Pelos golfos do fangue, em que se afoga  
Horriavelmente o circo, mais tremenda  
Propoem a perspectiva da contenda.



Aqui gloriosamente deu a vida  
 Pelo Rei, pela Patria, pela fama  
 Da Nação Portugueza, e ardor sagrado,  
 Garcêz, \* Fonseca, Gomes, e Vogado  
 Entre as armas ferozes dos ginetes,  
 Que sustentaõ, com varios movimentos,  
 Da Infantaria os bàrbaros alentos.

Distinguia hum Capado o bravo arrojo  
 Montado em hum Cavallo; que respira  
 Nos olhos hum Vesubio; e do Austro a ira  
 Pelas tùmidas ventas: destilava  
 A furia no vapor de hum fumo ardente:  
 E onde estava a batalha mais vehemente  
 Movia ousado o generoso bruto:  
 Oppoem se lhe Lacerda; e o Moiro lança  
 Já sobre elle o Cavallo, com a lança  
 Enristada, que ao rosto lhe encaminha:  
 O intrepido Lacerda aqui não tinha  
 Outro partido, que o pegar na hastea:  
 Quebra a lança, ficando a face esquerda,  
 Com a ponta do ferro; e ao mesmo tempo  
 Puxando pelo troço, que queria  
 O Moiro sustentar; esta ousadia

Lhe

\* Foi aqui morto Vasco d' Affonseca, Alvaro Gomez, Antonio Garcêz, Antonio Vogado.

Lhe fez perder a cèlla; e a penas caie,  
Taõ de improvifo o ìnclyto guerreiro  
Se deita sobre o fero Mauritano,  
Que quiz fingirse, que antes da cahida,  
Foi do corpo a cabeça, dividida.  
Com a mesma aptidaõ a espadoa ganha  
Do alentado quadrùpede, e se arroja  
Entre o maior tumulto dos contrarios:  
O: que a ira, e o fuor mais temerarios  
Tem feito no combate, naõ se atrevem  
Esperar a violencia, com que rompe  
Fileiras, e Esquadroens: mal se resiste  
A<sup>a</sup> espada de Lacerda; e inda insiste,  
A pezar deste estrago, o horror, e a furia  
A Raiva, a ancia, o insulto, a contumacia,  
A Vingança, a vehemencia, o ardor, a audacia  
Da fera guarniçaõ: Entrado haviaõ  
A meterse no ataque aquellas tropas,  
Que em Mondovî ficaraõ: naõ bastava  
Nem força, nem valor, para que a brava,  
Indocil multidaõ ceda ao impulso,  
Que Marte lhe fulmina: O irado Inferno,  
Naõ só lhe influe a indõmita coragem,  
Mas pertende augmentarlhe inda os alentos  
No auxilio dos terrificos portentos,  
Com que os ares infesta: Dos vapores,

Com que rebenta a pólvora, e das nuvens,  
Com que o batido pô o vento engrossa,  
Varios monstros figura: Hydras vorazes,  
Torpes cerbèros, gryphos contumazes,  
Feios Centauros, Gorgonas disformes,  
Cruas Harpias, Aspides enormes,  
Com formidaveis silvos, defatando  
O mesmo corpo, que os está formando,  
Rebentaõ entre a sombra, que os enreda,  
Em ruidosa, continua Labareda.

Oppondose a os terrificos ameaços,  
Pertende o Ceo mostrar que nos ajuda,  
Com seu alto poder; pois contra a ruda,  
Infame suggestaõ, que o Abyssmo ordena,  
Descende prompta da Regiaõ serena  
Huma esquadra de Angèlicos impulsos,  
Que fulminando os inclytos luzeiros  
Sobre a chusma ferôz das igneas sombras,  
Despenha n'hum instante o arrojo vago  
No mais profundo horror do eterno lago.

E inda assim os sequazes de Mafoma  
Prevalecem no empenho; e parecia  
Que do mesmo destroço renascia,  
Qual outro monstuo da Lernêa fonte,

Cada vez mais alide: Entaõ Lacerda  
 Conhecendo \* que a empreza naõ se acaba,  
 Sem do HEROE a prezença; as redeas move  
 Para a parte, onde o julga inda detido:  
 Dos Esquadroens da praia combatido  
 O foi achar na entrada da tranqueira,  
 Porque todas as tropas da ribeira  
 Nesta parte se ajuntaõ, vendo exposta,  
 Pela porta, a Cidade; e tinha Affonso  
 Ciegado alli mais tarde; pois a Cõsta,  
 Que havia de subir, o detivera:  
 Mas apenas Lacerda o reconhece,  
 Lhe diz: Em Gõa estamos, e só falta  
 Valentia maior, força mais alta,  
 Que inspire mais excelsa fortaleza:  
 Vinde Vòs a acabar taõ grande empreza.

Depois deste clamor, parece hum raio  
 A espada do Albuquerque; tudo rompe,  
 Fulmina, rasga, desordena, opprime:  
 Instado de hum espirito sublime

Fôr-

\* Onde Manoel de Lacerda em cima de outro cavallo acubertado de hum Mouro, que matou, o veio receber com palavras dignas da quelle lugar, e adto: e como elle vinha lavado todo em sangue da frechada do rosto, trazendo ainda o ferro, com parte da haste nelle, e per outras partes, outras, vinha taõ gentilhomem nos olhos da quelles, que trazem os seus postos nos aetes da honra, que começou Affonso de Albuquerque de o louvar &c.

Fôrça a tremenda liga da Estacada,  
 E com huma vehemencia arrebatada,  
 Dando sobre o tumulto, que a defende;  
 Despenha, abate, desbarata, rende  
 Quanto fâz embaraço ao seu arrojo,  
 Levando diante, como a força horrivel  
 De hum indòmito Rio, os temerarios,  
 E rusticos estorvos, que se atrevem  
 A deter seu undoso precipicio:  
 Sobe ao terreiro, produzindo o indicio  
 Da auspiciada victoria; e apenas \* chega  
 Toda aquella paixã bàrbara, e cega,

Em

\* Finalmente com a sua chegada não ficou Mouro, que mais esperasse na Cidade, buscando cada hum sua salvação.

*Ibid.*

Homerø fingio que estando Achilles no Campo dos Gregos, não podia prevalecer nenhum arrojo, ou fortaleza dos Troianos, e que estando auzente, sempre prevaleciaõ os Troianos contra os Gregos, para mostrar que só a Achilles he que se deveu a expugnação de Troia. Nesta nossa acção imitamos, sem algum fingimento, esta propriedade do Poeta Grego; pois com toda a verdade se vio verificada no nosso HEROE aquella ficção da Iliada; não se acabando de render Goa sem a sua chegada, e não he a primeira vez que se consegue, que as nossas armas, não só igualaraõ, mas excederaõ com as suas proezas todas as façanhas, que encareceu a antiguidade nas suas fabulas; e isto mesmo fez differ ao nosso Homero na Dedicatoria das suas Lusiadas:

Ouvi, q̄ não vereis, com vans façanhas,  
 Fantasticas, fingidas, mentirofas,  
 Louvar os vossos, como nas estranhas  
 Musas, de engrandecerte desejosas:  
 As verdadeiras vossas são tamanhas,  
 Q' excedem as sonhadas, fabulosas;  
 Que excedem Rodamonte, e o vaõ Regeiro,  
 E Orlando, inda q̄ fora verdadeiro.

Em que dura a implacavel contumacia  
 De manter a Cidade; n'hu momento  
 Vio Affonso desfeita: Huns opprimidos  
 Com a força do ferro: outros fugidos,  
 O intento desamparaõ: De outra sorte  
 O Sol não vence as sombras, quando inculca  
 No Horizonte os seus raios, nem desfata  
 Mais facilmente a nuvem, q̃ arrogante  
 Pertende escurecer o seu semblante.

Gôa em fim he de Christo: já se arroja  
 Mafoma dos altares: as mesquitas  
 Em Templos se convertem: das guaritas,  
 Das muralhas, das torres se despenhaõ  
 As Mauritanas Luas; e se arvoraõ  
 Os sagrados pendoens: as furias choraõ,  
 O Inferno se estremece: a sombra eterna  
 Se abate na mais infima caverna,  
 Em que se rasga o Tàrtaro profundo:  
 A feita fraudulenta, o rito immundo  
 Do nefando Alcoràm se precipita  
 Entre as raivas do Abyfmo: a fama grita,  
 Deixando as vozes do clarim doirado  
 Todo o Oriente atturdido, e perturbado:  
 O Ceo se alegra, Roma se contenta,  
 Pasma-se a India, Portugal se alenta.

O<sup>9</sup> Mil vezes magnífica Victória !  
 Digna do eterno asylo da memoria:  
 O<sup>9</sup> portentoso HEROE, Campeão insigne ,  
 Sempre merecedor de que se assigne  
 Ao Vosso Esforço tudo quanto alcança  
 A brilhante fadiga da lembrança !

Tarde produzirão do tempo os giros  
 Quem vos possa igualar: entre os suspiros  
 Da saudade arderà semente a chama,  
 Que Vive no Esplendor da vossa fama :

Vos fereis o mais inclyto modello ,  
 E o exemplar mais sublime, q̃ o desvello  
 Das Musas , ou da Cythara Canora  
 Possa offrecer, com música sonora ,  
 Ao perpetuo vigor da Eternidade,  
 Para aprender liçoens a **HEROICIDADE.**

Exegi monumentum ære perennius ,  
 Regalique situ Pyramidum altius :  
 Quod non imber edax, non Aquilo impotens  
 Possit diruere , aut innumerabilis  
 Annorum series , & fuga temporum.

*Herat. lb. III Od: Od. xxx.*  
*in princip. —————*

